

# DEIXA QUE O AMOR SEJA A TUA ENERGIA

Nuno de Sousa Tavares



Tecto de Nuvens

## **O MEU AGRADECIMENTO**

Ao Dr. Joaquim Fernandes Marques, Presidente da Junta de Freguesia de São João de Brito, pelo patrocínio concedido.

À Dra. Teresa Cunha, editora da Tecto de Nuvens, por toda a ajuda e conselhos ao longo de todo o processo de edição.

À minha grande amiga Patrícia pela participação na capa e por toda a colaboração.

Ao meu amigo Gódas pelo excelente trabalho fotográfico.

Ao meu amigo Santiago pela participação na capa.

E à Paula, pelo apoio incondicional em tudo.



*Dedicado à Flávia e ao Daniel, até à data, as duas obras mais bonitas da minha vida.*



## I

**E**ra tão estranho, quanto o poderia ser, ver chuva às portas do Verão. As gotas grossas batiam no pára-brisas do carro, esborrachando-se e multiplicando-se em gotinhas pequenas.

O calor... esse continuava.

Ali estava eu, ao volante, sozinho no interior de um Megane Coupé vermelho que não era mais que um de muitos veículos parados na ponte Vasco da Gama. Ia a caminho de Alverca, onde deveria treinar ao fim da tarde.

Saíra cedo de casa com a ideia de passar pela dos meus pais em Lisboa. Mas com aquele engarrafamento, teria de ir directo a Alverca.

O rádio tocava uma balada temporariamente nos tops. Quando andamos muito de carro e às mesmas horas, acabamos sempre por ouvir as mesmas músicas. E as escovas que limpavam o vidro, faziam um som cadenciado que acompanhava a música.

O carro da frente andou dois metros e o meu também.

Solitário naquele pára-e-arranca, dei comigo a pensar na vida...

Desde pequeno que o meu sonho era ser jogador de futebol. Acho que desde o primeiro dia em que chutei uma bola que o meu destino ficou traçado. Lembro-me de com três anos andar atrás de uma bola de plástico atirada pelo meu pai nos relvados do Estádio Universitário. Ainda guardo algumas fotos dessa altura, eu com a minha mãe e o meu pai a brincarem comigo, fazendo-me sentir no meu mundo de três anos que era um “febelista”.

A minha irmã é que não gostava de futebol. Ainda hoje não gosta...

Mais uns metros para a frente e nova paragem. A chuva caía e continuava a cair.

Desliguei o rádio e fiquei a ouvir as escovas com o coro de buzinas dos mais impacientes. Peguei no telemóvel e liguei ao meu pai.

— Pai! Tás bem... A mãe?... Ainda bem. E a Manuela?

A Manuela é a minha irmã que sempre detestou futebol.

Era dois anos mais velha que eu. Advogada conceituada, sócia de um escritório de três com bastante sucesso no meio. Divorciada de um marido problemático e mãe de uma menina linda de seis anos, a minha sobrinha Cibele.

Depois do divórcio, Manuela voltou para casa dos meus pais com a Cibele. Tornara-se a forma mais confortável de ultrapassar a situação e de ter quem cuidasse da pequenina na sua ausência.

— Hoje não vai dar para passar por aí. — disse eu.

— Nem para jantar? Temos muitas saudades tuas. — insistiu.

— Vou tentar...

Tinha saudades de todos eles. Desde que comprara casa em Alcochete que raramente os visitava. Telefonáva-lhes quase todos os dias, mas só isso não chegava.

Olhei para o relógio e fiquei impaciente, pois dentro de uma hora tinha de estar no relvado do Alverca a treinar.

Lembrar-me que tudo começara há dezoito anos...

Tinha nove anos quando o meu pai me levou aos treinos de captação do Atlético. Tudo porque eu não me calava que queria jogar à bola. E numa manhã de Sábado, o meu pai leu n'A Bola que no dia seguinte pela manhã aquele clube ia fazer as provas.

Sempre desejara jogar no Benfica, mas havia que começar por algum lado.

Parece que foi ontem. Eu com uma camisola “10” da selecção nacional, que o meu pai comprara na feira de Carcavelos, e onde a minha mãe cosera o nome do Futre, o meu ídolo na altura.

Acompanhado pelos meus pais e pela minha irmã, lá fomos ao campo do Atlético, lá para os lados de Alcântara.

A primeira visão foi assustadora. Havia tantos putos da minha idade e mais velhos no relvado, distribuídos por meia dúzia de treinadores que parecia quase uma lotaria ser escolhido.

Os meus pais desejaram-me sorte, naquele tom paternal de quem diz “vai lá e não fiques triste por não ser escolhido”. A minha irmã continuava agarrada a duas barbies louras a quem mudava sucessivamente de vestidos e fingia que andavam, fazendo-as dar pulinhos.

Fizemos várias provas, conforme nos iam indicando os treinadores. Cerca de uma hora em fintas, habilidades técnicas e um sem numero de coisas que supostamente nos avaliariam. Ao fim daquele bocado, a rapaziada voltou para junto dos familiares e amigos que os tinham acompanhado.

Os técnicos reuniram-se alguns minutos no relvado, isolados dos putos barulhentos. Alguns rostos infantis denotavam a ausência de esperança de ficar, outros

vangloriavam-se de já estarem garantidos. Eu mantive-me impávido, olhando para os indivíduos de fato-de-treino, mal sentindo as palmaditas nas costas dos meus pais e os “foste muito bem” e “parabéns” e “estamos muito orgulhosos de ti”.

Um deles afastou-se do grupo e dirigiu-se a todos nós. Parou de forma a que todos o pudessemos ver e escutar com atenção. Deu os parabéns a todos e lamentou o facto de só poder escolher alguns.

Sentia as pernas a tremer e um nó na garganta. O homem de boné da Adidas com o emblema do clube, segurava um bloco no braço esquerdo e seguia os nomes da lista com uma caneta que empunhava com a mão direita. Começou a chamar o eleitos.

Cada vez que a sua voz se iniciava, eu ansiava na esperança de ouvir o meu nome, para logo de seguida vir a frustração de ouvir o de outro.

“Ivan Pedro”, disse o homem.

Eu ouvi, mas não quis acreditar.

Atrás de mim senti o meu pai e a minha mãe abraçarem-me e elevarem-me ao ar, felicitando-me. Mas eu... Eu nada. Estava tão feliz que fiquei petrificado.

Foi assim que entrei pela primeira vez para um clube de futebol.

A recordação foi interrompida por uma buzina. O carro à minha frente já andara mais uns cinco metros. Levantei a mão, desculpando-me e segui.

Não fora fácil ter um filho que queria ser jogador da bola, principalmente para o meu pai que depois de dias esgotantes no trabalho ainda me levava, ao fim do dia, até aos treinos e esperava para me levar de regresso à nossa casa em Alvalade.

Voltei a ligar o rádio para ouvir as notícias. O choque de um veículo ligeiro e um camião eram a causa de tamanho engarrafamento. Felizmente, não houvera vítimas.

Ao fim de um ano de Atlético, fui aos treinos de captação do Benfica. Foi um dos piores dias da minha vida. Tudo correu mal... E eu não fui escolhido.

As escovas do limpa-pára-brisas começaram a fazer um ruído estridente. Reparei que parara de chover e elas já limpavam a ausência das gotas de água.

Joguei no Atlético até aos juvenis, altura em que recebera um convite para jogar no Sporting.

Quando soube da proposta do Sporting senti um misto de alegria e tristeza.



Era bom, mas não era o meu sonho chamado Benfica.

O director do departamento de futebol dos escalões jovens telefonara ao meu pai e pediu-lhe que se reunissem com um representante do Sporting. O individuo era olheiro do clube leonino e estava interessado na minha contratação.

O meu pai ficara radiante e deu-me a noticia como se tivesse ganho o toto-loto. Para além de ser um clube melhor, ficava significativamente mais perto de casa. Sempre me reservava mais algum tempo para o estudo.

A época no Sporting não correu bem. Se não me falha a memória, só joguei um ou dois jogos e passei os restantes entre o banco de suplentes e a bancada. No fim, fui cedido ao Belenenses por troca com um ponta-de-lança que interessava ao clube e que se formara em Belém.

A carreira no Belenenses prolongou-se alguns anos, estendendo-se pelos juvenis, juniores e primeiro ano de sénior. Sempre a extremo esquerdo. Marquei alguns golos, mas nunca dei nas vistas o suficiente para crescer no mundo competitivo do futebol.

Na altura em que subi aos séniores e o meu ordenado começou a ter um aspecto disso mesmo, decidi sair de casa e ir viver sozinho. A minha irmã ia casar e viver com o marido. E eu queria sair de casa e passar a ser mais autónomo.

Apesar de tristes por ficarem sozinhos, os meus pais apoiaram a minha decisão.

Aluguei um T2 bem perto do Estádio do Restelo.

Quando lá entrei pela primeira vez, acompanhado pelo representante do senhorio, fiquei deslumbrado com o interior e a vista para o Tejo. A minha primeira reacção foi telefonar à Carla para que fosse lá ter comigo e ver também.

Apanhei-a a sair de uma aula. Carla era estudante do nono ano (que tentava terminar pela terceira vez) na Escola Secundária do Restelo. Era uma miuda de dezoito anos para quem o maior objectivo era ser modelo e casar com um homem rico. Tinha um corpo bem atraente com os cabelos ruivos encaracolados e olhos azuis, mas extremamente fútil.

Conheci-a no final de um treino, algum tempo antes, quando ela e mais algumas se descabelavam por um olhar nosso. O visual dela despertou a minha atenção. Isso fez com que eu fosse junto do gradeamento e dar-lhe o ambicionado autógrafo. Algo que eu e os meus colegas costumavamos fazer após o treino, ao pessoal que se juntava ao longo das redes. Miúdos e miúdas que assistiam aos treinos e nos idolatravam.

Para minha surpresa, ela perguntou-me se podia tomar um copo comigo.

Não era hábito aceitar, ao contrário de alguns colegas meus que adoravam engatar as adolescentes. Contudo, o facto de estar “sozinho” e o aspecto tentador dela levaram-me a aceitar.

A partir desse dia, após um copo e umas “brincadeiras” ao fim da tarde no meu carro, começámos a namorar... a andar.

O senhor mostrou-nos a casa. Tinha um ar acolhedor, mesmo sem recheio nem nada lá dentro. Disse-lhe que era mesmo aquilo que eu queria e ele comprometeu-se a tratar do contracto. Quinze dias mais tarde, estava a viver lá.

A minha namorada mudara-se comigo. Concordara com essa ideia, apesar de não morrer de amores por a ter ali. Não éramos um casal que alugara uma casa, era eu que pagava a casa e deixara a namorada viver lá. Por vezes, não a suportava ali, mas como ela até dava uma ajuda doméstica e continuava a saber bem na cama, eu deixava a situação prolongar-se.

Porém, a situação durou pouco mais de duas semanas.

Uma Quinta-Feira, eu partira para estágio com a equipa do Belenenses. Íamos jogar a Braga. No entanto, no último treino em Lisboa (após o qual partiríamos para o norte), eu caí mal e desloquei o ombro. Fui levado para o departamento médico do clube, onde o médico depois de me examinar disse “a época para ti acabou”. A tristeza invadiu-me, mas a equipa técnica e colegas confortaram-me.

Fora do estágio, regresssei a casa, onde esperava encontrar a minha namorada entediada numa casa semi-vazia. Conduzi o carro com dificuldade, durante aquelas poucas centenas de metros, tendo o ombro imobilizado ao tronco por várias ligaduras.

Ao entrar em casa, dei com tudo em silêncio, ouvindo-se só um ligeiro sussurrar vindo do quarto. Caminhei até lá, começando a reconhecer a voz da Carla e a de um homem. Estava acompanhada? A pergunta surgiu juntamente com a resposta ao abrir a porta do quarto. Deitados na cama, nus, a minha namorada e um outro puto que nunca vira.

Eles ficaram petreficados ao ver-me.

A minha vontade era matá-los... ou pelo menos magoá-los. Principalmente a ela. Mas o meu estado não era o melhor. Olhei para o puto e mandei-o desaparecer da minha frente. Apavorado, ele pegou rapidamente na roupa e fugiu dali, vestindo-se o melhor que podia sem deixar de correr.

A seguir, olhei para ela. Os seus olhos procuravam uma justificação, uma desculpa... mas não surgia nada que servisse. Dirigi-me a ela e agarrei-a pelos cabelos, arrastando-a pelo chão até à porta da rua, insensível aos seus gritos.

Larguei-a e voltei ao quarto. Enquanto ela se tentava levantar do chão, fui buscar algumas roupas para ela vestir, as quais lhe atirei com desprezo. Voltei a arrastá-la pelos cabelos e atirei-a porta fora juntamente com a roupa.

Ao trancar a porta, senti que fechara definitivamente uma etapa da minha vida. Ela ainda esmurrou a madeira, pelo lado de fora, implorando o meu perdão. Mas não houve perdão...

O movimento de fazer andar o carro e parar já era automático. Que tédio, duas horas ali naquilo. Sentia as palpebras pesadas com o céu cinzento e o ar abafado.

Aquele episódio fez-me celibatário durante algum tempo. E ali começou outro mau momento da carreira desportiva.

Ao longe, vislumbrei as luzes dos carros de emergência médica.

A lesão no ombro obrigou-me a ser operado e a ficar parado durante alguns meses. Viver sozinho com um ombro imobilizado torna o dia-a-dia bastante difícil. Porém, orgulhoso como era, não recorri à ajuda dos meus pais.

Nesse ano, a época desportiva foi inexistente. Só recuperei a forma e recomecei a jogar com regularidade nas últimas jornadas do campeonato.

O treinador mudara e o novo achava que podia prescindir de mim para a época seguinte. Fui dispensado e fiquei sem clube. Foi quando conheci o Jorge.

O Jorge era empresário de futebol. Tipo na casa dos quarenta, bem arranjado e elegante. É dos melhores seres humanos que já me foi dado a conhecer. E era muitas vezes injustiçado por ser homossexual assumido.

Nunca tive problemas em ser seu amigo, apesar dos comentários injuriosos que ouvi algumas vezes. Tive colegas que me perguntavam se era seguro estar perto dele, como se ser homossexual fosse sinónimo de andar a “atirar-se” a tudo o que fosse homem.

A nossa sociedade tem dificuldades em entender certas coisas.

Apesar da nossa grande amizade e fraternidade, jamais o Jorge se insinuou para mim. Sempre lhe conheci o mesmo companheiro com quem tinha uma relação havia muito tempo.

Jorge vivia na zona de Cascais e começara a sua carreira de empresário como representante de jogadores do Estoril Praia. Um desses jogadores transferiu-se para o Belenenses e foi através dele que o conheci.

Conseguiu-me um contracto com o Estoril Praia, onde joguei uma época. Seguiu-se outra no Torreense. E, por fim, o contracto com o Alverca.

O telemóvel tocou e despertou-me das recordações. Atendi. Que coincidência, era ele!

- Tou... Jorge! Então pá?
- Preciso de falar contigo. — disse-me.
- Algum problema?
- Depois falamos. — fugiu ele. — Onde estás?
- Parado na Vasco da Gama, a caminho do treino no Alverca.
- Vou para lá. Conversamos depois do treino, ok?
- Tudo bem. — e desliguei.

Apenas três carros me separavam da barreira acidentada na estrada. Vi o pessoal do INEM a prestar auxilio aos intervenientes, os bombeiros a limpar a estrada e a remover os veiculos. Pelo meio, dois agentes da Brigada de Trânsito tentavam organizar o trânsito.

Mais cinco minutos e estava fora da fila, a caminho de Alverca, atrasado e a acelerar pela A1.

A época não me corraera nada bem. O Alverca estava a jogar a II Liga e com fortes aspirações a subir de escalão. Eu fora titular indiscutível até à deslocação a Faro...

Adivinhava-se um jogo complicado, aquele que nos opunha ao Sporting Farense. Mas, para mim foi mais do que alguma vez poderia imaginar. Num lance de ataque, um dos meus colegas passou-me a bola e eu fiquei isolado frente ao guarda-redes deles. Preparava-me para rematar, quando senti as pernas serem atingidas violentamente pelos pitons das botas de um defesa adversário. Ouvei um estalo arrepiante e senti o osso da perna quebrar-se.

As dores eram tão fortes que nem conseguia abrir os olhos. Sei que alguns colegas meus ainda tentaram tirar de esforço com o outro...

O médico só me dizia para ter calma, como se isso fosse possível quando se tem o perónio fracturado. O massagista fazia sinal para o banco, alertando a necessidade de ser substituído. E o árbitro mostrava o cartão vermelho ao defesa do Farense. O tipo fora expulso por me ter derrubado quando estava cara-a-cara com o guarda-redes e não pela gravidade da lesão. Eram as leis do jogo.

Tive de ser operado e ficar inactivo alguns meses. O defesa que me lesionara

nunca tivera uma palavra de preocupação pelo meu estado ou um pedido de desculpa. As visitas aos hospitais dos lesionadores aos lesionados só acontecem na divisão principal porque fica bem e é notícia no dia seguinte.

A recuperação fora feita entre os departamentos médicos do Futebol Clube de Alverca e o Sport Lisboa e Benfica. Fizeram um trabalho excepcional e recolocaram-me apto a pisar um relvado.

Havia duas semanas que regressara aos treinos. E na última jornada jogara os primeiros minutos após a lesão, na parte final do jogo.

Estacionei o carro no parque do clube. Havia alguns sócios por ali, gente que me lançava sempre uma palavra de apoio. Acenei um cumprimento e entrei rumo aos balneários.

Nesse instante, o meu telemóvel voltou a tocar.

— Olá Camila! — atendi.

— Olá amor!

Camila era a minha namorada.

— A tua mãe telefonou-me a pedir que te convencesse a ires jantar lá casa, logo. — contou ela, num tom meigo para me convencer a aceitar. — Os teus pais têm muitas saudades tuas.

— Eu sei...

— Posso dizer-lhes que sim?

— Vais lá ter? — perguntei. — Ou queres que te vá buscar.

— Eu vou para lá já. — disse ela. — Não vale a pena estares a voltar para trás.

Trocámos alguns carinhos e desliguei.

A relação com Camila fora das mais sérias e duradoras que tivera. Gosto de recordar o dia... ou melhor, a noite em que a conheci.

O Jorge convidara-me para a festa de aniversário do seu companheiro, o Eduardo. Participar em festas onde a maioria dos convidados eram homens predominantemente *gays* não era muito do meu agrado. Porém, em consideração à minha amizade pelo Jorge, aceitei passar pelo Queen's e cumprimentar o aniversariante.

O bar não fora reservado propositadamente para a festa, mas metade dos presentes eram convidados.

Após deixar o carro perto da esquadra de Alcântara, caminhei alguns metros até à entrada do bar. Uma fila de meia dúzia de pessoas aguardava autorização

para entrar. Coloquei-me atrás dos casais que aguardavam e esperei a minha vez.

Ao chegar junto ao segurança, este barrou-me a entrada. Sempre aquela treta de quando vamos sozinhos ou não temos o aspecto que o segurança acha que devemos ter para entrar, não nos deixam passar. Calmamente, expliquei-lhe que estava a haver uma festa para o qual tinha sido convidado. O outro não quis saber. Pedi-lhe que chamasse o Jorge, mas ele recusou-se.

O tom de voz tornava-se ameaçador. E eu não queria arranjar problemas. Decidi desistir de tentar entrar. Antes que desse o primeiro passo para sair dali, senti uma mão de mulher segurar-me o braço e uma voz dizer:

— Olá querido! Desculpa o atraso.

Olhei para trás e vi uma mulher morena de cabelo liso comprido. Tinha um tom de pele que lhe dava um ar bronzeado natural. Era elegante e tinha a minha estatura. O rosto tinha traços asiáticos e os olhos eram verdes. Vestia um vestido preto simples de alças e saia curta. Calçava sandálias apertadas por um fio que se cruzava várias vezes ao longo das pernas até aos joelhos. Fiquei tão encantado que não me saiu uma única sílaba.

— Podemos entrar? — perguntou ela, num timbre natural, fazendo a pergunta soar como um “saí da frente”.

O segurança franziu o nariz, mas acabou por se afastar.

De braço dado com ela, entrámos e rapidamente nos vimos envolvidos pelo imenso ruído da música. Olhei para ela e saiu-me um tímido obrigado, meio engasgado. Ela sorriu, piscou-me o olho e acenou-me um ténue adeus, afastando-se na direcção oposta à minha.

Procurei os anfitriões. Encontrei-os numa das várias poltronas espalhadas pelo interior. Sentados bem juntos, lá estavam o Jorge e o Eduardo.

Sempre bem arranjado, fato com laço e sapato a brilhar, Jorge estava sorridente e animado. Tinha o braço sobre as costas do companheiro.

O Eduardo tinha trinta e poucos anos, mas a maneira de vestir fazia-o parecer mais novo. Era tão diferente de Jorge que quase passavam por pai e filho. O cabelo era alourado e todo espetado em diversas direcções. Bem barbeado, usava uma t-shirt de rede preta e calças de brancas. E calçava umas sandálias pretas.

Estavam rodeados por muitos amigos. Contudo, não eram só homens. Havia algumas mulheres entre eles. Namoradas de uns, pois ser homossexual não implica só ter amigos homossexuais, amigas e parentes como era o caso da mãe do Jorge.

Cumprimentei-os a quase todos. Alguns dos amigos deles olhavam para

mim atenciosamente. Olhar de “que pena não ser” ou “tão lindo”. Mas sabiam quem eu era e as minhas preferências.

Sentei-me junto do Jorge e contei-lhes, por entre o som altíssimo da música, o que acontecera na entrada. O Eduardo, que era amigo do gerente, disse que ia pedir satisfações do sucedido. Mas, eu pedi-lhe que esquecesse. Tinha valido a pena, só por ver aquela mulher linda e misteriosa.

Tanto o Jorge como o Eduardo começaram a meter-se comigo pela forma como eu falava da estranha.

Pedi um sumo de laranja à empregada.

— Ainda essa mania de não beber alcool quando conduzes? — interrogou Eduardo.

— Achas que é mania? — gritei eu para que me ouvisse.

O Jorge deu-me uma palmadinha nas costas e disse:

— Continua assim. O Mundo está carente de pessoas com juízo.

Eduardo encolheu os ombros. Irritava-o quando o companheiro falava num tom paternal.

Não tinha ideia de ficar muito tempo. Esperava até uma oportunidade de me despedir de ambos e regressar a Belém, local onde ainda vivia, apesar de já estar a pensar mudar-me. Pousei o copo na mesa pequena e, quando ia a abrir a boca, vi novamente a mulher misteriosa.

Caminhando elegantemente, ela aproximou-se de nós e foi directa ao Eduardo. Beijou-lhe a face e desejou-lhe um óptimo aniversário. Depois cumprimentou o Jorge, dando-lhe igualmente um beijo. Olhou para mim disfarçadamente e sorriu-me, da mesma forma como fizera anteriormente. Por fim, afastou-se em direcção ao balcão.

— Conhecem-na? — perguntei.

— A Camila? — questionou o Jorge.

— Camila? É assim que se chama? — estava deliciado a olhar para ela, lá ao fundo, junto ao bar.

— Pareces um puto babado! — exclamou Eduardo, acompanhado por um coro de risos dos amigos. — A Camila é minha amiga. Trabalha lá no centro de cópias.

O Eduardo trabalhava numa loja de cópias como chefe do seu departamento.

— Podias apresentar-nos. — sugeri eu.

— Ó filho, tenho mais que fazer... — refilou ele, atirando o braço para trás.

Durante alguns instantes, continuei a olhar para ela. Bebi mais um golo do sumo e abandonei o copo na mesa pela última vez. Despedi-me do grupo,

apesar das muitas insistências para que ficasse mais um pouco, e afastei-me.

Caminhei até ao balcão, mais precisamente ao local onde ela estava. Parei a seu lado e disse:

— Obrigado, mais uma vez.

O seu primeiro olhar foi de surpresa, mas ao reconhecer-me sorriu.

— Vou-me embora. A festa está boa, mas estou um pouco cansado. — continuei.

— Não é preciso agradeceres. — a sua voz era quente e sobrepunha-se com facilidade a todo o ruído envolvente. — Mas se me quiseres pagar um copo...

Sorri, mas sem razão. Não sei porquê, a frase não me caiu bem. Repentinamente, a mulher à minha frente parecia aquelas tipas que estão nos bares, distribuindo simpatia em troca de um copo.

— Fica para a próxima. — disse-lhe. — Estou cansado.

— Espera. — pediu. Levou o cigarro, que segurava entre os dedos, à boca. Expeliu o fumo. — Gostava que ficasses. Bebíamos qualquer coisa e conversávamos.

— Não é propriamente o melhor sítio para conversar. — constatei eu, fazendo um gesto para a música ruidosa.

Ela aproximou-se do meu ouvido e sugeriu:

— Podemos ir para outro sítio.

Novamente, saiu-me o mesmo sorriso sem razão. Ela pareceu adivinhar os meus pensamentos e disse:

— Sei o que estás a pensar. Que eu estou aqui no engate. Que só quero é uns copos e uma queca num lado qualquer.

Não confirmei, nem desmenti. Isso, pareceu irritá-la severamente. Deixou dez euros no balcão, pegou na mala e afastou-se em direcção à porta sem dizer nada.

Vendo-a desaparecer pelo meio das pessoas, senti que talvez tivesse sido injusto e preconceituoso.

— Correu mal? — perguntou Jorge, que viera ao meu encontro, após a cena.

Encolhi os ombros, como se nada daquilo tivesse importância.

Jorge continuou:

— Fiquei satisfeito quando a vi cá. Desde a morte do namorado, só vivia para o trabalho e nunca mais saiu de casa sem ser para ir trabalhar.

O meu olhar inquiria-o.

— O namorado era americano e morreu no Onze de Setembro. Trabalhava



no World Trade Center. O Eduardo contou-me que ela ficou num estado lastimável, entrou em depressão, esteve três meses de baixa... enfim.

— E...?

— Queres que te conte a vida da rapariga agora, nesta barulheira toda?

— Conheceste-o?

— Vi-o duas vezes, quando ele veio a Portugal. Por acaso, até era parecido contigo.

— Treta. — disse eu.

— Estou a falar a sério. — insistiu ele. — Tinha assim essa tua expressão.

Baixei a cabeça e olhei para o chão. Já tinha feito porcarias. Mais valia que ele não me tivesse contado aquilo, sempre ficava com a ideia errada mas menos penosa. Apertei-lhe a mão em despedida e pedi-lhe que quando a visse lhe transmitisse o meu pedido de desculpas.

Quando saí do bar, o som da noite movimentada da ribeira do Tejo parecia o campo comparado com a barulheira lá dentro. Olhei para o relógio e segui rumo ao parque onde deixara o carro.

Havia mais carros no parque do que quando cheguei. Porém, um Citroen Saxo branco chamou a minha atenção. Não tinha nada de especial, a não ser uma mulher sozinha de cabisbaixo encostada à porta do lado esquerdo.

Aproximei-me lentamente sem que ela desse pela minha presença, pois estava de costas. A poucos metros, reconheci-a. Nesse exacto momento, ela virou-se e eu confirmei a sua identidade. Reparei que o pneu direito da frente estava furado.

— Desculpa, aquilo há pouco. — pedi.

Sem me olhar nos olhos, disse:

— Não faz mal! Acho que a estupidez é uma característica normal nos homens.

Não levei em consideração as suas palavras. Parei em frente a ela e sugeri:

— Podemos começar de novo? Chamo-me Ivan Pedro.

Ela olhou para os meus olhos. O seu semblante continuava frio. Apertou a mão que eu lhe estendera.

— Camila.

— Já vi que tens um pneu furado.

— A sério???

 — ironizou ela. — Bem se não fosses tu a dizer...

— Estou a tentar ajudar. Mas, se quiseres posso ir-me embora.

Ela segurou-me o braço, privando-me de me afastar.

— Desculpa...

Eu voltei a encará-la nos olhos. Era tão linda que até doía.

— Posso tentar trocar-te o pneu.

— Não tenho outro para trocar. — informou-me com desânimo. — Queria ir-me embora daqui. Quero ir para casa.

— Eu posso levar-te. O meu carro está ali.

Camila assentiu e caminhou a meu lado até ao carro.

Ambos entrámos no carro, pusemos os cintos de segurança e eu liguei a ignição. Propus-lhe que no dia seguinte arranjasse alguém que lhe fosse buscar o carro, um reboque. Ela não disse nada, pois na altura pensaria o que fazer.

— Onde vives? — perguntei.

— Em Loures. Mas podes deixar-me numa praça de táxis para não teres de ir tão longe.

— Não me custa nada. — respondi eu solícito.

— Merda! — exclamou ela, seguidamente. Pegou na mala, abriu-a e vasculhou tudo. — Merda! Merda! Merda! Esqueci-me da chave de casa.

— Vives sozinha?

— Não! Vivo com o meu pai. Mas, ele está em viagem e só volta na próxima semana. Que merda!

— Se quiseres podes passar a noite em minha casa?! — ofereci. Ela olhou para mim com um semblante inquisidor. — Não é nada do que estás a pensar. É só para te desenrascar. Amanhã levo-te a casa, chamas as “Chaves do Areeiro” e eles abrem-te a porta. E tratas do carro. E eu desapareço da tua frente, prometo. — A promessa saiu-me porque notava que as nossas personalidades estavam em choque. Camila não se manifestou.

Não se manifestou ali nem durante todo o trajecto até ao Restelo.

Toda a viagem calados, somente com o rádio ao som de música pop. Estacionei junto ao meu prédio, desliguei a ignição e tudo ficou no mais absoluto silêncio.

— Chegamos. — avisei.

Camila olhou para o exterior, desapertou o cinto de segurança e abriu a porta. Eu fiz o mesmo.

Tranquei o carro, liguei o alarme e seguimos, lado a lado, até à porta do edifício de cinco andares azulado. Entrámos no átrio do prédio e prosseguimos até ao elevador no mais absoluto silêncio.

Enquanto subíamos rumo ao segundo andar, olhei para o rosto triste e

fechado dela, sem expressão. Tentava não lhe olhar para o decote do vestido, nem para as longas pernas. Mas, era mais forte que eu.

O elevador parou. Abri a porta e deixei-a passar primeiro. Ela aguardou que eu saísse e a conduzi-la até umas das portas do piso. Passei por ela, retirei a chave do bolso e introduzi-a na fechadura da minha casa.

— É aqui. — Sorri. — Não repares na desarrumação. O serviço de quartos está de folga.

Ela manteve-se impávida.

Abri a porta e acendi a luz. A casa tinha um pequeno hall que dava acesso a um corredor singelo. Logo ali, duas portas. Uma era a do meu quarto, a outra da sala. No prolongamento do corredor, outra porta que dava para a casa-de-banho. Ao fundo, mais duas portas para a cozinha e outro quarto que usava como arrecadação.

Camila entrou. A cada passo aguardava sempre a minha reacção, fosse para acender uma luz, abrir uma porta ou dizer-lhe para onde ir.

Fechei a porta da rua e acendi a luz da sala, convidando-a a sentar-se no sofá.

Ela caminhou com elegância até lá, atirou a mala para a ponta do sofá e deixou-se cair sobre a outra ponta. Ficou com a cabeça caída para trás e os olhos fechados. Não conseguia ficar indiferente ao seu corpo, à sua beleza. Sentar-se tinha revelado ainda mais as suas belas pernas. Respirei fundo e fui ao quarto arrumar as chaves.

Voltei à sala.

— Como estás?

Camila abriu os olhos e olhou-me friamente.

— Bem, tendo em conta todo o sucedido.

Fazia-me sentir como um mal menor em tantos azares.

— É arriscado aceitar ajuda de desconhecidos. — constatei eu. — Tiveste sorte de eu...

— Poupa-me! Está bem? — interrompeu ela. — Eu sei quem és. O Eduardo já me tinha falado de ti.

— Bem, espero?!

— Irrelevante. — disse com aspereza. — Reconheci-te quando estavas sentado ao lado do Jorge e confirmei quando te apresentaste.

— Todo o cuidado é pouco. — alertei.

— Ó pá, mas estás armado em meu pai? — vociferou. — Vais violar-me, é?

— Não! — apressei-me eu a negar. Tal ideia estava afastada do meu

pensamento. Mas, não me importava de fazer sexo com ela.

— Então, cala-te! Deixa-me um pouco em paz.

Rica forma de agradecer a minha ajuda, pensei. Contudo, não a quis incomodar mais e fui até à cozinha.

Camila permanecia de olhos cerrados, quando regresssei. Aproximei-me dela. Inscientemente, os meus olhos navegavam por ela e não paravam de a avaliar, belas perna, peito sugestivo, elegante, escultural...

— Podes arranjar-me um copo de água? — pediu. — Preciso de tomar um comprimido. Está a doer-me a cabeça.

Fui buscar.

— Obrigado! — agradeceu quando lhe entreguei o copo. Retirou um comprimido da mala e tomou-o. — Preciso de dormir um pouco.

— Podes ficar na minha cama. Eu durmo aqui no sofá.

— Não é necessário...

— Insisto. És minha convidada.

Camila assentiu. Notava-se que estava com pouca paciência para dialogar.

— Posso perguntar-te o que se passa? O teu rosto parece demasiado triste para quem teve um furo e se esqueceu da chave de casa.

— Que te interessa? — ripostou ela. — Achas que por ter aceite a tua ajuda te devo contar a minha vida? Que tens tu a ver com isso?

A agressividade dela irritou-me. Levantei-me do sofá e disse:

— Tens razão! Não tenho nada a ver com isso. Anda, vou mostrar-te onde podes dormir.

Camila levantou-se, imponente, do sofá. Pegou na mala, mas acabou por se despenhar num mar de lágrimas e a soluçar.

Não sabia o que fazer. A reacção dela foi tão inesperada que eu fiquei sem reacção. Acabei por abraçá-la e reconfortá-la. Tocava-a como se tentasse retirar uma carta de um castelo de cartas. Desejava-a, mas receava que algum gesto meu fosse mal interpretado.

Conduzia-a de volta ao sofá e sentei-me a seu lado.

— Não me quero intrometer...

— Tudo bem. — atalhou ela. — Não me sinto muito bem. Aliás, há muito tempo que não me sinto bem.

— Queres falar sobre isso? — O meu tom parecia de psicanalista.  
— Desabafar, ajuda.

— Nunca me ajudou. — contrapôs. — Andei meses a consultar um psiquiatra

e só sentia dor e amargura. Falava com ele uma hora até ele me dizer que a consulta tinha acabado. Raramente falava, só ouvia e receitava-me comprimidos para dormir.

— Pois...

— Tentei matar-me, uma vez! — exclamou. Acho que ela não ouvia já o que eu dizia. As coisas iam-lhe saindo num desabafo, apenas pela necessidade de falar. — Desde a morte do Sonny, nunca mais fui feliz, amada... — E continuou a chorar como uma criança.

Abracei-a, tendo o cuidado de não apertar os longos cabelos escuros.

— O Sonny era o meu namorado. Conheci-o numa viagem de férias com umas amigas a Nova Iorque. Trabalhava como consultor económico em Wall Street e era sócio de uma empresa situada no World Trade Center.

Não sabia o que dizer. Não fui surpreendido com a história, pois horas antes o Jorge tinha-ma contado. Porém, mesmo assim, não me saía uma única palavra.

— Ia muitas vezes a Nova Iorque ter com ele. — continuou. — Curiosamente, nunca falámos em eu ir viver com ele ou casarmos... Mas, fazia sentir-me bem, amada. E eu amava-o! Como o amava, meu Deus!

Mais lágrimas que lhe embargaram a voz, ficando a soluçar. Apertei-a ligeiramente contra mim.

— Morreu no Onze de Setembro?! — foi o que me saiu.

— Ainda tive esperança que ele pudesse ter escapado. — prosseguiu. — Que não tivesse ido trabalhar nesse dia...

— Como é que soubeste?

A voz dela respondeu, denotando mais calma:

— Telefonei para a empresa, no dia seguinte, esperançada que alguém atendesse. Nada. Telefonei para o centro de informações e apoio às vítimas e familiares das vítimas. Aí disseram-me... disser...

E caiu num pranto arrepiante.

— Pronto. Não fales mais nisso. — disse eu.

Aos poucos, Camila acalmou-se. Limpou as lágrimas com um lenço de papel que retirara da mala. As mãos tremiam-lhe. Estava a reviver tudo o que tinha passado. A sua mente não estava ali, estava nas recordações.

— Tive um esgotamento nervoso. Estive internada alguns dias. Fiquei de baixa três meses. — Fez uma pausa. — Há cerca de um ano que tenho tentado recuperar. Embrulhei-me no trabalho, para ver se esqueço isto, e não tenho interesse em mais nada. Hoje só fui à festa pela amizade que tenho ao Eduardo.

— E ainda bem que foste. — confessei eu, não reparando que estava tão perto do rosto dela que lhe conseguia sentir a respiração. Sorri-lhe, tentando desanuviar o seu drama, e disse — Senão, como tinha conseguido entrar?

— Talvez, pegando no telemóvel e ligando para o Jorge. — disse, rispidamente, sem tirar os olhos do chão.

Eu fiquei mudo.

Camila olhou para mim e sorriu.

— Não fazia a mínima ideia de quem eras. Quando me aproximei, fizeste-me lembrar o Sonny. Por isso, ajudei-te.

— Obrigado.

Camila abriu mais o sorriso e aproximou o seu rosto do meu. As suas pálpebras baixaram e o seu olhar centrou-se na minha boca. Beijou-me os lábios suavemente.

Foi o suficiente para despertar todo o desejo que sentia por ela. Puxei-a para mim e intensifiquei a paixão naquele beijo. Camila sentou-se ao meu colo, uma perna de cada lado e de frente para mim. A sua língua quente entrava na minha boca, os nossos lábios esmagavam-se entre si. Sentia um calor enorme a subir pelo corpo.

Toquei-lhe nas alças do vestido para que caissem pelos seus braços, deixando-lhe o peito nu. Beijava-me com tanta sofreguidão que quase me custava a respirar. E eu ajudava.

Comecei a tocar nos seus seios. A pele era macia. A outra mão acariciava uma das pernas e procurava por entre o vestido.

Subitamente, Camila pôs fim ao momento e afastou a sua boca da minha.

Fiquei aparvalhado.

— Temos de parar.

— Porquê? — questionei.

— Dias difíceis. — respondeu ela.

— Todos os temos. — ripostei eu.

Camila riu-se.

— Não estás a perceber. Estou com o período. Não podemos fazer sexo! É melhor pararmos por aqui.

Para perceberem como eu fiquei, é como nos levarem a uma pastelaria, mostrarem-nos os bolos, darem-nos a massa a provar... Mas, quando queremos trincar, dizem-nos que não. Bolas!

Camila saiu do meu colo. Pôs-se de pé e recolocou as alças do vestido.

— Fui eu para o engate no bar, logo hoje. — ironizou ela com sarcasmo, fazendo-me lembrar que a tomara por uma alternadeira no bar do Queen's.

— Já pedi desculpa por isso.

— Mas devias ter mais cuidado. — avisou. — Podes magoar as pessoas.

E com aquelas palavras caminhou até ao corredor, esperando que lhe indicasse onde dormir.

Abri a porta do quarto e aponte para a cama, dizendo:

— Fica à vontade! Eu durmo no sofá.

— Que parvoice! — recusou ela. — Ou durmo eu no sofá ou dormimos os dois na cama.

— É melhor não.

— Porquê?

— Não sou de ferro. — respondi.

Ela olhou-me com seriedade.

— Se não és capaz de dormir a meu lado sem termos de fazer sexo, então não és a pessoa que pensei que fosses, quando me estiveste ali a ouvir!

— Não é isso...

— Eu durmo no sofá! — decidiu.

Eu segurei-a pelo braço, num gesto terno.

— Pronto, ganhaste! Dormimos na cama.

Podem não acreditar, mas dormimos na mesma cama sem que houvesse qualquer atitude de cariz sexual. Não posso dizer que não me senti excitado e não me apetecesse agarrá-la... Mas não aconteceu nada.

Ela sentou-se na cama, descalçou as sandálias e despiu o vestido. Deitou-se só com as cuecas pretas e tapou-se com o lençol. Estava uma noite quente... em termos meteorológicos.

Eu despi-me, fiquei com os boxers e deitei-me a seu lado. Tive a iniciativa de deixar uns vinte centímetros de espaço entre nós para evitar surpresas.

## II

Cansado do trajecto de Alcochete até Alverca, saí dos balneários todo equipado para o treino. O médico do clube veio falar comigo e aconselhou-me a manter o treino condicionado, limitando-me a correr à volta do relvado. Foi o que fiz, aproveitando para continuar as recordações.

Após uma noite, em que até dormi muito bem, acordei achando que tudo não passara de um sonho. Olhei para o lado e não vi ninguém. Se calhar, fora mesmo um sonho, pensei. Levantei-me da cama e vi o vestido preto em cima da cadeira. Não fora um sonho.

Ouvi sons vindos da cozinha. Calcei uns chinelos e peguei no relógio de pulso deixado sobre a mesa-de-cabeceira. Era quase meio-dia e estava um calor imenso. Caminhei até à cozinha e encontrei Camila a preparar uma refeição.

Devia ter tomado banho antes, pois o cabelo tinha um brilho húmido. Usava uma das minhas t-shirts justas que a ela ficava folgada.

— Bom-dia, dorminhoco! — cumprimentou-me ao ver que eu a observava da porta da cozinha.

— Olá!

— Espero que não te importes. — disse, apontando para a t-shirt.

— Tudo bem.

Não conseguia deixar de a desejar. Reparei que estava descalça e que usava as cuecas do dia anterior. Ela percebeu e justificou:

— Tentei calçar os teus chinelos, mas só um dava para os dois pés. — sorriu. — Tinha esperança que alguma das tuas conquistas tivesse cá deixado umas cuecas lavadas. Mas, pronto, mudo quando voltar a casa.

— Deves fazer uma linda ideia de mim.

— Nem por isso. O Jorge e o Eduardo falam muito bem de ti. Dizem que és um tipo responsável, boa pessoa, mas que não gostas de relacionamentos sérios. É verdade?

— Se não queres que te magoem, não deixes que te toquem! — exclamei eu. Camila pousou a faca com que descascava as batatas e encarou-me.

— Que quer isso dizer?

— Quer dizer que em tempos deixei que alguém me tocasse. — relatei. — E ela magoou-me. Por isso, prefiro estar só.



Retomando a descasca, interrogou:

— Nunca vais deixar que te amem? As mulheres para ti serão sempre uma fonte de prazer mais nada?

— Não me perguntes isso, por favor. — pedi. — Receio que a resposta que te possa dar te possa transmitir uma ideia errada de mim. E não quero isso.

— Se tivéssemos feito sexo, esta noite. Agora já devias estar a querer ver-me a milhas daqui.

— Estás a fazer-me sentir como se o meu unico interesse em ajudar-te tivesse como objectivo foder-te!

— Eh! Que linguagem. — reclamou ela.

Levantei os braços e baixe o rosto.

— Ok, desculpa!

Camila largou a faca e colocou a última batata dentro do tacho que fervia ao lume. Aproximou-se de mim e tocou-me no peito, dizendo.

— A noite de ontem foi maravilhosa.

— Foi? Que fiz eu? — questionei com sarcasmo. — Devo estar a ficar sonâmbulo...

Camila puxou-me os pelos do peito e lamentou:

— É tipicamente masculino achar que passar a noite com uma mulher só é maravilhoso quando há sexo. Vocês são todos iguais!

E seguiu para o quarto.

— Pelo menos nos homens não há duvidas do que querem. — lembrei. — Já nas mulheres...

Camila voltou atrás.

— Tens razão! — concordou. — Eu sei o que tu queres. Aliás, sei-o desde que me interpelaste no balcão do Queen's. E se eu não tivesse com o período, a esta hora tinhas conseguido o que queres. — Levantou o tom. — E eu seria mais uma para a tua lista.

Não dei resposta.

— Tu olhas para mim e só pensas em foder-me! Verdade?

— Agora és tu que estás a usar linguagem...

— Irritam-me os homens como tu. — interrompeu. — Desde ontem, por algum momento, pensaste no que eu queria?

O tom colérico dela fazia-a encostar-me cada vez mais à parede.

— A última vez que me preocupei com o que uma mulher queria, — ripostei, empurrando-a ligeiramente. — deixei-a vir viver comigo e passado pouco tempo apanhei-a na nossa cama com outro.

— E como tiveste uma má experiência, achas que todas as mulheres são putas?

A discussão só estava a servir para nos agredirmos e não nos levava a nada. Baixei a cabeça, desanimado.

— Esquece! Tu não percebes. — lamentei. — Desculpa se te magoei de alguma forma.

— Não me magoaste.

— Mas parece pela forma como falas comigo.

Ela não disse uma palavra. Continuei.

— Não ando por aí a partir corações. Tenho relações esporádicas com mulheres que sabem ao que vêm e que o querem como eu. Mulheres que não estão interessadas em casar ou ter filhos. Apenas sexo. E eu preciso de sexo, como preciso de comer e beber.

— Não precisas de te justificar.

— Não me estou a justificar. Quero que percebas.

— Eu percebo. Percebi desde que...

— ...te interpelei no balcão do Queen's. — atalhei.

Camila agarrou no cabelo, fazendo um rabo-de-cavalo e levantando-o. Era um gesto característico nela, quando estava nervosa.

— Porque é que não és frontal e não admites.

— Queres frontalidade? — perguntei. — Eu vou ser frontal. És muito linda e adorava fazer sexo contigo.

— Estás a ver! — exclamou triunfal.

— Porém, não me perguntes porquê, tenho a sensação de que se o fizéssemos não seria como com as outras.

— Que quer isso dizer? Que não seria bom?

— Não... Sim... Bolas! Seria bom! Não tenho dúvidas de que o seria. — disse eu com certeza.

— Então?

Fiz um gesto de “não quero falar mais no assunto” e fui para casa-de-banho tomar um duche.

Foi, de facto, uma sensação estranha o que sentira. Ela despertava algo em mim, muito para além de uma atracção física ou a vontade de uma noite de sexo. Não conseguia descrever. Nem com a Carla sentira algo semelhante. E isso assustava-me.

Quando saí do duche, encontrei Camila a pôr a mesa para almoçarmos. Já largara a minha t-shirt e voltara a usar o vestido e calçara as sandálias.

Vesti qualquer coisa informal e que não fizesse mais calor que aquele que estava.

Camila aguardava-me sentada à mesa. Preparara umas batatas cozidas com ovos mexidos. Eu também não tinha muita coisa em casa. Sentei-me e servi-me. Estava delicioso.

Não trocámos muitas palavras, até eu dizer:

— Vou telefonar a um amigo meu que é mecânico. Talvez ele consiga trazer o carro para mudar o pneu.

— Fico-te agradecida. — disse ela, secamente.

— Não é preciso. — ripostei. — Não me custa nada.

Camila colocou os talheres de lado e levou o prato para a cozinha.

— Tenho de arranjar quem me abra a fechadura de casa. — lembrou ao voltar. — Talvez os bombeiros me arrombem a porta.

— Se quiseres, podes ficar aqui até o teu pai voltar. — convidei.

— Deixa estar, obrigado.

— A sério! Escusas de te estar a meter em trabalhos. — insisti.

— Não quero! — recusou com firmeza. — Preciso de mudar de roupa. E é lá que está a minha roupa.

— Tu é que sabes.

Não voltei a insistir e fui tratar do carro. Combinara com esse meu amigo à porta do meu prédio. Ele tinha um reboque e era proprietário de uma pequena oficina na Estrela, mas não remendava pneus.

Acompanhei-o até Alcântara ao parque onde o Saxo ficara. Havia meia dúzia de carros lá estacionados para além dele.

Quando chegámos, ele colocou o reboque em frente ao carro e eu, usando a chave que Camila me dera, coloquei-o em cima da carrinha.

Esse meu amigo mecânico, deixou-me com o carro perto de uma oficina que arranjava pneus e estava aberta a um Domingo. Agradei-lhe e tive a paciência de esperar que me arrandassem o pneu furado. Ao fim de meia hora, lá veio o pneu remendado que ainda tive de pagar com taxa de urgência.

Sentei-me ao volante e regressi ao Restelo. Reparei que no tabliê do carro estava uma fotografia de um indivíduo. Calculei que fosse o falecido Sonny.

Estacionei o carro ao lado do meu.

Camila aguardava a minha chegada à janela. Fiz-lhe sinal que o pneu estava arranjado e ela respondeu que ia descer. Quando chegou à rua, vinha tão elegante quanto a encontrara na noite anterior. Entreguei-lhe a chave.

— Quanto é que te devo do arranjo?

— Nada! — disse eu. — Ele é meu amigo e não me levou nada.

Camila sorriu e agradeceu-me.

— Queres que te acompanhe? — sugeri. — Faço-te companhia até te arranjarem a porta.

— Não é necessário. — recusou com frieza. Queria mostrar-me que eu não deveria fazer parte da sua realidade, mais que o necessário.

— Posso voltar a ver-te? — perguntei.

— É melhor não. É melhor para ambos.

— Achas que sabes o que é melhor para mim?

— Pelo menos sei o que é melhor para mim. — constatou, denotando um olhar magoado.

Com aquela frase, deu-me um beijo na face e entrou para o carro.

Não sei há quanto tempo já estava a correr à volta do relvado. Notei que as nuvens se tinham dissipado e o Sol reaparecera para se exhibir.

O médico do clube fez-me sinal para parar.

No relvado, os meus colegas começavam a recolher aos balneários. Parei e olhei para a enorme cicatriz na perna, resultante da operação ao perónio. O médico perguntou-me como me senti. Estava cansado, mas nada de anormal. Pouco depois, chegou o técnico que me fez a mesma pergunta e à qual dei a mesma resposta.

Ambos decidiram que eu deveria fazer uns testes de esforço à perna, no departamento médico do clube, para avaliar melhor as sequelas da lesão. E o técnico disse-me que se estivesse bem, possivelmente, me colocaria a jogar no próximo jogo, a última jornada da época.

Durante quinze minutos, fiz os testes. Levantar pesos com a perna, testes de resistência ao esforço, elasticidade e mobilidade, etc...

No fim, o médico torceu o nariz com os resultados. Acabou por me dizer que seria melhor não jogar nesse fim-de-semana e desaconselhou a minha convocatória ao técnico.

Sozinho nos balneários — os meus colegas já tinham saído — tomei um banho. Seguidamente, vesti a roupa, arranjei o cabelo húmido e calcei os ténis. Por vezes, tinha ligeiras pontadas na lesão, mas não ligava.

Como combinara encontrar-me com o Jorge, aguardei no café do clube pela sua chegada. Tomei um sumo de laranja e continuei a recordar.

Nem uma semana passara, desde que me despedira de Camila. Mal partira e eu já sentia a falta dela. Não conseguia tirá-la da cabeça. Sei o que estão a

pensar. Talvez já estivesse apaixonado por ela.

Num dia de folga, sem treinos nem jogo, decidi tomar uma atitude e procurá-la. Não tinha nenhum contacto dela nem sabia onde vivia, apenas que era algures em Loures. Telefonei ao Jorge e perguntei-lhe onde ficava a loja onde o Eduardo trabalhava. Ele informou-me que era um centro de cópias e impressão na Avenida da República. Disse-me que daria facilmente com aquilo porque era uma especie de megastore do ramo.

Meti-me no carro e segui para o centro de Lisboa.

Estava um dia infernal, um calor asfixiante. Lembro-me que conduzia o meu carro com os vidros completamente abertos. Nunca gostei de ar condicionado.

Fiquei parado no trânsito no túnel da Av. Eng. Duarte Pacheco. Havia partes em que ficava à sombra e até sabia bem a corrente de ar fresco no interior do túnel. Noutras, o Sol incidia sobre mim, impiedosamente, através das aberturas.

A tarde estava quente. Sentia a t-shirt branca colar-se-me ao corpo. E até os óculos escuros pesavam mais que o habitual.

Ao fim de meia hora no túnel, consegui andar um pouco melhor e comecei a descer a Av. Joaquim António de Aguiar até ao Marquês de Pombal.

O Sol não me dava descanso. Passamos um Inverno inteiro a desejar calor e, quando chega o Verão, só queremos coisas frescas. Subi a Av. Fontes Pereira de Melo e encostei à faixa da direita para contornar o Saldanha por fora. Em frente ao Atrium a confusão do costume. Na saída da Av. Praia da Vitória deixei que um carro entrasse para a minha frente e logo recebi uma buzina de quem me precedia. Há horas em que o trânsito em Lisboa é uma selvajaria.

Contudo, estava bem disposto, mas algo nervoso. Entrei na Av. da República pelas faixas exteriores e circulei lentamente à procura da loja. Não fazia a mínima ideia onde ficava. Perto do Galeto, buzinei a um transeunte e perguntei-lhe se sabia onde ficava. Ele disse que sim e explicou-me que era do outro lado da avenida, apontando mais ou menos para o local. Agradei e prossegui.

Virei na João Crisóstomo e segui até à Av. Defensores de Chaves, onde virei à esquerda. No cruzamento com a Av. António José de Almeida, cometi a transgressão de virar à esquerda, de volta à Av. da República. Felizmente, não havia policia por perto.

Atravesssei a larga avenida e reparei no grande letreiro com o nome da

loja. Entrei na Av. Miguel Bombarda e procurei um lugar para estacionar. Não havia. Virei para a Av. 5 de Outubro e nada. Novamente à direita, entrei noutra rua e vi um individuo acenar.

Junto ao passeio, um jovem mal vestido e com longas barbas apontava para uma abertura entre dois carros, em cima do passeio. Não era muito bom, mas era o unico sítio vago para deixar o carro. Estacionei lá. O individuo ficou atrás do carro, acenando a outros automobilistas e fingindo que não me via, porém aguardando que lhe desse uma moeda. Tirei cinquenta cêntimos do bolso e dei-lhe. Antes de me afastar, perguntei-lhe se os “sapos” andavam por ali. Ele respondeu que os parquímetros estavam avariados.

Caminhei até à avenida. As pernas tremiam e tinha a boca seca. A ideia de a voltar a ver assustava-me. Pensava no que havia de dizer, sem dizer o que realmente queria dizer... Complicado. Já perto da porta, pensei que raio de ideia ir ali, que motivo tinha eu para ali estar, que justificação havia para a procurar no local de trabalho. Parei para pensar e fiquei em frente à montra da loja.

Espreitei lá para dentro, mas não a vi. Virei-me para a rua e deparei-me com uma loura de óculos escuros, mini-saia e top, a olhar para mim como se me quisesse “comer”. Estava sentada no banco direito de um Porche desca-potável. Subitamente, desviou o olhar e a seu lado sentou-se um jovem de fato, aparentando riqueza por todos os poros.

Voltei, novamente, a minha atenção para a loja. Pensei como seria fácil conquistar aquela loura. Meter conversa, convidar para um copo e em menos de duas horas estávamos em minha casa, na cama a fazer sexo. Mas, não me fazia sentir o que sentia por ir ao encontro de Camila.

Entreí na loja. Havia um pequeno balcão logo ali, onde, atrás se sentava uma jovem de cabelo encaracolado a atender o telefone. Aproximei-me e aguardéi que terminasse a chamada.

Simpaticamente, olhou para mim e perguntou:

— Em que posso ajudá-lo?

— Eu...

— Eu estou a reconhecê-lo! — interrompeu-me. — Tu és o Ivan Pedro do Alverca, não és?

Não me faltava mais nada. Nunca me reconheciam em lado nenhum. Logo agora, aparecia uma fã.

— Sim, sou. — respondi, desvalorizando o facto.

— Reconheci-te logo. — continuou. — Eu vivo em Alverca. Costumo ir ver

os jogos com os meus irmãos.

Eu assentia com a cabeça, esperando que ela se calasse e me deixasse seguir. Contudo, continuou a falar no clube, na época, nos meus colegas, o árbitro injusto... Acabei por a interromper:

— Desculpa, mas eu estou com pressa. Vinha só dar uma palavrinha à Camila.

— Camila? Camila quê? — questionou.

Encolhi os ombros e disse:

— Não sei o apelido, mas há mais que uma a trabalhar aqui?

— Não. Mas fica bem perguntar o apelido. — respondeu, dando uma risada irritante.

És um bocadinho estúpida, pensei.

A rapariga pegou no telefone, ia a marcar o número, mas arrependeu-se e voltou a pousar o auscultador.

— Já me esquecia. Ela está de folga, hoje.

— ... da-se!

— Diga?

— O Eduardo está aí? — perguntei. — E por amor de Deus, não me pergunte o apelido que também não sei.

Ela não respondeu e voltou a pegar no telefone. Teclou três números e olhou para o fundo da loja.

Segui o seu olhar. A loja era enorme. Dalí até ao fundo deviam ir uns cinquenta metros. Pelo meio, várias máquinas com pessoas a trabalhar, as quais não tinham aspecto de funcionários. E um balcão com outra jovem de camisola branca a servir cafés.

Lá muito ao fundo, um balcão comprido com meia dúzia de funcionários e diversas máquinas. Foi aí que o telefone tocou.

Enquanto ela falava com o Eduardo, fiquei a contemplar o interior. Ouvia-se ao fundo o ruído de várias fotocopiadoras, mas o som mais geral, era o da música da rádio que tocava por várias colunas espalhadas por ali.

Por cima de mim, existia um segundo piso. Olhei para cima e vi um gradeamento, onde estava uma mesa comprida com três computadores. Um homem e uma mulher vestidos de camisola branca trabalhavam neles.

Atrás da recepcionista, existia um escada que dava acesso ao piso superior.

Todos os funcionários vestiam uma peça de roupa branca da cintura para cima. Não era um farda, era mais uma regra que todos deviam seguir. Só que, como a minha t-shirt era branca, confundia-me com eles.

A jovem desligou o telefone e disse:

— Olha, podes ir ter com ele. O Edu já fala contigo. — apontou para o fundo. — E boa sorte para a próxima época!

— Obrigado...

Afastei-me dela e fui ao encontro do Eduardo. O chão fazia um pequeno declive. Do lado esquerdo tinham colocado vitrines de parede com produtos para vender. No meio, outras vitrines de mesa. E à direita um departamento de fotografia e revelação.

Continuei até aquele pequeno corredor se transformar num salão amplo. Havia máquinas no meio, do lado esquerdo uma escada para uma cave e do lado direito um bar. Por cima, o piso superior abria-se no meio e contornava o tecto com varandas onde dezenas de computadores eram utilizados por clientes das mais diferentes idades.

O enorme balcão quase ligava as duas paredes mais afastadas. Vi o Eduardo contorná-lo e vir ao meu encontro.

— Tás bom, Eduardo?

— Tudo bem. Que fazes aqui?

— Vim conhecer o local.

— Me engana que eu gosto. — respondeu no seu jeito afeminado.

Sorri com a expressão dele. E acabei por confessar:

— Vinha à procura da Camila.

— Já calculava... Vocês homens são todos iguais.

Era um tipo divertido. Achava imensa graça quando ele falava como se fosse uma mulher. Às vezes, assistia a discussões dele com o Jorge em que parecia mesmo uma mulher irritada.

— Queres beber um café? — convidou. — Vou fazer uma pausa. Aquelas parvas estão a dar cabo de mim. — relatou, apontando para duas senhoras que aguardavam no balcão.

Andámos uns metros até ao balcão do bar. Sentámo-nos nuns bancos altos e ele pediu dois cafés à rapariga.

— A Camila está de folga. — disse ele.

— Edu, queres natas? — perguntou ela.

Ele acenou que não, esticando nervosamente o indicador.

— Já me tinham dito. Mas, aproveitei e vim cumprimentar-te.

— Fizeste bem. Olha, viste o Jorge? Anda a pôr-me doida. Ontem não dormiu em casa.

Eu sorri e disse:



- Não te preocupes. Deve andar a tratar de negócios.
- Não sei, não. — duvidou ele. — Olha, gostas disto?
- Tem um ar porreiro. — disse eu. — O que é aquilo lá em cima?

Eduardo olhou para o piso superior e disse:

— São computadores self-service. Aqueles são para internet e os outros para aluguer de programas. Lá ao fundo é o departamento de design. Depois existe um pequeno balcão onde se alugam os computadores. Daqui não se vê.

— Onde é que a Camila trabalha?

— Nas cópias, ali atrás. Ah! Ali em baixo é o departamento de grandes formatos.

Eduardo fizera-me uma descrição da planta da loja e dos serviços. Mas, nada disso me interessava.

— Qual é o teu interesse na Camila? — perguntou secamente.

— Como assim?

— Eu conheço-te há algum tempo, Ivan. És um mulherengo.

— Onde é que queres chegar com isso? — questionei, aborrecido com a intromissão dele. — É por causa dessas tretas que ela tem uma ideia errada de mim.

Eduardo atirou os braços para trás.

— Ó filho, se andar com uma mulher diferente todas as semanas não é ser mulherengo, então o que é?

— Isso é um exagero...

Num tom mais sério, disse:

— Ouve, não me interessa as mulheres que tens. Mas, não metas a Camila aí no meio. Eu sei o que ela sofreu. Ela não merece ser mais uma.

— Se não te conhecesse dizia que a querias para ti.

— Ela é como uma irmã para mim. Dói-me vê-la magoada.

Percebi nos olhos dele a sua sinceridade. Coloquei-lhe a mão no ombro e usei um tom fraternal.

— Não a quero magoar, acredita! Só quero falar com ela. Sei o que se passou.

— Será que sabes mesmo? — interrogou ele. — Será que consegues perceber, dar valor ao sofrimento dela. Diz-me que quando a vês, não pensas nela como mulher na cama, no corpo... Ivan, sou *gay* mas não sou cego. Vejo como ela é bela. És capaz de olhar para o interior dela? Interessar-te pelo que ela pensa, sente? O que gosta, o que a faz feliz?

— Só a conheço há uma semana, Eduardo. — lembrei. — Dá-me algum crédito.

Eduardo olhou para o vazio, deu um golo no café e contou:

— Já a conheço desde que veio para cá trabalhar. Cinco... Minto, seis anos. Ela contava-me como corria bem a relação com o Sonny, o namorado. Acompanhei o sofrimento dela com a morte dele, o estado em que estava no hospital, a depressão. Nunca mais a vi apaixonada por ninguém. — Bebeu mais um golo. — Lembro-me que tivemos aqui um colega, o ano passado, que gostava dela. Não teve hipóteses. Ela não abre o coração a ninguém. Não sai com ninguém. É casa-trabalho, trabalho-casa. Fiquei espantado quando a vi na minha festa. Não acreditava que fosse. Mas ainda bem, sempre desanuviou... Havia de ver a casa dela. Tem fotos do Sonny por todo lado.

Eu bebi o meu café, fiz intensões de pagar, mas o Eduardo quis ficar com o prejuízo.

— Sabes onde ela mora? Gostava de a visitar e falar com ela. Não me olhes assim, não estou a pensar “comê-la”, merda. Não posso ser amigo dela?

Eduardo soltou uma gargalhada e exclamou:

— Quando tu conseguires ser amigo de uma mulher sem a lebares para a cama eu deixo de ser *gay*!

— Pronto, não vou discutir contigo. Tu só tens essa ideia de mim. — lamentei-me. — Podes dizer-me, então, onde ela vive?

— Conheces Loures?

— Não!

— Então como queres lá ir? Posso dar-te a morada, mas duvido que lá chegues. — constatou. — Faz assim: Ela está cá amanhã. Passa por aí e falas com ela, ok?

— Como tu queiras.

Despedi-me dele com um abraço e abandonei o local, regressando ao carro.

Fiz-me à estrada, lamentando a forma como era avaliado pelas pessoas. Principalmente, porque sabia que era dessa mesma forma que Camila me via. Só que não me saía da cabeça o porquê daquele momento, naquela noite em que nos envolveramos em beijos. Se eu era tudo o que ela não queria, porque se entregou assim? Parecia que qualquer gesto meu só lhe podia fazer mal...

Naquela noite, tal como em quase todas as noites, jantei sozinho em casa. Entretive-me a ver o Telejornal e a SportTV. Acabei por adormecer no sofá, sendo acordado pelo telefone. Tentei adivinhar quem seria o animal que me estava a telefonar tão tarde. Antes de atender, vi que eram nove da noite, não era assim tão tarde.

— Tou?

Do outro lado da linha, ouvi a voz de Camila:

— Pedro? É a Camila.

Foi tão inesperado que não consegui falar.

— Pedro? Tou? Estás aí? — insistiu ela.

Respirei fundo e respondi:

— Sim... Que surpresa.

— Espero não te estar a incomodar?!

— Não. Pelo contrário. Tenho muito gosto em te ouvir.

— Podemos falar um pouco, Pedro?

Camila sempre me tratou por Pedro. Acho que não gostava muito do nome Ivan.

— Claro. — concordei. — Curiosamente, hoje estive onde trabalhas...

— Eu sei! O Eduardo disse-me. — A sua voz era suave. — Contou-me que apareceste lá para falar comigo.

Já calculava. Algo me dizia que ele ia fazê-lo. Devia ter-lhe dito “cuidado, olha que é um mulherengo” e “não te metas com ele que saís magoada”. Não lhe levava a mal. Compreendia que a quisesse proteger.

Ia a confirmar, quando ela perguntou subitamente:

— Que me queres, Pedro?

— Gostava de te voltar a ver.

— Já te disse que é melhor não.

— Dá-me uma razão. Tens medo de quê?

Do outro lado, fez silêncio.

— Que me magoem! — confessou. A sua voz, outrora segura, tremia.

— Eu não te quero magoar.

Novo silêncio.

— Camila?

— Já pensaste que o podes fazer sem querer?

— Estás a julgar-me por coisas que eu não fiz! Que conheces de mim para teres essa certeza? Que conheces de mim, para além das coisas que o Eduardo te conta?

Novo silêncio. Conseguia ouvi-la respirar.

— Camila? Camila! Aquela noite não significou nada para ti?

— Aquela noite podia ter sido um grande erro. — respondeu bruscamente.

— Sentia-me carente, beijámo-nos... Felizmente não passou disso.

— Há uma semana disseste que foi uma noite maravilhosa. Agora dizes que ia sendo um erro. Não te percebo, Camila.

— Pois não. Estás a ver? Se não me percebes, como podes ter tanta certeza que não me magoas? A noite foi maravilhosa exactamente pelo que não aconteceu. Foi maravilhosa porque me senti protegida quando dormi a teu lado. Foi bom estar contigo, mas sei que não é isso que queres. E o que tu queres, eu não te quero dar.

— Como podes saber o que quero? — interroguei, elevando o tom de voz.  
 — Achas que só tu é que tiveste desgostos? Todos sofremos. Há tanta coisa na vida que nos pode magoar... Sabes o que nos distingue? É a vontade de viver. Todos sofremos! Mas uns lutam por ultrapassar isso, enquanto outros se deixam ficar. O que achas que senti quando me lesionei pela primeira vez? Quando vi o sonho de jogar no Benfica desfeito porque um tipo achou que eu não servia? O que senti quando encontrei a Carla na cama com um puto? Diz-me! Sabes o que senti? Senti vontade de lutar e provar a mim mesmo que aquelas coisas não me deitariam abaixo, nunca!

Ela não respondeu. Parei de falar e senti um soluçar do outro lado.

— Camila, desculpa! — pedi, arrependendo-me de cada palavra que dissera.  
 — Acho que fui longe de mais.

— Talvez... tenhas razão.

A voz saía-lhe embargada pelas lágrimas.

— Camila! Não te vou mentir. Sinto um enorme desejo quando te vejo. Mas há algo em mim, quando penso em ti, que não é normal. E sinto vontade de explorar esse sentimento. Mesmo que isso me venha a magoar.

Silêncio.

Camila desligou sem dizer uma palavra.

Pousei o auscultador com a certeza que tudo tinha acabado. E toda aquela ausência, aquele vazio, aquele final de conversa silencioso me partiram o coração.

Percebi finalmente que o que eu estava a sentir era amor. Percebi-o no exacto momento em que constatei que o mesmo era impossível.

Voltei à sala, sempre com Camila em mente, desliguei a televisão e regresssei ao quarto. Pensei em como aquela conversa e os “se” do que poderia ter acontecido me iriam marcar para o resto da vida. Imaginar-me com oitenta anos, sozinho, a perguntar a mim mesmo como teria sido a vida se a conversa tivesse sido diferente. Mas que poderia ser diferente? Era ela que não me queria dar uma oportunidade. Não! Ela não queria dar uma oportunidade a ela própria.

Deitei-me na cama destroçado. Adormeci com dificuldade, pois toda a conversa se repetia ininterruptamente na minha cabeça. Não sei o que sonhei,

mas fui acordado pela campainha da porta.

Levantei-me, irritado por me acordarem às quatro da manhã. Cambaleei até à porta e abri a da rua. Espreitei pelas escadas e senti o elevador subir. Aguardei furioso pela chegada do visitante.

A porta do elevador abriu. Lá dentro... Camila.

Os meus olhos não acreditavam no que viam. Talvez fosse um sonho.

Camila saiu, abraçou-me e disse:

— Pedro, ajuda-me a viver!

Senti um toque no braço que interrompeu as minhas recordações. Olhei para trás e vi o empregado do bar do clube.

— O seu telemóvel.

Percebi então que o meu telemóvel estava a tocar.

— Então, Jorge? — atendi eu, após visionar o numero. — Estou à tua espera há montes de tempo.

Jorge pediu-me desculpa e avisou-me que estava em reunião com a direcção do Alverca. Combinou que estaria ali dentro de meia hora.

Desliguei. Pousei o aparelho sobre a mesa e retomei as lembranças.

Camila entregara-se completamente naquela noite. Notei o seu olhar ferido, mas com um brilhinho lá no fundo, denotando uma enorme vontade de lutar.

Começamo-nos a beijar e eu levei-a para dentro de casa. Cáímos na cama apaixonados, beijando-nos fogosamente como acontecera da primeira vez. Eu despi-a. Ela despiu-me. Tocámo-nos, acariciamo-nos... Encarei-a nos olhos e senti uma força interior, vinda do peito. Uma atracção não pela forma, mas pelo ser. Se naquele instante, fosse uma chave, teria acabado de encontrar a única fechadura que poderia abrir as portas do amor.

Acordei na manhã seguinte, sentindo um bem estar e uma paz interior que nunca sentira. Quase julguei ter sonhado aquela noite, mas ouvi a voz dela e alegrei-me com a confirmação da realidade.

Abri ligeiramente os olhos. Camila estava de pé, virada de costas para mim, completamente nua, a falar ao telemóvel:

— Tou? Edu?... Tudo bem?... Preciso de um favor. Precisava de faltar hoje?!... Não! Está tudo bem. Não acreditas no que me aconteceu. — Uma pausa. — Estou em casa do Pedro... Do Ivan Pedro! — Nova pausa. — Eu sei, não te preocupes. Edu, estou apaixonada!... Não, não te preocupes. Ele não me vai magoar.

Percebi que o Eduardo devia estar a repetir a cantilena do mulherengo que “só te vai fazer mal”.

Camila desligou o telefone e virou-se para mim. O seu olhar revelava toda a surpresa por me ver acordado. Notei a sua apreensão. Acho que, naquele momento, a sua mente encontrou uma enciclopédia de dúvidas a respeito do futuro da nossa relação. Não havia posição mais frágil, nua perante a pessoa por quem se apaixonara e fizera amor, sem saber se era recíproco o sentimento e com a hipótese de um “foi bom, mas...”

Sentei-me na cama, olhei-a seriamente.

Camila apertava o telemóvel com ambas as mãos, nervosamente.

Sorri-lhe e perguntei:

— Que achas de tomar um banho e ires para casa,... — Senti que ela se ia desfazer em lágrimas. — ...pegares numa mala de roupa e vires passar uns dias comigo?

Foi assim que começámos a viver juntos.



## III

**E**stava farto de esperar pelo meu empresário. Olhei para a rua e vi que o Sol começava a descer para a linha do horizonte.

Jorge apareceu, pouco depois, visivelmente estafado. Sentou-se à minha frente e pediu um café.

— Tudo bem? — perguntei.

Jorge abanou a cabeça negativamente.

— Estive a falar com a direcção do clube.

— E?

— Eles não vão renovar contigo! — informou num suspiro. — Chegaram os resultados dos exames que fizeste, antes de ontem, no Benfica. Dizem que, dificilmente, voltarás a recuperar a cem por cento.

Fiquei sem palavras. Jorge prosseguiu:

— Já sabes como é. Estás em final de contrato e eles vão aproveitar para te dispensar.

— Mas... que história é essa de não recuperar?

— O departamento médico do Benfica enviou o relatório para o médico do Alverca. Dizia que terias de passar por um longo processo de recuperação e o resultado não era certo.

— Estás a querer dizer-me que estou arrumado para o futebol?

— Bem...

— Merda, Jorge! Sim ou não? — gritei eu, transtornado.

— É o que eles dão a entender.

Baixei a cabeça, desanimado. A vida parecia estar a desfazer-se nas minhas mãos.

— Jorge, jogar futebol é tudo para mim. Tenho vinte cinco anos, pá. Não posso estar acabado quando a maioria está no age.

— Tem calma, Ivan. — acalmou ele, dando-me um toque no braço. — Tenho os meus contactos. Talvez te consigas um contrato com outro clube.

— Ainda esta semana joguei! Não senti dores...

— O médico aconselhou o técnico a não arriscar.

— Jorge, tu sabes como isto é injusto. Este clube foi despromovido à II Liga na época passada. Eu recebi uma proposta para continuar na primeira divisão a jogar no V. Setubal. — A minha voz estava alterada. A cólera apoderava-se de mim. — Recusei porque já jogava aqui há algum tempo. Quis ajudá-los a voltar



a subir. E agora que preciso deles, mandam-me embora?

— Eu sei, Ivan. Tem calma.

Jorge levantou-se, passou por mim, colocou-me a mão no ombro e aconselhou:

— Vai para casa, Ivan. Eu vou tentar arranjar uma solução.

O Sol começava a desaparecer no horizonte. Eu conduzia pelas ruas de Lisboa, sentindo a raiva dentro de mim. Todas as palavras de Jorge se repetiam na minha cabeça, vez após vez.

Cheguei ao bairro de Alvalade já quando escurecia. Estacionei o Megane no parque perto da casa dos meus pais e saí. Era uma zona calma e arejada. Caminhei desalentado até à porta do prédio e toquei à campainha.

— Quem é? — perguntou uma voz no intercomunicador.

— Sou eu, mãe.

A porta abriu-se, de imediato.

Subi as escadas lentamente até ao segundo andar. Junto à porta, Camila aguardava-me. Por trás dela, surgiu Cibele que correu para mim, abraçando-me com saudades. Adorava a minha pequena sobrinha, tal como adorava todas as pessoas que ali estavam.

Camila percebeu que eu não estava bem. Já vivíamos juntos havia um ano, ou mais, o suficiente para que ela lesse nos meus olhos a tristeza e a alegria. Beijei-a com ternura, trazendo Cibele nos braços.

Enquanto devolvia a pequena ao chão, Camila perguntou se estava tudo bem.

— Nem por isso.

Antes que Camila tentasse saber mais, surgiu da cozinha a minha mãe. Abraçou-me e repetiu-me várias vezes as saudades que tinha e como eu era um filho ingrato por não os visitar mais vezes. Concordei com tudo.

— O teu pai está na sala — informou a minha mãe. — Vai ter com ele. Eu já vou levar o jantar.

Caminhei pelo comprido corredor até à sala, de mão dada com Camila.

Encontrei o meu pai, na sala, sentado no sofá a ver na SportTV um jogo do campeonato turco que estavam a transmitir em directo. É a pessoa mais fanática por futebol que alguma vez conheci.

Levantou-se e veio abraçar-me.

— Que saudades, filho. Estás bem?

— Parece mais magro. — inventou a minha mãe, carregando um prato de esparguete à carbonara.

Acho que se notava como estava abatido, quando pedi a todos que se reunissem na sala e me dessem atenção.

Só faltava a minha irmã que acabara de tomar banho. Rapidamente, apareceu, deu-me um beijo e juntou-se aos restantes.

Tudo sentado à volta da mesa, olhando para mim e aguardando as minhas palavras.

— O Alverca não vai renovar comigo. — disse, o mais rápido que pude, evitando qualquer engasguice. — O Jorge esteve a falar com a direcção e foi a decisão que lhe comunicaram.

— E deu-te alguma solução? Já tem clube para ti, na próxima época? — perguntou Camila.

— Ele diz que vai ver o que se consegue arranjar, mas... — Fiz uma pausa. — Os médicos dizem que estou arrumado para o futebol.

Naquele instante, pareceu-me ver uma lágrima no canto do olho do meu pai. Vi-o pedir desculpa e levantar-se da mesa, desaparecendo no corredor.

— Deixem estar, eu falo com ele. — disse, levantando-me.

Encontrei-o no quarto, cabisbaixo, apertando o nariz entre os olhos. Entrei.

— Pai?

Ele olhou para mim. Rosto triste, forçou um sorriso para que não me preocupasse.

— Não é o fim do mundo, pai.

— Eu sei, Ivan. — aceitou com uma ligeira tremura na fala. — Acredito que conseguíras... Perdoa-me, Ivan. Mas, não consigo deixar de pensar que talvez tenha sido eu a influenciar-te para o futebol. Quis fazer do meu sonho, o teu sonho.

Aproximei-me dele, abracei-o e disse:

— Pai, eu sempre gostei de futebol. Eu nasci a jogar futebol.

O meu pai continuou:

— Se não te tivesse encorajado, talvez a tua vida tivesse levado outro rumo e tu não estivesses agora a sofrer. Sim, Ivan! Eu sei que estás a sofrer.

Baixei o olhar e, por momentos, observei o chão em pensamentos vagos. Olhei novamente para ele e disse:

— Lembras-te quando não consegui ir para o Benfica? Foi o maior desgosto da minha vida! Mas, jurei a mim mesmo que haveria de continuar a jogar.

— Ivan Pedro, filho! — chamou. — Não estamos a falar de não entrar num

clube. Estamos a falar do fim da tua carreira. Quando um médico diz que o jogador está acabado, isso confirma-se quase sempre. Desculpa, mas estou a ser realista. Sei o quanto amas o futebol. Também eu adoro ver e desejei ser profissional, quando era pequeno. Que vais fazer se não puderes voltar a pisar um relvado?

Encolhi os ombros.

— Um dia de cada vez, pai.

E abracei-o.

Escusado será dizer que ninguém jantou decentemente.

Camila e eu saímos cedo, logo após o jantar. Durante o período em que estiveramos todos juntos, ela não se manifestou muito. Preferiu aguardar que ficassemos sós para falar no assunto.

Eu conduzia rumo à ponte Vasco da Gama.

Camila, sentada ao meu lado, colocou a mão na minha perna e perguntou:

— Como te sentes?

— Triste. Acima de tudo, triste.

— Já pensaste o que vais fazer se não voltares a jogar?

— Não sei, amor. E para te ser sincero, não quero pensar nisso, agora.

— Desculpa, Pedro!

— Eu é que te peço desculpa. — retorqui, olhando-a de relance. — Sei que não devo estar a ser grande companhia nos últimos tempos.

— Tu és a minha companhia, Pedro. Sabes que te amo como nunca amei ninguém.

Sorri-lhe. A voz dela era tão terna, capaz de me envolver e fazer relaxar.

— Podíamos ir para os Estados Unidos. — sugeri.

Já não era a primeira vez que me falara no assunto. Camila, desde a falência do centro de cópias, fora trabalhar para uma cadeia de lojas franchisadas de pronto-a-vestir de uma marca americana.

— Não sei. — respondi.

O Eduardo conseguira um cargo de gerente numa dessas lojas e convidou-a para trabalhar lá. Com o excelente desempenho dele, Eduardo foi convidado a um cargo directivo na casa-mãe em Portugal. E Camila ficou como gerente.

Seis meses antes, vieram a Portugal representantes americanos ver algumas das lojas. Ficaram muito agradados com o trabalho dela e convidaram-na para exercer funções em Nova Iorque. Camila recusou.

Recusou pela minha carreira de futebolista, pois sabia que eu não queria ir jogar para os Estados Unidos, onde poucas pessoas gostam de *soccer*. E

também pelo facto de ser em Nova Iorque, cidade de recordações que ela não queria voltar a ter.

— Se isso acontecesse, já nada te prendia aqui.

— Os meus pais, a minha irmã e a minha sobrinha. — lembrei-lhe.

— Que tu só vês de vez em quando. — argumentou. — E podes sempre vir a Portugal vê-los.

— E o que é que eu ia fazer para a América, Camila?

— Sei lá, podias ser treinador. Com os teus conhecimentos...

— Ser treinador de futebol num país que nem chama o desporto pelo nome correcto, amor?! Para eles, o futebol é tão importante como para nós é o basebol.

Por momentos, o silêncio instalou-se entre nós.

— Recebi um novo convite para trabalhar em Nova Iorque. — Não me pronunciei. — Sabes que não vou sem ti. Por isso, peço-te que penses nisso.

A sua última frase acontecera no exacto momento em que chegáramos a casa. Parei o carro, olhei-a nos olhos e disse:

— Eu amo-te Camila! Prometo que vou pensar nisso, se ninguém me quiser contratar.

Alguns dias mais tarde, logo a seguir à última jornada do campeonato, a direcção, equipa técnica e jogadores reuniram-se num almoço, antes de todos partirem para férias.

O Alverca ficara em segundo lugar, o suficiente para subir à Superliga. O almoço era também uma comemoração desse feito.

Não era que tivesse muita vontade de comparecer. Contudo, o carinho e amizade dos meus colegas de equipa fizeram-me estar presente.

Fora tudo organizado no restaurante do clube, em frente ao estádio.

Um almoço agradável onde nos espalhámos por meia dúzia de mesas, ficando a direcção e técnicos na central, e os jogadores e outros elementos nas restantes. Tive o privilégio de ficar com alguns colegas que recordo com saudade.

No fim, o presidente do clube levantou-se e decidiu brindar-nos com um discurso.

— Convido todos a brindarmos a todos aqueles que contribuíram para a subida do Alverca. O meu muito obrigado! Felicidades para a próxima época aos que ficam e aos que vemos partir, sentindo já a saudade apossar-se de nós.

Devias ser político, pensei. “Saudade dos que partem”, um filho da mãe

que me dispensou. E todos aplaudiram, menos eu.

Não queria estragar o momento, mas tive uma necessidade enorme de falar. Pedi a palavra.

— Já que o senhor presidente falou dos que partem. E até ao momento, que eu saiba, sou o único. — Alguns deles olhavam para mim, receando o que pudesse dizer. — Quero agradecer aos meus colegas estes tempos que passei no clube. Conheci muitos e tenho aqui bons amigos. Vocês foram a força que vos fez chegar onde chegaram.

— Apoiado! — exclamou o presidente, tentando que ficasse por ali.

— Se não se importa, ainda não acabei. — disse eu. — Permitam-me, com base na amizade que nos une, que faça aqui um breve desabafo. Não vou estar convosco na próxima época porque, segundo algumas pessoas, estou acabado para o futebol. Apressaram-se a fechar a porta quando mais precisei deles. Não vos guardo rancor, mas prometo que quando vos encontrar do outro lado do relvado não terei piedade.

Todos ficaram em silêncio. Olhei para os meus parceiros de mesa e despedi-me deles. Ao verem que distribuía apertos de mão, outros companheiros se apressaram a despedir-se de mim. Vi rostos indiferentes à minha falta. E vi outros que quase choravam por me ver partir. Foram poucas épocas, mas foram marcantes.

## IV

**P**assara quase um mês, desde o final da época. Nenhum clube surgira interessado em mim, até porque um jornal desportivo tornara público, as fortes possibilidades de eu não voltar a jogar. No emprego, Camila começava a ser pressionada a dar uma resposta à proposta de ir para os Estados Unidos. E ela, por sua vez, pressionava-me a aceitar acompanhá-la.

Numa tarde de Sexta-Feira, Jorge telefonou-me a dar-me conta dos últimos desenvolvimentos.

Não havia um único clube até à 2ª Divisão B que me quisesse contratar. Porém, Jorge fora contactado por um clube da III Divisão, interessado em mim.

— Quem? — perguntei.

— É o Grupo Desportivo do Paúle. — informou. — Um clube que subiu à 3ª Divisão esta época. São de uma aldeia no interior do país, lá para os lados de Viseu ou Coimbra, não sei.

— Estás a brincar comigo, não? — refilei eu, ansiando para que não fosse verdade.

— Não, Ivan, não estou. — confirmou. — É uma equipa que subiu aos nacionais pela primeira vez. E vão jogar a série C na próxima época. O presidente do clube é um tipo cheio da massa que quer contratar uma figura de destaque para alegrar ainda mais os adeptos. E calar aqueles que dizem que eles não vão lá fazer nada.

— Nem penses, Jorge. — recusei. — Agora vou jogar para a parvónia?

— Pensa bem, Ivan. — insistiu. — Pode ser a tua única oportunidade de provares que ainda podes jogar a alto nível.

— A alto nível no Desportivo dos Pulos?

— Grupo Desportivo do Paúle, Ivan!

— Isso...

— Ivan, estou a propôr-te uma época. — argumentou. — Se jogares sempre, ou quase sempre, posso conseguir que daqui a um ano estejas a jogar, pelo menos na II Liga. Então?

Não respondi logo.

— Vou pensar.

— Preciso de uma resposta até ao fim do dia. — alertou. — O tipo quer-nos lá amanhã de manhã, se houver interesse.

Combinei que lhe daria a resposta à noite.

Quando Camila chegou, contei-lhe a oferta que fora feita.

— Acho que isso não tem discussão. — disse Camila, rispidamente.

— Que queres dizer com isso? — questioneei.

— Achas lógico ires jogar para um cascalheira qualquer?

— São os únicos dispostos a contratar-me, amor.

Camila agarrou-se à cabeça, furiosa e levantou a voz:

— Eu não acredito. Pedi-te que viesses comigo para Nova Iorque. Tu sabes como isso é importante para mim. E sabes que não quero afastar-me de ti.

— As lágrimas começaram a verter dos seus olhos. — E queres trocar o meu sonho por um clubezeco de merda, só porque são os únicos que te deixam jogar?

— Tu sabes como o futebol é importante para mim!

— Mais importante que eu, Pedro?

Não respondi. E aquele silêncio magou muito Camila. Tentei atenuar:

— Não se trata de quem é mais importante, amor.

As lágrimas corriam-lhe pela cara.

— Não sei viver sem jogar, tu sabes.

A soluçar, Camila indagou:

— O Jorge, por acaso... por alguma vez... ou tu, pensaram em encontrar um clube para ti nos Estados Unidos?

— Eu não quero acabar a jogar num clube anónimo do outro lado do Mundo.

— Mas queres acabá-la na III Divisão? — soluçou. — Se queres ir, vai! Eu não vou contigo. — E correu para o quarto, trancando-se e ficando a chorar.

Telefonei ao Jorge e pedi-lhe que combinasse o encontro com o presidente do clube.

Camila não jantou. Dormimos na mesma cama, mas não trocámos uma palavra.

Na manhã seguinte, deixei-a a dormir com um bilhete ao lado, dando-lhe conta da viagem. Saí cedo de casa, pois combinara encontrar-me na Estação Oriente com o Jorge, onde apanhariamos o comboio para uma vila de nome Carregal do Sal.

O Sol começava a despontar no horizonte, enquanto eu conduzia vagarosamente pelas ruas desertas da cidade.

Cheguei à Estação Oriente e estacionei o carro no parque subterrâneo. Ali ficaria até ao meu regresso, o qual estava previsto acontecer à noite.

Subi as escadas, olhando para o relógio e vendo que ainda tinha algum tempo até à partida. Era muito cedo e tudo estava deserto.

Pensava em Camila. Não queria deixá-la, mas não podia ser de outra forma. Ela sabia como eu era e como era importante jogar futebol para mim. Aquilo era a minha vida.

Cheguei às zonas de partida.

Jorge viu-me antes que o visse a ele. Cumprimentou-me e entregou-me o meu bilhete que comprara antecipadamente.

— Partimos dentro de dez minutos. — informou.

Ainda pensei em telefonar a Camila. Mas, ia acordá-la e não traria nada de novo.

Lentamente a locomotiva eléctrica rebocou as carruagens até à paragem. Jorge e eu entrámos na terceira e procurámos os nossos lugares. Sentámo-nos junto à janela e eu fiquei a olhar para o exterior.

— Então? — perguntou. — Pareces preocupado.

— A Camila não aceitou muito bem isto. — disse num tom pesaroso. — Diz que se eu for, ela não vai comigo.

— Ivan, pensa bem. Como vão ficar as coisas entre vocês?

— Não sei, Jorge. Tenho esperança que ela mude de ideias.

— Ela, se calhar, pensa o mesmo de ti.

— Talvez. — concordei, desviando o olhar para ele. — Mas, tal como o disseste, isto pode ser a minha única oportunidade de voltar a jogar.

— E estás disposto a perdê-la pelo futebol?

— A Camila sabe o que faz. Se é isso que ela quer...

Jorge olhou-me incrédulo.

— Nunca pensei que abrisses mão dela com essa facilidade.

— Afastar-me dela é como arrancar o coração.

Ele abanou a cabeça e confessou:

— Desculpa que te diga, mas não parece.

— Deixa-me contar-te uma história. — disse, olhando novamente para o exterior e sentindo o comboio começar a movimentar-se. — Quando eu era pequeno e entrei para as escolas do Atlético, o meu pai ficou felicíssimo. O grande sonho dele foi ser jogador de futebol, mas o meu avô não permitira. Contou-me isso quando comecei a jogar e sempre me incentivou. Jogar futebol para mim é um prazer. Mas sempre que me sinto cansado ou desmoralizado, penso no brilho dos olhos do meu pai a falar do seu sonho. Ele vê-se em mim, percebes? Desde miúdo que jurei a mim mesmo que havia de chegar lá ao



topo. Havia de vencer, não por mim, mas por ele. Quando me disseram que podia nunca mais jogar, senti não só a minha tristeza como a dele. Se esta é a minha última oportunidade de conseguir algo, então que assim seja.

— E a Camila?

— A Camila tem de decidir o que é mais importante para ela. Eu já decidi. Se ela não vier... Que queres que te diga? Acho que os últimos tempos têm servido para ver quem nos apoia e quem nos fecha a porta à menor adversidade.

— A Camila ama-te!

Não me pronunciei.

— E sabes quão mínimas são as hipóteses de sucesso no clube de província?!

— Sei...

Permanecemos calados algum tempo.

Jorge, cansado com a correria dos últimos dias, acabou por adormecer sentado no banco. Enquanto eu... Eu fiquei a olhar para a paisagem e a pensar em Camila.

Tivemos de mudar de comboio em Coimbra, apanhando um que parecia ter algumas décadas, até à vila de Carregal do Sal. Uma viagem morosa, pois ele parava em todas as estações.

Ao sair do comboio, senti logo o bafo quente do ar, muito mais seco que em Lisboa. Desci os três degraus da composição, atrás de Jorge. Ele sofria mais com o calor que eu. Já tinha tirado a gravata e trazia o casaco pendurado no braço. Talvez eu não sentisse tanto os 38 graus porque vinha num traje mais informal.

Atravessámos o interior da estação e viemos sair a um largo alcatroado com uma rua, que subia, mesmo à frente da estação. Nesse largo, um indivíduo balofo permanecia encostado a um Mercedes.

Jorge caminhou até ele. Eu fui atrás.

O homem tinha um barrigão enorme. Vestia uma camisa branca às riscas com uns botões que se esforçavam por segurar a gordura. As mangas arreçadas. Tinha umas calças de ganga a cair pelo rabo. E usava umas botas à cowboy. Mais perto, reparei que tinha cabelo meio grisalho, todo puxado para trás com algum gel de qualidade duvidosa.

Jorge aproximou-se dele e cumprimentou-o. Virou-se para mim e apresentou:

— Ivan! Este é o senhor Alfredo Carrapiço, presidente do Grupo Desportivo de Paúle.

Se isto é o presidente, não quero conhecer o porteiro, pensei.

Estendi-lhe a mão e ele apertou-a com pujança.

Alfredo Carrapiço era construtor civil. Um tipo com pouco jeito para as palavras e de cultura inexistente que ganhara a vida a acartar tijolos e cimento. Conseguira fundar a sua própria construtora e ganhava rios de dinheiro com obras adjudicadas. Porém, não deixava de ter um ar abrutilhado e de novo-rico.

Entrámos todos no carro e seguimos até um restaurante ali perto.

Chegados ao interior, o homem solicitou uma mesa ao empregado. Denotava ser bem conhecido no local. As pessoas olhavam para mim e comentavam entre si. Acho que toda a gente já deveria saber quem eu era e o que fazia ali.

Sentámo-nos. O homem de um lado, eu e o Jorge do outro.

Olhando para a ementa, aconselhou-nos um leitão no forno e um vinho tinto da região, para acompanhar. Jorge aceitou o conselho. Eu não. Pedi um linguado assado no forno com batatas e uma cerveja sem álcool.

— Peixe! — exclamou o homem. — Peixe não puxa carroça, amigo.

Lancei-lhe um sorriso amarelo.

Jorge rapidamente lançou o tema que nos levara ali. Eu ouvia-os a debater alguns pontos, mas apreciava tudo à minha volta e pensava onde me estava a meter.

Carrapiço puxou dos papéis que trazia numa maleta de pele, claramente gasta pelo uso, e atirou-os para a mesa.

— Tomei a liberdade de mandar redigir este contrato, segundo o acordo que já tínhamos falado, senhor Jorge.

Jorge pegou numa cópia e entregou-me outra a mim.

Durante alguns minutos, li as cláusulas do contrato. O vencimento era razoável para o tipo de clube, tinha a duração de um ano e... na última cláusula, cedia-me o direito de opção de renovar o contrato. Não contive o riso.

Não era um riso humorístico. Era mais um riso desolado pelo ridículo da situação. Quem quieria exercer direito de opção de ficar num clube daqueles, presidido por um gordo das obras. Se, daí a um ano, a minha melhor opção fosse aquilo, abandonaria o futebol.

Jorge aguardou um pouco e depois disse:

— Eu já tinha discutido estes pontos, Ivan. Penso que podemos assinar.

Assenti com a cabeça e todos assinámos os papeis.

Findo o almoço, o presidente levou-nos de volta à estação. Antes de se despedir de nós, informou-me que a pré-época da equipa começaria dentro

de uma semana, altura em que me deveria apresentar.

— Fique descansado, presidente!

— Alfredo, rapaz! Trata-me por Alfredo.

Circulávamos vagarosamente pela linha da Beira Interior. Calculo que o meu semblante não fosse o melhor. Sabia que o que me aguardava naquele clube não era nada de extraordinário e estava a anos-luz do meu sonho chamado Benfica. Contudo, a primeira impressão tinha sido má demais. E sentia uma enorme vontade de desistir.

Jorge interrompeu os meus pensamentos:

— Como te sentes?

— Como achas que me sinto? — respondi. — Acabei de assinar contrato com um clube da parvónia que tem um presidente que parece um trolha.

— Não eras obrigado a isso.

— Eu sei, Jorge. Eu sei.

Chegámos a Lisboa ao fim da tarde. Abandonámos o comboio que nos trouxera desde Coimbra e seguimos para as escadas.

Jorge despediu-se de mim e afastou-se na direcção contrária. Antes de ir, lançou um desejo:

— Boa sorte com a Camila!

Estava a escurecer. O Sol já tomava aquela tonalidade alaranjada de despedida ao dia.

Entrei em casa e senti o silêncio. Não se ouvia nada, nem ninguém. Cheguei a pensar que Camila saíra. Porém, ela apareceu na porta da sala. Ficámos frente a frente.

— Então? — perguntou.

— Correu como tinha de correr. — disse desiludido.

— Isso quer dizer...

— Que é o meu próximo destino. — atalhei.

Camila soluçou e levou a mão ao nariz, tentando evitar chorar.

— Vem comigo. — pedi. — Contigo não será tão difícil.

Vi as lágrimas começarem a escorrer-lhe pela face. Dei um passo para a consolar, mas ela recusou-me com um sinal da outra mão.

— Não acredito. — balbuciou. — Quis acreditar que tu não me farias isto.

— É a minha única hipótese de voltar a jogar, amor.

O meu tom era sereno. O dela era magoado.

— Sabes o que mais me dói? É ver-te desistir de mim com essa facilidade.

— Não estou a desistir de ti! — contrariei eu.

— Não? De certeza, Ivan Pedro?

— Eu amo-te Camila!

— Não! — Senti a raiva na sua voz. O olhar inundado. — Eu é que te amo a ti. Tu amas o futebol.

— Camila...

— Não digas mais nada, por favor. — Chorava desalmadamente. Tentei, novamente aproximar-me. — Não! Não me toques. Afasta-te de mim!

— Camila...

Tentou enxugar as lágrimas com as costas das mãos. Acalmou-se um pouco, perante mim.

— Vou para Nova Iorque! — comunicou num suspiro. Eu não respondi, nem tentei demovê-la da ideia. — Acho que será bom. A nossa relação está num impasse. — Interrompeu-se a si própria, não aguentando o desespero e as lágrimas de quem sentia o coração dilacerado. — Vamos dar um tempo!

Sentia-me a desaparecer por dentro. Amava-a profundamente, mas era demasiado orgulhoso para o admitir e para lhe implorar que ficasse.

— Quando partes? — perguntei.

Camila fez-me esperar um pouco para se recompôr.

— Combinei com eles que estaria lá no final da semana. — informou. — Mas vou sair daqui imediatamente.

— Não partas já. — pedi.

— Vou, Pedro. — insistiu. — Tornaste demasiado doloroso estar aqui. — Fez uma pausa para evitar as lágrimas. — Já calculava que fosses manter a tua ideia. Por isso, pedi ao meu pai para ficar em casa dele até partir para Nova Iorque. Tenho as malas no carro. — Pegou no casaco. — Adeus, Ivan Pedro!

Deixou-me sozinho sem olhar para trás. Vi-a partir de carro, pela janela da sala. Teria sido menos doloroso espetar um punhal no coração, a vê-la afastar-se de mim. Não podíamos ter tudo o que queríamos. Eu tinha tomado a minha opção. E ela a dela.

Nada me prendia a Lisboa para além da minha família. Concluí que não valia a pena atrasar a minha partida para Paúle. Decidi partir na Segunda seguinte.

A véspera fora um dia de despedidas. Os meus pais organizaram um jantar lá em casa para se despedirem de mim. O clima, por muito que os meus pais disfarçassem, era de tristeza. Pedi à minha irmã que cuidasse da minha casa em

Alcochete. Prometi a todos que voltava para os visitar assim que pudesse.

Naquele Domingo, passara o tempo todo a aprontar as malas para a viagem. Dei um aspecto o mais arrumado possível à casa e tapei algumas mobílias com lençóis para que o pó as não estragasse.

Acordar na manhã de Segunda-Feira fora tão estranho como na manhã anterior. Já não estava habituado a acordar sem ter Camila ao lado. Dormira pessimamente. Nos últimos cerca de doze meses, sempre a tivera ali. Só interrompia as noites com ela quando ia para estágio com o Alverca. Porém, como nestes últimos meses estivera lesionado, a companhia dela tivera sido ainda maior. Sentia-me dolorosamente sozinho.

Carreguei o carro pela manhã, bem cedo. O céu estava cinzento e ameaçava chuva à minha viagem. Guardei na bagageira do carro, as malas com roupa e objectos pessoais. Ao meu lado, no banco outrora de Camila, coloquei o meu pequeno computador portátil.

Comprara aquele computador, quando Camila me metera o “bichinho” da Internet. Segundo os entendidos, era uma pequena maravilha da informática, equipado com um Pentium IV a não-sei-quantos mhz, modem, ecrã de quinze polegadas e mais não sei o quê. A Camila instalara-lhe o novo pacote de ligação à Internet da Vodafone que me permitia estar online sem cabos.

Entrei dentro do Mégane, sentei-me ao volante e parti.

Parei na estação de serviço da Galp, antes da ponte Vasco da Gama, para atestar o depósito de gasolina. Peguei na mangueira, coloquei-a no orifício do carro e pressionei o botão. Comecei a ouvir o bombear barulhento da máquina. A brisa fria batia-me no rosto e fazia-me lançar impropérios ao Verão cada vez mais incaracterístico.

A minha mente vagueava em pensamentos. Onde estaria Camila? Que estaria a fazer? Tentava convencer-me que ambos tínhamos escolhido e que era melhor assim.

O detector automático da mangueira deu sinal. E o ruído barulhento parou. Depósito cheio.

Caminhei até ao interior da loja e coloquei-me na fila para pagar. Comprei os jornais desportivos, esquecendo-me que não os ia ler, e uns bolos sortidos para a viagem. Tudo pago, regressei ao carro.

Arranquei de junto da bomba e parei novamente no parque. Sintonizei um posto na rádio e ouvi um locutor dizer que se esperava mau tempo para o norte e centro do país. Estava com uma sorte do caraças. Acelerei e reentrei na auto-estrada para atravessar a ponte.

“Ventos Fortes! Circule a menos de 90!” piscava um letreiro à entrada.

O vento era perceptível no interior do carro. Reparei como o rio estava revolto com as rajadas. Circulei devagar.

Uma hora mais tarde, estava a circular perto de Leiria. A viagem estava monótona e a paisagem não ajudava a que saíssemos do marasmo de desolação que cerca a via. As pálpebras pesavam-me devido ao céu cinzento, mas não era sono, era desmoralização.

Longas rectas, curvas ligeiras, novas rectas...

Saí da A1 no desvio para Coimbra. Tinham passado duas horas e alguns minutos. Passei a portagem, paguei quase dez euros e parei num pequeno parque de estacionamento, logo a seguir. Tinha necessidade de esticar as pernas.

O Sol começava a despontar. O ar que respirava parecia mais leve e sentia o odor dos pinheiros que me rodeavam.

Retornei ao carro.

Antes de entrar, reparei num jovem que pedia boleia, alguns metros após a portagem. Nada de anormal. O que chamou a minha atenção foi o cartão com a palavra “Paúle” escrita.

Entrei, liguei a ignição e avancei até ele. Parei, abri o vidro oposto ao meu e perguntei:

— Jovem! Para onde vais?

Ele puxou os óculos escuros para cima da cabeça, olhou para o interior do carro e respondeu:

— Para a aldeia de Paúle. Mas se fôr naquela direcção... — apontou para onde eu ia. — ...os pouco quilómetros que me possa transportar já são bons.

Sorri-lhe simpaticamente e disse:

— Parece que hoje é o teu dia de sorte. Entra! Também vou para esse Paúle.

O jovem franzino, vestindo roupas veraneantes e de mochila às costas, entrou para o carro. E ambos seguimos por uma das estradas mais perigosas do país.

— Como te chamas? — indaguei.

— Augusto.

— Eu chamo-me Ivan Pedro. — Estendi-lhe a mão sem desviar a atenção da estrada.

Augusto apertou-me a mão rapidamente para que não atrapalhasse a condução.

A conversa era acompanhada pelo ruído de estática da rádio. Havia alguns quilómetros que o rádio perdera a sintonia de qualquer posto. Com a minha autorização, o jovem sintonizou qualquer coisa para se ouvir. Era um posto

regional, tocando uma pimbalheira qualquer que ele ouvia deliciado.

— Que idade tens? — perguntei para fazer conversa.

— Vinte. — respondeu.

Após alguns segundos a ouvir o refrão que ele trauteava, continuei:

— Que fazes na vida?

— Ajudo a minha mãe no café que temos em Paúle, juntamente com a minha irmã. E nos tempos livres, jogo futebol.

— Sim? Onde?

— No clube da terra. E tu? Que fazes na vida?

— Jogo futebol! — respondi, sentindo o peito encher-se de orgulho.

— A sério? Nunca ouvi falar de ti. — respondeu. Não era lá muito politicamente correcto. Porém, era honesto. — Onde jogas?

— Fui contratado para jogar no Grupo Desportivo de Paúle. — informei como se dissesse que tinha sido condenado à forca.

— Não acredito! — exclamou surpreso. — Então és tu de quem se fala? A estrela que vai jogar no nosso clube, esta época?

— Parece que sim.

— Então vamos ser colegas. Eu sou guarda-redes na equipa.

Olhei rapidamente para ele. Pensei: se este puto magricela é o guarda-redes, não quero ver os outros jogadores. Meu Deus, onde me vim meter?!

Durante a viagem, ele continuou a falar, a contar várias coisas da aldeia e do clube. Eu estava tão concentrado na estrada que não ouvi metade.

— Há algum hotel em Paúle? — interrompi eu.

— Hotel? Não. Só em Tábua.

Paúle, Tábua, que viria a seguir? Prego, Vila de Broca?

— Onde é que é Tábua?

— É antes de chegar ao Paúle, uns quinze quilómetros antes.

— Jovem! — chamei. — Eu não conheço isto. Podes ser mais específico? Ele riu-se.

— Não te preocupes. Vamos passar por lá. Eu indico-te.

Comecei a ficar enjoado daquela música. Perguntei-lhe se não se importava que eu mudasse de posto. Disse que, por ele, tudo bem. Sem desviar os olhos da estrada, sintonizei outra rádio local, mas com um gosto musical mais perto do meu.

— ... que tenham uma boa viagem, a todos os que andam por aí fora. — dizia o locutor. — E agora, fiquem com esse sucesso, “Private Emotion” de Ricky Martin em dueto com Meja.

Não podia ser melhor. Iam tocar na rádio a música que Camila e eu tantas vezes partilhámos. Senti a tristeza aumentar e a saudade a dilacerar-me o coração. Enquanto a música tocava, passavam pela minha mente imagens dos momentos felizes que vivera com Camila.

— Este gajo é um panasca! — interrompeu Augusto, privando-me das minhas emoções. — Este Ricky Martin, dizem que é bicha.

— Sabes lá. Já lhe serviste de colchão, por acaso?

Augusto soltou uma gargalhada.

— Olha, vira aí à direita! — disse ele conduzindo-me para o desvio rumo ao Carregal do Sal.

Cerca de dez minutos por ali e novo desvio, antes de chegar à vila. Sempre por estradas com bom piso, fizemos mais uns quilómetros até passarmos pela placa que sinalizava a entrada de Tábua. Augusto foi dando-me indicações pela vila até chegarmos ao hotel. Subi uma rua de dois sentidos bastante íngreme, tendo chegado ao cimo e visto o liceu local. Virei à esquerda e parei em frente ao hotel.

Augusto saiu do carro, dizendo:

— Anda! Vou ver se está cá o Joselino.

Saí do carro e segui atrás dele. Entrámos no hotel e dirigimo-nos até à recepção.

— Joselino! — gritou ele para o individuo atrás do balcão, levantando os braços.

O outro, um homem alto de bochechas e nariz avermelhado, reconheceu-o imediatamente. Vestia um uniforme azul escuro com o logotipo do hotel e devia andar na casa dos trinta.

— Olh'ó Augusto. Como vais?

Juntaram-se num abraço forte.

— Como foram as férias na Figueira? — perguntou.

Augusto encolheu os ombros e respondeu:

— Foram curtas. Passei uns dias na praia.

Não se notava nada. O tipo devia ter ido para lá à noite, pois estava branco. Deve ser o bronze destas bandas, pensei.

Augusto olhou para mim e apresentou:

— Joselino, este é o Ivan Pedro.

— O Ivan Pedro? — questionou com olhar de espanto. — És tu? Lá na aldeia não se fala noutra coisa, senão na tua chegada.

— A sério? — interrogou Augusto. — Bolas, não se pode ficar uns dias fora



que ficamos logo desactualizados.

Que maravilha, pensei com ironia. Deve ser uma recepção linda, cheia de pacóvios com vinhaça e chouriço a receber-me como se fosse o Figo.

— Olha, Jo! O Ivan precisa de ficar no hotel até arranjar outro sítio.

— Isto está bera. — lamentou o outro. — Mas vou ver se ainda há alguma coisa disponível. — Consultou os cadernos de registo e lá me descobriu um single para eu repousar.

— Sabes? Aqui o Joselino é defesa central da nossa equipa.

— E não costumo ficar à sombra! — afirmou o outro com riso de gozo.

Augusto olhou-o aborrecido e disse:

— Ele diz isto, porque eu sou guarda-redes suplente e fico quase sempre no banco.

— Teve a infelicidade de termos um grande guarda-redes. — disse o Joselino.

— O outro deve ser o Baía. — gracejei.

Ambos ficaram a olhar para mim sem perceber.

Assinei o registo no hotel. Um funcionário levou a minha bagagem para o quarto, no segundo piso, que me fora destinado.

Augusto convidou-me a ir à aldeia e assim oferecia-lhe transporte até lá. Sentia-me cansado da viagem, mas não lhe fiz essa desfeita e levei-o.

Cá fora, o ar era muito abafado e seco. O Sol despontara entre as nuvens. E a tarde tornara-se muito quente. Saímos do hotel e regressámos ao carro.

— Augusto!!! — chamou uma voz, atrás de mim.

Olhei para o jovem e vi-o acenar. Virei-me para trás e reparei num preto muito alto, talvez uns dois metros, sentado numa motoreta velha que quase desaparecia debaixo dele. Tinha um porte forte, parecendo um lutador. O capacete que trazia na cabeça era cómico, pois notava-se que era demasiado pequeno para si.

Augusto caminhou até ele e fez-me sinal para que fosse também. O outro desmontou da mota e aguardou, do outro lado da rua.

— Este é o Reis! — apresentou. — E este é o Ivan Pedro. — apresentou-me.

— Ivan Pedro do Alverca? O que se transferiu para o Paúle?

Assenti com a cabeça.

— Venham daí esses ossos. — disse ele, apertando-me num abraço que quase me asfixiou.

Augusto deu-lhe umas palmadas nos musculos do braço e contou:

— O Reis também é defesa central. Faz dupla com o Joselino.

Reis e Joselino que dupla...

— O Reis é de Cabo Verde. — continuou Augusto.

— Pensei que fosse sueco... — deixei eu escapar.

— O quê? — perguntou Reis.

— O tempo está seco. — disfarcei eu. — Faz muito calor aqui.

— Não tanto como na minha terra.

— Veio jogar para o Tabuense. E agora está no glorioso. — exclamou com orgulho, o jovem guarda-redes.

— Então, não és jogador do Paúle? — interroguei eu.

— Ó Ivan! — interrompeu Augusto. — O Paúle é o nosso glorioso.

— Ahh...

Voltámos ao carro e partimos rumo à aldeia. Augusto foi dando indicações, pois eu não conhecia nada do caminho. Seguimos por uma estrada relativamente nova durante alguns quilómetros, poucos, até entrarmos noutra que parecia ter cem anos. Tentando evitar os muitos buracos, conduzi até vermos uma placa em forma de seta, a apontar para a direita com a palavra Paúle escrita.

Virei. Entrei numa outra estrada em linha recta, com vivendas de ambos os lados e parei em frente a um café.

As poucas pessoas ali perto, olhavam com curiosidade para mim. Já se sabe que na província, todos se conhecem. Por isso, quando aparece um carro novo com um estranho lá dentro, todos tentam indagar quem é.

— É aqui que eu vivo! — informou apontando para uma vivenda de três pisos com um café no rés-do-chão. — Apita aí!

Apitei ligeiramente e vi um rapariga gorda vir à porta.

— Augusto! — chamou com felicidade.

— Mana! — Correu para ela e abraçou-a com saudade.

Saí do carro e olhei em volta. A paisagem dividia-se entre pinhal e vivendas. Senti o cheiro agradável e a paz do campo.

Augusto trouxe até mim a irmã, apresentando-ma:

— É a Maria de Fátima, a minha irmã.

Acenei com a cabeça, cumprimentando-a. A jovem era bolachuda e gordita. Vestia uma camisola larga e uma saia comprida. Calçava uns chinelos que lhe deixavam ver as unhas compridas e mal tratadas. O seu cabelo preto era preso num pequeno carrapito atrás da cabeça. Sorriu-me com enorme simpatia e eu retribui o sorriso.

Ambos me levaram a atravessar o pátio de cimento e a entrar no interior

do café.

O estabelecimento tinha um balcão comprido do lado direito, onde um fila de vários bancos altos se perfilavam ao seu redor. Alguns populares estavam lá sentados, agarrados a uma ou duas cervejas. Pelo salão, várias mesas, quase todas vazias. E ao fundo, uma mesa de snooker onde o senhor Alfredo Carrapiço jogava com um rapaz mais novo que eu.

Uma senhora forte apareceu vinda do balcão. Tinha feições semelhantes às de Maria de Fátima. Percebi que era a mãe dela e de Augusto. A senhora tinha a maneira de vestir e a simpatia da filha. Augusto apresentou-me como dona Palmira.

O senhor Alfredo Carrapiço, apercebendo-se da minha chegada, largou o jogo e veio ao meu encontro.

— Ivan, meu rapaz. Podias ter dito que chegavas hoje.

O jovem que jogava com ele largou o taco e também se aproximou.

O presidente do clube puxou-o pelo braço, com aquele jeito abrutalhado da construção civil, e disse:

— Este é o Miguel, o meu filho!

— É defesa lateral direito. — completou Augusto.

O senhor Carrapiço sugeriu que nos sentássemos todos à mesa e tomássemos qualquer coisa. Foi o que fizemos.

Enquanto conversávamos, a maior parte das vezes só ouvia, alguns habitantes que por ali passavam vinham-me cumprimentar e desejar felicidades. Não tinha dúvidas que para aquelas pessoas eu era uma estrela.

A certa altura, vi entrar no café uma mulher. Caminhava com elegância e parecia não reparar nas pessoas, como se estas fossem insignificantes. Era alta e tinha um cabelo louro comprido a cair pelas costas. Vestia uma camisola muito justa que revelava a configuração curvilínea dos seios. A barriga estava destapada e era lisa como uma tábua e com um umbigo singelo. Trazia calças de ganga branca, também muito justas, e tinha um rabo redondinho que só apetecia apertar com as mãos. Ouvia-se o som estridente dos saltos dos seus sapatos ao bater nos mosaicos do chão. A sua pele era bronzeada e a sua voz ligeiramente rouca.

Ouvi-a pedir uma caixa de pastilhas com arrogância. Vi-a largar vinte euros com desprezo sobre o balcão e receber o troco. Saiu sem perder tempo.

— Quem era? — perguntei.

— É a Raquel. — disse Augusto.

— É filha da nossa generosa sócia honorária. — acrescentou o senhor Carrapiço.

Raquel era filha da senhora engenheira Amândia, uma mulher rica já de idade avançada, dona de duas fábricas de textéis da região. O povo rendia-lhe uma enorme vassalagem pelo seu poder e influência. O seu pai, avô de Raquel, fora o generoso doador do terreno onde o clube edificara o seu campo de futebol.

Olhei para Miguel e estranhei o seu olhar. Parecia completamente a leste da conversa, desde que Raquel aparecera no café.

A tarde ia longa. Pedi que me desculpassem, mas tinha de regressar ao hotel. O dia tinha sido cansativo e a viagem estafante. Estava desejoso de um banho e de uma boa noite de sono.

Todos se despediram de mim com afecto, fazendo-me sentir em casa.

A temperatura baixara ligeiramente. O ar de fim de tarde era mais agradável de respirar. Enquanto conduzia de volta ao hotel, apreciava a paisagem. Terreno com pinheiros e mais pinheiros que o alcatrão atravessara impiedoso.

Não havia trânsito nenhum. Apenas eu circulava por ali, cruzando-me com um ou dois carros. Perto de uma curva, vislumbrei uma jovem encostada a uma lambreta, sozinha. Fez-me sinal para que parasse.

Reconheci-a, mal me aproximara. Era Raquel. Parei perto dela e abri o vidro do lado oposto.

— Posso ajudar? — perguntei.

Ia começar a falar com arrogância. Porém, algo em mim a fez tomar um tom diferente.

— Estou sem gasolina.

Tinha uns olhos azuis lindíssimos.

— Entre! Eu levo-a até uma estação de serviço.

Sem dizer nada, nem obrigado, sentou-se ao meu lado.

Conduzi sem dizer uma palavra, nem ela. Também não estava com grande vontade de fazer conversa. Momentos depois, ela disse:

— Vi-te no café. Não és de cá. Mudaste-te para a cá? Não me digas que és mais um dos que acha que a parvónia é o paraíso.

Percebi que gostava tanto daquilo quanto eu.

— Vim jogar para o Paúle.

Raquel franziu o rosto.

— Não tens aspecto destes jogadores da treta que jogam futebol por estas bandas. E tens sotaque de Lisboa. Donde vens?

— De Lisboa!

— Deixa-me adivinhar! Ou enlouqueceste ou andas fugido à polícia.

— Nem uma coisa nem outra.

Raquel desviou o olhar para a estrada e completou:

— Então desculpa lá, mas não entendo como se pode deixar Lisboa para vir para esta merda.

Sorri deliciado com a raiva dela à terra.

— Que fazes? — perguntei.

— Felizmente, estudo bem longe daqui. — disse. — Mas a minha mãe quer sempre que venha passar férias cá.

— Que estudas?

— Medicina em Coimbra.

— Deixa-me adivinhar! E queres ser médica numa grande cidade?!

— Bruxo...

À entrada de Tábua existia uma pequena estação de serviço. Parei e pedi ao funcionário que me vendesse cinco litro de gasolina e os colocasse num sítio que pudesse transportar. Raquel permaneceu no carro.

O homem, algo entediado, lá me trouxe uma lata de óleo velha fechada com a gasolina lá dentro.

Fizemos o percurso inverso.

Coloquei a gasolina no depósito da lambreta e avisei Raquel que já a podia usar.

— Olha, não trouxe dinheiro para te poder pagar. — disse ela. — Diz-me onde estás a viver e eu depois passo por lá para fazermos contas.

— Não é necessário.

— Não queres que saiba onde te escondes? — questionou. — Então sempre andas fugido.

— Não, não ando. — neguei eu. — Estou no hotel em Tábua. Mas não preciso que me pagues nada.

— Ok! Tu é que sabes.

E com aquelas palavras, montou a lambreta e arrancou na direcção oposta à minha.

Fiquei a vê-la até ela desaparecer na curva seguinte. Voltei ao meu lugar no Mégane e senti todo o cansaço. Liguei a ignição e apressei-me a chegar ao hotel



**A**cordei no quarto de hotel pela manhã, bem cedo. Já ia para o terceiro dia que ali estava, mas ainda não me habituara. Desde que chegara àquela região, passava os dias entre o quarto, andar pela rua ali perto e tomar um café numa pastelaria próxima.

Levantei-me e caminhei até à janela para observar a paisagem. Tudo tão calmo e sereno. No primeiro dia em que ali dormi, tive dificuldade em adormecer porque o silêncio incomodava-me. Nós, que nascemos e nos criámos nos grandes centros urbanos, temos alguma dificuldade de nos ambientarmos a esta paz da província.

Olhei para o calendário que colocara em cima da cómoda do quarto. Havia uma bola a marcar aquele dia. E eu sabia porquê, pois fora eu quem a desenhara. Fizera-o para não me esquecer que aquele era o dia em que Camila partia para os Estados Unidos.

Voltei a olhar lá para fora, para o céu, como se tentasse naquela direcção ver Lisboa. Ignorava o facto de estar demasiado longe e possivelmente nem estar na direcção correcta.

Dirigi a minha atenção para o relógio. Era cedo, mas não demasiado. Dei alguns passos até à cabeceira da cama e peguei no telemóvel. Marquei o número de Camila e esperei. Tocou algumas vezes até surgir o *voicemail*. Desliguei.

Atirei o telefone para cima da cama. Telefone mais tarde, decidi. No entanto, não sabia muito bem o que lhe havia de dizer. Optei por voltar a ligar para ela.

Novamente tocou até surgir o *voicemail*. Esperei pela mensagem.

— Olá! Falou para a Camila. De momento, não posso atender. Se quiser, depois de ouvir o pi, deixe a sua mensagem.

— Olá Camila! — comecei. — Não me esqueci da tua partida hoje. Queria desejar-te uma boa viagem e... — Fiquei em silêncio. — Não sei o que dizer. Amo-te! Amo-te muito! Mesmo sabendo que tu não acreditas. Sê feliz! — E desliguei, amargurado.

Caminhei de novo até à cómoda. Liguei o portátil e abri o *browser* para navegar até ao *site* da ANA. Através dele, podia ver os horários das partidas e chegadas ao Aeroporto da Portela. Cliquei aqui e ali. Lá descobri a hora do vôo Lisboa – Nova Iorque.

O telefone do quarto tocou.

— Sim?

— Bom dia, senhor Ivan! — disse uma voz feminina. — Fala da recepção! É para avisar que está aqui uma jovem para falar consigo.

— Quem? — perguntei com pouca paciência para visitas.

— É a menina Raquel que o aguarda no bar do hotel. — disse a voz com reverência na informação do nome.

— Diga-lhe que já desço.

Desliguei.

Calmamente, fui tomar um duche. Que queria ela? Possivelmente, vinha pagar a gasolina do outro dia. Não era preciso.

Saí do duche, sequei-me e vesti uma roupa fresca desportiva. Peguei no telemóvel, na esperança que Camila telefonasse, e desci.

Ao chegar ao bar, encontrei Raquel sentada num dos luxuosos sofás. Deslubrente é pouco para a definir. Envergava um vestido azul sem mangas e com uma gola até ao pescoço, o qual terminava numa saia comprida. Todo ele muito justo. Calçava sandálias, uma das quais abanava irrequietamente, impaciente pela minha chegada.

Ao ver-me, puxou os óculos escuros para o topo da cabeça e revelou o olhar azul.

Aproximei-me e cumprimentei-a com “bom dia”.

— Costumas fazer as pessoas esperar tanto tempo? — respondeu irritada.

— Não! Só as que aparecem sem avisar. — contrapus.

Acho que ela não estava muito habituada a ser contrariada ou a que lhe respondessem no mesmo tom. Levantou-se para ficar à minha altura e disse:

— Não és muito simpático, sabias?

Sorri-lhe.

— Já me disseram coisas piores. Mas, pronto, desculpa!

Raquel retribuiu o sorriso.

— Vim fazer-te uma visita. Já sei que não queres que te pague a gasolina. Mas, posso convidar-te para almoçar?

Deitei uma olhadela ao relógio.

— Podes.

— Então está combinado. Tenho de ir tratar de uns assuntos. — avisou. — Venho ter contigo dentro de uma hora. — E saiu, sem esperar que eu dissesse se estava bem ou não.

Não consegui evitar olhar para ela e para os seus pontos mais atraentes.

Que bem que me sabia o almoço se ela fosse o prato principal.

Seria realmente capaz? Foi a minha ideia seguinte. Desde Camila que nunca mais pensara em sexo com outra mulher. Nos últimos anos, Camila era a única que me despertava sexualmente. Contudo, ia fazer uma semana que estávamos separados. E eu não sou de ferro! Acabei por me convencer que não seria capaz de traír Camila. Como se o eu e Camila ainda fosse uma realidade.

Saí do hotel e fui passear pela vila. Levava o telemóvel na mão, esperando que tocasse. Algo em mim esperava uma chamada de Camila, um agradecimento, um “amo-te”... qualquer coisa que me permitisse voltar a ouvir a voz dela. Atravessei a rua e entrei numa papelaria para comprar o jornal.

O ar era quente. Até à sombra se sentia a pele a bronzear. Regressei ao hotel, deliciado com o ar condicionado fresco do interior. Passei pela recepção e segui até ao salão, onde um funcionário me serviu um sumo de laranja.

Desfolhei o jornal, procurando alguma notícia de interesse.

O telemóvel tocou. Procurei-o com a ansiedade de um adolescente que aguarda um telefonema da namorada. Olhei para o visor e vi o nome do Jorge escrito. Acho que atendi de uma forma algo rispida.

— Bolas! Que mal te fiz?

Mudei o tom de voz:

— Desculpa! Esperava uma chamada de outra pessoa.

— Da Camila?

— Como adivinhaste? — indaguei eu.

— Estive com ela há cerca de um quarto de hora. — informou. — Já deve ter partido para a América. Pediu-me que te dissesse que te desejava muita sorte.

Senti-me ferido por não mo ter desejado ela própria e ter mandado mensageiro.

— Como estão a correr as coisas por aí?

— Bem...

Sei que soou a falso. E ele percebeu isso, mas não se pronunciou.

Raquel mostrou-se pontual. Cerca de uma hora após ter combinado comigo ali, lá estava.

Almoçámos no restaurante do hotel. Notava nela uma postura muito elegante, como se tivesse sido educada num meio de muita classe. Já ouvira comentários acerca da sua família, extremamente rica, donos de um palacete enorme a cerca de dois quilómetros de Paúle, rodeado por uma imensidão de terreno.



Sentada à minha frente, com a mesa entre nós, Raquel segurava a taça de vinho branco com o indicador e o polegar, suavemente. Pegava na faca e no garfo com subtileza e levava pequenos pedaços de comida à boca, mastigando-os quase sem mexer os maxilares. Perante ela, eu parecia um pelintra, tão desprovido de educação para ali estar. Logo eu que me considerava com alguma classe.

— Dizem que és uma vedeta do futebol. — disse, após engolir. Nunca falava com comida na boca.

— Vedeta? — Não evitei uma risada. — Longe disso. Muito longe, mesmo.

— Onde jogavas? Benfica, Sporting...? — questionou. — Desculpa, mas não percebo muito de futebol.

— Alverca. — informei, vendo-a aproveitar a minha fala para levar mais um pedaço de comida à boca.

Mastigou, engoliu, bebeu um golo de vinho e disse:

— Não conheço.

Tomei atenção para não falar com a boca cheia.

— Já me disste que ambicionas ser médica e bem longe daqui. Como estão a correr as coisas?

— Vou começar o último. Espero no próximo ano iniciar o estágio.

— Em Coimbra?

— Sim.

— É suficientemente longe? — perguntei com um sorriso.

Raquel respondeu ao meu sorriso e à minha pergunta:

— É!

— No outro dia, deixaste bem explícito o quanto “amas” a terra.

Raquel lançou-me um olhar diferente, como se procurasse o fundo dos meus olhos.

— Tu também não gostas muito disto? Ou estarei enganada?

Abanei a cabeça. Tomei um pequeno golo de *ive tea* e respondi.

— Não, não estás. Mas eu nasci em Lisboa e estou habituado a outro ambiente. Agora tu...

— Eu nasci aqui, mas fui viver para Madrid, aos cinco anos, quando os meus pais se divorciaram. Só voltei aos catorze, quando ele morreu, para viver com a minha mãe. A partir daí, só cá estava na férias. Ela quis sempre que eu estudasse nas melhores escolas e mandou-me para Coimbra. — Fez uma pausa. Como não disse nada, continuou. — E tu? Fala-me de ti.

— Que queres saber?

Um funcionário do restaurante aproximou-se, retirou os pratos e deixou a ementa para seleccionarmos a sobremesa.

— Tens família? Mulher? Filhos?

Olhei para a lista e disse:

— Os meus pais vivem em Lisboa. Tenho uma irmã mais velha e uma sobrinha que vivem com eles.

Raquel sugeriu um doce muito bom e eu concordei.

— Solteiro?

— Sim.

— E namorada? Tens?

Sorri, achando graça ao interesse. Porém, lembrando-me de Camila, senti a amargura de saber que ela estava cada vez mais longe. O sorriso desapareceu.

— Prefiro não falar nisso.

— Tudo bem. Eu também não tenho.

Primeiro: Não te disse se sim, se não. Segundo: Que me interessa isso? Pensei, mas não disse. E ainda bem, pois estaria a dirigir para ela uma raiva que sentia para comigo por ter deixado Camila.

Saboreámos uma deliciosa sobremesa de frutas.

Raquel olhou para o relógio.

— Tenho de ir. Fiquei de me encontrar com a minha mãe.

Levantou-se, despediu-se de mim com um beijo que mal me tocou a face e partiu, deixando-me a conta.

O mesmo funcionário abeirou-se de mim e perguntou se desejava mais alguma coisa.

— Traga-me um café e a conta, por favor.

Também não tinha intensões de aceitar que ela pagasse. Porém, ela podia ter feito aquela cena do “eu pago... eu insisto... tudo bem, pago para a próxima”.

Assinei o papel da conta e regresssei ao quarto.

Ao fim da tarde, tal como vinha fazendo desde que chegara, saí do hotel e fui correr. Adoptei um programa de treino, enquanto não começavam os trabalhos da equipa. Ainda sentia algumas dores na perna. Não sei se seria psicológico ou realmente físico. Fazia um pequeno trajecto de três, quatro quilómetros só para me manter em forma.

Ao passar em frente à esplanada da pastelaria perto do hotel, ouvi uma voz chamar o meu nome. Parei e olhei para lá.

Descendo os poucos degraus até ao passeio, Augusto aproximou-se de

mim, vindo acompanhado por outros dois homens.

— Fomos ali ao hotel, mas disseram-nos que tinhas saído. — contou Augusto. — A treinar?

— Manter a forma. — corrigi.

— Ivan, estes são o Abílio e o Justino.

Abílio era um individuo de estatura média. Tinha trinta e quatro anos e era capitão de equipa do G. D. Paúle. Usava um penteado com pôpa e vestia um fato-de-treino, como se isso fosse uma roupa usual para andar a passear.

Justino era irmão de Abílio. Era treze anos mais novo e jogava, tal como o mano, a médio centro. Achei graça ao cabelo comprido que lhe caía despenteado pela cabeça, tornando-se quase incomodativo. Vestia umas calças de ganga gastas e uma camisola do Sporting.

— Disseram que já jogaste no Sporting?! — interrogou Justino.

— Passei por lá. — respondi.

Abílio limitou-se a apertar-me a mão, ficando a olhar-me com ar desconfiado.

Augusto deu-me uma palmada nas costas e convidou:

— A malta, logo à noite vai beber um copo. Queres vir?

— Não, obrigado. Não bebo.

Os outros dois soltaram duas gargalhadas por eu dizer aquilo. Parecia que não beber álcool era uma anormalia.

— Anda lá. — insistiu Augusto. — Há lá umas gajas giras.

Se forem todas tão lindas como a tua irmã, pensei.

Não estava com muita vontade, mas Augusto insistiu tanto que acabei por combinar com eles no Paúle às dez da noite.

No hotel, tomei um duche fresco e vesti umas calças e camisola pretas. Pedi que me levassem o jantar ao quarto.

Enquanto esperava, fui até ao computador navegar pela Internet, ler as notícias do desporto.

Abri o *email* e encontrei-o vazio. Olhei para a lista de endereços e logo me deparei com o nome de Camila. Cliquei duas vezes sobre o seu nome e uma nova janela se abriu no computador. Escrevi que tinha saudades dela, mas apaguei. Voltei a escrever que tinha saudades e que esperava que ela tivesse chegado bem. Desejei que ela tivesse sorte e sucesso em Nova Iorque. Despedi-me com um “gosto muito de ti” e pedi para que ela não me esquecesse, pois eu jamais a esqueceria.

Conforme combinara, à noite, lá cheguei eu ao Paúle. Uma tentativa de socializar com as gentes locais, apesar de me sentir extremamente deslocado.

Ao chegar, vi que Augusto já me aguardava, dentro de outro carro, na companhia de Abílio, Justino e outro que na altura não reconheci. Atrás destes, estava Miguel Carrapiço, noutra carro, acompanhado por Joselino e outro.

— Vem atrás de nós. — gritou Augusto.

Acenei que sim e segui-os.

Conduzi na traseira de um Fiat Punto azul muito desgastado. Tomámos a estrada à saída de Paúle, na direcção oposta à que me trouxera. A estrada atravessava uma zona de pinhal que, durante a noite, era tão escura e medonha que a última coisa que nos apetecia era parar ali. Poucos quilómetros andados, vi alguns candeeiros de rua. Estávamos a passar por Travanca, mais uma pequena aldeia.

O pinhal escuro continuou. A luz dos faróis, passados mais meia dúzia de quilómetros, revelou-me uma tabuleta que dizia Oliveira do Hospital. Entrámos na cidade. Esta tinha um aspecto significativamente mais desenvolvido e civilizado que todas as terras em redor.

Limitando-me a seguir os outros dois carros, sei que passei por ruas, virei em curvas, entrei e saí de rotundas, até Oliveira do Hospital ficar para trás.

Novamente em mais pinhal escuro, vi outra placa a dizer Oliveira do Hospital e com um traço vermelho a atravessá-la de ponta a ponta.

Penso que deveríamos ter feito quinze a vinte quilómetros, na altura em que virámos num desvio e entrámos num pequeno parque com piso em terra batida. Parei ao lado dos dois veículos que me acompanharam e saí.

O grupo reuniu-se ali. Augusto apresentou-me os dois elementos que eu não conhecia. Xavier, um jovem de vinte e poucos anos, magrinho e com um rosto exageradamente marcado pelas olheiras. E Samuel, irmão de Xavier, mais velho e mais forte.

Entrámos numa casa contígua ao parque.

Aquele lugar era um bar, propriedade do presidente do G. D. Paúle, que os meus novos colegas de equipa gostavam de frequentar.

Entre e deparei com um interior iluminado por luzes psicadélicas, mesas e cadeiras espalhadas pelo salão e alguns sofás mais recolhidos. No meio do salão, vários casais dançavam ao som de Néelson Ned.

Mal entrei, tive vontade de sair. Contudo, não querendo ser desmancha-prazeres, lá fui com eles.

Sentados à volta de uma mesa, todos pediram *whiskys*, excepção feita à

minha pessoa. Solicitei uma limonada fresca. A empregada, vestida de top e mini-saia pretos com a barriga a abarrotar para o exterior, torceu a cara como se não me quisesse servir. Abílio levantou-se, apalpou-lhe o rabo e disse:

— Vá! Traz lá a limonada ao rapaz.

E afastou-se.

Acompanhei-o com o olhar e vi-o ir ter com outra mulher num dos sofás mais recatados.

A música mudou de Nélson Ned para outra balada qualquer. Reparei que mais dois dos nossos amigos se tinham esgueirado para os sofás, ao encontro de mulheres que os aguardavam. E pareciam já se conhecer muito bem.

A empregada trouxe-me o sumo. Dessa vez, pude reparar como era feia. Logo depois, duas mulheres gordas com vestes provocantes e aspecto de quem já perdeu o prazo há muito tempo, aproximaram-se da nossa mesa e perguntaram:

— Será que não nos oferecem um copo?

Aqueles pacóvios ficaram todos babados e começaram a abrir espaço para que elas se sentassem.

Percebi que aquilo era um bar de alterne. E aquelas duas, tal como muitas outras que vagueavam pelo salão, não eram mais que alternadeiras. Todas tão feias que só vendo para acreditar. No entanto, eles estavam deliciados como se estivessem na companhia da Fernanda Serrano ou da Sofia Aparício ou até da Marisa Cruz.

Acho que fiquei com bicho-carpinteiro. Se já me sentia deslocado, então aquilo era inadaptação demais. Recordar-me, nos meus velhos tempos de mulherengo — como Eduardo me chamava — em que ia à noite de Lisboa sozinho e saía sempre acompanhado de uma Marisa Cruz ou uma Fernanda Serrano.

— Pessoal! Vou andando. — disse, querendo ver-me livre daquele ambiente.

— Já! — reclamou Augusto.

— Deixem-se ficar. — continuei. — Amanhã, contam-me tudo. — como se isso me interessasse.

Lancei uns apertos de mão vagos e abandonei o bar com toda a pressa. O ar da província nunca me soube tão bem, assim que cheguei ao parque. Meti-me no carro e tomei o caminho de volta, por entre o pinhal sombrio.

Ao atravessar Oliveira do Hospital, passei por uma rua, onde um *neon* piscava aos soluços. Reduzi a velocidade do carro e ouvi a música vinda do interior. Era completamente diferente do local onde estivera e tinha um ritmo

que me fazia lembrar... Lisboa.

Parei e decidi ir inspeccionar o local.

Ao chegar junto da porta, reparei num segurança alto, entroncado com cara de poucos amigos. Reví na minha memória a cena em que conhecera Camila e senti as saudades de a ter comigo. Esperei ser recebido com a mesma forma arrogante e preconceituosa como os seguranças fazem a seriação dos clientes nos bares. Um homem sozinho não é o protótipo do cliente ideal.

— Boa noite! — cumprimentei o indivíduo.

Este retribuiu o cumprimento e abriu-me a porta do bar.

Ena, parece que afinal não é tudo mau por aqui.

Entrei. Lá dentro, tudo cheio. Não havia uma mesa vaga e o balcão em forma de U estava apinhado de jovens. Era tudo malta na casa dos vinte, trinta e alguns, quarenta. Abri espaço entre eles e pedi uma *cheers* ao tipo que atendia ao balcão.

Confesso que fiquei deliciado com o interior. Tudo muito ao espírito dos bares de Alcântara, com um pequeno palco ao fundo, onde alguns jovens tinham a oportunidade de mostrar o seu talento, cantando versões de músicas bem conhecidas.

Notei que uma jovem, do outro lado do bar, me olhava. Fingi não reparar, mas todas as vezes que dirigia para lá o olhar, ela me observava. Não estava na minha mente, nada do que possivelmente estaria na dela. Acabei por me virar de costas e olhar para o palco. Segundos depois, ela estava à minha frente.

Parecia jovem, quase demasiado jovem para ali estar. Vestia uma camisola de alças muito justa e uma saia curta, larga. Não pude evitar de reparar na cova entre os seios que o decote revelava.

— Posso pagar-te um copo? — perguntou, sorrindo-me languidamente.

— Podes, se me fizeres companhia. — respondi.

Num instante, estava a entrar no jogo, mas não me importei.

Pedi outra *cheers* e um *vodka* com limão para ela.

Ficou junto a mim, enquanto bebíamos e ouvíamos um jovem que cantava uma versão de *feel* do Robbie Williams. Porém, ela pouca atenção prestava à música. Comecei a sentir a sua mão na minha perna, subindo até... Travei-a com a minha e olhei para os seus olhos escuros. Tinha um rosto bonito e umas bochechas rosadas. O seu olhar dizia tudo o que queria de mim.

— Está calor aqui. — disse-me ao ouvido. — Anda apanhar ar.

Puxou-me pela mão e levou-me para a casa-de-banho. Entrámos num dos compartimentos e ela sentou-me na sanita. Parte de mim não queria, mas...

Já lá ia mais de uma semana sem...

Fechei os olhos e senti-a meter-me a mão dentro das calças. Puxar para fora o que queria e tocá-lo com a ponta da língua. Arrepiei-me até à espinha. Imaginei que era Camila que ali estava comigo, tentando que isso atenuasse a minha culpa.

Atrás da língua vieram os lábios que apertaram desde a ponta até à base. Que bem que me estava a saber, sentir a mão dela movimentar-se, ritmadamente, num dueto perfeito com os lábios.

Parou. Abri os olhos e vi-a rasgar a embalagem de um preservativo. Colocou-mo com a eficiência de uma profissional e sentou-se ao meu colo. Não tinha cuecas. E, mal me apercebi, já lá estava dentro.

Enrolei-lhe a camilsola até lhe descobrir o peito. Tinha seios pequenos, mas com tanta excitação nem ponderei a hipótese de ela ser muito nova.

Podia ser nova, mas sabia o que fazia. Novamente de olhos serrados, apalpava-lhe o peito, enquanto ela saltava sobre o meu membro. Tentava imaginar que era Camila, mas a reacção ao toque, a expressão de prazer e os gritos que dava rapidamente me lembravam que não era.

Quase ensurdeci com o berro que ela deu ao atingir o orgasmo. Tive o meu, logo de seguida, juntamente com um sentimento de culpa que me trespassava como uma espada.

A estranha levantou-se, puxou a camisola para baixo e disse:

— Foi bom.

Meio aturdido com toda a situação, perguntei:

— Que idade tens?

— Dezasseis.

Se já sentia uma espada, passei a sentir duas.

Indiferente a mim ou ao que acabáramos de fazer, a jovem misteriosa arranjou a roupa e deixou-me sozinho sentado numa pia, com as calças pelos joelhos.

## VI

**P**oderia ser considerado uma loucura, aquilo que G. D. Paúle me pagava por mês, cerca de um terço do que eu recebia no Alverca, mas o suficiente para uns três ordenados dos meus colegas. Eu fora a extravagância de um presidente eufórico por levar a sua equipa, pela primeira vez, aos Nacionais.

Talvez por isso, não fosse de estranhar a forma como alguns me olhavam. E claro que me cobriam, muito mais a mim que a qualquer outro, os fracassos.

Todos os elementos da equipa eram amadores e tinham as suas profissões, o seu ganha-pão, fora do futebol. Jogar era para eles uma diversão. Para mim, era a minha vida, a minha carreira que estava em jogo a cada desafio.

Tendo todos uma profissão e horários a respeitar, a apresentação da equipa para o início da época foi agendada para as oito da noite no campo Eng.º Calheiros, nome dado em memória do avô de Raquel, generoso doador dos terrenos para o efeito.

Conduzindo pela estrada principal de Paúle, parei em frente ao café da dona Palmira e esperei por Augusto. Nem precisei de apitar, pois ele já vinha a caminho, acompanhado por outro indivíduo ligeiramente mais velho.

— É o meu cunhado, Teodoro. — apresentou Augusto.

— Teo para os amigos. — corrigiu com simpatia o outro.

Convidei-os a entrarem no carro e seguimos.

Ao fundo da rua existia uma bifurcação. Virando à esquerda, a estrada continuava tendo à direita o muro do campo de futebol e do esquerdo várias vivendas. Seguindo em frente, tínhamos outro muro do campo de futebol à esquerda e, à direita, algumas casas e vegetação.

Seguimos em frente. O muro parecia não acabar, todo cinzento com uns três metros de altura. Ao fim de uns cento e cinquenta metros, uma porta e dois buracos onde se vendiam os bilhetes antes do jogo.

Continuei a contornar o muro, seguindo as indicações de ambos. Aquela rua terminava numa rotunda singela. Antes, um portão grande, por onde entrei com o carro.

O terreno era constituído pelo campo de futebol relvado — a relva não é muito comum nestes clubes pequenos que têm predominantemente campos de terra batida — um rectângulo acimentado com gradeamento em volta, local onde se jogava futsal e onde actuavam ranchos foclóricos. Havia um edifício de piso único com acesso ao relvado. Lá dentro, os balneários. Existiam umas



pequenas bancas de bebidas para os dias dos jogos e outro edifício mais longe do relvado, a sede do clube.

Enquanto caminhávamos para os balneários, Augusto dava-me conta de que o Paúle tinha umas instalações para os jogadores ao nível da II Divisão B. Não sabia se devia ficar satisfeito ou não.

Ao entrarmos no baneário, já todos os jogadores e outros elementos lá estavam. Augusto e Teo distribuíram cumprimentos, mas não houve tempo para apresentações. Logo de seguida, entrou a equipa técnica e o presidente.

Alfredo Carrapiço quis fazer um pequeno discurso, lembrando a gloriosa época anterior, em que haviam ganho a Divisão de Honra da Associação de Futebol de Coimbra. E desejando uma época feliz e a concretização do objectivo principal, a manutenção na III Divisão.

José Luís era o treinador da equipa. Homem com semblante rígido, ciente do que queria. Um filho da terra licenciado em Educação Física que, para além de treinador, era também professor daquela disciplina no liceu de Tábua. Tivera pouca sorte no mundo do futebol, nunca conseguindo um lugar de destaque ao comando de uma equipa de divisões superiores. Nunca quisera ser jogador. Queria ser o seu mentor, estar no banco a comandar. Alfredo Carrapiço contratara-o no ano anterior, quando tomou a presidência. José Luís não tinha adjunto, sendo Abílio, o capitão de equipa, a exercer essas funções.

Ao lado de José Luís estava um senhor baixo, já com alguma idade, com fato-de-treino do clube, boina e óculos com umas lentes grossas. Fez-me lembrar a imagem do Pedrote. Tratava-se do Dr. Gervásio, médico e massagista da equipa. Pessoa bastante conceituada e querida das gentes locais, tinha um consultório no Centro de Saude da freguesia, e ainda fazia consultas ao domicílio.

Norberto e Augusto eram os guarda-redes do plantel. Norberto era o principal. Um individuo gordo de estatura média. Comecei a pensar como é que ele, com aquele físico, conseguia defender um remate. O rosto era avermelhado, principalmente nas bochechas e nariz. Não tinha dúvidas que ele se metia na “pinga”. Durante o dia trabalhava como mecânico numa oficina, ali perto.

Como defesas, o G. D. Paúle tinha: Miguel Carrapiço (lateral-direito), o filho do presidente, que profissionalmente tratava de alguns negócios do pai. A seguir, Sassi (lateral-esquerdo), um brasileiro de vinte e um anos que fora contratado ao... não me lembro o nome, mas sei que era um clube dos

distritais de Viseu. Trabalhava como pedreiro para a empresa de Alfredo Carrapiço, numa obra no Carregal do Sal. Depois, Joselino (central) que via o seu tempo ocupado pelos turnos no hotel de Tábua. Reis (central), encarregado de parte do pessoal das obras de Alfredo Carrapiço. Toni (central), homem com porte que impunha respeito e muito alto. Usava um penteado muito certinho e barba. Toni trabalhava no Centro de Saude como porteiro. Havia ainda o Macário (central que, por vezes, jogava a lateral-esquerdo), talhante em Paúle. E um baixinho, chamado Zacarias, que todos tratavam por Rato e que jogava nas laterais. Conhecido pelo povo local por “rato da farmácia” por trabalhar na farmácia de Midões.

Abílio, o capitão de equipa, era médio defensivo. Trabalhava num stand de automóveis em São Paio a vender carros e ainda disponibilizava tempo para voluntariado nos bombeiros locais. Justino, seu irmão, fazia a mesma posição, mas não a mesma profissão. Trabalhava na Junta de Freguesia. Ao lado deles, Teo, médio ofensivo, jogador das alas, era pintor. E Samuel, um médio para jogar na zona atrás dos avançados, trabalhava na Casa de Paúle, a residência da família Calheiros — Engenheira Amândia Calheiros e sua filha Raquel Calheiros.

Perto de Samuel sentava-se Castanha, um macaense que viera viver para Portugal, quando Macau passara para as mãos dos chineses. Jogava numa posição intermédia, aquilo a que os entendidos chamam de “número dez”, o *play maker* da equipa. Profissionalmente, era consultor numa agência de viagens em Oliveira do Hospital.

Na linha avançada. Eu a extremo-esquerdo. Hélder, ponta-de-lança, um ano mais velho que eu e funcionário de uma casa de ferragens. E Emanuel, extremo-direito, um tanto anafado e que não parecia ser grande jogador, o qual trabalhava numa fábrica de têxteis e ainda estudava à noite.

Todos equipados, subimos ao relvado para o primeiro treino da época. O Sol já começava a desaparecer no horizonte, deixando o ambiente escuro a envolver-nos. As luzes do campo estavam acesas, mas eram tão fracas que mal iluminavam.

José Luís mandou todos correrem à volta do campo, excepto eu. Chamou-me perto do banco de suplentes e disse:

— Quero falar contigo, Ivan.

Era a primeira vez que me dirigia a palavra.

— Diga, *mister*.

— Quero esclarecer alguns pontos, já desde início. — começou. — Não gosto de vedetas, nem que se armem nelas! Não fui a favor da tua contratação, até porque este clube não se pode dar ao luxo de ter jogadores a custar o que tu custas. Mas, o Alfredo quis assim. Por isso, fica ciente que exigirei sempre muito mais de ti do que a qualquer outro que está neste clube!

Encolhi os ombros e respondi:

— Pode exigir à vontade. Se pensa que o trabalho ou o esforço físico me atormentam, está enganado. Está a ver aquela cicatriz? — aponte para a minha perna. — Fez-me ser operado e andar de departamento médico em departamento médico para recuperar.

— Isso é outro problema. — declarou o treinador. — Nem sabemos se estás em condições de jogar.

— *Master!* Disse-me que não tolera vedetas. Eu não tolero injustiças. Ponha-me lá dentro — aponte o indicador para o relvado. — e teste-me! Mas, não diga antes que eu não estou em condições sem ver. Lutei muito para ultrapassar esta fractura do perónio. Só peço que não tornem mais difícil do que está a ser, voltar a jogar.

— Podes ir! — ordenou secamente o treinador.

Sozinho, comecei a correr em volta do relvado. A restante equipa já fizera meia volta, a um ritmo tão lento que quase pareciam não sair do mesmo sítio. Corri com o ritmo que sempre fiz, o que normalmente se emprega nos treinos dos clubes profissionais. Alcancei-os com facilidade.

Junto deles, percebi que corriam desconcentrados e despreocupados com a importância do treino. Conversavam entre eles sobre os mais diversos assuntos. Ultrapassei-os e segui o meu ritmo. Ouvei alguns dizerem “olha a vedeta” ou “vai com pressa”. Não liguei.

Ao passar pelo banco, vi José Luís largar o seu bloco e começar a correr a meu lado.

— Parece que não percebeste o que te disse sobre as vedetas. — reclamou por entre a respiração ritmada.

— Não me disse que iria exigir muito mais de mim? Então, tenho de estar em forma.

E acelerei de forma a deixá-lo para trás, pois começava a faltar-me da sua antipatia.

José Luís aguardou que o restante grupo chegasse até ele e começou a mandá-los acelerar o ritmo. Estes pouco aumentaram.

O treino não passou daquela corrida. Era o primeiro dia e muitos vinham em muito má forma para treinos intensos.

Após os duches, José Luís regressou ao balneário e pediu que todos prestassem atenção.

— No próximo Sábado, vamos fazer um jogo-treino com o Vila do Mato.

— Vila do Mato? — interroguei eu, pois nunca ouvira semelhante nome.

Teodoro, que enxugava a cabeça ao meu lado, informou-me que era uma vila a meia dúzia de quilómetros dali. Tinham uma equipa de futebol no segundo escalão distrital e Alfredo Carrapiço combinara um jogo com eles.

Grande parte da equipa não trocava muitas palavras comigo e ainda me olhava com desconfiança. O meu estatuto não agradava. Porém, eu não pedira para ali estar nem tinha a culpa de ter um currículo maior que todos os outros juntos.

Augusto aproximou-se de mim e convidou-me a ir jantar lá a casa. Primeiramente, recusei.

— Vá lál — insistiu Teodoro. — A Maria de Fátima e a minha sogra faziam muito gosto nisso.

— A minha mãe faz um franguinho de churrasco... uhhh.

— Convenceram-me. — disse eu. — Venham! Eu dou-vos boleia.

Despedimo-nos dos restantes, eles mais expressivamente que eu, e rumámos ao café do Paúle.

Àquela hora, quase não havia ninguém no estabelecimento. A dona Palmira e a filha tinham arranjado duas mesas para todos jantarmos. Quase sempre jantavam no café, pois iam comendo e servindo os clientes. Era um ambiente muito bairrista, onde todos se conheciam e onde não se faziam grandes cerimónias.

Assim que chegámos ao local, o cheirinho a frango espalhava-se pelo ar. Cumprimentei as duas anfitriãs e sentei-me no local que me haviam indicado.

— Ainda bem que veio, senhor Ivan Pedro. — disse a dona Palmira.

Sorri-lhe e disse:

— Por favor, tire o senhor. Trate-me por Ivan, dona Palmira.

— Só se o Ivan tirar daí o dona.

Chegámos a acordo.

Num café completamente vazio, todos reunidos à volta da mesa, jantámos um delicioso frango de churrasco com batatas fritas. Conversámos agradávelmente durante aquele tempo. Contei-lhes algumas coisas a meu respeito. Eles também me relataram algumas histórias. Fiquei a saber que o marido da dona Palmira a deixara depois de Augusto nascer e que ela criara ambos os filhos sozinha. E ainda geria aquele café. A senhora falava mesmo com alguma emoção desses tempos difíceis que felizmente já eram passado.

A conversa foi interrompida pela entrada de Norberto no café.

— Boa noite! — cumprimentou todos. E dirigiu-se a um dos bancos do balcão.

Maria de Fátima levantou-se e foi servir-lhe uma cerveja.

A dona Palmira, sentada ao meu lado, sussurrou-me:

— Pobre coitado, é um desgraçado com o álcool.

— Felizmente que quando vai para os jogos, vai sóbrio. — disse Teodoro.

— Quando vai. — corrigiu Augusto. — Ainda me lembro em Março deste ano, quando fomos jogar à Pampilhosa, que ele entrou em campo com uma piela.

— É verdade. — corroborou Teodoro. — Foi uma vergonha. Ainda o jogo não tinha começado, o Zé Luís mandou-o para o balneário e disse ao Augusto para jogar.

— Antes não tivesse ido. — lamentou o outro. — Sofri cinco golos nessa tarde.

Mais algumas pessoas foram chegando, mas Maria de Fátima ia dando conta do recado. E, em frente a Norberto, os copos iam multiplicando-se.

— Tem uma filha. — informou a dona Palmira. — Deve ter uns...

— Quinze ou dezasseis. — adivinhou Teodoro.

A dona Palmira continuou:

— Pobrezinha com um pai assim. É ela que faz tudo lá em casa.

— E a mãe? — indaguei.

Teodoro, baixando a voz ao máximo, relatou:

— Matou-se quando a miuda era pequena. Fartou-se das cargas de porrada que ele lhe dava e enforcou-se. Foi a miuda que deu com ela, lá em casa pendurada numa viga do tecto.

— A miuda não bate bem! — afirmou Augusto.

— Não digas isso. — repreendeu a dona Palmira.

— É verdade. — insistiu Augusto. — Mal fala com as pessoas. Ninguém a vê a maior parte do tempo. E o Xavier diz que a costuma ver chegar a casa às tantas da madrugada.

— Esse também, deixa lá... — lamentou a senhora.

— Quem é o Xavier? — perguntei.

— É o irmão do Samuel, lá da equipa. — explicou Teodoro.

— Um drogado que aí anda. — adicionou Palmira.

Espantei-me com o facto de se falar em droga numa terra tão pacata:

— Também há cá disso?

— Claro sen... desculpe, Ivan. — confirmou Palmira. — Pensa que só nas grandes cidades é que há drogados? Nós também cá temos.

— Que se saiba, é só esse. — corrigiu Teodoro.

— Talvez...

— O tipo levou uma tarefa do irmão, já lá vai algum tempo. — lembrou Augusto.

— Sim. Roubou os pais para comprar droga. — disse Palmira. — Agora, segundo se diz, tudo o que ganha lá onde trabalha, no Carregal é para a droga. E parece que já assaltou algumas lojas em Oliveira do Hospital. Não sei se será verdade. Aqui, nunca roubou nada.

— Os pais são os donos da mercearia em Midões, não sei se conheces? — informou Augusto.

Abanei a cabeça negativamente.

— São uma joia de pessoas. — congratulou Palmira. — Têm ambos uns sessenta e... qualquer coisa. A Gertrudes é uma santa. É lá que costume comprar as coisas aqui para o café. O Herculano, o marido, é que anda muito doente.

Teodoro chamou-me, puxando-me o braço, e contou:

— A filha deles, a Deolinda, é casada com o Abílio.

— Trabalha na Casa de Paúle como criada.

Olhei para o relógio. A noite já ia longa e o café cheio de gente. A dona Palmira afastou-se e foi ajudar a filha no atendimento, tal como Augusto. Teodoro permaneceu ali.

— Então? Que tens achado disto? — perguntou.

— Confesso que ainda me estou a adaptar.

— O que é que te fez vir jogar para cá?

Encolhi os ombros.

— Foi o único clube disposto a contratar-me, depois de ter fracturado a perna.

— Partiste a perna?

— O ano passado em Faro, a jogar pelo Alverca.

— Mas pareces estar em forma.

— Não é o que os médicos do Alverca dizem. Por isso, fui dispensado.

Teodoro pediu um café ao cunhado.

— Tens esperança de voltar a jogar no Alverca? Não me vais dizer que vens fazer carreira para o Paúle?! — interrogou.

— Não. Acho que ninguém acreditaria nisso. Mas também não tenho ideias de voltar a jogar pelo Alverca. Quero demonstrar que ainda tenho capacidade de

jogar futebol. O meu empresário acha que se jogar sempre no Paúle, consegue provar que estou em condições e arranjar-me lugar numa equipa secundária da Superliga ou numa equipa da II Liga.

— O Paúle é só uma ponte.

— Não vejas isso assim. Enquanto aqui jogar, lutarei pelas vitórias, tanto quanto vocês. Mas, tal como disseste, não esperem que faça carreira aqui.

— Compreendo.

Algumas pessoas começavam a ir-se embora. A noite já ia adiantada e aproximava-se a hora de fechar.

Despedi-me de todos, apesar das insistências para que ficasse mais um pouco. Agradei o maravilhoso jantar e serão.

Parado no cruzamento à saída de Paúle, reparei numa vivenda de dois pisos, mesmo em frente. Tinha um mini-mercado no rés-do-chão, encerrado e completamente às escuras. O primeiro andar dividia-se em dois apartamentos. No da direita, viam-se luzes e estava habitado. No da esquerda, tudo escuro e com um letreiro a dizer “aluga-se”.

Estacionei junto à berma e caminhei até lá.

Viver no hotel tornava-se demasiado dispendioso. Devido a isso, a ideia de alugar uma casa parecia ser a mais razoável.

O letreiro não tinha contactos. Seria melhor voltar no dia seguinte, a uma hora mais propícia, para saber quem a arrendava.

A porta do apartamento ao lado abriu-se. Vi aparecer na varanda o Dr. Gervásio.

— Boa noite, doutor! — cumprimentei eu.

— Boa noite, Ivan! — retribuiu, descendo as escadas e caminhando até mim. — Que faz por estas bandas?

— Nada de especial. — disse, apertando-lhe a mão que me estendera.

— Está uma bela noite de Verão.

Olhando para o apartamento, perguntei:

— O doutor vive aqui?

— Sim, porquê?

— Não sabe quem é que está a alugar o apartamento ao seu lado?

— Sei! Os donos deste edifício são os Calheiros. Está interessado é?

— Estou.

— Então, fale com a engenheira Calheiros. Eu tenho o número dela. Espere um pouco que vou buscar.

O médico regressou a casa. Aguardei alguns minutos até que voltasse com um papel rasgado na mão, contendo o número da senhora.

Despedi-me dele e reentrei no automóvel, seguindo rumo a Tábuá.

A vila era um deserto. Não se via ninguém na rua tão tarde.

Entrei no hotel e cumprimentei o Joselino que estava a fazer o turno da noite. Meti-me no elevador e subi até ao andar do meu quarto.

Acendi a luz, sentei-me na cama e descalcei os sapatos. Liguei o computador e fui à procura no programa de *email* por notícias de Camila.

Nada.

Voltei a escrever-lhe um novo *email* pedindo que me respondesse, que gostava de ter notícias dela, etc...

Inconscientemente, comecei a ter noção de que Camila poderia já não estar interessada em falar comigo. Magoei-a muito. E talvez ela nunca me perdoasse isso.

Desliguei tudo e fui dormir.

O sono foi abruptamente interrompido pelo soar do telemóvel. Acordei com a sensação que acabara de adormecer. Porém, olhando para a janela, percebi que o dia já ia avançado.

Atendi. Do outro lado da linha, o meu pai. Queria saber como estava, se tudo corria bem. Ainda no dia anterior falara com ele. Disse-lhe que estava tudo bem.

Costumávamos falar quase todos os dias. Ora telefonava eu, ora telefonava ele. Falava com a família toda, a cada chamada.

Após desligar, peguei no número que o doutor Gervásio me dera, deixado junto ao computador, e digitei os algarismos no telemóvel.

— Calheiros Property, bom dia! — atendeu uma voz feminina.

Não evitei uma risada. Um nome inglês para uma imobiliária de província.

— Bom dia! Eu estou a ligar por causa de uma casa que têm para alugar, ali para os lados de Paúle.

— Estou a falar com o senhor...

— Ivan Pedro.

— Como está, senhor Ivan Pedro? Em que posso ser útil?

Ok. Tínhamos uma jovem formada num *call center*. Nota-se logo pela forma de falar.

— Estava interessado em alugar essa casa que lhe falei. Mas, gostaria de a ver primeiro.

— Claro. Vou dar-lhe o contacto do nosso agente encarregue dessa zona.



Escrevi os nove dígitos do telemóvel do indivíduo e desliguei. Voltei a marcar os números no aparelho e aguardei que me atendessem.

Atendeu-me um homem. Falei-lhe das minhas pretensões e ele concordou em encontrarmo-nos à porta da casa, nessa tarde. Repetiu-me várias vezes que a casa estava impecável e que era um belo negócio.

Com o Sol a bater-me de chapa, sentindo todo aquele calor seco do interior do país, aguardava encostado ao carro pela chegada do indivíduo. Cinco minutos após a hora combinada, o homem de fato e gravata chegou, ao volante de um Opel Corsa preto.

Apresentámo-nos. Pegando na chave do apartamento, convidou-me a subir as escadas e a ver a casa.

Ao abrir a porta, vi um corredor de uns cinco metros com piso de mosaicos e paredes pintadas de bege. Entrámos e o agente imobiliário começou a falar-me das vantagens de alugar a casa e como o preço era tentador.

Atenciosamente e com visível interesse em agradar, o homem guiou-me pelo interior. No corredor existiam duas portas à esquerda, uma à direita e outra ao fundo. A da direita dava para a sala. Reparei que estava mobilada, assim como o resto da casa, o que era uma vantagem. Tinha sofás confortáveis (um deles, sofá-cama), um armário e uma televisão.

Seguimos para a primeira porta do lado esquerdo, uma cozinha bem equipada com o essencial a poder funcionar, frigorífico, fogão, máquina de lavar roupa e mais alguns pequenos electrodomésticos.

Passámos à porta seguinte, a casa-de-banho. Não tinha banheira, mas sim um poliban no seu lugar.

Por último, a porta ao fundo, o quarto, já com cama de casal, guarda-fato e uma pequena cómoda.

— Que achou? — perguntou-me o indivíduo, finalizando a visita.

— Gostei. Ainda não me falou no preço.

O homem falou em tantos euros. Eu negocieei o valor e chegámos a um acordo. Como tinha alguma pressa em ver o assunto resolvido, combinei com ele acompanhá-lo até ao escritório e formalizar o acordo.

Já era noite, quando regresssei ao hotel, após mais um treino em Paúle. Trazia na mão a cópia do contrato de arrendamento e a chave da nova casa.

Entrei no quarto e telefonei para o serviço do hotel, pedindo que me trouxessem o jantar. Larguei a pelada sobre o móvel e fui para a casa-de-

banho tomar um duche.

Alguns minutos mais tarde, bateram à porta. Fui abrir com a toalha enrolada à cintura e o corpo molhado. Recebi o empregado do hotel que me vinha entregar o jantar.

Vesti uns calções e liguei o pequeno portátil. Enquanto o ouvia processar a inicialização do sistema, fiquei a olhar para as ruas da vila iluminadas pelos candeeiros.

Sentei-me na cama e delíciei-me com o jantar. Croquetes de carne com batatas fritas e salada de alface.

Finda a refeição, fui até ao computador para ver se tinha mensagens no *email*. Mais uma vez, nada. Camila definitivamente não queria conversas comigo, nem por *email*.

Como tinha alguma curiosidade acerca de como ela estaria, telefonei ao Jorge.

— Então como estão a correr as coisas aí em cima? — perguntou-me ao atender.

— Correndo...

— Não pareces muito motivado.

— Tu estarias? — interroguei.

— Para ser sincero, não!

— Olha! Tens tido notícias da Camila? — indaguei, não querendo dar a entender que esse era o motivo principal do meu telefonema.

— Ela tem telefonado ao Eduardo. — informou ele. — Disse-lhe que estava tudo a correr bem, lá em Nova Iorque. E que os colegas novos eram todos porreiros.

— Não perguntou por mim?

Jorge não respondeu logo, talvez pensando se me haveria dizer a verdade ou mentir. Optou pela primeira:

— Não, Ivan! Ela não perguntou por ti.

— Já me esqueceu! — afirmei.

— Não acredito. — recusou ele. — A Camila ama-te demais para te esquecer em tão pouco tempo. Acho mesmo que ela nunca te esquecerá.

— Nota-se.

— Dá-lhe tempo. — pediu.

— Não preciso de lhe dar nada. Ela já demonstrou que caminho a nossa relação deve seguir. — argumentei. — É bom que ela me esqueça, pois eu já a esqueci.

Não me conseguia convencer disso, quanto mais convencer os outros.

Jorge disse-me que sim. Porém, sabia que não era o meu coração que estava a falar.

Após o telefonema, voltei a sair do hotel para apanhar ar e colocar as ideias em ordem. Sentia que talvez tivesse tomado a decisão errada.

Caminhei pelo passeio da vila e desci até ao café, deixando-me cair numa cadeira da esplanada.

O funcionário cumprimentou-me com simpatia e perguntou-me o que desejava. Pedi-lhe um café.

Era extraordinária a forma como as pessoas se tratavam ali. Havia sempre uma palavra simpática, um cumprimento. Todas as pessoas se conheciam. E mesmo se não se conhecessem, cumprimentavam-se igualmente.

Tomei o café e reparei nas pessoas que ali estavam. Não pude deixar de notar os olhares que uma bela jovem me atirava. Devia ter a minha idade e vestia roupas que insinuavam a sua forma corporal.

Lembrei-me daquele acontecimento, dias antes. Aquele momento de sexo pelo sexo do qual me arrependera assim que terminara. Não posso dizer que tenha sido uma lição, mas concluí que estes momentos ocasionais de “dar uma” e ir cada um para seu lado já não me satisfaziam. Nada se comparava a fazer amor com Camila.

Tinha imensas saudades de Camila. Apetecia-me desistir de tudo e ir atrás dela. Pensei que poderia fazer a mala, partir para Lisboa, na manhã seguinte, e apanhar o avião para Nova Iorque e... Sonhos. A vida não era assim. Eu tinha desistido dela. E ela de mim.

Reparei que a jovem na esplanada continuava a olhar para mim. Levantei-me e fiz sinal ao empregado. Paguei-lhe e fui-me embora.

## VII

A manhã surgiu cinzenta como um manto de fumo lá no alto do céu. O calor era intenso, o que tornava o ar pesado e abafado, apesar do aspecto invernal.

A luz que entrava no quarto era diferente, muito devido ao tempo. Parecia que o interior não tinha iluminação e as sombras espalhavam-se mais que o normal.

Levantei-me da cama e fui a cambalear de sono até ao duche.

Ao longo da manhã, arrumei as minhas coisas todas, roupa na mala grande, sapatos na outra. Desliguei o portátil e guardei-o na pequena mala onde o protegia das viagens.

Peguei na bagagem e carreguei-a até à recepção. Não era muita coisa, por isso, não foi necessário pedir ajuda a nenhum bagageiro.

Encontrei, atrás do balcão, o meu colega Joselino.

— Bom dia, Ivan!

— Bom dia!

— Então sempre é hoje que te mudas? — indagou.

— É verdade. — confirmei. — O serviço é bom, mas estou farto de viver num hotel.

Joselino sorriu e disse:

— Compreendo.

Com as malas no chão e o portátil debaixo do braço, pedi-lhe que me entregasse a conta do hotel. Joselino foi conferir os registos e trouxe-me a factura detalhada. Saldei a conta com o cartão multibanco.

Despedi-me dele, não por muito tempo, pois teríamos treino juntos, ao fim da tarde.

Cá fora, coloquei tudo no porta-bagagens do Mégane.

Antes de entrar no carro, vi o treinador José Luís, do outro lado da rua.

— *Mister!* — chamei.

José Luís olhou para mim e acenou-me desprendidamente.

Não esperava que viesse a correr abraçar-me, mas com uma forma tão fria de falar, quase por favor, tive vontade de o mandar para “a da mãe”.

Subitamente, ele desviou caminho e veio na minha direcção. Não sei se ele próprio constatou que fora frio a acenar, ou o que fora que o fizera vir ter comigo.

— Bom dia, Ivan! — cumprimentou-me com austeridade.

— Bom dia, *mister!*

Parecia ridículo tratar aquele basbaco, treinador medíocre de uma equipa de pacóvios, por *mister*. Se fosse o Camacho ou o Mourinho ou outros tantos que são supra-sumos na arte de treinar. Agora este...

— Que faz por aqui? — perguntei.

— Dou aulas aqui no liceu de Tábua. — informou. — E tu? Tão cedo? Tinha ideia de que as vedetas só acordavam depois do meio-dia.

— É capaz de ter razão. — disse com cinismo. — Ainda bem que me avisa. Assim, quando for uma vedeta, levanto-me depois do almoço.

José Luís riu-se com sarcasmo.

— Tanta modéstia.

— Diga-me uma coisa, *mister*. Porquê essa antipatia toda?

— Já te disse que não gosto de vedetas. Tive muito trabalho a construir esta equipa para agora vir um “cú-cheio-de-vento” estragar tudo.

Este merdas fala como se tivesse construído um campeão europeu, pensei. A vontade era dizer-lhe: Ó parolo! Tu és treinador de uma equipa de berma de estrada que nunca ninguém ouviu falar, para além de ti e dos teus vizinhos.

Porém, contive-me.

— Tenho de ir. — avisou. — Tenho uma aula dentro de dez minutos. Vê se não te atrasas logo.

Até parecia que eu costumava chegar atrasado. Enfim, meti-me no carro e segui pela estrada, rumo à minha nova casa.

Em frente ao mini-mercado, existia um pequeno pátio onde se podia estacionar os carros. Deveriam caber lá uns quatro ou cinco carros, mas nunca via lá mais que dois. Parei o meu num desses espaços e comecei a retirar a bagagem do Mégane.

Enquanto pegava nas malas, ouvi uma voz conhecida perguntar:

— Precisas de ajuda, Ivan?

Olhei e respondi:

— Obrigado, Augusto! Não é preciso. Queres entrar para conhecer a casa?

Augusto aceitou o convite e subiu as escadas, atrás de mim.

Abri a porta e entrámos. Levei as malas para o quarto e sugeri-lhe que se sentasse no sofá.

— Desculpa, não te oferecer nada, mas...

— Não te preocupes, Ivan! Quando tiveres tudo em ordem, convidas-me

para beber uma “fresquinha”.

— Tenho de comprar algumas coisas. — disse. — Vou aqui a este mini-mercado, aqui em baixo.

— Ao Lenin? — interrogou Augusto. — Força. É um tipo porreiro e tem produtos de qualidade.

— Lenin? — questioneei eu. — É ucraniano?

— Quem, o Lenin? Não. É como o pessoal lhe chama. — contou Augusto. — Ele chama-se Sebastião. — Levantou-se do sofá. — Se houver alguma coisa que ele não tenha, vai à mercearia do Herculano em Midões

— Ok.

— Olha! Queres ir almoçar lá ao café? Já são quase horas de comer e não deves ter material para cozinhar.

— És capaz de ter razão. — confessei. — Já lá vou ter, daqui a pouco.

Augusto despediu-se de mim e saiu.

No quarto, comecei a distribuir a roupa pelas gavetas. Fui guardando os objectos pessoais nos mais variados sítios, tipo escova de dentes, gilete da barba, etc... Faltavam-me coisas básicas como papel higiénico, entre outras.

Desci até ao mini-mercado. Diversas filas dos mais diferentes produtos, atravessavam o espaço interior, desde a porta até à parede ao fundo. Junto à entrada, um senhor completamente careca, sentado atrás do balcão com uma máquina registadora.

— Boa tarde! — cumprimentei, entrando naquele clima da região, de cumprimentar tudo e todos. Apontei para as filas. — Posso?

— Boa tarde! Claro, fique à vontade. — respondeu o senhor.

Compreendi porque lhe chamavam Lenin. Sem um único cabelo no crânio e com um bigode pequeno, o individuo parecia a reencarnação do próprio Lenin.

Andei por todas as filas, recolhi tudo o que me fazia falta, desde comida, bebidas, produtos de limpeza, higiene... Quando me aproximei do balcão, o homem olhou-me como se lhe tivesse saído o totoloto. Bom, é um pouco exagerado, mas a conta era gratificante para ele.

Ao dizer-me a soma a pagar, retirei o dinheiro do bolso e ouvi-o perguntar:

— O senhor é o novo inquilino aqui de cima?

— Sou.

— Bem me pareceu, quando o vi chegar.

— Aqui tem. — entreguei eu o conjunto de notas.

— Continuação de boa tarde! — desejou, enquanto eu saía com as compras nos sacos.

— Obrigado!

Só não comprara batatas, pois não havia.

Ao começar a escalar as escadas com os sacos nas mãos, ouvi o toque da campainha da porta. Olhei para cima e vi Raquel a pressionar o ruidoso botão.

Aproximei-me dela e larguei os sacos no chão.

— Olá! — cumprimentou-me ela, beijando-me na face para minha surpresa. Nem consegui retribuir, uma vez que, quando tomei consciência do beijo, já ela ia demasiado longe.

— Olá!

— Pensei que estivesse em casa. — disse ela. — Soube que tinhas alugado isto e vinha dar-te as boas-vindas.

— Obrigado! Queres entrar?

— Claro!

O olhar dela deixava-me pouco à vontade. Parecia avaliar cada célula da minha pele. Notava nela um interesse mal disfarçado, misturado com uma forte intensão de não se entregar facilmente.

Longe dos meus gloriosos tempos de mulherengo — como o Eduardo irritantemente me chamava — tentei não corresponder. Ela não me despertava amor, nem carinho. E jamais a levaria para a cama por mera atracção física. Contudo, ela mantinha aquele olhar de apaixonada e eu mantinha o receio de lhe partir o coração.

Tentando refriar os seus intentos, disse:

— É nestas alturas que vejo a falta que a Camila me faz.

— Quem é a Camila? — interrogou Raquel, franzindo os olhos.

— É a minha namorada. — Namorada. Já fora namorada! Agora era uma conhecida algures no outro lado do Atlântico.

— Não sabia que tinhas namorada. — disse, desalentada.

Tinha conseguido pôr fim aos seus sentimentos logo ao principio... não fosse ter dito:

— Está a trabalhar em Nova Iorque.

Bolas.

Raquel sorriu imediatamente.

— Em Nova Iorque? Então não vem viver contigo?

Vi-me obrigado a contar a verdade:

— Não! Separámo-nos antes de vir para cá.

— Então, não é tua namorada! — exclamou Raquel.

— É! Porque eu considero-a como tal.

Raquel encolheu os ombros, desvalorizando os meus sentimentos. Uma namorada a milhares de quilómetros não era concorrente para si, pensaria ela.

Falava com ela e ia arrumando as coisas nos armários da cozinha.

— A minha mãe quer conhecer-te! — informou, subitamente.

— Porquê? — estranhei.

— Diz que quer conhecer a nova vedeta do GDP.

GDP? Gás de Portugal? Não, espera, Grupo Desportivo Paúle. Ainda não estava enquadrado na minha recente realidade.

— Não sou nenhuma vedeta. — reclamei, colocando os pacotes de sumo no frigorífico.

— Disse-me para te convidar para o jantar, logo à noite.

Olhei para ela e para o semblante firme de quem não admitiria uma recusa. Concordei que estaria lá por volta das oito e meia. Raquel veio dar-me outro beijo na face e despediu-se, deixando-me sozinho nas arrumações.

Só me faltava carne e batatas. A carne compraria à tarde no talho em Paúle. As batatas...

A mercearia do senhor Herculano e da senhora Gertrudes situava-se numa pequena praceta, em Midões, mesmo em frente aos correios.

Ainda sentia o estômago cheio do belo almoço no café da dona Palmira. Parei o carro junto à porta da mercearia e saí.

Do interior, ouviam-se algumas vozes exaltadas. Estranhei e entrei apreensivo com o que ia encontrar. Mal passara a porta, um jovem mal barbeado e vestindo umas roupas emporcalhadas, quase esbarrou comigo.

— Volta aqui, Xavier! — gritava-lhe a senhora idosa.

O rapaz parecia um touro a andar, cabeça caída para a frente e andar rápido.

Então, este era o famoso Xavier que se metia na droga. Vendo-o afastar-se, recordei-me que ele estivera naquela visita ao bar de alterne.

A senhora deitou as mãos à cabeça e refugiou-se no interior da loja, fora dos olhares da clientela que entrasse. O marido, um homem idoso e franzino com aspecto doente e olheiras bem cavadas na face, denotava estar abalado com o sucedido. Perguntou-me simpaticamente o que desejava.

— Batatas.

O sexagenário, andando como se arrastasse o corpo, indicou-me um canto



da loja onde se amontoavam várias sacas delas.

— Algum problema? — indaguei, vendo o seu ar transtornado.

— Não. Não, senhor.

Percebi que ele não me queria contar o que sucedera. Não me admiraria se a história se resumisse a mais um roubo de dinheiro da caixa por parte do rapaz. Contudo, quem é o pai que quer contar semelhante façanha do filho?

— Deixe estar que eu levo. — ofereci-me, tentando evitar que ele pegasse numa das pesadas sacas. — Eu carrego-a para o carro. Está já ali.

O idoso recebeu o dinheiro, ainda com as mãos a tremer.

Coloquei a saca no porta-bagagens e regressi a casa. Não conseguia esquecer a aflição estampada na cara do senhor Herculano.

Ao fim da tarde, logo a seguir ao treino, Augusto explicou-me como chegar à Casa de Paúle. Não vesti *smoking*, mas fui com um traje formal. O acesso à estrada, que ele falara, ficava num cruzamento entre Midões e o Paúle.

Duas enormes placas em pedra, encastradas nas sebes e com “Casa de Paúle” escrito, repousavam logo à entrada do caminho. Seguia-se uma recta ladeada por arbustos altos até uma ligeira curva para a esquerda que a ligava a outra recta ladeada por casas. Notava-se que eram quase todas habitadas, pois via-se luz no interior. Nova curva, à direita, e uma estrada minimamente encurvada a descer. Esta começava com casas do lado direito e um muro, não muito alto, à esquerda. Contudo, o alcatrão apertava-se alguns metros mais adiante com arbustos ainda mais altos que os primeiros.

Saído desse corredor onde não parecia haver espaço para os carros se cruzarem, deparei com um portão enorme verde, o qual servia de entrada aos longos muros de cedros que os cercavam. Diante do portão, do outro lado da estrada, um largo quadrado de alcatrão com um pequeno edifício que Augusto me informou, tratar-se de um lagar. A estrada continuava ladeada de cedros, até abrir para um espaço mais amplo, alguns metros mais à frente.

Aí, um desvio em terra batida conduziria os que por lá se aventurassem até ao Paúle. Pelo alcatrão, o viajante percorreria alguns quilómetros de pinhal, encontrando uma casa ou outra perdida pelo meio, até chegar à povoação seguinte, São Geraldo.

Com o carro parado defronte do portão, vim cá fora e toquei à campainha. Não tinha aspecto de receber muitas visitas, pois não havia ninguém perto para abrir o portão.

Espreitando pelo portão, vi que o caminho a seguir a ele se prolongava até

ao fundo, coberto por árvores altas e arbustos. Lá longe, vislumbrei parte de um palacete, mas muito pouco perceptível dali.

— Que deseja? — ouvi uma voz perguntar, através de um altifalante.

— Sou Ivan Pedro. — identifiquei-me. — Fui convidado para o jantar.

A voz não me respondeu. Em seu lugar, um estalido da engrenagem que abria os portões. Voltei a entrar no carro e avancei pelo interior.

O caminho era escuro. O dia estava na recta final e a sombra das árvores acentuavam a escuridão. A luz do pôr-do-sol regressou quando a estrada se transformou num largo frontal ao palacete que dava pelo nome de Casa de Paúle.

O edifício fez-me lembrar aqueles palácios que vimos nos filmes. Três pisos de uma arquitectura muito início do século XX.

Estacionei junto à entrada e subi, a pé, os cinco degraus de acesso à porta principal. Um indivíduo de farda, possivelmente o mordomo, recebeu-me com pompa.

— Queira fazer a gentileza de entrar e aguardar no salão, doutor Ivan Pedro. — disse-me.

Agradei e não evitei o sorriso pelo “doutor”. Doutor só se fosse em futebol. Porém, acho que nestas casas só podem entrar pessoas de estatuto, por isso, se não era, passava a ser.

Atravessando o *hall* de entrada, passei ao salão. Sozinho, pude apreciar o luxo da mobília, os objectos requintados, os quadros na parede... Tudo coisas que a maior parte dos portugueses conseguiriam ter se vivesse umas cinco gerações e não pagasse impostos.

O silêncio foi interrompido pelo ecoar dos saltos de sapatos. Virei-me para a entrada do salão e vi uma senhora, meia-idade, caminhando da forma que acharia mais elegante e pomposa, dirigindo-se a mim.

— Como vai, senhor Ivan Pedro?

A senhora vestia um *tailleur* calça e casaco cinzento, acompanhado por sapatos de salto alto. Usava um penteado volumoso que parecia estar cheio de laca para manter o aspecto. Na mão esquerda, trazia um cigarro que fumava despreocupadamente, não ligando à cinza que ia caindo ao chão.

— Bem obrigado, senhora. — respondi. — Deixe-me agradecer-lhe, desde já, o convite para a acompanhar ao jantar.

— Não tem nada que agradecer. — contrapôs, apontando-me o sofá para que me sentasse, o que fiz a seguir a si.

O mordomo voltou ao salão e perguntou se desejávamos alguma coisa.

— Sirva-me um *bourbon*! Que bebe, senhor Ivan Pedro?

— Para já, nada, obrigado!

Novamente, surgiram passos vindos das escadas. Vi Raquel entrar no salão, desfilando com um vestido muito elegante, azul claro, e sandálias. O cabelo louro vinha todo puxado para trás à força de gel.

Levantei-me para a receber. Cumprimentou-me com um beijo na face e sentou-se a meu lado.

A engenheira Amândia Calheiros recebeu o *bourbon* e bebeu um golo. Raquel pediu ao mordomo um para si.

— Tem família, senhor Ivan? — perguntou a senhora.

— Tenho. Os meus pais, a minha irmã e a minha sobrinha.

Raquel pegou-me no braço e disse:

— A mamã queria conhecer-te.

— Conhecer o jogador de que tanto se fala aqui na terra. — emendou a mãe.

— A mamã é sócia honorária do clube...

— O que neste caso significa entrar com dinheiro para o *budget* do plantel. — completou a senhora.

Novamente, o mordomo entrou no salão e perguntou:

— Senhora, posso servir o jantar?

— Claro.

A engenheira levantou-se pesadamente do sofá, deixou o cigarro no cinzeiro a queimar e caminhou até à divisão ao lado, onde se serviria o jantar.

Numa mesa comprida, colocada ao centro de uma sala tão ricamente engalanada como a anterior, a patrona sentou-se à cabeça, ficando a sua filha ao seu lado direito. Eu fui encaminhado para a outra ponta da mesa.

O mordomo aguardava à entrada da sala, olhando para nós, enquanto uma criada servia a refeição, peito fatiado de pato assado no forno. Na altura não a reconhecera, mas era Deolinda, casada com o Abílio e filha dos donos da mercearia de Midões.

O silêncio durante a refeição era incomodativo. Parecia que se alguém falasse, isso seria visto como uma falta de educação. Junto à porta, impávidos, permaneciam o mordomo e Deolinda.

A engenheira Calheiros interrompeu o vazio:

— Sabe? Foi o meu pai quem cedeu os terrenos para o campo de futebol do Paúle. E, claro, a família Calheiros está por trás de quase toda a gestão do clube.

— Pensei que fosse o senhor Alfredo Carrapiço, o gestor. — disse eu,

confessando a minha ingenuidade.

— Ah meu Deus! — exclamou a senhora. — Esse bronco?

Raquel soltou uma risada.

— Lembro-me quando me propôs a sua contratação. — continuou a engenheira.

— Falava-me em milhares de euros como se fossem tremossos para acompanhar com as cervejas com que enche aquele barrigão. Pensar que com o dinheiro da sua vinda para o Paúle poderia ter comprado um *Monet*!

— Talvez ele não jogasse tão bem como eu. — contrapuz.

A engenheira arregalou-me os olhos, parando mesmo de mastigar.

— *Monet* é um pintor, Ivan! — informou-me Raquel, apontando para um quadro pendurado na parede.

Bom, se tivesse um buraco ali ao lado, escondia-me nele para que não vissem tamanha ignorância.

— A mamã gosta muito das pinturas de *Monet*!

— Não lhe pergunto se gosta, senhor Ivan, pois já percebi que não faz a mínima ideia de quem se trata.

— Não podemos ser bons em tudo, senhora.

— Estou certa que perceberá bastante mais de futebol. — retorquiu.

O tom da sua voz suou a aviso. Parecia querer dizer “é bom que jorges bem e valhas o dinheiro que investi em ti”.

— A minha filha disse-me que é solteiro e que veio sozinho para Paúle?!

— Sim.

— Tem namorada em Nova Iorque. — adicionou Raquel.

Era como a mãe. Dizia uma coisa, mas num tom que sugeria outra.

— Nova Iorque? Gosto bastante de Nova Iorque. — disse com saudade, a engenheira. — A última vez que lá fui foi há... três anos. Que faz a sua namorada lá?

— Trabalha para uma multinacional.

— O povo costuma dizer: Longe da vista, longe do coração.

Raquel falara lançando-me um olhar matreiro. A frase era uma ferroada para mim. “Então não é tua namorada!”, lembrara-me eu da frase que me dissera em minha casa, nessa manhã.

— O povo diz muitos disparates. — argumentei.

— A voz do povo é a voz de Deus. — contrapôs a senhora.

Mas o que era isto? Algum concurso de provérbios? Ganha quem disser mais frases acerca da minha vida?

O jantar voltou a cair no silêncio, ouvindo-se apenas o toque suave dos

talheres.

Findo o jantar, a engenheira Calheiros fez sinal à empregada para levantar a mesa.

O mordomo aproximou-se e perguntou:

— Quer que lhe sirva um café?

— Vai querer café, senhor Ivan? — perguntou-me a senhora.

— Faça-lhe companhia.

— Três cafés! E sirva-os no salão. — ordenou a engenheira.

Regressámos ao salão e sentámos-nos nos mesmos lugares em que ficáramos antes.

A dona da casa acendeu mais um cigarro.

— Quais são os objectivos do Paúle para esta época? — interrogou. — O Carrapiço falou em manutenção, mas espero que o senhor Ivan tenha mais ambição.

— Que ambição quer que eu tenha? A Liga dos Campeões? — questionei eu, lacónico.

— Vejo que tem sentido de humor. — replicou.

Percebi que Raquel se alienara do assunto, pois não entendia nada de futebol. Contudo, o mesmo não se podia dizer de sua mãe.

— Gosto de gente ambiciosa. — acentuou. — O Carrapiço tão depressa fala em contratar uma estrela como fala em tentar não descer de divisão. Gosto do José Luís, o vosso treinador. Quando entrou para o clube disse que queria ganhar o campeonato e ganhou. Levou o Paúle ao título da Divisão de Honra da A. F. de Coimbra.

Não dei resposta. Não sabia se ela queria que lhe respondesse o que pensava ou o que ela gostaria de ouvir.

— Onde jogava, antes?

— No Alverca.

— E trocou o Alverca pelo Paúle? — questionou com estranheza.

Nesse instante, o mordomo entrou e distribuiu os cafés, permanecendo novamente junto à entrada.

Mexendo o café com a colher, respondi:

— O Alverca dispensou-me devido a uma lesão que eles achavam não ter recuperação.

— E tem? — perguntou asperamente. — Ou terá o Paúle contratado um jogador coxo? — Não me deu tempo para responder. — Espero sinceramente que sim ou então o Carrapiço tem os dias contados no clube.

Comecei a notar que, cada vez que a senhora falava, menos simpatia me despertava. O serão não fora o mais agradável, mas servira para eu perceber quem era o verdadeiro poder administrativo do G. D. Paúle.

— Bom, senhor Ivan. Vai desculpar-me, mas amanhã é dia de trabalho e... — vai-te embora que eu já estou cansada de te ter cá.

— Eu já estava de saída. — disse, levantando-me.

Raquel e sua mãe levantaram-se igualmente. A senhora Amândia Calheiros estendeu-me a mão e despediu-se friamente. A filha pediu ao mordomo que acompanhasse a mãe e puxou para si a função de me acompanhar à porta.

— Espero que tenhas gostado do jantar. — disse, enquanto descíamos as escadas.

— Foi melhor que ver um filme de terror.

Raquel riu-se.

— Não foi assim tão mau.

— A tua mãe não é propriamente a simpatia em pessoa.

— Eu sei. — concordou. — Mas, espero que isso não afecte a nossa amizade.

Pressionei o botão da chave do carro para destrancar as portas.

— Descansa. Não costumo avaliar as amizades pela família delas.

Raquel aproximou-se de mim, puxando-me o braço de forma a que ficasse de frente para ela.

— Não levaste a mal, aquilo que disse sobre a tua namorada estar longe?

— Não. Percebo que as pessoas pensem assim.

Raquel continuava a aproximar-se.

— E como é que um homem tão atraente consegue ficar assim tão apaixonado por um amor tão longe? — A sua mão acariciou-me o cabelo. — É um desperdício.

Afastei-lhe a mão com ternura.

— Dorme bem! — disse-lhe, beijando-lhe a face.

Ciente da recusa, Raquel recebeu o beijo e retribuiu-o. Ficou parada junto às escadas, a olhar para o carro, vendo-me afastar em direcção aos portões.

Os altos portões verdes abriram-se sozinhos para que eu saísse, fechando-se após a minha passagem. Não fiquei com a mínima vontade de lá voltar.



## VIII

**A**cordei sobressaltado, no Sábado de manhã, pelo barulho dos foguetes da festa da Vila do Mato, a alguns quilómetros dali. Era mesmo por causa dessa festa que o Paúle ia defrontar o Vila do Mato, num amigável nessa tarde.

O jogo estava marcado para as cinco da tarde. No entanto, os jogadores deveriam juntar-se no campo do Paúle, cerca de hora e meia antes, para partirem rumo ao local do jogo.

Preparei um almoço leve, evitando assim digestões difíceis e prejudiciais ao desempenho no jogo. Como de costume, almocei sozinho na cozinha.

Conforme combinado, cerca das três e meia da tarde, lá estavam todos perto do edifício dos balneários do G. D. Paúle. Cheguei ao volante do meu carro e estacionei-o dentro do complexo. Curioso, chamar complexo a um terreno amplo rodeado por um muro cinzento com pouco mais que um campo de futebol.

Perto dos carros, um autocarro de transporte de passageiros, alugado a alguma transportadora, aguardava pacientemente, tal como o seu motorista.

Augusto foi o primeiro a cumprimentar-me. Os restantes limitaram-se a “boa tarde”.

José Luís certificava-se que estavam todos e começou a mandar-nos entrar. Os elementos da equipa espalharam-se pelo interior do autocarro, distribuindo-se pelos bancos duplos. Augusto ficou sentado a meu lado. Os lugares da frente eram ocupados pelo técnico, o médico, o presidente e o capitão de equipa.

Deveria estar um dos dias mais quentes do ano, pois sentia o Sol a queimar cada vez que me atingia a pele. Sentado junto à janela, visualizava a paisagem ao redor.

Após alguns minutos de viagem, o autocarro começou a descer por uma estrada alcatroada. Mais à frente, vislumbrei o campo de futebol em terra batida, colocado num vale, separando a vila e a estrada, ambas em pontos mais altos. Para ver o jogo, não seria necessário pagar bilhete, pois via-se suficientemente bem lá para baixo para o campo. Em algumas zonas, haviam sido levantados tapumes para que as pessoas não conseguissem ver, mas os pontos estratégicos eram mais que suficientes.

Contudo, muitas pessoas não abdicaram de ver o jogo lá dentro, bem



perto dos jogadores. Em volta do campo, vários pés em pedra seguravam barrotes de ferro que contornavam o rectângulo de jogo, passando atrás das balizas e dos bancos dos suplentes.

O autocarro parou junto à entrada e nós descemos, conduzidos para uma porta que nos levaria aos balneários. Muitas pessoas, não muito longe dali, faziam fila para comprar o bilhete.

O estrondo dos foguetes surgiu novamente, ecoando pelo ar. Reparei que os balneários do Vila do Mato tinham um aspecto degradante, comparável às casas-de-banho públicas e empreguenados de um cheiro horrível a suor.

Os jogadores começaram a equipar-se. Camisola preta com um rectângulo amarelo no peito a dizer Paúlewear (marca registada das indústrias têxteis Calheiros), calções brancos e meias pretas. A minha camisola tinha o 19 nas costas, número que escolhera previamente.

José Luís entrou no balneário. Uma pequena introdução acerca do jogo e divulgou as escolhas para o onze inicial. Não fui um dos eleitos, pois ele relegara-me para o banco.

Não esperava esta atitude, mas como a vontade de jogar num campo de terra batida era nula, aceitei bem a sua decisão.

Debaixo de um calor arrasador, entrámos em campo para o aquecimento antes do jogo. Falar-se em aquecimento com uma temperatura de quarenta graus parece ridículo. Contudo, os exercícios físicos antes de começar eram essenciais para evitar algumas lesões.

Eu e os meus colegas escolhidos para suplentes fomos para o banco. Bastante mais agradável do que o rectângulo de jogo, pois estávamos à sombra.

Muitos populares rodeavam o gradeamento que delimitava o espaço para os espectadores. Não havia bancadas e as pessoas colocavam-se lado a lado para verem. Lá no alto, junto à estrada, alguns mirones poupavam o dinheiro do bilhete.

Junto à linha de meio campo, vi o árbitro e um assistente. O homem do apito mandou chamar os capitães de equipa e os treinadores. Pediu também que um indivíduo gordo com uma t-shirt apertada e a barriga de fora, se juntasse à conversa.

Curioso, levantei-me do meu lugar e fui ver o que se passava. Augusto também veio.

— Temos um problema. — disse o árbitro. — O meu outro assistente sentiu-se mal e não vai poder comparecer.

— E então? Como resolvemos isso? — perguntou o gordo.

Pela conversa, percebi que o gordo era o presidente da comissão de festas da Vila do Mato. Devia pesar uns cem quilos e transpirava abundantemente.

— Podemos arranjar-lhe um assistente? — perguntou José Luís ao árbitro.

— Desde que seja um assistente de árbitro. — respondeu o outro.

— Ó xou árbitro! — chamou o gordo. — Isto é um jogo amigável, uma atracção das festas. Pode ser uma pessoa que perceba as regras, não acha?

— Sim, tudo bem. — condescendeu o outro.

— E estás a pensar em quem? — perguntou-lhe o treinador do nosso adversário.

— Posso ser eu. — respondeu o líder da comissão.

Deu-me vontade de rir, pois nunca vira nada mais ridículo. O homem corria tão depressa como um caracol e parecia que se caísse ao chão, a terra tremeria dali até à Figueira da Foz. Porém, o árbitro lá o aceitou.

— Tem é que arranjar uma bandeirinha. — disse-lhe.

— Não há problema.

Com a barriga a saltar, fez a sua melhor imitação de uma corrida até à bandeira de canto que liga a linha de fundo à lateral. Alguns populares perguntaram-lhe o que se passava e ele respondia orgulhoso que ia assistir o árbitro. Arrancou a bandeira do seu local. Esta tinha um pau de um metro, mais ou menos, demasiado grande para manejar como uma bandeirinha de assistente. No entanto, ele resolveu a situação, partindo o pau ao meio e gritando para o árbitro:

— Já está! Já tenho bandeira.

O jogo começou. O mais recente assistente de árbitro fazia a sua função na linha em frente ao nosso banco. Da assistência ouviam-se coisas como “sai da frente”, “estás a tapar o jogo”, “saí dai que fazes sombra”, etc... Na primeira parte, nós atacávamos da esquerda para a direita. O tipo inventava foras-de-jogo só para evitar que marcássemos. O Paúle era claramente superior ao Vila do Mato.

Sinceramente, não sei para que é que as pessoas vêm ver jogos destes. Futebol em campos de terra batida levanta tanto pó... Quando os jogadores correm levantam terra, outros atiram-se para o chão a tentar cortar a jogada e aumentam a poeirada.

Por entre toda a poeira no ar, pude ver alguns dos meus colegas em acção. O Norberto raramente tocava na bola, pois eram poucos os ataques do adversário. O Sassi e o Miguel nas laterais revelavam alguma qualidade, tal como o Joselino e o Reis no centro da defesa. No meio campo, Abílio era o

patrão do quarteto que formava com Justino, Samuel e Teodoro. Na frente, Castanha a tentar fazer jogo para o ponta-de-lança Hélder.

Ao quinto fora-de-jogo mal assinalado, José Luís virou-se para o gordo e disse:

— A gordura deve estar a subir-te para os olhos.

Quarenta e cinco minutos mais três de desconto e a primeira parte chegava ao fim.

Atravessei o campo empoeirado, seguindo perto de José Luís e Alfredo Carrapiço que viera ao seu encontro. Sem que tivesse essa intensão, ouvi a conversa entre ambos.

— Que achaste deles? — perguntou o presidente.

— Se a proposta for boa. — respondeu o treinador.

Pelo assunto, percebi que falavam de dois ou três jogadores que Alfredo Carrapiço queria comprar ao Vila do Mato para o Paúle. E compreendia-se, pois o nosso plantel só tinha dezassete jogadores e no mínimo deveria ter vinte.

— Três mil euros pelos três. — referiu Alfredo.

Curioso como os jogadores deste escalão eram tão baratos. Os três custavam um mês do meu ordenado no Alverca.

Na segunda parte, José Luís fez entrar em campo os suplentes todos. O Augusto trocou com o Norberto na baliza, o Rato e o Macário para o lugar do Miguel e do Sassi, o Toni trocou com o Joselino, Emanuel com o Helder e eu fui para a posição do Samuel.

Antes do jogo recomeçar, José Luís falou com cada um dos jogadores que ia entrar. Ao chegar a minha vez, mandou-me jogar na ala esquerda, local onde habitualmente jogava.

O jogo recomeçou. Felizmente o calor diminuíra ligeiramente.

A primeira vez que toquei na bola, não calculei o facto de ela saltar mais num campo de terra batida e deixei-a fugir pela linha lateral. Os meus colegas fulminaram-me com o olhar, pensando se era para aquilo que estavam a pagar tanto àquela porcaria que era eu.

O Vila do Mato parecia mais desinibido no ataque. Decorrido o primeiro terço da segunda parte, um dos jogadores deles rematou à baliza. Augusto nem se mexeu e a bola entrou na baliza.

Abílio e Reis reclamaram com ele. Compreendia agora porque é que Norberto, com aquele ar pesado e atabalhado, era o titular da baliza. Augusto era extremamente inseguro, nervoso e com muita falta de confiança.

Alguns minutos mais tarde, novo remate à nossa baliza. Tivemos a sorte do avançado adversário não ter acertado nela.

Desde que perdera a bola que os meus colegas não me a passavam. Já desistira de fazer sinais e limitava-me a não cair em fora-de-jogo. Contudo, a dada altura, Abílio passou-me o esférico lá para o lado esquerdo. Recepcionei a bola e fintei o defesa encarregue da minha marcação. Passei a bola para o centro da grande área, onde Emanuel estava. Mal tinha feito o passe, fui atropelado por um adversário que me atirou ao chão.

Foi dolorosa a minha primeira queda na terra. O pó entrara-me para o olhos e tive de pestanejar para recuperar a visão. Ouvia os berros de alguns jogadores eufóricos.

Ao abrir os olhos, vi Emanuel correr na minha direcção e abraçar-me, atirando-me novamente ao chão.

— Grande passe! — dizia ele, em cima de mim. Senti o resto da equipa atirar-se para cima de nós e senti o peso de todos a esborrachar-me.

O meu passe fora certinho à cabeça de Emanuel que marcou o golo do empate.

Quando me levantei, a minha camisola mudara de cor. Deixara de ser preta para ser preta empoeirada. Tinha os cotovelos esfolados, mas sentia uma enorme felicidade por não ter qualquer dor na perna outrora lesionada.

Já não faltava muito tempo para o final. Toni conduzia a bola pelo meio campo e viu a minha desmarcação do lado esquerdo. Passou-me a bola. Correndo e tentando evitar os adversários, levei a bola até à grande área. Aí, fintei o último defesa e rematei para o fundo da baliza. No entanto, senti uma pancada brutal na perna, logo após o remate.

Caido no chão, fiquei em pânico, contorcendo-me com dores, muito fortes e que nem me deixavam mexer a perna. Alguns dos meus colegas vieram ver como estava. Vi o doutor Gervásio aproximar-se de mim e colocar-me gelo na perna, enquanto pulverizava a zona com um *spray*.

— Dói? — perguntou ele, carregando na área da lesão.

Soltei um gemido de dor.

— É melhor saíres. — disse.

O jogador que me lesionara veio ao meu encontro e pediu-me desculpa. Fiz-lhe sinal que estava tudo bem, mas ele fez questão de me acompanhar até à linha lateral.

O jogo prosseguiu mais alguns minutos, altura em que o árbitro deu o apito final. O Paúle vencera por dois a um.

Ajudado por Abílio e Augusto, fui para os balneários. A perna doía, mas a dúvida da gravidade da lesão assustava-me mais. Só de pensar que tudo poderia ter sido em vão. Sentia a perna como a sentira meses antes, na época das visitas à fisioterapia.

O doutor Gervásio observou-me melhor no balneário. José Luís e a equipa aguardavam o veredicto.

— Está magoado, mas bem. — disse ele. — Repousa uns dias, Ivan. Penso que lá para quarta podes voltar a treinar sem limitações.

Suspirei de alívio.

Sentei-me numa cadeira que tinha na varanda, aproveitando a brisa fresca da noite. Colocara gelo sobre a zona da perna atingida, conforme me aconselhara o médico. Ainda tinha o corpo dorido pelas quedas no piso duro e pela desabituação a um jogo de futebol.

O meu vizinho, doutor Gervásio, saíra de casa e viera sentar-se a meu lado.

— Então, como está a perna?

— Melhor. — respondi. — Mas, ainda me dói.

— É natural. Não te preocupes que não é grave, Ivan.

O que mais me preocupava era o medo de não voltar a jogar. Aquele sector da perna era intocável e cada vez que sofria uma pancada ali, parecia que o medo de se tornar uma lesão permanente era maior que a dor. Estava traumatizado pela lesão que sofrera em Faro que me colocara em recuperação tantos meses e quase acabara com a minha carreira.

— Sabes que o Paúle contratou três jogadores do Vila do Mato? — indagou o médico. — Vão ser apresentados na Segunda.

— Quem são eles?

O médico riu-se e disse:

— Um deles foi o que te atingiu esta tarde. Chama-se Ramalho e é médio.

— Não lhe guardo rancôr. — confessei. — Foi bastante atencioso e fêz-se de pedir desculpa. Até quando ia a entrar para o autocarro, ele lá foi pedir desculpa novamente.

— É bom rapaz! — afirmou. — Estive na tropa com o pai dele.

— E os outros?

— Serafim que é médio também. E o... como se chama ele? Gustavo! É avançado.

O telefone tocou em casa do médico e ouvi a sua esposa atender e, pouco depois, chamá-lo.

O doutor Gervásio despediu-se de mim e foi para casa, atender a chamada.

Segurando o gelo na perna, também eu regressi ao interior da casa e fui até ao computador viajar pela *net*.

Manuela enviara-me um *email* a perguntar como estavam as coisas e para me contar que o meu ex-cunhado saíra da prisão.

O casamento da minha irmã fora um momento muito complicado na sua vida. Conhecera o Rui poucos meses depois de abrir o seu escritório de advocacia com os sócios. Começou por ser um cliente à procura de um advogado para um caso qualquer de partilha de terrenos. Após a sentença do caso, Manuela e Rui continuaram a encontrar-se.

O meu pai nunca gostara muito do Rui, nem eu. Era um homem simpático, mas tinha uma personalidade estranha e um olhar misterioso de quem planeava sempre qualquer coisa.

Casaram e foram viver para a Margem Sul. A vida em comum revelou a Manuela o verdadeiro Rui, um homem metido em esquemas fraudulentos, rodeado de ilegalidades e que, para além disso, ainda a traía com outras mulheres. Manuela perdoou-lhe as traições, mas recusou-se sempre a defendê-lo em tribunal. Passado um ano de casamento, nasceu Cibele. Eu e os meus pais acompanhámo-la naquele dia na maternidade, ansiando por notícias, enquanto Rui andava em parte incerta. Mais algum tempo e Manuela começou a aparecer, ora com um olho negro, ora com hematomas, entre outras mazelas... Contudo, não queria divorciar-se por causa da filha.

No entanto, um dia, Rui começou a bater na minha sobrinha. Foi a gota de água que faltava. Manuela pegou em Cibele, foi para casa dos meus pais e pediu o divórcio. Rui telefonava-lhe a ameaçá-la, mas nunca se atrevera a ir lá a casa, pois sabia como o meu pai o receberia. E também não teve muito tempo para o fazer, uma vez que passadas duas semanas, foi preso por uma fraude qualquer.

O tom do *email* de Manuela, a informar-me que o ex-marido tinha saído da prisão, era apreensivo, pois sabia o que estava para vir.

Respondi à mensagem dizendo que estava tudo bem e que a equipa vencera o jogo dessa tarde. Não falei no episódio da falta que sofrera. E sugeri-lhe que fizesse umas férias e fosse com a Cibele passar uns dias comigo em Paúle.

Enviei a mensagem sabendo qual seria a sua reacção ao ler. Férias? Eu lá tenho tempo para férias, diria ela. Contudo, não custava tentar.

Cliquei uma última vez no *send/receive* para ver se havia novas mensagens.

Para meu espanto, ouviu-se o som de mensagem nova. Olhei para o ecrã e na lista de mensagens, lá estava uma nova a *bold* com o remetente a dizer Camila.

O meu coração ficou aos pulos. Uma mensagem de Camila? Cliquei com mil cuidados como se um toque mal dado pudesse apagar todo o conteúdo.

“Olá Ivan Pedro! Desculpa não te escrever antes, mas tenho estado muito ocupada aqui em NY. A vida profissional tem corrido bem, os colegas são excepcionais e o meu chefe acolheu-me muito bem. Quanto à vida pessoal... Bem, Pedro, tu sabes que nunca te menti e não vou fazer o papel de quem ultrapassou tudo sem mácula. Estou a sofrer. Sofro porque te amo e continuo a amar, mesmo sabendo que tu não desistirás de ficar aí. E eu não desistirei de permanecer aqui. Mas, continuo a pensar em ti e não te consigo esquecer. Sabes que te desejo as maiores felicidades do Mundo! Adormeço todos os dias na esperança de na manhã seguinte ter ultrapassado a dor da separação. Porém, acordo sempre com ela. Acho que nunca vou deixar de te amar. Espero que consigas atingir os teus objectivos, mesmo sabendo que não faço parte deles. Amo-te! Camila. P.S.: Não te esqueças! Deixa que o amor seja a tua energia.”

“Deixa que o amor seja a tua energia”. Fora sempre a frase que Camila usara para me motivar a ultrapassar os maus momentos e a minha lesão. Significava que eu deveria usar o nosso amor como força interior para vencer. No entanto, o nosso amor não era mais que uma recordação. E eu já não estava tão certo do que queria, nem tinha força sem a ter por perto.

Porque é que eu não fazia a mala e ia para Nova Iorque? Para quê continuar ali, sonhando com possibilidades tão remotas... Não conseguia desistir. A verdade era essa. Camila dissera-o um dia e tinha razão, o futebol era mais importante que qualquer outra coisa na minha vida, mesmo que fosse a jogar na III Divisão.

Respondi ao *email* escrevendo que tinha saudades dela. Não disse que a amava, já que poderia soar a falso. Se me amas porque não vens ter comigo? Seria uma pergunta óbvia. E acho que inconscientemente era essa a sua ideia, dizendo que ainda me amava. Era a secreta esperança que eu desistisse e fosse para lá. Era um “ainda te amo e estou a dar-te uma segunda oportunidade”. E talvez o “deixa que o amor seja a tua energia” fosse um “deixa que o meu amor seja a tua força para vires para cá”. Porém, a minha energia estava toda direccionada para o futebol.

Pedi-lhe que nos continuássemos a corresponder por *email*. E enviei a

mensagem, despedindo-me com muitos beijinhos.

Na manhã seguinte, tinha a resposta.

Camila escreveu que sempre seria minha amiga. Deu a ideia de conversarmos em chat no ICQ — programa no qual ela me ensinara a mexer e, o qual, permitia a duas ou mais pessoas dialogarem na Internet, mesmo estando afastadas como nós. — mais logo à noite. Não falou uma única vez em amor e despediu-se com um distante “gosto muito de ti”.

O ar condicionado no café da dona Palmira sabia mesmo bem, depois de caminhar desde casa até lá, debaixo de um Sol escaldante. Tinha ideia de beber um café, mas optei por um sumo fresco.

Cumprimentei Abílio e Justino que jogavam *snooker* no fundo do salão. Perguntaram-me como estava a perna e eu disse-lhes que estava melhor.

Augusto puxou-me pelo braço e sentou-se comigo numa das mesas do café.

— Como está a perna?

— Está melhor, mas sinto o osso dorido.

— Foi cá uma pancada. — lembrou ele. — Já sabes que o tipo vem jogar para o Paúle? O gajo que te deu a cacetada!

— O doutor Gervásio contou-me. E o tipo pediu-me desculpa.

— Mesmo assim. — insistiu Augusto. — Não se faz, bolas. Era um jogo amigável.

— Ouve lá! Que é que te aconteceu no lance do golo?

Augusto encolheu os ombros.

Abílio que ouvira a pergunta, aproximou-se, deu um toque no ombro de Augusto e disse:

— Falta de confiança! Este rapaz entra em campo sempre cheio de medo.

— Tens de confiar mais em ti. —disse-lhe.

Augusto voltou a encolher os ombros.

Justino falhara a tacada, por isso, Abílio voltou ao jogo.

Nesse momento, entrou uma rapariga no café. O rosto não me era desconhecido, mas parecia deslocado do local e das roupas que vestia, tipo camponesa. Pensei um pouco e reconheci-a. Era aquela misteriosa miuda com que me envolvera certa noite em Oliveira do Hospital.

Tentei não olhar para ela, evitando que me reconhecesse. Puxei Augusto pelo braço e sussurrei:

— Quem é?



— É a filha do Norberto! — disse ele com naturalidade.

Não me faltava mais nada. Tivera uma queca com a filha do guarda-redes da minha equipa que ainda por cima era menor. Se já evitava que me visse, a minha discrição passou a ser prioridade absoluta.

— Não faças assunto disto... — continuou Augusto. — mas dizem que é uma putazona!

— Como assim? — indaguei.

— Há pessoal que a costuma ver à noite em Oliveira do Hospital. Alguns tipos da equipa já a “comeram”! Só que o pessoal não fala no assunto por causa do Norberto. Acho que as pessoas sabem que se isso chega aos ouvidos dele, o gajo dá-lhe um tiro.

A rapariga virou-se na nossa direcção e olhou-nos frontalmente. Tenho a certeza que me reconheceu, mas comportou-se como se nunca me tivesse visto. Sabia que falavam dela. Penso até que já estaria habituada a que as pessoas falassem de si por onde passava.

— Podemos sentar-nos? — perguntou Abílio acompanhado de Justino, após terminarem o jogo.

— Claro! — consenti.

— Estávamos a falar na Dália. — avisou Augusto, mantendo um tom baixo.

Abílio soprou para o ar como que tinha muito a dizer sobre o assunto.

— O Sassi e o Castanha é que a conhecem bem. — disse Justino com gozo.

— É! — confirmou Abílio. — Os gajos encontraram-na no... como é que se chama aquilo?

— O bar em Oliveira? Não sei.

Abílio prosseguiu:

— Dizem que a encontraram no bar e que ela se atirou a eles.

— Foi com os dois. — completou Justino.

— O tipos também são uns tretas. — lembrou Augusto.

— É verdade. — insistiu Justino. — Dizem que ela os levou para o pinhal, à noite, no carro deles, se despiu e quis que a f... ali.

— Parece que estou a ver a cara do Sassi a contar isso e a dizer que a tinham “comido” por todos os lados. — adicionou Justino.

Entretanto, Dália fora embora sem que ninguém percebesse.

O meu telemóvel tocou.

— Pai? Está tudo bem? — atendi eu.

Afastei-me um pouco do grupo e fui até à porta do café.

— As coisas não estão muito bem. — disse ele. — O teu ex-cunhado anda a fazer ameaças à tua irmã.

— Ele foi aí?

— Não! Já sabes que ele não se atreve a vir aqui.

— Então?

— Telefonou-lhe esta tarde a dizer que queria ver a Cibebe.

Notei a preocupação na voz do meu pai. Quando Manuela pediu o divórcio por maus tratos, conseguiu que Rui não tivesse qualquer direito de ver Cibebe, devido às provas de agressão sobre a filha. Entretanto, ele fora preso. Agora parecia voltar à carga pela filha. No entanto, todos sabíamos que isso era um pretexto para atingir a minha irmã. Rui nunca gostara da filha. Até ficara decepcionado quando soube que ia ser pai de uma menina e não de um menino.

— Já lhe disse para tirar umas férias e ir uns dias com a Cibebe para longe. Mas ela não quer.

— Eu também lhe disse isso. — concordei.

— Será que podias vir a Lisboa e tentar convencê-la? — pediu o meu pai.

— Vou tentar. Sabes que não posso ausentar-me sem autorização.

— Vê lá o que podes fazer.

A conselho médico, estava dispensado dos treinos. Porém, acompanhei os meus colegas de conversa até ao campo do GDP para falar com José Luís e pedir-lhe se poderia ir até Lisboa, explicando-lhe vagamente o que se passava.

Como não podia treinar até Quarta-Feira, ele disse que eu tinha até esse dia para ir e voltar.

Agradei-lhe o favor e regressei a casa para planear a minha partida na manhã seguinte.

Nunca fora bom na cozinha. Sabia o elementar para me alimentar, quando vivia sozinho. Camila é que era uma ótima cozinheira. Porém, Camila já não estava perto de mim, por isso tinha de me desenrascar.

Naquela noite, passara por Tábua, num local que Augusto me aconselhara, onde se faziam uns frangos de churrasco maravilhosos. Foi um jantar delicioso, o franguinho acompanhado por umas batatas fritas.

Camila combinara comigo o encontro na *net* após o jantar dela, ou seja, por volta da uma hora da madrugada, pela minha hora, devido à diferença horária.

Enquanto esperava, liguei o rádio, sintonizei o Oceano Pacífico do João

Chaves e fui começar a fazer a mala para a viagem do dia seguinte. Não havia muito a arrumar, pois estaria de regresso dois dias mais tarde, no máximo.

Colocava eu uma peça de roupa dentro da mala, quando ouvi o ruído de uma motoreta a passar na estrada e a parar junto ao edifício. Poucos minutos passados e a campainha tocou. Fui abrir e encontrei quem já calculava que fosse.

Raquel cumprimentou-me com um beijo na face, dizendo:

— Espero não estar a incomodar.

— Não. Entra!

Caminhava como se se exibisse para mim e olhava-me sempre com um semblante de sedução e atracção.

— Estava a preparar a mala. — contei. — Vou a Lisboa amanhã.

— Vais lá ficar muito tempo? — indagou ela, receosa da resposta.

— Não! Máximo dois dias.

O seu rosto não escondeu o alívio.

— Que estás a ouvir? — perguntou, reparando na musica calma que ecoava pela casa.

— É o Oceano Pacífico.

— Também gostas? Eu ouço-o todas as noites.

— Tem música muito boa! — afirmei. — É o meu programa de rádio de eleição. Cresci a ouvi-lo.

Raquel sentou-se na cama e ficou a observar-me a arrumar a mala.

— Ouvi dizer que te lesionaste, ontem.

— É verdade. — confirmei. — Mas, não foi nada de grave. Vou parar só por uns dias.

Sentada na cama, Raquel cruzou as pernas, fazendo a saia descair ligeiramente, para revelar mais um pouco as pernas, e inclinou-se para a frente de forma a que a abertura da camisa se tornasse mais apelativa. Tentei não reparar.

— Ficaste chateado com a noite do jantar? — interrogou.

Abanei a cabeça negativamente e disse:

— A tua mãe não é muito simpática. E também não fiquei com muita vontade de lá voltar. Mas isso não tem nada a ver com a nossa amizade.

Raquel voltou a cruzar as pernas e a saia descaiu mais, fazendo com que a peça de roupa que normalmente estaria abaixo dos joelhos, ficasse transformada numa minúscula saia.

— Como não voltámos a falar desde essa noite.

— Não te preocupes com isso.

Ela olhava em redor. Reparou no computador e perguntou:

— Tens um computador?!

O tom soou como se aquilo fosse uma anormalidade.

— Porquê o espanto?

— Não me leves a mal, mas... — continuou. — Quando se pensa num jogador de futebol, não...

— Acham que são todos burros e só sabem dar pontapés numa bola. — completei.

— Não é isso.

— Comprendo o que estás a pensar. — disse sorrindo. — Tenho-o para navegar na *Internet* e enviar e receber *emails*. Foi a Camila que me ensinou a mexer em computadores.

Ao ouvir o nome “Camila”, o semblante de Raquel mudou para uma forma mais carregada e pesarosa.

— Tens tido notícias dela? — perguntou num tom frio.

— Tenho. — respondi sem adiantar muito acerca disso.

Raquel levantou-se da cama e caminhou um pouco.

— Gostava de a conhecer. — disse subitamente.

— Porquê? — questionei com estranheza.

— Deve ser lindíssima para te conseguir prender a uma distância tão grande.

Fechei a mala e coloquei-a no chão. Virei-me na direcção de Raquel e afirmei:

— Eu não estou preso a ela! Nem ela a mim. Não tenho culpa de continuar a amá-la.

Raquel aproximou-se de mim.

— Porque não me deixas fazer-te esquecê-la?

A pergunta apanhou-me desprevenido. Há muito que percebera os seus olhares e as suas intensões, mas não esperava uma declaração tão... clara.

— Que queres dizer?

— Que gosto de ti! — acentuou. — Que me sinto atraída por ti.

Não sabia o que dizer e fiz um gesto para que ela não dissesse mais nada. Porém, Raquel continuou:

— Que foi? Não sentes o mesmo por mim? Não te atraio?

E deu um passo até mim, ficando tão perto que lhe conseguia sentir a respiração. Tão perto que, antes que tivesse qualquer reacção, levou a boca até

à minha e começou a beijar-me os lábios, chupando-os docemente.

Por momentos, retribui o beijo. Porém, rapidamente tomei consciência do que estava a fazer e afastei-a de mim.

— É melhor pararmos por aqui. — pedi.

— Porquê? — interrogou. — Não me digas que não estavas a gostar?

— Não é isso, Raquel. Eu amo a Camila! Mesmo estando ela em Nova Iorque e assumidamente separados, eu continuo a amá-la! Não era correcto usar-te para atenuar isto. Não quero, Raquel.

Pensei que as minhas palavras a fizessem desistir. Contudo, acho que a minha preocupação em não a magoar ainda a atraiu mais.

— E se eu não me importar que me uses? — questionou. — Se não me importar que andes comigo até voltares para ela, se é que voltarás algum dia.

— Não digas isso. Tu ias sofrer muito, se tivéssemos uma relação temporária e depois te deixasse.

Raquel abanou a cabeça incrédula com a minha recusa. Uma mulher linda a oferecer-se para a minha cama pelo tempo que eu quisesse e sem compromissos. E eu recusava.

— Ivan, eu vou voltar para Coimbra em Setembro! Tenho aulas como já te tinha falado. Tu atrais-me! Não te estou a pedir em casamento. Estou a propôr-te uma relação sem compromissos, sem amarras de ambas as partes, durante o Verão. Nada mais.

Olhei-a com seriedade e perguntei:

— Já amaste alguém?

Raquel franziu os olhos, não entendendo o porquê daquela pergunta.

— Quando se ama alguém, a nossa vida parece ligada à da outra por muito longe que ela esteja. A Camila faz parte de mim! Se eu fizesse o que me propões, eu não seria capaz de me olhar ao espelho.

— Tudo bem. — concordou ela, aborrecida. Deu-me um beijo de despedida na face e disse: — Se mudares de ideias, sabes onde me encontrar.

E foi-se embora, batendo com a porta.

Dei conta que não conseguia fazê-lo. A minha consciência não me deixava fazer aquilo. Ainda me condenava por aquele momento de sexo com a filha do Norberto. Impensável aceitar o que Raquel me propunha. Só conseguia pensar em Camila e já descobrira que o sexo, só por si, não me fazia esquecer-la.

Aguardei, ansiosamente, em frente ao computador, navegando por páginas e páginas para fazer tempo. Mantinha o ICQ aberto e constatando, de cada vez que o observava, que Camila continuava *offline*.

Perto da uma e meia da manhã, o som de chegada de *email* ecoou pelo quarto. Fui ver quem era o emissor. Camila. A mensagem trazia-me um pedido de desculpa, mas não seria possível falarmos naquela noite. Não explicou porquê. Talvez tivesse encontrado algo mais interessante para fazer ou, pura e simplesmente, não teve coragem para voltar a falar comigo.

Senti-me um asno. Aquilo fora a paga que ela me dera pela prova de fidelidade que tivera momentos antes. Senti vontade de ir a correr atrás de Raquel, trazê-la para ali, metê-la na minha cama e fazer sexo a noite toda... Foi o impeto da raiva pela frustração.

Mais calmo, consciencializei-me que Camila e eu estávamos separados, que Camila não poderia saber da minha prova de fidelidade, que nem eu tinha que me justificar a ela, nem ela a mim... Senti-me vazio por não a ter junto de mim. Mas continuava a amá-la! E o sexo com terceiros — ou melhor, terceiras. Nada de confusões. — não amenizaria a minha dor.



## IX

Começava a tornar-se normal, haver dias de chuva forte em pleno Julho. Partira de Paúle após o almoço e, devido à chuva, só perto do jantar cheguei a casa dos meus pais. Curiosamente, quando estacionei, o Sol de fim de tarde começou a despontar por entre as nuvens.

Toquei à campainha e ouvi a voz da minha mãe perguntar:

— Quem é?

— Sou eu, mãe.

A porta da escada abriu e eu subi até ao andar onde eles viviam.

A minha mãe, ao ver-me, abraçou-me com saudade.

— Já estávamos em cuidado. — disse.

O meu pai surgiu logo atrás, cumprimentando-me.

— A chuva atrasou-me. — justifiquei. — A Manuela já chegou?

— Tio! — ouvi a voz de Cibele, chamar-me.

Abracei-a e peguei-lhe ao colo.

— A Manuela está no escritório, mas deve chegar antes do jantar. — disse o meu pai.

Entrámos em casa e eu sentei-me no sofá da sala. Cibele ficou junto a mim, a brincar com uma Barbie, gosto que herdara da mãe e da avó. O meu pai sentou-se na poltrona e a minha mãe regressou à cozinha, onde estava a terminar a confecção do jantar.

— Como estão a correr as coisas lá em cima? — indagou o meu pai.

— Como te tinha dito da última vez. — lembrei. — Não é propriamente aquilo que ambicionava, mas pelo menos permite-me continuar a jogar.

— O Jorge ainda não conseguiu nada?

— Não! Ninguém me quer para o plantel. O Jorge disse-me para esperar pelo início da época. Talvez com alguns bons jogos, ele consiga colocar-me numa equipa da II B.

— Sentes-te confiante?

— Sinto-me... nem sei. — encolhi os ombros. — Achos que podes calcular o que é ser jogador da terceira divisão.

O meu pai assentiu com a cabeça.

Ouvi o som da chave na fechadura da porta, senti-a abrir e ouvi a voz de Manuela. Ao chegar à sala, surpreendeu-se com a minha presença e correu a abraçar-me.



— Então, maninho? Que fazes por cá?

— Precisava de falar contigo.

Quando disse isto, o meu pai chamou Cibele e convidou-a a irem brincar para o computador dele, coisa que a minha sobrinha adorava.

Manuela e eu ficámos sozinhos.

— Que se passa? Podíamos ter falado pelo telefone. Foste fazer esta viagem toda...

— Soube que o Rui está cá fora e tem estado a ameaçar-te. — interrompi.

— O pai contou-te, não foi?

— Claro, Mané. Ele está preocupado.

— Sugeriu-me que fosse para fora com a Cibele. — contou. — Mas, eu não quero andar fugida. Tenho a minha vida aqui e estou cheia de trabalho.

— Eu percebo. Mas, pensa na Cibele.

— Eu penso, Ivan.

— Vem passar uns dias comigo. — convidei.

— Na parvónia?

— Não é assim tão mau, acredita.

— Tenho muito trabalho, maninho! — reafirmou. — Não posso sair daqui assim.

— Mete uns dias de férias. — sugeri. — Os teus sócios não se iam importar.

— Não sei, Ivan.

— Passas o Verão lá, comigo. Descansas e aquele ar puro vai fazer-te bem e à Cibele. E, entretanto, pode ser que o Rui se canse e te deixe em paz.

— Acreditas nisso?

— Não! — confessei. — Contudo, enquanto lá estiveres, ele não te chateia. E tu descansas. Vá lá, Mané!

Manuela fez uma pausa, encolheu os ombros e disse:

— Ok, maninho! Mas só uns dias.

Abracei-a feliz com a sua decisão.

Na manhã seguinte, Manuela foi ao escritório reunir-se com os sócios que viram com agrado as suas férias. Passou algumas pastas aos colegas e regressou a casa ao almoço.

Após a refeição, eu, Manuela e Cibele partimos para Paúle.

A noite já tomara conta do horizonte, quando estacionei o carro em frente à minha casa. Manuela e eu resolveramos jantar pelo caminho, o que atrasou substancialmente a chegada.

Cibele dormia profundamente ao meu colo, enquanto eu subia as escadas. Dei a chave à minha irmã para que abrisse a porta e entráramos.

Pedi a Manuela que ficasse alojada no meu quarto, juntamente com Cibele, pois eu não me importava de ficar no sofá-cama da sala.

Estávamos todos tão cansados que não houve tempo para grandes conversas, tendo elas recolhido para descansar.

Sozinho na sala, coloquei o pequeno computador sobre a mesa e tratei de fazer uma cama confortável no sofá.

No entanto, não quis ir dormir sem ligar o aparelho e ver se haveria novidades.

Consultei o *email* e deparei com quatro mensagens novas de Camila.

A primeira era de Segunda à tarde, a relatar que na noite anterior não fora possível estar *online* para falar comigo, uma vez que o pai aparecera de surpresa em Nova Iorque. Lembro-me bem do homem viajado que ele é, tão depressa está em Lisboa como viaja até Sidney. Lamentava não termos falado, mas que poderíamos combinar outra oportunidade.

A segunda, do mesmo dia à noite, sugeria que nos encontrássemos no ICQ, por volta das “8:00 PM” — Hora de Nova Iorque — para conversar.

A terceira era da madrugada de Terça, onde Camila escrevia que ficara à minha espera duas horas e eu não aparecera. E perguntava se estava tudo bem.

A quarta era de Terça à tarde, em que Camila achava que eu ficara tão chateado que não voltara a querer falar com ela.

Após ler a última mensagem, cliquei no *reply* e respondi-lhe, contando o que se passara. Sugeri a conversa para a noite seguinte, se ela pudesse.

Desliguei tudo e fui dormir.

No dia que se seguiu, levei a família a passear, até porque precisava de ir às compras.

O primeiro sítio onde fomos, foi logo ao estabelecimento do senhor Sebastião Lenin, ali em baixo. Necessitava de algumas coisas para a casa. Depois, levei-as até Oliveira do Hospital, ao hipermercado que lá havia e aproveitei para lhes mostrar alguns locais que já conhecia.

Demorámos tanto tempo nas compras que acabámos por almoçar num restaurante da cidade. Cibele estava a gostar de todos aqueles locais, da paisagem... Já a minha irmã, notava-se que estava completamente deslocada do seu ambiente.

Nesse fim de tarde, honrando o que combinara com o técnico José Luís, apresentei-me para o treino do Paúle. É certo que cheguei um pouco atrasado, mas lá estava.

Antes de entrar no balneário, encontrei-o a tomar umas notas no bloco. Chamou-me e perguntou:

— Então? Conseguiu resolver as coisas?

— Mais ou menos.

— Não quero jogadores a jogar com a cabeça noutro lugar. — avisou. — Quero jogadores totalmente concentrados.

— O *mister* não vai começar com a treta das vedetas, pois não?

— Treta?

— Sim. — insisti. — Eu não sou nenhuma vedeta, *mister*. Tenho os meus problemas, mas não se preocupe que não costumo levá-los para o relvado.

E entrei no balneário.

Ao entrar, percebi que todos se calaram com a minha entrada. Não havia dúvidas que estavam a falar de algo que não queriam que ouvisse.

— Algum problema? — indaguei.

Uns não responderam, outro encolheram os ombros.

Augusto disse:

— Então pessoal? Não estávamos a dizer nada de especial.

— A malta estava a comentar a surpresa de saber que és casado e tens uma filha. — informou Abílio.

— Eu? — a estranheza era absoluta. — Vocês devem estar a gozar.

Abílio ripostou:

— O Castanha disse que te viu a passear em Oliveira com uma mulher e uma menina.

— Pois vi! — confirmou o outro.

— E a minha mãe contou-me que o Lenin lhe disse o mesmo e que estavam ambas a viver contigo. — relatou Augusto.

Dei uma gargalhada forte. Naquela terra as notícias corriam depressa, mas distorcidas.

— Podes dizer a verdade. — disse Joselino. — Qual é o problema de ser casado e ter uma filha?

— As pessoas de quem vocês falam, são a minha irmã e a minha sobrinha que vieram passar uns dias comigo.

Norberto riu-se e, virando-se para o grupo, disse:

— Logo vi. Não me parecia que o puto fosse daqueles que casam.

— O que é que queres dizer com isso? — questionei-o.

— Nada. — respondeu com ar embriegado.

Abílio passou por mim e sussurrou-me:

— Não ligue. O tipo gosta de arranjar problemas.

A equipa seguiu toda em passo de corrida até ao relvado para o treino habitual.

Ramalho seguiu ao meu lado e perguntou:

— Como está a perna?

— Está bem.

— Desculpa lá aquilo. — repetiu ele pela milionésima vez. — Não tive int...

— Eu sei, Ramalho! Não te preocupes com isso.

Quando cheguei ao carro, encontrei Raquel encostada a ele, esperando pelo meu regresso. Deixara a mota mesmo em frente ao automóvel e aguardava com um ar irritado.

Aproximei-me com a intesão de lhe dar um beijo na face. Porém, ela afastou-se, evitando-o propositadamente. Calculei que fossem sequelas da minha recusa à oferta que ela me propusera.

— Que se passa? — perguntei.

— Podias ter-me contado. — disse num tom rude.

— Contado o quê? — indaguei atordoado.

— Tu sabes muito bem.

— Não, não sei. — continuei, respondendo com calma à sua agressividade.

— Podes esclarecer-me?

— Então tu és casado com a Camila e tens uma filha dela!

— O quê? — interroguei perplexo. As notícias estavam cada vez mais distorcidas.

— Contaram-me...

— Contaram-te mal! — cortei bruscamente. — Quem está a viver comigo é a minha irmã e a minha sobrinha! Que merda. Nesta terra as pessoas inventam cada estapafurdice. Bolas.

Raquel ficou a olhar para mim, confusa.

— Que foi? Não acreditas? — perguntei, mantendo a aspereza.

— Desculpa, Ivan! — pediu, mais calma.

— Tudo bem.

— Queres ir dar uma volta? — convidou ela.

— Não, Raquel. Vou para casa. Depois falamos.

Entrei dentro do carro e arranquei rumo a casa, deixando-a no local onde a encontrara.

Perto de casa, Manuela telefonou-me. Estava a preparar o jantar, mas faltava-lhe sal.

Pedi-me se eu não podia ir comprar, pois o mini-mercado do Lenin já estava fechado.

Àquela hora, só a mercearia do senhor Herculano e da dona Gertrudes se encontrava aberta. Conduzi até Midões e parei junto ao estabelecimento.

Samuel tomava conta do local. Pedi-lhe um pacote de sal e acabámos por ficar alguns minutos a trocar impressões acerca do treino. Uma conversa só interrompida por novo telefonema da minha irmã a perguntar se demorava muito. Despedi-me dele e fiz-me à estrada.

À saída de Midões, junto a uma zona de pinhal, vi ao longe uma rapariga atravessar a estrada, correndo desesperadamente. Antes de chegar ao local, vi um rapaz correr na mesma direcção.

Parei o carro na berma, junto ao sítio onde os vira passar e saí, tentando perceber o que se passava.

Fora do veículo, ouvi gritos vindos da mata. Gritos de mulher.

Numa atitude não muito sensata, corri em direcção ao som, entrando na penumbra da mata. Como a noite era de Lua cheia, conseguia ver-se relativamente bem.

Após alguns metros de pinheiros, fui desembocar num descampado. Não vi ninguém.

Novo grito.

Olhei para junto das árvores no outro lado da clareira e vi uma rapariga deitada no chão com um vulto masculino sobre ela. Aproximei-me mais um pouco e ouvi o som de roupa a rasgar.

— Hei! Tu aí! — chamei, não parando de me aproximar.

— Desaparece daqui, palhaço. — respondeu o individuo.

— Larga a miuda! — ordenei.

O individuo levantou-se. Tinha as calças abertas e pareceu-me ver a sombra de algo a sair delas. Sem hesitação, puxou de uma navalha do bolso do casaco.

— Desaparece, animal! Já disse. — continuou.

Olhei para a rapariga e reconheci-a. No chão estava Dália com o peito a aparecer por entre uma camisola rasgada.

— Ajuda-me! — suplicou.

— Cala-te, puta! — mandou o tipo, dando-lhe um pontapé.

O rosto dele parecia-me familiar e a sua identificação confirmou-se quando ela disse:

— És um cabrão, Xavier!

— Desaparece daqui! — tornou ele a exigir. — Isto não é nada contigo.

Dália aproveitou a desatenção dele para se levantar e correr para junto de mim.

— Desaparece tu! — disse-lhe.

Vendo que os seus intentos estavam comprometidos, Xavier guardou a navalha e desapareceu por entre os pinheiros.

Eu olhei para Dália e disse-lhe:

— Anda, eu levo-te a casa.

Dália limitou-se a acompanhar-me até ao carro.

Fizemos o percurso até casa dela sem trocar uma palavra.

Quando a deixei à porta de casa, Dália olhou-me e agradeceu a ajuda que lhe tinha prestado.

— Não precisas de agradecer. — disse-lhe.

— Gostava de falar contigo, noutra altura. — pediu. — Precisamos de falar do que aconteceu entre nós lá no bar.

— Quando quiseres. — aceitei.

— Reparei que havia um certo clima... uma relutância em falares comigo, quando nos vimos aqui no Paúle.

— Não é bem isso...

— Eu sei que foi. — atalhou ela. — Eu sei o que as pessoas falam de mim.

O som da porta de casa a abrir, interrompeu o diálogo. Vi o Norberto a sair para averiguar o que se passava.

— Depois falamos melhor. — rematou ela rapidamente.

Norberto aproximou-se e perguntou-lhe o que se passara.

— Um tipo tentou violar-me. — informou friamente.

— Quem? — interrogou rudemente Norberto, mais preocupado com a identidade do individuo que com o estado da filha.

— Não vi quem era. O senhor Ivan Pedro é que me salvou.

Norberto olhou para mim. Julguei que me ia agradecer, mas em vez disso questionou:

— Não sabes quem foi? Não viste o gajo?

— Não. — respondi, percebendo que Dália não queria revelá-lo.

O dois viraram-me as costas e recolheram ao interior da casa.

Tanto Manuela como Cibebe dormiam. Eu ficara na sala a navegar pelo computador, fazendo tempo até à hora combinada com Camila.

Cliquei no *icon* com o simbolo do ICQ e o programa abriu. Uma vez *online*, reparei que Camila permanecia *off*. Continuei a navegar.

Passados alguns minutos, fez-se ouvir o som característico de chegada de mensagem. Um botão no rodapé começou a piscar e eu cliquei sobre ele. Uma nova janela se abriu com a mensagem de Camila.

“Olá!”, apareceu no ecrã.

“Olá!”, escrevi.

Segundos depois, Camila escreveu:

“Desculpa não ter comparecido no Domingo.”

“Tudo bem.”

“Como estás?”

“Mais ou menos. Tenho saudades tuas.”

“Eu também.”

Pensei um pouco sobre o que havia de escrever a seguir. Optei por:

“Ainda gostas de mim?”

A resposta demorou um pouco. Veio um:

“Sabes que sim.”

“Ainda me amas?”

Nova espera.

“Não vamos começar a falar na nossa relação, Pedro. Por favor.”, uma outra mensagem sua se seguiu, “Ambos tomámos as nossas decisões. O que está feito, está feito!”

“Isso não responde à minha pergunta, mas tudo bem. Eu não tenho problemas em dizer que te amo.”

“Se queres enveredar por esse assunto, acho melhor terminarmos aqui”, ripostou ela.

“Não.”, acatei eu. “Não vamos falar nisso. Como estão as coisas por aí?”

“Está tudo bem. Os meus colegas receberam-me muito bem. Somos uma equipa fantástica.”

Novo som, nova mensagem:

“E por aí? Como têm corrido os jogos?”

“Só fizemos um de preparação.”, respondi. “O campeonato só começa daqui a cerca de um mês.”

“Ganharam?”

“Sim.”

Não, não te vou dizer que me lesionei e, por momentos, quase tudo fora em vão.

“Então? Não dizes nada?”

Não, disse para mim. Não queres falar do mesmo que eu. Acabei por escrever:

“Não sei que dizer.”

“Conta-me como está a tua irmã. Como resolveram aquele problema?”

“A Manuela e a minha sobrinha vieram passar uns dias comigo.”

“Espera um pouco!”, apareceu na mensagem seguinte.

Aguardei alguns segundos. Estes tornaram-se em minutos. Escrevi:

“Ainda estás aí?”

Nada.

Ao fim de quase uma hora, já eu navegava pela *net* e perto de desligar tudo, veio outra mensagem:

“Desculpa! Fui atender o telefone. Só desliguei agora.”

“Podias ter avisado.”

“Eu sei, desculpa! Fiquei a conversar e perdi-me no tempo.”

Não era difícil perceber que a minha importância perante ela parecia ter-se desvanecido.

“Já é tarde.”, escrevi. “É melhor continuarmos a falar amanhã.”

Camila respondeu:

“Amanhã vou partir para a Flórida! Temos que preparar um desfile para este fim-de-semana. Vai dando notícias.”

“Ok. Beijos.”

“Beijos.”

E rapidamente passou a *offline*.

Fiquei com a sensação de que ela estivera à conversa comigo, apenas por consideração ao que partilháramos. Parecia estar tudo definitivamente terminado entre nós. Possivelmente, já encontrara alguém em Nova Iorque, alguém que a amasse como merecia e não a trocasse por um retângulo relvado cheio de homens a correr de um lado para o outro, atrás de uma bola. Talvez fossem só conjecturas da minha cabeça. Continuava a amá-la como no primeiro dia. E cada vez mais, duvidava da escolha que fizera.

Porém, estava feito e não havia como mudá-lo. Desliguei tudo e fui dormir.

Se para mim o amor não era mais que uma flor seca, apodrecida num jardim arrasado pelo calor. Para outros, o amor florescia inesperadamente...

Augusto aparecera em minha casa, logo após o almoço, para uma visita. Apresentei-o a Manuela e, logo nesse instante, senti que os seus olhares se perderam um no outro. Augusto não disfarçou o fascínio ao vê-la, como se a minha irmã fosse a deusa dos seus sonhos.



No entanto, Manuela não correspondeu ao fascínio, mantendo uma postura distante. Bem sei como a minha irmã é no que respeita a emoções e a transmiti-las. Se calhar, era isso que a fazia a excelente advogada que era, a frieza, a aparente falta de sentimentos, o calculismo...

Convidei Augusto para se sentar à conversa comigo.

Ele aceitou com os olhos a seguir os movimentos de Manuela, a afastar-se em direcção ao quarto, onde Cibele brincava.

— A tua irmã é linda! — disse com um semblante encantado. Contudo, como que subitamente despertado, emendou. — É uma mulher muito bonita! Desculpa, Ivan, não quis faltar ao respeito.

— Tudo bem, Augusto.

Cibele apareceu na sala e eu apresentei-os. A minha sobrinha acenou-lhe e voltou para o quarto.

— O teu cunhado também cá está? — indagou Augusto.

— Não. A minha irmã está divorciada.

— Não correu bem?! — disse ele, esperando que completasse a história.

Eu respondi vagamente:

— Nem todos correm.

Durante muito tempo, ficámos a conversar na sala, sobre diversos assuntos. Passávamos de uns temas para os outros, quase sem dar por isso, até chegarmos à conclusão que ambos gostávamos de pescar.

— Podíamos combinar e ir à pesca. — sugeriui.

— Agora com a minha irmã e a minha sobrinha cá...

— Podiam ir também.

— Se elas quiserem, combinamos.

— Que tal amanhã?

— Vou falar com elas e logo, no treino, digo-te.

Augusto lembrou-se que ainda tinha de ir a Tábua tratar de um assunto do café. Despedimo-nos e ele lá foi.

Após conversar com Manuela, ela concordou em ir connosco.

Antes do treino, para felicidade de Augusto, combinámos a pescaria para a tarde seguinte.

Pescar é uma actividade fascinante, permitindo-nos disfrutar da natureza e conseguir alguma paz de espirito para pensar.

Augusto levava-nos até ao rio, a alguns quilómetros de Paúle, um local que ele conhecia bem e onde costumava pescar desde pequeno. As margens tinham uns pequenos pontões em pedra, o que nos permitia sentar nas pontas

e lançar o anzol mais perto do centro da corrente.

Com uma cana que Augusto me emprestara, fiquei na extremidade de um dos pontões, ficando ele no seguinte. Manuela preferira o conforto de estar deitada numa toalha estendida sobre a relva, enquanto Cibele corria perto dela e brincava sozinha.

Os peixes deviam ter combinado entre si evitar o anzol, pois já ali estávamos havia hora e meia sem que sentíssemos o mínimo sinal da presa.

A minha mente estava longe dali, muito longe mesmo. Se o isco fosse mordido por um tubarão, eu nem daria por isso. Mas, ali também não havia tubarões... aliás, acho que não havia nada.

Recordava os momentos felizes que vivera com Camila. Talvez fosse a forma que eu arranjava para manter viva a nossa relação, mesmo sabendo que para Camila essa relação deixara de existir. Sei que a culpa fora minha, mas... Porque é que não podemos ter aquilo que queremos? Porque é que a vida tem de ser feita de opções? Qual é o mal de se ter tudo?

Não queria conformar-me com a ideia de que Camila era um amor, e não o amor. E eu desperdiçara-o.

Ouvi a voz de Augusto dizer:

— Não vás para aí.

E vi Cibele em cima do pontão.

— Sai daí, Cibele! — ordenei eu.

Manuela sentara-se na toalha e começou a chamá-la para que fosse para junto dela.

Tinha a certeza que nunca encontraria ninguém como Camila.

Ouvi algo cair na água com estrondo, seguindo-se o grito apavorado da minha irmã:

— CIBELE!!!

Virei-me para lá e vi que a minha sobrinha tinha caído à água.

Augusto largou a cana e atirou-se ao rio.

A minha irmã estava em pânico na margem, sem saber o que fazer, pois não sabia nadar.

Larguei a cana e saltei para a água.

Por baixo de água, a visibilidade era quase nula, tudo muito escuro e extremamente perigoso. Voltei à superfície e nem sinal de ambos. Inspirei fundo e voltei a mergulhar. Procurei o máximo que pude, sustendo a respiração. Senti que havia ramos soltos e muito lixo no fundo daquela zona menos profunda. Aguntei o mais que pude, mas não a consegui encontrar. Nadei de volta à superfície.

— Graças a Deus! — ouvi a minha irmã dizer.

Olhei para a margem e vi-a abraçada a Cibele que fora resgatada por Augusto. Nadei até lá e abracei ambas, certificando-me de que estavam bem. Cibele tinha apenas uns arranhões.

Tanto eu como Manuela nos multiplicámos em agradecimentos. Porém, Augusto achava que não tinha feito nada de especial e que tivera somente sorte em a encontrar primeiro.

Nessa noite, Augusto jantara connosco lá em casa. Fora a maneira encontrada para lhe agradecer, contudo muito longe de ser suficiente.

Após o jantar, e depois de Manuela colocar a filha a dormir, ficámos os três a conversar alegremente na sala. Percebi que Manuela o olhava de forma diferente, como se os acontecimentos da tarde tivessem modificado algo em si. Já Augusto mantinha o mesmo ar encantado cada vez que lhe dirigia o olhar.

O som da campainha interrompeu a conversa.

— Deixem-se estar que eu vou abrir. — ofereci-me.

Caminhei até à porta e abri-a para ver quem era. Do outro lado da porta, apareceu Dália com aquele aspecto de camponesa do interior.

— Dália?

— Precisava de conversar contigo. — pediu.

— Diz.

— Aqui não. — recusou. — Podemos ir a qualquer lado, longe daqui? Digamos que não é muito bom para a tua imagem, verem-te a conversar comigo.

— Não costumo ligar a essas coisas.

— Vai por mim, Ivan. Não queiras...

— Tudo bem. Onde?

Dália olhou em redor, certificando-se que ninguém ouvia. Seguidamente, sugeriu:

— Conheces aquele cruzamento, na estrada para Oliveira do Hospital? Aquele a cerca de um quilometro daqui?

— Sim...

— Encontramo-nos lá, dentro de meia hora, ok?

— Combinado.

Mal concordara, Dália afastou-se apressadamente.

Regressei ao interior.

— Quem era? — perguntou a minha irmã.

— Nada de importante. — disse, seguindo para o quarto.

Fui buscar a carteira, o telemóvel e um casaco.

Ao voltar, avisei-os de que ia sair.

— Então, é melhor eu ir andando. — constatou Augusto.

— Não. Fica mais um pouco. — pediu Manuela.

— Deixa-te ficar. — autorizei eu. — Ficas a fazer-lhe companhia. Eu já volto.

Augusto concordou, disfarçando o facto de ser mesmo essa a sua vontade.

Saí de casa e entrei no carro, arrancando para o lugar combinado.

O cruzamento era um lugar ermo, muito escuro, apenas com uma casa ali perto. Esperei alguns minutos, pacientemente.

Dália apareceu com um visual que nada tinha a ver com o anterior, readquirindo aquela linha que envergara quando a conheci no bar, roupas provocantes e sedutoras. Isso levou-me a pensar que a sua ideia fosse engatar-me para repetirmos a cena de sexo.

Ela entrou no carro.

— Podemos ir até Oliveira do Hospital? Conversamos e, depois, podes deixar-me lá.

— Onde é que surgiste? — perguntei, confuso.

— Os meus avós vivem naquela casa. Costumo cuidar deles, ver se precisam de alguma coisa... E costumo usar a casa para mudar de roupa, sem que o meu pai saiba. E a esta hora já eles estão a dormir.

— Posso saber o que queres conversar comigo?

— Não te agradei, devidamente, por me teres ajudado no outro dia. O meu pai apareceu... Achei que podíamos conversar um pouco, se não te importares.

Cada vez mais, tinha a certeza que ela queria repetir a dose. E, mesmo tendo jurado a mim mesmo, que não faria sexo só pelo sexo, percebi que me saberia bem fazê-lo.

Em Oliveira do Hospital, estacionei num parque isolado, longe de qualquer transeunte que por ali andasse. O lugar fora sugestão de Dália, pois queria evitar que nos vissem juntos. E tendo em conta a fama que ela tinha, podia sentir-me satisfeito por ninguém nos ver.

— Lembras-te que te disse que queria falar contigo, quando me levaste a casa? — começou.

— Sim.

— Quero esclarecer o que se passou entre nós, lá no bar.

— Não precisas de te justificar. — disse.

— Não. Não me estou a justificar. — contrapôs. — Mas sei o que as pessoas

dizem de mim. Calculo, o que te devem ter contado a meu respeito.

Não me manifestei, mas lembrei-me das histórias contadas no café.

— As pessoas dizem que sou uma puta. Os homens gabam-se de terem ido comigo, mesmo que a verdade seja diferente.

— E qual é a verdade? — questionei.

— Se te contasse, não acreditavas! E se acreditasses, tinhas de me prometer que não contarias a ninguém.

— Testa-me. — desafiei.

— Que te leva a pensar que és merecedor dessa confiança?

— Se não achasses que eu era, não tinhas pedido esta conversa.

— Astuto.

— Já me chamaram coisas piores. — disse, fazendo-a soltar um riso nervoso.

Dália puxou de um cigarro e perguntou:

— Importaste que fume?

— Importo.

— E se abrir a janela?

— Está bem, fuma lá.

Dália acendeu o cigarro. Inspirou calmamente o fumo, sentindo-lhe o sabor e expliu-o para a rua.

— Gosto de ir para o engate à noite. — confessou. — Não tenho a culpa de gostar de sexo e de o fazer com quem me apetece. Se fosse homem era um herói, mas como sou mulher, acham-me puta. Olha, nunca levei dinheiro a ninguém.

Nova bafurada no cigarro.

— As pessoas dizem que sou uma desgraçadinha, que o meu pai é um bêbado que dava porrada na minha mãe... Não sei se estás preparado para ouvir isto?!

— Conta lá! — insisti. — Agora que começaste...

Mais uma vez o cigarro foi à boca e novamente o fumo lá para fora.

— Sabes que a minha mãe se matou?

Acenei afirmativamente com a cabeça.

— As pessoas dizem que era porque o meu pai lhe batia.

— E não foi? — interoguei, adivinhando a resposta negativa.

— Não, Ivan! Desde criança que o meu pai abusa de mim. Quando a minha mãe descobriu, em vez de me ajudar, achou que o melhor era pôr uma corda à volta do pescoço. Aí tens a razão.

— E tu? Não contaste a mais ninguém?

— Não podes imaginar, o que é passar por isto. Chegamos a uma altura em que nos rendemos à situação e tentamos que ela nos afecte o menos possível. Acho que a forma que arranjei, de me vingar da submissão a que ele me sujeita, foi seduzir outros homens e controlar o sexo que faço com eles.

— Ele ainda...

— Não...

— Porque é que não fizeste queixa dele à polícia?

— Achas que acreditariam em mim, agora? — questionou. — Ainda me acusavam de seduzir o meu próprio pai.

Dália deu uma última baforada no cigarro e atirou-o pela janela. Pegou na pequena malinha e disse:

— Vou andando. Ainda quero ir divertir-me um pouco.

E com aquelas palavras, abriu a porta e afastou-se do local.

Liguei a ignição do carro e conduzi pelas ruas desertas da cidade.

O relógio do Megane marcava quase 4h30, quando estacionei junto a casa. Tudo estava silencioso e calmo, sentindo-se o vento soprar mansamente pelas redondezas. Tentei não fazer muito barulho, mas não consegui evitar o ruído das solas a embater no chão.

Entrei em casa. Tudo escuro e sem se ouvir nada. Tanto a minha irmã como a minha sobrinha estavam a dormir, já havia algum tempo.

Também eu começara a sentir as pálpebras pesadas, por isso, apressei-me a arranjar o sofá-cama e a ir dormir.

A voz da minha irmã acordou-me na manhã seguinte. Mal abrisse os olhos e, rapidamente, me veio à memória que havia jogo naquele dia.

— Toca a levantar, dorminhoco.

Levantei-me do sofá e fui tomar um duche fresco.

Manuela preparara um almoço delicioso. Desde que estava ali comigo, as minhas refeições passaram a ser bastante mais saborosas.

— Vais ver o jogo? — perguntei-lhe, durante o almoço.

— Não é que tenha grande interesse.

— Anda lá, mãe. — pediu Cibebe.

— Só vou para te ver jogar, maninho. Sabes como acho o futebol uma estupidez.

— Está bem, mana. Vai, então, para me ver.

— A que horas é?

— Lá para as cinco da tarde. — informei. — Ontem ainda ficaram muito tempo a conversar?

— Quem?

— “Quem?” Tu e o Augusto.

— Ficámos mais um pouco. — relatou. — Ele é uma excelente companhia.

— Estou a ver...

— Não comeces com ideias, Ivan! — avisou, zangada.

— Bem vejo como ele te olha.

Manuela levantou-se da mesa e argumentou:

— Imaginação tua.

— E tu também...

— Ivan Pedro, para com isso!

Parecia a minha mãe a falar. Quando se irritava comigo, falava-me como se fosse minha mãe e tivéssemos muitos mais anos de diferença.

— O Augusto é um bom conversador. — continuou.

— Pois, pois...

Uma hora antes do início do jogo, cheguei eu ao recinto, altura em que começaram a chegar igualmente alguns colegas de equipa.

Logo à porta, depois de passar os portões, estava o autocarro do Oliveira do Hospital, clube que iríamos defrontar nessa tarde.

Muitos aguardavam com enorme expectativa este jogo. A equipa visitante era do escalão acima daquele onde iríamos competir. E havia quem o considerasse um verdadeiro teste às nossas capacidades no campeonato.

Segundo jogo de preparação da época, mas o primeiro a jogar-se em moldes mais oficiais.

As filas para comprar bilhete já tinham um comprimento de respeito. Poucos seriam aqueles que desperdiçariam a oportunidade de ver o jogo.

Entrei no balneário, acompanhado por Augusto, Samuel e Ramalho. Os restantes já lá estavam, à exceção do capitão Abílio e do treinador José Luís.

O doutor Gervásio mandou o plantel equipar-se e subir ao relvado para o aquecimento habitual.

Quinze minutos mais tarde, estávamos a trepar as escadas rumo ao rectângulo verde.

Largas dezenas de adeptos, aguardavam já a nossa entrada, aplaudindo euforicamente.

Começámos a correr à volta de metade do relvado, sob as indicações do médico do clube. No lado de lá, os jogadores do Oliveira do Hospital faziam o mesmo.

Ainda nem tínhamos acabado a primeira volta, vi Abílio juntar-se ao grupo.

Augusto, que corria a meu lado, perguntou:

— A tua irmã também vem?

— Penso que sim.

Cerca de vinte a vinte cinco minutos de exercícios e ambas as equipas regressavam aos balneários. Ao entrarmos no nosso, José Luís e o presidente Alfredo Carrapiço esperavam-nos.

Os jogadores espalharam-se em volta do espaço, sentando-se lado a lado.

Alfredo Carrapiço tinha um semblante carregado, o que era estranho tendo em conta o ambiente que se vivia lá fora.

José Luís olhou para mim e disse:

— Ivan, tu podes vestir-te que não vais jogar.

— O quê? — interroguei, atónito. — Porquê?

Todos ficaram surpresos, excepto o presidente e Abílio. Ficara claro que a reunião urgente se deveria à minha pessoa.

— Tenho informações de que andaste na “borga” toda a noite. — informou o técnico. — E isso não é um comportamento digno de um jogador profissional.

— De que é que você está a falar? — perguntei.

— Não é verdade que chegaste tarde a casa, ontem, na véspera de um jogo importante.

Jogo importante? Uma merda de um jogo entre dois cascalheiras? Um jogo de preparação? As perguntas sucediam-se na minha cabeça, mas esforçava-me para manter a calma.

— O *mister* viu que o teu carro não estava à frente da tua casa, ontem à noite, quando passou por lá. — disse Abílio.

— Então, também gostava de saber onde é que você andou, ó borgas? — questionei eu o técnico.

— Ouve lá rapaz... — José Luís tentou acender mais a discussão, elevando a voz.

Alfredo Carrapiço meteu-se pelo meio:

— Calma, meus senhores! Isto não é uma peixaria. Comportem-se como homens.

— Este puto tem a mania que é vedeta. — prosseguiu José Luís.

Fiz um movimento de resposta, mas Augusto travou-me para não piorar as coisas.

— Ivan! — chamou o presidente. — O clube vai instaurar-te um processo disciplinar para averiguar os acontecimentos.



Processo disciplinar? Deveriam chamar-lhe processo de como tirar algum dinheiro ao jogador. Sim, era para isso que servia.

— Mas nós nem estávamos em estágio. — lembrei. — Não havia indicação nenhuma...

— Esses factos serão avaliados a seu tempo. — afirmou Alfredo Carrapiço, finalizando a conversa.

Excluído do jogo, voltei a vestir-me, enquanto José Luís dava as últimas indicações aos jogadores. A minha vontade era ir-me embora, ligar ao Jorge e dizer-lhe para arranjar maneira de resolver o contrato com o G. D. Paúle.

Definidos os titulares e os suplentes, a equipa abandonou o balneário e seguiu para o relvado. E eu fiquei ali sozinho.

Já vestido, fui para o meio do público, procurando a minha família que estaria algures no meio da assistência. As pessoas olhavam para mim e percebia-se-lhes o semblante desalentado por não me verem equipado e a jogar.

O apito do árbitro fez-se ouvir e o jogo começou.

Encontrei a minha irmã encostada ao muro, segurando a filha pelos ombros. Vendo-me, a sua pergunta era óbvia.

— Que fazes aqui?

— Depois conto-te.

Apesar de não ter muita vontade, consegui convencer a minha irmã a ficar.

Ficar de fora, permitiu-me observar melhor a minha equipa.

O Oliveira do Hospital era muito forte para uma equipa como a nossa. Os seus jogadores fintavam os do GDP com facilidade e ultrapassavam a defesa como faca em manteiga. Norberto fazia o que podia, mas não era muito.

A meio da primeira parte, Oliveira do Hospital vencia por quatro a zero.

Norberto discutia com Joselino e Reis que não se entendiam com os avançados adversários. Abílio protestava com o médios que não conseguiam fabricar uma única jogada de ataque. E Hélder, lá na frente, era um espectador do jogo, já que os defesas contrários não o deixavam tocar na bola.

Ao intervalo, cinco a zero era o resultado.

A segunda parte foi a continuação do desacerto.

No final, oito a zero.

Os jogadores foram vaiados, mais o técnico, a quem perguntavam “porque é que não puseste o Ivan Pedro?”.

No desporto as pessoas passam rapidamente de bestiais a bestas. Os jogadores, horas antes idolatrados, eram assobiados e ofendidos na sua caminhada

para o balneário.

O jogo fora humilhante para o G. D. Paúle. Tenho a certeza que não teria sido diferente, se eu tivesse jogado.

O público começou a abandonar o campo, desalentados e resignados com a diferença de nível futebolístico demonstrado.

O processo disciplinar que me fora instaurado não tivera consequências. Nunca se falou em nada e acho que não passou de uma paranoia de José Luís. Não sei o que aconteceu nos bastidores, apenas que na semana que se seguiu, Alfredo Carrapiço me disse:

- Esquece aquela cena de Sábado! Contamos contigo!
- E o processo?
- Qual processo? Nunca houve processo, rapaz.



## X

**P**assara um mês e meio, desde que me mudara para a aldeia de Paúle. Aproveitei aquele que seria o último fim-de-semana descansado, para ficar sozinho em casa ao fresco e a ver televisão. No Domingo da semana seguinte, começaria o campeonato.

Após aquele humilhante jogo diante do Oliveira do Hospital, fizemos mais dois jogos. Um contra o Tabuense em Tábua, onde empatámos a um golo. E o último em casa com o Carregal do Sal, o qual vencemos por três a um. Contudo, as indicações que a equipa revelava para a época que se avizinhava não eram nada boas.

A minha irmã saíra com Augusto e levava Cibele consigo. Ele convidara-a para lhes mostrar uma zona de quedas de água que ele conhecia.

Manuela e Augusto tinham-se aproximado muito, desde aquele dia de pesca, quando Cibele caíra à água. Conhecendo-a como conhecia, percebi rapidamente o seu crescente interesse nele.

Mesmo recusando a ideia, quando a confrontava com isso, Manuela e Augusto já partilhavam mais que uma recém-criada amizade.

A tarde estava muito quente e o ar era seco, o que me causava um certo mau estar.

Sentado no sofá, bebia eu um sumo fresco e via a SportTv, quando ouvi o toque da campainha.

Podia esperar qualquer pessoa, menos a que me apareceu para lá da porta.

— Rui? — interroguei pasmado ao ver o meu ex-cunhado.

— Olá, cunhado!

— Ex-cunhado. — lembrei. — Que eu saiba, estás divorciado da minha irmã. Ou será que te esqueceste?

Rui era um indivíduo mais alto que eu, robusto e sempre com barba de dois, três dias. Surpreendera-me vê-lo de cabeça rapada, mas optara por aquele visual devido ao estado avançado da sua calvíce. Já não o via desde que fora preso.

— Não me convidas para entrar? — perguntou.

— Não.

O rosto de Rui endureceu.

— Ó pá, deixa-te de merdas! Quero falar com a Mané.

— Ela não está.

Rui empurrou-me e forçou a entrada, constatando com os seus olhos que eu falava verdade.

— Onde é que elas estão, Ivan?

Olhei para o bolso e disse:

— Aqui não estão.

Rui ficou ainda mais furioso e tentou forçar-me a dar-lhe a informação. Porém, antes de se aproximar, surgiu uma voz feminina, atrás de mim.

— Calma, Rui!

A voz pareceu-me familiar. Uma recordação distante, mas conhecida. Voltei-me para a proveniência da voz e nem quis acreditar.

— Carla?

— Olá, Ivan Pedro!

Que fazia ela ali? Parecia um daqueles filmes em que os personagens aparecem sem terem nada a ver com a cena.

Carla estava, claro, mais velha. Já não usava o cabelo ruivo encaracolado, mas sim frisado. Porém, notei nela um olhar diferente. Perdera o ar fútil e tornara-se calculista.

— Que fazes aqui? — indaguei.

— Penso que é óbvio. — respondeu.

Rui colocou-se a seu lado e esclareceu.

— A Carla e eu...

— Acho que ele já percebeu, querido. — atalhou Carla.

— Como é que vocês... se conheceram? — perguntei, ainda atordoado.

— Num bar, depois de ele sair da prisão. — contou Carla.

— E o teu nome foi um bom elo de aproximação entre nós. — relatou Rui.

Carla sorriu com cinismo e disse:

— Fiquei logo curiosa de saber onde estava o meu “querido” Ivan.

— Será que noto aí uma pontinha de ressentimento? — perguntei.

— Achas? Porque haveria de estar ressentida?

— Se calhar por te ter posto na rua, quando me traíste.

— As atitudes ficam para quem as pratica. — respondeu.

— Ena! — exclamei. — Andas a comer sopa de letras?

— Parem lá com essas tretas! — interrompeu Rui. — Quero saber onde está a minha filha?

Olhei-o com altivez e lembrei-o:

— Sabes que não podes aproximar-te delas.

— Eu faço o que quiser.

Carla chamou a sua atenção, puxando-lhe o braço e sugeriu:

— Vamos voltar para o hotel. Passamos por cá noutra altura.

E ambos se foram embora, entrando num carro preto que ficara ao lado do meu.

O som do veículo a afastar-se misturou-se com o ruído da lambreta de Raquel.

Mal faláramos desde que ela me propusera aquela relação sem compromissos. E aquelas dúvidas aquando da chegada da minha irmã também ajudaram ao nosso afastamento. Naquele momento, vinha ao meu encontro para saber como eu estava e reactivar a nossa amizade.

Ainda um pouco alterado pela visita anterior, acabei por desabafar com Raquel, aquilo que tinha acontecido.

Raquel ouviu-me com toda a atenção e acabou por dizer:

— Talvez fosse melhor elas irem lá para casa.

— É melhor não. — recusei.

— A sério. — insistiu. — Temos seguranças e elas estariam protegidas dele até se arranjar uma solução melhor.

— E a tua mãe?

— Eu falo com ela.

Pegou no telemóvel e telefonou à mãe. Ouvi-a contar-lhe todos os pormenores do que acontecera, tal e qual eu lhe contara. Percebi claramente que a outra não pusera entraves à ideia e até sugeriu que eu fosse também.

Essa parte da proposta recusei. Sabia que o receio da senhora era que Rui estragasse aquilo que ela considerava uma mais-valia do GDP.

Mal desligara a chamada, senti o trinco da porta rodar e por ela entrarem Manuela, a filha e Augusto. A minha irmã percebeu no meu semblante que algo grave acontecera.

Levei-a para o quarto para podermos falar à vontade e contei-lhe o que se passara na sua ausência. Ela ficou abalada, mas manteve a calma e o seu calculismo de advogada começou a funcionar.

— É melhor voltar para Lisboa. — disse.

— Não necessariamente. — lembrei. — Lá, continuas à mercê dele. E estás a esquecer-te do Augusto.

Manuela sorriu-me.

— Eu sei que vocês andam um com o outro, mana.

Expliquei-lhe o plano de Raquel e como estariam mais protegidas em sua

casa. Manuela começou por recusar a ideia, pois não queria transformar a sua vida numa prisão. Contudo, o facto de que Cibele estaria significativamente mais segura, pesou na sua decisão de aceitar.

Saí do quarto e pedi a Augusto que fosse lá, pois Manuela queria explicar-lhe o que estava a acontecer. Eu comuniquei a Raquel que se iria fazer como ela sugerira.

O pôr-do-sol revelava-se lindíssimo, escondendo-se na linha do horizonte, quando eu e Augusto ficámos a ver Manuela e Cibele serem guiadas por Raquel para o interior dos jardins da Casa de Paúle.

Nessa noite, Camila escrevera-me um *email*, depois de cerca de um mês sem dar notícias. Relatava o desfile na Flórida e outros que se seguiram a esse, o que a tinha ocupado totalmente nesse tempo. Enviou-me algumas fotos dos preparativos, onde ela aparecia feliz e sorridente juntamente com a sua equipa de trabalho.

Senti-me estranho. Fiquei contente por a ver bem. Porém, não sei se queria vê-la com um ar infeliz, só pelo facto de se ter aventurado naquela empreitada e me ter deixado para trás. Concluí que fora eu quem a deixara para trás. E ela, apenas, tentava viver a sua vida o melhor possível.

Decidi não responder ao seu *email*, pelo menos naquela altura.

Mais uma vez, ali estava eu sozinho em casa. Habitudara-me a ter a companhia da minha irmã e da minha sobrinha. Pelo menos, voltava a ter a minha cama e podia deixar de dormir no sofá-cama.

Descobri uma boneca de Cibele junto do sofá. Como estariam elas? Teriam sido bem recebidas? Pensei em telefonar-lhes, mas reparei que já era tarde demais para o fazer.

Peguei no telemóvel e liguei para o hotel em Tábua, onde trabalhava o Joselino. Não sabia se ele estaria de serviço naquela noite. Foi o próprio quem atendeu a chamada.

— Joselino? É o Ivan Pedro!

— Estás bom? Que se passa?

— Preciso de uma informação tua.

— Diz.

— Sabes se entraram hóspedes novos, nestes últimos dias? — perguntei.

— Entraram.

— Viste algum casal?

— Ivan, há vários casais no hotel. — lembrou ele.

Tinha razão. Descrevi-lhe pormenorizadamente o Rui e a Carla, esperançado

que eles estivessem lá hospedados.

— Sim. De facto, entrou um casal a noite passada com esses nomes. E conferem com essa descrição. — confirmou Joselino.

Resumidamente, expliquei a situação a Joselino e pedi-lhe que me mantivesse informado das suas movimentações. Joselino acedeu ao meu pedido e comprometeu-se a colaborar comigo, sempre que estivesse de serviço no hotel.

Se não os podia afastar da minha família, pelo menos tinha que os ter controlados e vigiados.

Na manhã seguinte, fui despertado do meu sono por toques sucessivos na campainha.

Levantei-me ensonado e deparei com nova visita de Rui, desta vez sozinho.

— Onde estão elas? — perguntou, empurrando-me novamente como no dia anterior.

— Isto não pode estar a acontecer. — reclamei, bocejando. — Outra vez.

— Onde está a minha filha? — insistiu ele, olhando para todo o lado.

— Estão ambas em lugar seguro. — respondi. — Agora, põe-te na alheta!

— Ouve lá, ó amostra de jogador da bola!

Rui dirigiu-se a mim, tentando levar a melhor fisicamente.

— Ó pá vai-te embora! — ordenei. — Volta para Lisboa e leva a puta da tua namorada!

Desviei-me do seu punho enraivecido e empurrei-o porta fora, fechando-a de seguida. Ouvi claramente os dois socos que inflingiu à madeira da porta. Após os passos furiosos a descer as escadas, espreitei à janela para ver as suas movimentações.

Rui preparava-se para entrar no carro, quando foi abordado por outro homem. A visibilidade não era muito boa, mas dava para perceber que o outro era Xavier. Não me pareceu que se conhecessem antes daquele momento. Vi Xavier apontar na direcção do meu apartamento e dizer qualquer coisa que fez Rui concordar. O meu ex-cunhado retorquiu algo que também não ouvi e convidou o outro a entrar no carro. Ambos partiram no veículo preto.

Que rica dupla, pensei. Não havia melhor aliado em Paúle para Rui que o Xavier, aquele que jurara vingança quando o impedi de abusar de Dália.

Aquela nova amizade não me afligiu, minimamente, até ao momento em que me lembrei que Xavier era irmão de Deolinda que era empregada na Casa de Paúle. Não lhe deveria ter passado em claro as novas hóspedes da casa e, obviamente, que o assunto seria discutido em família. Logo, Xavier contaria



a Rui o paradeiro da minha irmã e da minha sobrinha. Só me restava confiar na segurança da casa.

Mesmo assim, telefonei a Raquel e transmiti-lhe os meus receios. Ela descansou-me, lembrando que existia na casa segurança suficiente e que ninguém entrava sem autorização prévia da mãe ou dela.

Mais aliviado, falei com a minha irmã.

Manuela contou-me como as tinham recebido bem e como todos estavam a ser muito gentis com elas. Não a informei dos novos factos, pois não havia necessidade de a preocupar mais.

Raquel voltou ao telefone e convidou-me a jantar lá em casa. A princípio recusei, uma vez que a minha personalidade entrava facilmente em choque com a da mãe dela. No entanto, seria uma desfeita desnecessária a alguém que se protificara a ajudar-nos. Acabei por aceitar, colocando antes uma condição: Pedi para que Augusto me acompanhasse. Sabia como isso agradaria a Manuela.

Pouco depois das oito da noite, ainda não era noite e o Sol começava a pôr-se, Augusto e eu chegávamos aos enormes portões da Casa de Paúle.

Augusto recusara-se inicialmente a acompanhar-me. A família Calheiros e a sua residência estavam para a população de Paúle como a Rainha de Inglaterra estava para os britânicos. Existia um clima de vassalagem constante à engenheira Amândia Calheiros.

Sabia que não se sentiria à vontade, mas o facto de rever Manuela incentivou-o a ir.

Tinha o Megane parado em frente à entrada. Um dos portões abriu-se ligeiramente e um individuo saiu em direcção ao carro.

— Boa noite! — cumprimentou o homem.

— Boa noite! — retribui. — Ivan Pedro! Venho jantar com a família Calheiros.

O segurança assentiu com a cabeça. Posteriormente, olhou para Augusto e apontou, perguntando:

— E o senhor?

— É o meu amigo Augusto. — respondi no seu lugar. — As senhoras também aguardam a sua presença.

O segurança confirmou a informação e fez sinal a um colega para que abrisse os portões.

Conduzi o carro pela entrada e segui pelo carreiro cercado de arbusto que me levaria até ao pátio frontal ao pequeno palácio. Conhecia bem o caminho, pois fizera-o na primeira vez que lá fora jantar.

Augusto optara por um fato formal como se fosse a uma audiência no Palácio de Belém. Saiu do carro com enorme cuidado para não amarrotar um milímetro que fosse do tecido. Eu não envergava uma roupa tão formal, até porque não me sentia confortável, mas também revelava alguma classe e bom gosto. Contudo, naquela noite, ao lado de Augusto parecia seu criado.

O mordomo da casa recebeu-nos com cerimónia, como se seguisse um protocolo de visitas de Estado. Porém, não pôde seguir todos os procedimentos, pois Cibele fizera o favor de quebrar o gelo do ambiente, correndo para mim.

Com Cibele no colo e Augusto ao meu lado, segui atrás do mordomo que nos indicou o caminho até ao salão.

Sentadas no sofá, Manuela e Raquel esperavam a nossa chegada. Cumprimentámo-nos todos e ficámos sentados frente a frente.

O mordomo saiu do salão.

— A tua mãe? — perguntei a Raquel.

— Está no escritório.

O mordomo voltou a entrar e disse:

— Menina Raquel! Sua mãe pede que se desloque ao escritório.

— Com licença! — pedi, levantando-se e abandonando o salão.

Aproveitando a ausência de elementos da casa, perguntei à minha irmã:

— Então? Como tens passado?

— Bem. As pessoas tratam-nos muito bem. — respondeu Manuela, visivelmente satisfeita. — E o Rui? Voltou a aparecer?

— Não. — menti eu, não a querendo preocupar.

— A senhora Calheiros é um simpatia. — afirmou a minha irmã.

— Não partilhamos da mesma opinião. — retorqui.

— Porquê?

Fiz um gesto, sinalizando que era melhor não falarmos nisso.

— A tia Raquel é muito simpática. — adicionou Cibele.

— Tia? — interroguei eu.

Manuela sorriu e explicou:

— A Raquel disse-lhe que como era mais ou menos da minha idade, podia ser minha irmã, logo tia dela.

Eu sabia bem como é que Raquel queria ser tia de Cibele.

Ouviram-se passos vindos do corredor, aproximando-se do salão. Raquel entrou e regressou ao seu lugar. Seguidamente, entrou a senhora engenheira, emproada como sempre a conhecera.

Augusto levantou-se do sofá, como se alguém lhe tivesse espetado um

alfinete no rabo, e cumprimentou vassalamente a anfitriã.

Também eu me levantei, menos acelerado, e cumprimentei a senhora, dizendo:

— Como está, senhora engenheira?

— Bem obrigado. — respondeu-me. — E o senhor?

— Bastante mais descansado, devido à sua amabilidade em ter recebido a minha irmã em sua casa.

— Ora essa! Foi um prazer, meu rapaz. — respondeu-me. — A sua irmã é uma pessoa bem formada e a sua sobrinha é adorável.

— Mesmo assim, agradeço-lhe a sua generosidade. — insisti.

A engenheira Calheiros olhou para Augusto e perguntou:

— Estou a reconhecê-lo, rapaz. É o filho da Palmira, não é?

— Sou sim senhora. — confirmou ele, fazendo mais uma vénia.

— Admiro muito a sua mãe. — confidenciou. — Mulher trabalhadora. Lutou muito para vos criar! Lembro-me bem dela com vocês pela mão.

Percebi que, por trás daquela pose emproada e pomposa, estava uma mulher que se batera para merecer a posição que ocupava e admirava as mulheres que tinham lutado e se tinham esforçado por alcançar os seus objectivos.

O mordomo retornou ao salão e disse:

— Senhora! Posso mandar servir o jantar?

— Sim.

O grupo caminhou calmamente em direcção à outra sala, onde Deolinda aguardava junto à porta. Entrámos e fomos conduzidos aos nossos lugares na mesa. E o jantar foi servido.

A senhora engenheira encabeçava a mesa, tendo à sua direita Raquel, eu e Augusto e à esquerda Manuela e Cibele.

Deolinda servia a refeição, enquanto o mordomo permanecia junto à porta, estático.

— Como têm corridos os jogos do Paúle? — perguntou a senhora.

— Mais ou menos. — respondi.

— Vocês foram uma vergonha, naquele jogo contra Oliveira do Hospital. — lembrou.

— Mamã, por favor. — pediu Raquel. — Não vamos falar de futebol.

— Tem razão. — concordei com a engenheira. — Mas está a falar com duas pessoas que não jogaram nesse dia.

— Também joga no Paúle, Armando?

— Augusto, senhora. — corrigiu ele. No entanto, ela não ligou a isso e

esperou que ele desenvolvesse.

— Sou guarda-redes suplente.

A engenheira Calheiros voltou a olhar para mim e indagou:

— Porque é que o senhor não jogou, senhor Ivan?

— Isso terá de perguntar ao treinador. — respondi.

— Já perguntei ao Carrapiço. — insistiu. — E ele não disse coisa com coisa.

Gostava de ouvir a sua versão. Não gosto da ideia de estar a pagar a um jogador para ele não jogar.

— Não podemos jogar todos. — contrapôs.

— Deixe-se de espertezas comigo, senhor Ivan Pedro. Que aconteceu?

O rosto de Raquel estava carregado, furiosa com o assunto. E Manuela também não estava melhor.

— O *mister* achou melhor eu não jogar. — expliquei. — Não me cabe a mim contestar as suas decisões.

A pomposa senhora Amândia ficou a observar-me intrigada, mas não insistiu no assunto.

A refeição prosseguiu em silêncio. A dona da casa não proferira mais nenhuma palavra e todos os outros se mostraram receosos de levantar qualquer assunto.

Subitamente, o meu telemóvel tocou.

Pedi licença, levantei-me da mesa e afastei-me para o exterior da sala de jantar. Era uma chamada de Joselino.

— Alguma novidade? — perguntei.

— O tipo que me falaste saiu agora do hotel. — informou. — A mulher ficou no quarto. Mas, ouve Ivan! O tipo saiu daqui com o Xavier.

Agradei a informação a Joselino e regresssei ao salão onde todos terminavam a refeição.

A apreensão tomou conta de mim. A minha mente começou a tentar adivinhar o que iriam aqueles dois fazer ou o que estariam a engendrar.

Findo o jantar, a engenheira pediu ao seu mordomo que mandasse servir os cafés no outro salão. Este seguiu imediatamente para a cozinha para dar a ordem.

Manuela levantou-se e informou que ia deitar Cibele. A minha pequena sobrinha despediu-se de todos e seguiu com a mãe para o seu quarto.

A anfitriã sugeriu-nos que passássemos para o outro salão e todos a acompanhámos até lá.

Sentados no sofá da sala, Augusto e eu recebemos as chávenas de café. Antes, o mordomo servira a engenheira Amândia e Raquel.

— Nunca pensou ser advogado, como a sua irmã, senhor Ivan? — perguntou a engenheira.

Não havia dúvida que a mulher implicava comigo.

Nesse instante, Manuela regressou à sala e o mordomo serviu-lhe o café.

— Estava a perguntar ao seu irmão, se nunca quisera ser advogado? — continuou.

— O Ivan? — questionou ela. — Tem tanto jeito para direito como eu para o futebol.

Sorri com a sua resposta.

— E você o que faz, Armindo?

— Augusto, senhora. — emendou infrutiferamente Augusto. — Ajudo a minha mãe no café.

— A Raquel está a terminar o curso de Medicina. — informou. — Espero que seja médica brevemente.

— Assim espero mamã.

Enquanto bebia o café, sentia um aroma estranho no ar. Parecia que me cheirava a queimado. Com o passar do tempo, o cheiro foi aumentando e todas as pessoas começaram a notar.

— Que é aquilo? — interrogou a senhora, apontando para a janela.

Nesse momento, o mordomo entrou na sala e disse:

— Senhora! A mata está em chamas.

Levantámo-nos todos e corremos para as janelas para ver.

O mordomo abriu duas portas estreitas que davam para o terraço frontal à casa. Todos saímos do salão e fomos para o terraço.

A noite era escura, nem se via a Lua. Para lá dos muros da Casa de Paúle ficava uma extensa zona de pinhal. Ficámos pasmados a ver as chamas a consumir os pinheiros e a mata seca caída no chão. As labaredas eram muito altas e iluminavam o ambiente nocturno.

— Chame os bombeiros! — ordenou a dona da casa.

No entanto, antes que o mordomo se movesse, começaram a ouvir-se as sirenes dos bombeiros ao longe, rumo ao incêndio.

— O vento está contra nós. — prosseguiu. — Se não o apagam rapidamente, pode chegar aqui.

— Deus o não permita! — exclamou Deolinda, benzendo-se.

— E o teu marido também não. — retorquiu a patroa.

Petreficados com a visão assustadora das chamas, permanecemos no terraço a olhar lá para baixo para a mata a arder. Fomos despertados pelo som de

uma sirene bastante mais perto. Olhámos todos para os portões da entrada e vimos um jipe dos bombeiros avançar pelo caminho até ao pátio.

O jipe parou em frente à escadaria. A engenheira Calheiros saiu do terraço e deslocou-se até ao local onde o veículo parara. Eu e Augusto acompanhámos a senhora,

De dentro do jipe saiu Abílio, o nosso capitão de equipa, marido de Deolinda e que pertencia ao corpo de bombeiros local.

— Que se passa Abílio? — indagou muito apreensiva.

Abílio cumprimentou-a com reverência e explicou:

— O fogo na mata está descontrolado e a chegar ao Laiado.

— Laiado? — questionei.

Augusto explicou-me que era o nome dado à extensão de pinhal que observávamos dali.

— Se continuar assim e com este vento, pode chegar aqui. — prosseguiu Abílio. — Por isso, vinha pedir-lhe autorização para que ficasse aqui uma viatura para precaver.

— Claro, Abílio! — autorizou a engenheira, claramente preocupada.

Abílio pegou no rádio e deu indicações para que os colegas viessem.

— Que podemos fazer? — perguntou a senhora.

— Mantenham-se calmos. — sugeriu Abílio. — Sei que é difícil, mas é o melhor. Mande o seu pessoal regar as zonas junto ao muro para o caso de alguma fagulha encandescente voar até cá.

Olhei em volta e vi os empregados da casa a espalharem-se pelo pátio. Eram bastantes e traziam a curiosidade estampada no rosto.

A engenheira Amândia Calheiros chamou o chefe dos empregados e deu-lhe algumas indicações. Este, por seu turno, começou a distribuir o pessoal pelas zonas indicadas.

Chamei Abílio e perguntei-lhe se podíamos ser uteis.

— Mantenham-se com as senhoras e acalmem-nas. — disse ele. — Se isto der para o torto, todos seremos poucos para salvar isto.

A sua voz foi abafada pelo barulho estridente das sirenes do outro carro dos bombeiros. O longo veículo vermelho parou no pátio e dele saíram alguns colegas de Abílio.

Por momentos, gerou-se alguma confusão entre as pessoas que mal sabiam o que fazer e continuavam assustadas com a aproximação das chamas.

Voltei ao terraço e só encontrei Raquel, pois Manuela fora ver como estava Cibele. Olhei novamente para a densa zona a arder e reparei nas pequenas

luzes azuis a brilhar em redor das chamas. Eram as viaturas dos bombeiros. Ver a sua dimensão perto das chamas dava para perceber bem como eram altas as labaredas.

O calor era insuportável e o cheiro a queimado perturbava a respiração. Caminhei até ao muro para ver mais perto o que estava a acontecer no exterior. Para lá do muro, existia uma estrada onde muitos populares observavam e comentavam as chamas. Havia casas mais para baixo que já tinham sido apanhadas pelo fogo. E os proprietários das outras mais acima clamavam por socorro e tentavam salvar o que podiam.

Regressei à minha posição no terraço, cruzando-me com vários funcionários da casa que seguiam as ordens do capataz para defender as imediações do terreno contra as chamas.

Já perto da escadaria, reparei num individuo magricela parado a observar os outros. Mais uns passos e discerni a sua identidade. Era Xavier.

Fiquei sobressaltado, pois sabia que Xavier estivera com Rui e que ambos tinham saído juntos do hotel. Sendo assim, o outro não deveria andar longe, o que comprometia a segurança da minha irmã e da minha sobrinha.

No terraço, Raquel reconfortava a sua mãe, visivelmente transtornada com o que estava a acontecer. Não muito longe, Augusto cumpria as indicações de Abílio que o mandara ficar junto delas. Perto dele, perguntei:

— Viste a Manuela?

Augusto olhou para a casa e respondeu:

— Ainda não voltou. Deve estar com a Cibele.

Aproximei-me mais dele e segredei-lhe:

— Vi o Xavier ali, no pátio. O Joselino disse-me que o viu sair do hotel com o Rui. Acho que o malandro do meu ex-cunhado deve andar por aí.

— A sério? — interrogou ele, arregalando os olhos.

— Sim. Fica de olho no Xavier que eu vou ver da Manuela.

Augusto concordou e saiu do terraço, colocando-se numa posição privilegiada para controlar as movimentações de Xavier.

Eu chamei Raquel e perguntei-lhe onde ficava o quarto de Cibele.

Depois de me indicar rapidamente o caminho até lá, entrei na casa e subi as escadas. Não se via nem ouvia ninguém no interior, apenas o ruído da confusão lá fora e as sirenes ao longe a vaguear pelas estradas e caminhos de terra, tentando alcançar uma boa posição para combater as chamas.

Entre no corredor e caminhei pela passadeira que abafava os meus passos. Ouí qualquer coisa cair ao chão e um grito. Corri o mais rápido que pude e

entrei de rompante no quarto de Cibele.

Encontrei Cibele agachada num canto do quarto, assustada e petrificada com a cena que se desenrolava. Manuela estava caída no chão, um pouco maltratada e com aspecto de quem se batera por proteger a filha daquele louco que permanecia junto à porta.

Ao ver-me, Rui tentou agredir-me com qualquer coisa que não identifiquei. Desviei-me e soquei-o no estômago, atirando-o ao chão.

Manuela gatinhou até Cibele e abraçou-a para a proteger.

Eu estava por minha conta. Não havia possibilidade de ninguém nos vir ajudar, pois todos continuavam demasiado ocupados com o incêndio.

Rui voltou à carga e empurrou-me contra a parede e eu voltei a responder com outro soco. Não sei o que me deu tanta força para me debater com ele, talvez o instinto de protecção da minha família. Ele conseguiu agarrar-me pelo pescoço e tentou sufocar-me, mas eu consegui libertar-me, dando-lhe uma pancada seca na cabeça.

Manuela fez um esforço por se levantar, abriu a janela e começou a gritar por socorro. Não sei se alguém a ouviu. Porém, isso assustou Rui que optou por se pôr em fuga pelo corredor.

No entanto, eu não estava disposto a deixá-lo escapar e corri atrás dele. Desci as escadas, vendo que ele já fugia pelo átrio rumo ao pátio exterior. O ambiente foi invadido pelo ruído estridente de novo carro dos bombeiros que entrava na propriedade.

Rui saiu porta fora. Eu não desisti e repeti o caminho dele.

Quando saí para a rua, Rui descia as escadas atabalhoadamente sem ver para onde ia. Nesse instante, o veículo dos bombeiros entrou no pátio a toda a velocidade, dirigindo-se para o mesmo local que Rui. O condutor não teve tempo para se desviar e embateu violentamente nele.

As pessoas que haviam desviado a sua atenção para os gritos de Manuela, viam agora aquela tragédia, como se a que se avizinhava já não fosse suficiente.

Penso que Rui teve morte imediata. Ainda chamaram uma ambulância, mas não havia nada a fazer.

Xavier, que tentara escapar ao ver o cúmplice morto, foi apanhado por Augusto.

No momento em que a ambulância chegou para levar o corpo, o fogo estava muito muito perto. Com a ambulância veio também um jipe da GNR que fora chamado por quem ouviu os gritos de Manuela.

Conversei com os agentes e expliquei o que acontecera e a tentativa de



rapto do qual Xavier fora cúmplice. Por essa razão, eles mantiveram-no sob prisão.

Abílio coordenava do seu jipe todas as forças de que dispunha. Com a aproximação das chamas, as viaturas recuaram até perto das casas, tentando desesperadamente salvá-las.

Todos tivemos muita sorte naquela noite.

Quando já achávamos que tudo estava condenado a arder, o vento mudou de direcção e empurrou as chamas para outro lado. Parte da corporação deslocou-se para a nova frente e continuou a combater as chamas, enquanto os restantes se mantiveram alerta, caso o vento voltasse a mudar.

Só perto do nascer do Sol é que os bombeiros controlaram o incêndio. Fora uma noite em claro para todos nós. Os populares davam graças a Deus pela salvação dos seus pertences. Contudo, havia muitos que não podiam dizer o mesmo.

Xavier fora levado para o posto da GNR em Tábua e relatara aos agentes alguns factos da noite anterior.

Segundo ele, o fogo fora ateado por Rui para chamar as atenções e causar confusão na Casa de Paúle. Aproveitaram a passagem dos bombeiros dentro da propriedade para entrarem sem que ninguém os visse. Por várias vezes, Xavier disse que tentara demover Rui de fazer aquilo. O objectivo era entrar na casa e raptar a minha sobrinha.

Xavier acabou por sair em liberdade, apesar dos vários avisos de que estavam de olho nele.

Outra pessoa que desapareceu foi Carla, a qual fora vista sair do hotel, meia hora após Rui e Xavier. Joselino identificou o carro em que ela seguia e houve quem dissesse ter visto o carro a cerca de cem metros dos portões da Casa de Paúle na noite da tragédia. Pensa-se que seria a última fase do plano, aguardando Rui com Cibele para se porem em fuga. Dois dias mais tarde, o carro foi encontrado no rio perto de Tábua, mas nem sinal do corpo de Carla. Ninguém acreditava que ela tivesse morrido. Fugira com medo de ser presa.

## XI

Chegara finalmente o dia da estreia no Campeonato Nacional da III Divisão, série C.

Normalmente, as provas oficiais têm início na última semana de Agosto. Porém, devido à realização do Europeu no ano seguinte e a necessidade de todas as competições terminarem em tempo útil, fez com que as provas oficiais começassem ligeiramente mais cedo, mais ou menos a meio de Agosto. Apenas a III Divisão começaria uma semana mais tarde.

Em Portugal, só a Superliga e a Liga de Honra (Primeira e Segunda Divisão) são considerados campeonatos profissionais e, apenas estes, geridos pela Liga Portuguesa de Futebol Profissional. Os restantes campeonatos (II Divisão B, III Divisão e Distritais) eram semi-profissionais ou amadores e geridos pela Federação Portuguesa de Futebol, a qual tinha a seu cargo a Taça de Portugal.

O campeonato em que estávamos inseridos, a III Divisão, dividia-se em sete séries (A, B, C, D, E, F e Açores). As séries A e B eram disputadas por equipas do norte do país, as C e D pelas do centro e as E e F pelas do Sul e Madeira. A série Açores, claro, era disputada unicamente por equipas do arquipélago.

O primeiro classificado de cada série iria disputar, entre si, o título da divisão. Os dois primeiros classificados de cada série eram promovidos à II Divisão B e os quatro últimos de cada série eram despromovidos aos Distritais — Excepto na série Açores, a qual tinha características próprias para as promoções e despromoções. — O nosso objectivo principal seria ficar acima desses quatro últimos classificados na série C.

Dezoito equipas disputariam aquela serie, jogando todas contra todas, ora no seu campo ora no campo do adversário.

O sorteio que se realizara no mês anterior, ditara que o nosso primeiro jogo seria no nosso estádio e jogariamos contra o União de Coimbra.

Quando acordei na manhã de Domingo, a minha irmã já preparava o almoço. E Cibele fora com Augusto à feira.

A minha irmã e a minha sobrinha tinham voltado para minha casa, após a noite trágica na Casa de Paúle. Terminado o perigo que Rui representava, já não havia razão para continuarem sob protecção da propriedade da família Calheiros.

Por todo o Paúle e povoações vizinhas vivia-se um ambiente de festa, uma vez que era o dia da nossa estreia no campeonato. Esperava-se uma enchente no nosso pequeno estádio, naquela tarde quente de Agosto. Dezenas de cartazes a anunciar o G. D. Paúle *versus* União de Coimbra, às dezassete horas, espalhavam-se por vários locais da aldeia. Até em Midões havia desses cartazes.

Os jogadores do plantel tinham indicações para almoçar ao meio-dia e comparecer no estádio às quinze horas para a concentração, antes do jogo.

Augusto chegou mesmo quando nos preparávamos para almoçar, trazendo Cibele que se apressou a correr para a casa-de-banho, para lavar as mãos. Manuela convidou-o a almoçar connosco, mas ele declinou o convite, justificando que a família o aguardava para a refeição lá em casa.

Durante o almoço, Manuela falou-me da sua última decisão:

— Vou regressar a Lisboa, mano.

Fiquei um pouco espantado. Calculava que ela decidisse partir, mais cedo ou mais tarde, após a morte de Rui. Porém, não o esperava naquele momento.

— Quando? — perguntei.

— Em principios de Setembro. — informou. — O ano judicial vai abrir e é necessário a minha presença no escritório.

— Já disseste ao Augusto?

Manuela abanou negativamente a cabeça.

— Quando pensas dizer-lhe?

— Contava com a tua ajuda.

— Não me metas nisso, mana. — pedi. — Isso deve ser falado entre vocês! E não com um intermediário.

— Tens razão, mas...

— Eu compreendo que é difícil. — disse. — Porém, és tu que o tens que fazer.

O tempo passou lentamente até à hora de seguir para o estádio. A ansiedade e nervosismo por voltar a jogar oficialmente, faziam-me tremer e sentir um nó no estômago. Saí de casa descendo as escadas automaticamente, enquanto pensava no jogo que tinha pela frente. Entrei no carro e conduzi até ao meu destino.

Estacionado em frente ao edifício da sede do GDP, saí do carro e vi Abílio chegar num Turbo Diesel azul. Já me habituara a vê-lo sempre com carros diferentes, pois como vendedor de automóveis, Abílio tinha acesso a vários modelos.

— Preparado? — perguntou-me, sorrindo.

— Claro! — exclamei.

Seguimos ambos para o interior do edifício, onde estava marcada uma palestra de José Luís, antes de seguirmos para os balneários.

Ainda faltavam alguns elementos da equipa, mas a maior parte estava lá. Em cinco minutos, os restantes chegaram. Sentámo-nos todos em cadeiras viradas para a frente e aguardámos as palavras do nosso treinador.

— Boa tarde a todos! — cumprimentou, olhando-nos autoritariamente, como sempre fazia. Nós eramos os soldados que ele mandaria para o campo de batalha com o intuito de ganhar a guerra. Talvez isto fosse uma visão belicista de um jogo de futebol. — Hoje vamos iniciar a nossa participação no campeonato. Todos conhecem os nossos objectivos. Queremos assegurar a manutenção! — O discurso prolongou-se mais alguns minutos, mas sem nada de relevante.

Finda a palestra, a equipa seguiu para o balneário, onde se equiparia para o aquecimento, antes de começar o jogo.

Num plantel de vinte jogadores, como o do Grupo Desportivo de Paúle, havia necessidade de deixar dois jogadores de fora, uma vez que em campo estariam onze e no banco de suplentes sete. José Luís chamou Serafim e Gustavo, os quais já calculavam a sua sorte, e conversou com eles, informando-os de que ficariam de fora. Contudo, queria que eles fossem apoiar a equipa.

Apesar dos conflitos que tinha com ele, sempre achei que ele sabia lidar muito bem com os jogadores. As nossas desavenças eram um conflito de personalidades.

José Luís escolheu para o onze que iniciaria o jogo, os seguintes jogadores: Norberto; Miguel, Joselino, Reis e Sassi; Abílio, Justino, Ramalho e eu; Castanha e Hélder. Augusto, Teodoro, Emanuel, Toni, Macário, Zacarias e Samuel ficavam no banco.

Samuel normalmente seria titular. Porém, as duas últimas semanas que passara de férias na Figueira da Foz, fizeram José Luís considerá-lo abaixo de forma para o jogo.

Entrámos para o relvado e começámos os exercícios de aquecimento. Ao longo do gradeamento que cercava o campo, muitas pessoas já se arrumavam nos melhores lugares para ver o desafio. Vislumbrei a dona Palmira e a filha Maria de Fátima que também assistiam ao jogo. Infelizmente, nem Augusto nem Teodoro iriam jogar de início, não havendo assim representantes da sua

família em jogo.

Em frente à linha de meio campo, situava-se uma pequena tribuna coberta, local destinado às figuras de destaque do clube e seus convidados. Perto do final do aquecimento, vi a engenheira Calheiros sentar-se no centro, acompanhada por Raquel e por Manuela com a minha sobrinha, as quais a engenheira convidara para assistirem consigo ao jogo — A minha irmã só via futebol quando eu jogava. Detestava o jogo e não percebia nada das regras. — Mais atrás, sentava-se Alfredo Carrapiço e os dois jogadores preteridos que ele insistira para verem o jogo ali com ele. Vi mais algumas pessoas, estas ligadas ao União de Coimbra, convidadas por cortesia, e outras pessoas da terra, talvez investidores do clube.

Quando regressámos do balneário para o começo do jogo, a densidade de espectadores aumentara enormemente. Centenas de pessoas debruçavam-se sobre as grades, assegurando a visibilidade suficiente para ver a partida.

Perfilámo-nos todos em frente à tribuna, tanto nós, como a equipa do União e a equipa de arbitragem. Feitos os cumprimentos à assistência, os capitães de equipa ficaram com os árbitros, correndo os outros para cada meio campo, pulando e saltando para disfarçar a ansiedade.

O árbitro deu a escolher as faces de uma moeda aos capitães e atirou-a ao ar. O sorteio foi favorável ao nosso adversário que escolheu o campo, oferecendo-nos o pontapé-de-saída.

Os dois jogadores apertaram a mão ao árbitro principal, aos árbitros assistentes e ao quarto árbitro. E cada um dos capitães regressou para junto da sua equipa.

Abílio fez sinal para que nos juntássemos a ele. Formámos um círculo e gritámos alguns incentivos a nós próprios. Abílio deu algumas indicações e, bem cedo, lembrou que era a voz de comando de José Luís, dentro do relvado. E era natural que assim fosse, pois Abílio era um líder em qualquer lado que estivesse e era respeitado por isso.

Hélder deu o toque na bola que iniciou oficialmente a nossa época. Castanha segurou o esférico nos pés, passando-o a Abílio após a aproximação de um adversário.

As pessoas gritavam palavras de apoio. Não reparei em nenhum adepto do nosso adversário, talvez um ou outro que tivessem vindo com a equipa, mas nada significativo.

O União de Coimbra era uma equipa experiente, consciente das dificuldades e com a lição bem estudada para nos levar a melhor. Perto dos vinte

minutos de jogo, uma desatenção de Reis quase dava o primeiro golo do jogo ao União. Valeu a grande defesa de Norberto.

Joselino reclamou com Reis, mas Abílio apressou-se a manter a ordem e concentração.

Na jogada seguinte, Norberto colocou a bola em Miguel que a conduziu alguns metros pelo nosso meio campo. O União não se arriscava muito e só intensificava a pressão perto da linha do meio-campo. Justino recebeu a bola e passou-a ao irmão. Abílio levantou a cabeça e reparou em Castanha a correr pelo centro, chutou a bola por cima de dois adversários na direcção dele. No entanto, um dos defesas cortou o lance, cabeceando a bola para a linha lateral.

A bola veio na minha direcção e eu não a deixei sair. Sassi, um pouco atrás, disse:

— Aqui.

Toquei a bola para ele e corri. Sassi fintou um adversário e colocou a bola à minha frente com um excelente passe. Eu recepcionei com tal categoria que arranquei alguns aplausos ao público. Corri com ela até à linha de fundo e senti que parte da equipa investira no meio-campo adversário em meu auxílio. Parei a um metro da linha e olhei para a área. Fintei o defesa que me tentou tirar a bola. Alguém da bancada gritou:

— Olhó Hélder!

No meio de dois defesas centrais, Hélder aguardava o passe.

Olhei para a bola, olhei para ele e passei-lhe o esférico. Hélder não conseguiu chegar à bola porque foi agarrado pela camisola. E a bola acabou por morrer nas mãos do guarda-redes.

Ouviram-se enormes protestos da assistência. Referências à mãe do árbitro e a si próprio. Castanha e Justino ainda simularam uma tentativa de protesto, mas Abílio impediu-os.

Bem vindos ao futebol português, pensei.

O intervalo chegou com um nulo no marcador.

Durante a caminhada de regresso ao balneário, vi Abílio dirigir-se ao árbitro e, possivelmente, pedir-lhe explicações acerca do lance polémico. O homem do apito disse-lhe que não vira nada e avisou-o para se retirar dali, antes que lhe mostrasse o cartão amarelo.

Após quinze minutos de descanso, os jogadores estavam de regresso.

José Luís decidira mexer na equipa, retirando Ramalho e colocando no seu lugar Samuel.

O jogador do União deu o toque na bola que reiniciou a partida.

A aposta deles centrou-se naqueles quinze a vinte minutos da segunda parte, em que nos pressionaram fortemente e onde por duas vezes quase inauguram o marcador. Se na primeira valera nova defesa de Norberto, na segunda fora Reis a evitar o golo a escassos centímetros da baliza.

No entanto, a partir daí, o desgaste físico dos jogadores do União foi evidente. E nós “caímos” em cima deles.

O guarda-redes do União era muito bom, defendia quase tudo. E o que não defendia, ia aos postes ou à barra.

A cinco minutos do fim, Samuel ganhou uma bola perto da grande área adversária. Fintou um defesa e passou a bola a Abílio. Este rematou com força fazendo a bola parar no fundo da baliza do União de Coimbra.

Ouviu-se um grito uníssono na assistência, vibrando com o golo. Corremos todos para Abílio, abraçando-o e festejando com ele.

Até ao final, controlámos o jogo e o resultado. José Luís substituiu-me por Teodoro e substituiu Hélder pelo Emanuel. Fomos todos ovacionados pelo público.

O árbitro deu uns exagerados sete minutos de desconto, mas isso não evitou a derrota do União. Mal o árbitro apitou para o final, festejámos todos a vitória, havendo até quem invadissem o campo para festejar connosco. Parecia que tínhamos ganho o campeonato.

O ambiente estava muito mais calmo quando saímos dos balneários rumo ao parque, após as comemorações nos vestiários e um belo banho. Quase toda a gente já abandonara o estádio, até o autocarro do União de Coimbra com os seus jogadores.

Perto do meu carro, Manuela e Cibele aguardavam-me. A minha irmã deu-me os parabéns pela vitória e pediu-me que levasse Cibele para casa. Eu concordei. Despediu-se de mim e vi-a caminhar até ao local onde Augusto a esperava.

Desejei que tudo corresse bem e ele compreendesse a decisão que Manuela tomara.

Não sei ao pormenor como correu a conversa. Manuela chegou a casa depois de jantar, já Cibele dormia angelicamente na sua cama.

— Então? — perguntei-lhe, ao vê-la entrar.

Manuela encolheu os ombros. Sentou-se ao meu lado no sofá e disse:

— Conte-lhe que era necessário o meu regresso a Lisboa.

— E ele?

Manuela olhou-me como se eu tivesse a obrigação de saber a resposta.

— Ficou triste. — contou. — Disse que eu me ia embora e me esqueceria dele. Eu disse-lhe que não. Tu sabes como são estas coisas... A Camila está em Nova Iorque e...

— Não tem nada a ver. — interrompi, bruscamente. — Não existe nada entre mim e a Camila.

— Não costumavas falar com ela na *net*?

— Mantemos a amizade. — lembrei. — Mas estamos descomprometidos um do outro.

— Sim, sim... — ironizou. — Andaste com alguém, desde que terminaram?

— Não.

Manuela sorriu vitoriosa.

— O Ivan Pedro que eu conheço, não fica tanto tempo sem...

— Está bem, já te percebi. — atalhei. — Acredita em mim, mana. Está tudo terminado entre nós. Não tem volta!

Fazendo um gesto de “como quiseres”, prosseguiu:

— Eu estou apaixonada por ele! Tal como ele por mim. E acredito que o nosso amor vai resistir à distância.

— Faça votos que sim. — desejei. — Ouve lá, mana! E ficaram a conversar até agora?

Manuela revelou um sorriso malandro e respondeu:

— Ó Ivan! Não vais querer que te conte tudo o que fizemos, pois não?

— Não, mana. E jantaste?

— Jantei e estou cheia de sono. Até amanhã, maninho!

Deu-me um beijo na face e caminhou até ao quarto.

Sentado no sofá, ali fiquei a ver televisão. Camila enviara-me um *email* ao fim da tarde, convidando-me para conversarmos um pouco ao fim da noite. Respondi-lhe que lá estaria no ICQ à hora marcada. Só que ainda faltava bastante tempo e eu estava cansado.

Enquanto via o resumo do Brasileirão na SportTv, pensava nas últimas conversas com ela. Não lhe respondera àquela mensagem em que me enviara fotos dos desfiles nos Estados Unidos. Dois dias depois, mandou-me nova mensagem a perguntar se estava tudo bem ou se estava aborrecido. Respondi que estava tudo bem. Camila evitava dialogar directamente, limitando-se aos *emails*.

No dia anterior, escrevera-lhe a confessar que tinha saudades de falar com



ela e de ouvir a sua voz. Pedi-lhe que me telefonasse. A resposta foi aquele *email* a combinar o encontro no ICQ.

Deixei o computador ligado e fui até à janela para apanhar ar e espertar do sono que ameaçava arruinar a nossa conversa.

A noite era calma como sempre. Sabia bem a brisa que me batia no rosto, apesar da noite estar quente. As poucas casas que observava dali, tinham as luzes apagadas. Só se viam as luzes da rua e das estradas. E lá ao fundo, num aglomerado imenso de luz, a cidade de Oliveira do Hospital.

Ouvi o som característico do computador, sinalizando uma mensagem nova do ICQ. Afastei-me da janela e sentei-me no sofá com o aparelho nas pernas.

“Olá, Pedro!”, dizia a mensagem.

Escrevi:

“Olá Camila!”

“Está tudo bem?”, apareceu no ecrã.

“Sim. Como estás tu?”

“Cheia de trabalho.”

Antes de escrever o que quer que fosse, nova mensagem.

“Tem havido jogos? Tens jogado?”

“Hoje foi a estreia no campeonato. Ganhámos por um a zero.”

“Parabéns! Foste tu que marcaste?”

“Não.”

“Sabes que te desejo toda a sorte, não sabes?”

“Sei.”

Abri uma nova janela e digitei:

“Começo a pensar se chegarei a algum lado.”

“Claro que sim. Ainda te verei a jogar no Benfica.”

“Não gozes, amor!”

Só depois de mandar a mensagem, é que reparei que escrevera “amor”. Não perdera o hábito de a tratar assim. Era como eu a via, como o meu amor.

Mesmo assim, apressei-me a abrir outra janela e a escrever:

“Desculpa, chamar-te amor!”

“Não tem importância.”

“É o hábito. Tu sempre serás o meu amor!”

Depois de enviar, esperei a resposta. Não sei porquê, os segundos pareceram horas a passar. Sabia que estava a tocar no assunto que Camila não queria.

Calculei que me fosse censurar por estar a fazer, mas...

“Vivemos muito tempo juntos para se esquecer as coisas facilmente!”

Ao ler, percebi uma certa abertura para conversar sobre aquilo. Não me criticava. Limitava-se a concordar. Escrevi:

“Nunca esquecerei o que partilhámos! Nunca te esquecerei a ti!”

“Podemos mudar de assunto?”

“Porque será sempre um tabu, falarmos do nosso amor?”

A resposta à minha pergunta, tardou um pouco.

“Não é tabu, Pedro. É uma dor que ainda não desapareceu!”

“Não é só a ti que te dói, Camila.”

“Eu sei, Pedro. Mas, não fui eu que a provoquei. Não quero falar no assunto porque podemos acabar por dizer coisas, um ao outro, de que nos venhamos a arrepender.”

“Continuas a achar que te troquei pelo futebol?”

“Tu não me trocaste pelo futebol! Tu escolheste entre o futebol e o nosso amor. Escolheste o que achaste mais importante para ti. E a mim, cabe-me viver com essa escolha.”

“Tu podias ter vindo comigo.”

“Eu também tenho de pensar no meu futuro. Querias que prescindisse de uma proposta profissional, capaz de me permitir uma independência financeira que sempre sonhei, em prol da tua carreira de futebolista?”

“Sempre me acompanhaste. Sempre estiveste a meu lado.”

“Teria ficado a teu lado, se tivesses perante uma proposta irrecusável. Não podia ficar perante uma loucura de quem se quer arrastar pelo mundo do futebol.”

Senti dolorosamente aquelas palavras. Principalmente porque começava a pensar que ela tinha razão. Atrás daquela mensagem, veio outra:

“Desculpa, Pedro! Não queria magoar-te.”

“Talvez tenhas razão. Eu fui egoísta! Não pensei em ti. Mas, também acho que paguei um preço demasiado alto por isso. O teu amor.”

Novamente, a resposta demorou a vir. Cheguei a pensar que ela tivesse ficado *offline*. Porém, a indicação no monitor confirmava que estava em linha. Então, só poderia vir uma resposta comprida.

“Tu não perdeste o meu amor! Só não me tens junto a ti.”

“Eu ainda te amo, Camila! E vou amar-te sempre!”

Fiquei à espera de retribuição no mesmo tom.

“As nossas vidas estão a seguir rumos muito distintos. Estarmos a falar de

amor, é estarmos a iludir-nos.”

A resposta foi um balde de água gelada. Com o calor que estava, até poderia saber bem. No entanto, aquele acertara-me na alma, no coração que batia por ela, e quase se despedaçara.

“Podes não me continuar a amar, mas eu amar-te-ei sempre!”

“Só não quero que as coisas se tornem mais dolorosas.”

“Posso fazer-te uma pergunta?”

“Sim.”

“Existe alguém na tua vida?”

“Queres saber se eu namoro alguém?”

“Sei que não tenho nada a ver com isso. Se não quiseres responder, tudo bem.”

“Não há ninguém, Pedro! Perdi a crença no amor sem dor!”

“Eu também não tenho ninguém.”

“Acreditarias nisso se estivesses no meu lugar?”

A pergunta ofendeu-me.

“Nunca te menti, Camila. Tu conheces-me bem.”

“Por te conhecer é que faço a pergunta, Pedro. Fazíamos amor todos os dias. É difícil acreditar que não fazes nada desde a nossa última vez.”

“Mas não faço! Acredites ou não.”

Pronto, menti-lhe, eu sei. Acreditam que adiantaria alguma coisa dizer-lhe a verdade? Não significou nada e arrependi-me no segundo seguinte. Sei que é o que todos dizem, mas é a verdade.

“Está a ficar tarde e amanhã tenho de trabalhar.”

Era a indicação para nos despedirmos. Teclou:

“Podemos continuar amanhã?”

“Não sei. Eu mando-te um *email* quando puder.”

“Está bem. Beijinhos.”

“Beijinhos”

*Camila is offline.*

## XII

Se o primeiro jogo para o campeonato corra bem, o mesmo não se pôde dizer do segundo. A viagem ao terreno do nosso adversário na segunda jornada, saldou-se por expressivos três a zero contra nós.

A euforia que se criara à nossa volta, esmoreceu um pouco com aquela derrota.

Na primeira semana de Setembro, calhava a festa anual de Paúle. O evento começava na Quinta-Feira e prolongava-se até Segunda-Feira da semana seguinte. Em cartaz, diversas opções no programa das festas com actuações musicais, jogos recreativos e um jogo do G. D. Paúle.

Nesse ano, ditou o calendário da Federação Portuguesa de Futebol que se jogasse a primeira eliminatória da Taça de Portugal, precisamente, nesse Domingo. Felizmente para nós, o sorteio ordenou-nos como visitado, mas foi cruel com o adversário, atirando ao nosso caminho a forte equipa do Benfica de Castelo Branco.

As festas teriam início na noite de Quinta. Pela tarde, já se ouvia a música a tocar nos altifalantes do estádio do Paúle, local tradicionalmente escolhido para as festas.

Apoiado nas grades, em frente à porta de casa, olhava para o horizonte e ouvia a música não muito longe. De vez a vez, um ou outro foguete era atirado ao céu, explodindo estrondosamente.

Não me sentia muito feliz. Camila nunca mais dera notícias ao longo de quase duas semanas. E faltavam poucos dias para Manuela regressar a Lisboa com Cibebe. Iria ser muito solitário, voltar a viver ali sozinho. A viagem estava marcada para Domingo, não dando tempo sequer para que vissem o jogo.

As pessoas da aldeia não tinham grandes esperanças em relação ao jogo. O próprio presidente já referira dezenas de vezes que a Taça não fazia parte dos nossos objectivos e perder logo no primeiro jogo era naturalíssimo. A constante falta de ambição só servia para cada vez mais me sentir deslocado naquele clube.

Manuela saiu de casa, apoiou-se nas grades ao meu lado e pediu:

— Podes ficar com a Cibebe? Tenho de sair.

— Tudo bem.

— Posso levar o teu carro?

Olhei-a com curiosidade e perguntei:

— Onde vais?

Manuela explicou:

— A engenheira Amândia Calheiros telefonou-me e pediu-me para ir ao seu escritório na Casa de Paúle.

Fiquei intrigado.

— Que quer ela?

Manuela encolheu os ombros e disse:

— Não sei, maninho. Só me pediu que lá fosse.

Entreguei-lhe as chaves do carro e continuei no meu humilde miradouro.

Cibele não me largou, enquanto não acedi a levá-la a comer um gelado. Segurei-a pela mão e ambos caminhámos até ao café da dona Palmira.

O tempo estava bastante quente e o ar abafado. Pela estrada principal de Paúle, diversas fitas, alusivas à quadra, espalhavam-se até ao longo do estádio. Havia cartazes por todos os estabelecimentos comerciais com o programa das festas.

Quando entrámos no café, Cibele correu para os braços de Augusto. Tinham um relacionamento curioso. Cibele aceitara-o bem como namorado da mãe. E Augusto tratava-a como se fosse sua filha.

A dona Palmira perguntou-lhe se ela queria alguma coisa e Cibele pediu um gelado de chocolate. A mãe de Augusto levou-a pela mão até à arca dos gelados.

— Já falta pouco para se ir embora. — lembrou Augusto com tristeza.

— Partem no Domingo. — informei eu, sabendo que ele o sabia. — A minha irmã depois volta, quando puder.

Augusto olhou para mim com total descredito, não acreditando num regresso da minha irmã. Pelo menos, não tão depressa.

— Ficou em casa? — perguntou.

— Não. Foi para a Casa de Paúle. — disse-lhe. — A engenheira chamou-a lá. Não sei para quê.

Cibele brincava com Maria de Fátima que a ensinava como funcionavam algumas coisas do lado de lá do balcão. Eu e Augusto, sentados numa das mesas, conversávamos sobre várias coisas.

O meu telemóvel tocou, interrompendo-nos, e eu atendi:

— Sim? Mana!... Estou no café da dona Palmira!... Tudo bem. Eu espero. — e desliguei. Olhei para Augusto e disse — Era a Manuela a perguntar onde estava. Diz que saiu agora da Casa de Paúle. Ficou contente por eu estar aqui e pediu-me para esperar aqui por ela.

Augusto e eu ficámos à conversa mais alguns minutos.

Irradiando simpatia como era costume, a dona Palmira aproximou-se de nós e convidou-me para jantar ali com eles. Tradicionalmente, o café fechava nas noites de festa de Paúle para que a família se pudesse divertir no arraial.

Antes que pudesse dar qualquer resposta, a minha irmã entrou no café.

— Ainda bem que os encontro todos aqui! — exclamou bastante satisfeita.

— Que aconteceu na casa da engenheira? — perguntei.

Manuela deu um beijo apaixonado em Augusto. Sentou-se entre nós e contou:

— A engenheira Calheiros convidou-me para trabalhar para ela.

— A sério? — interrogou Augusto, arregalando os olhos com entusiasmo.

— Sim. — confirmou. — Quer que eu seja sua advogada para tratar de alguns assuntos legais.

— E tu? — perguntei.

Manuela olhou para Augusto e respondeu:

— Fiquei muito feliz porque tenho motivos para querer ficar por cá.

Augusto beijou-a, felicíssimo.

— Então já não partes para Lisboa? — perguntou-lhe após o beijo.

— Tenho de ir. — disse ela. — Tenho de falar com os meus sócios e tratar de alguns pormenores da desvinculação da sociedade.

— E a Cibele? — indaguei.

— Vai comigo para os avós a verem. Já devem ter muitas saudades.

Augusto inquiriu:

— E quando voltas?

— Lá para o próximo fim-de-semana.

A dona Palmira deu-me uma palmada no braço e insistiu:

— Então? Posso contar com vocês para a janta?

— Queres? — perguntei a Manuela.

— Claro.

A dona Palmira congratulou-se com a nossa presença para o jantar e regressou ao balcão.

Cibele viera para o colo da mãe e Manuela, puxando-me a manga da *t-shirt*, transmitiu-me:

— A Raquel pediu para lhe telefonares.

Eu assenti com a cabeça.

O dia escurecera e dera lugar à noite, calma e agradável, como me habituara a conhecê-la em Paúle. Após um jantar muito familiar no café da dona Palmira,

ali estava eu, em frente aos portões da Casa de Paúle, aguardando a vinda de Raquel.

Telefonara-lhe depois da refeição e ela sugerira-me a sua companhia para a festa da noite em Paúle. Deixei a minha irmã e a minha sobrinha com Augusto e família e viera buscar a futura médica.

Enquanto esperava, ainda conseguia sentir o cheiro a queimado, vindo lá de baixo da mata ardida.

O portão abriu-se e vi sair da propriedade a jovem, envergando um vestido escuro apertado e com o cabelo falsamente despenteado sobre os ombros. Raquel entrou no Megane e beijou-me a face.

Conduzi o veículo a velocidade moderada e, em cerca de cinco minutos, chegámos a rua principal, frontal ao estádio do G. D. Paúle. Consegui lugar para estacionar, relativamente perto da entrada.

Costumavam vir muitos visitantes à festa, mas não no primeiro dia, por ser uma Quinta-Feira. Porém, no dia seguinte, haveria certamente mais gente.

Caminhávamos, lado a lado, pelo terreno interior em direcção ao palco que ali fora montado. Para início de espectáculo estava previsto a actuação do Rancho Foclórico de Piodão.

O complexo desportivo tinha os holofotes ligados. No entanto, a luz era demasiado fraca para que a claridade fosse satisfatória. Já havíamos treinado sob aquela luz e eu sabia que pouco se podia observar à noite. Só perto do palco e dos barracões de “comes e bebes” é que a luminosidade era suficiente.

Para mim, tudo aquilo era novidade. Nunca estivera assim numa festa de província. E até estava a achar interessante. Já para Raquel, aquele seria o último sítio onde queria estar, no meio dos pacóvios e a aturar todo aquele provincianismo. Contudo, a vontade de estar comigo superava toda a asquerosidade sentida contra aquilo.

Logo à entrada, encontrei o doutor Gervásio e a esposa. Mais uns passos e cumprimentámos Abílio e Deolinda, a qual falou com grande reverência à “menina” Raquel.

Seguimos para mais perto do palco. Vi num dos barracões de venda de cerveja, Norberto escarrapachado perto do balcão, completamente embriagado.

Alfredo Carrapiço apareceu por entre as pessoas e cumprimentou-nos. Cheirava a *old spice*, deixando a adivinhar que tomara banho no *after shave*. Não disfarcei um sorriso, quando o vi estender a mão a Raquel que o cumprimentou por educação. Ele usava uma camisa em que os botões lutavam por manter

ambas as extremidades juntas, combatendo a força da enorme pança.

Durante alguns minutos, ali ficou a falar connosco... comigo, até aparecer o filho Miguel. Este, antes de falar com o pai, lançou-me um olhar fulminante de raiva. Percebi a razão, ao lembrar-me da história que Augusto me contara acerca de uma paixoneta dele por Raquel.

Pai e filho afastaram-se até ao edifício sede do clube.

O rancho subiu ao palco e foi aplaudido pelo público. A maior parte dos elementos posicionou-se em círculo a meio do palco, enquanto os restantes seguravam os instrumentos. A música começou e os casais iniciaram a coreografia no palco. E quando surgiu a voz esganiçada da vocalista, percebi porque se estava a vender cerveja em copos de plástico.

A meio da actuação, vislumbrei por entre o público a minha irmã e Augusto. E a alguns metros deles, a dona Palmira, Maria de Fátima com o marido Teodoro e Cibele. Fiz sinal a Raquel e fomos para junto deles.

O público animou-se ainda mais quando entrou em palco uma rapariga que ninguém conhecia de lado nenhum, vestindo mini-saia e um top minúsculo, para cantar uma música que pouco mais de um verso tinha. E ela repetiu-o umas mil vezes até se ir embora. Claro que a música ajudava as pessoas a dançar, mas a letra não valia nada. E a rapariga não se livrou de bocas como “ó boa”, “canta aqui para o meu microfone” e outras.

Não estava previsto haver muita coisa naquela noite de abertura. Após a rapariga cantar, as actuações ao vivo foram substituídas por música nos altifalantes para as pessoas dançarem.

Os casais começaram a juntar-se e a dançar ao longo do terreno frontal ao palco. O programa das festas tinha para aquela noite, um agrupamento de uma vila ali perto que vinha cantar êxitos dos anos sessenta.

Raquel abraçava-me o mais que podia, aproveitando a dança para sentir o meu corpo todo. Percebi as suas intenções de aproveitar o clima para me beijar, mas evitei-as com cordealidade, dando-lhe a entender que não a queria beijar.

A canção terminou e outra se iniciou. Miguel aproximou-se de nós e pediu para dançar com Raquel. Eu não me opus, mas ela recusou determinadamente.

— Achas-te demasiado importante para dançar comigo? — perguntou ele. Percebi, pela forma como tropeçava nas palavras, que estava alcoolizado.

— Tem lá calma contigo. — pedi, colocando-me entre ele e ela. — Se ela não quer dançar, respeita a sua decisão.



— Não te metas nisto, ó vedeta! — exclamou, elevando a voz.

Grande parte das pessoas começaram a olhar para nós.

— Não lígues! — disse-me Raquel. — Ele está bêbado.

— E tu és uma puta! — retorquiu Miguel.

Eu respondi ao seu insulto, segurando-o pelos colarinhos e dizendo:

— Põe-te a andar daqui para fora, palhaço. Antes que te parta a cara.

Abílio, que acorreu rapidamente ali, tentou meter-se entre nós, separando-nos.

Eu fui agarrado por Augusto que me pedia calma, tal como a minha irmã. Vi José Luís aparecer e, com ele, o presidente do clube.

— Que se passa aqui? — perguntou José Luís.

— É o menino armado em vedeta. — respondeu Miguel.

Eu fiz um gesto de desprezo para ele e preparei-me para me afastar dali. Porém, Miguel aproveitou a minha distração para me acertar com um soco na face que me atirou ao chão.

— Animal! — gritou Raquel. — És um animal! Um marginal!

Alfredo Carrapiço agarrou no filho e puxou-o para longe daquele aglomerado de pessoas, berrando-lhe múltiplas reprimendas pelos seus actos.

Levantei-me do chão e recompus-me, ajudado por Raquel e Augusto. Também a minha irmã se inteirava do meu estado. Fiquei a olhar para o presidente e o seu filho a afastarem-se e vislumbrei uma mulher a aproximar-se deles. Forcei o olhar para a identificar e concluí que era Carla.

Não sei donde reaparecera e o que fazia junto de Miguel. Mas, isso não significava boas notícias. Ainda pensei em denunciá-la à GNR, só que não tinha provas contra ela, em relação aos acontecimentos na noite do incêndio.

As pessoas dispersaram ligeiramente para verem o grupo que acabara de subir ao palco. Quatro homens que pareciam acabados de sair de um filme do James Dean, cabelos compridos e barba aparada, vestindo casaco branco e calça preta. Iniciaram a actuação com uma música dos Beatles, a quem o vocalista chamou “Bitles”, mais concretamente com o Yesterday.

Ouvi-o cantar “iester dei, ol madrimos sofarei” e os meus ouvidos arrepiaram-se. Se eu não soubesse a letra, também não a ficaria a saber com aquele individuo. Contudo, o público gostava e aplaudia.

Seguiu-se o Bridge Over Troubled Water de Paul Simon & Art Garfunkel, os quais na boca do homem se chamavam “Pul Saimo e Arfanquel”. Lembro-me que o verso “Like a bridge over troubled water” saiu parecido com “la cabridge over trable uoteres”.

Não me apeteceu ouvir mais, ao contrário da multidão deliciada.

— Vou-me embora! — disse eu.

— Vou contigo. — concordou Raquel.

Avisei a minha irmã que ia, mas ela preferiu ficar mais um pouco.

— Eu levo-as a casa. — ofereceu-se Augusto.

Agradei-lhe e despedi-me de algumas pessoas.

Caminhei até à saída com Raquel de braço dado comigo, ao som de Roberto Carlos na voz da figura caricata que se movia no palco.

Conforme nos aproximávamos do carro, o som do espectáculo ficava mais longe. Entrámos e arranquei para bem longe daqueles músicos provincianos parados no tempo.

A estrada perto da minha casa era deserta, não se vendo um único carro.

— Não me queres levar para tua casa? — sugeriu Raquel.

— Não. — recusei com frieza.

Raquel colocou a mão na minha perna e insistiu:

— Eu gosto de ti, Ivan!

— Eu sei. Já mo disseste. — retorqui, tentando rebater ao máximo as suas investidas. Talvez fosse a forma de não ceder à tentação que era o corpo dela.

— Sem compromisso. — tornou a insistir.

Não parei ao passar em frente à minha casa e disse:

— Já falámos sobre isso. Existe uma pessoa com quem tenho um compromisso... Enfim, tu sabes a história, Raquel.

— Sei a história e acho uma parvoíce, dispensares-me por um amor platónico.

Mantendo a atenção na estrada, lembrei:

— Eu gosto de ti como amiga, nada mais. Se isso não é suficiente para ti, então é melhor afastarmo-nos.

— Pronto, também não é preciso ser tão radical.

O caminho não era muito longo. Parei perto dos portões da Casa de Paúle. Tudo em redor permanecia ainda mais calmo que quando a fora buscar, sentindo-se sempre o odor a madeira queimada.

— Tenho necessidade de sexo, Ivan! — afirmou frontalmente. — Só isso. Queria fazê-lo contigo... Quero fazê-lo contigo!

— Desculpa, não poder corresponder aos teus desejos, Raquel.

— Sabes quantos homens dariam a vida por estar no teu lugar?

— A vida não sei. Mas, pelo menos um soco, sei de um.

Raquel sorriu com a resposta.

— Dorme bem, Raquel! — desejei-lhe. — E descansa que, um dia, encontrarás alguém que mereça esse coração. E tudo o resto.

— Posso, ao menos, pedir-te um beijo?

Permiti que ela me beijasse os lábios. Os seus beijos eram deliciosos e sugavam-me a boca como se tentassem saborear-me. O seu hálito era adocicado com o aroma a morango do batôn.

Saiu do carro, insinuando as formas corporais, tentando-me até desaparecer para lá dos grandes portões verdes.

Na noite seguinte, a festa em Paúle tinha um programa mais rico. Iam actuar os Anjos, as Bombocas e a Ruth Marlene.

No entanto, eu não fui nessa noite, pois recebera um *email* de Camila a combinar novo diálogo para a mesma hora.

Raquel telefonara-me ao jantar, a convidar-me para nova ida à festa. Porém, recusei, justificando que não me apetecia ir para lá, naquela noite. Ela ainda se ofereceu para me fazer companhia em minha casa, mas eu recusei novamente. Talvez tenha ficado com a impressão que a rejeição se devia aos acontecimentos da noite anterior. Não era o caso. Eu só queria ficar sozinho à conversa com Camila.

Também a minha irmã me convidara para ir com ela e Augusto. Expliquei-lhe a razão de não ir e ela compreendeu, aproveitando para me pedir para ficar com Cibele.

Sabia que Camila só estaria *online* lá para a uma da manhã. Por isso, fui para o varandim saborear a brisa nocturna e ouvir, lá ao fundo, a música da festa.

Enquanto ali estava, vi sair de sua casa o doutor Gervásio.

— Então, hoje não foi à festa? — perguntei.

O médico abanou a cabeça e confidenciou:

— Hoje, a confusão é maior. Nem eu, nem a minha mulher temos idade para grandes arraiais.

— Não diga isso, doutor.

— E o Ivan? Também ficou por aqui?

— Não estava com cabeça para aquilo, hoje. — expliquei. — E assim, fico a tomar conta da minha sobrinha.

A esposa do doutor chamou-o para ele ver qualquer coisa na televisão. E eu fiquei novamente sozinho no varandim.

O vento devia estar a soprar de lá para cá, já que o som dos artistas a cantar se ouvia com clareza. Distingui perfeitamente as actuações das Bombocas e

da Ruth Marlene.

Após a meia-noite, regresssei à sala e liguei o computador, pois aproximava-se a hora marcada. Tive tempo para navegar um pouco, sempre com os olhos no *status* de Camila. Ainda não era uma hora, quando vi o nome Camila passar de vermelho a azul e ficar *online*.

“Olá, Pedro!”, dizia a primeira mensagem.

“Olá, Camila!”, retribuí, escrevendo seguidamente “Nunca mais disseste nada.”

“Tenho estado ocupadíssima.”

“Tinha saudades tuas. E tenho. Não estás a pensar voltar a Portugal?”

“Não. Ainda não posso voltar porque não tenho tempo para ir aí. Talvez lá para o Natal.”

“Se vieres, vens visitar-me?”

“Vou tentar. Tudo depende do tempo que tiver.”

Houve uma pequena pausa e, antes de eu enviar qualquer mensagem, ela escreveu:

“E tu? Porque não vens a Nova Iorque?”

“Falta de tempo. Tenho jogos todas as semanas. E o clube não me dispensava para ir aí.”

“Estás a ver, estamos ambos presos à nossa vida profissional.”

Não sabia o que havia de escrever, a seguir. Detestava quando parecia não termos assunto. Escrevi:

“Sinto muito a tua falta!”

“Eu também!”, confessou ela.

Tornava-se repetitivo, estarmos constantemente a dizer que sentíamos a falta um do outro e que tínhamos saudades, sem fazer nada em contrário. Foi exactamente isso que escrevi na mensagem seguinte.

“Que podemos fazer?”, perguntou ela.

“Não sei. Só sei que gostava de estar contigo.”

Achei que devia adicionar mais qualquer coisa e digitei:

“Ainda te amo! Não sei viver sem te amar!”

A resposta demorou. Também já me habituara a que, as respostas às mensagens que falassem de amor, demorassem mais tempo a vir.

“Ontem, quando estava a trabalhar, chorei por tua culpa.”, apareceu na resposta.

“Porquê?”

“Estava a ouvir rádio e tocaram a nossa música.”

“Private Emotions?”

“Temos outra? ☹”

“Não. (Não te zangues)”

“Lembrei-me de quando estávamos juntos.”, continuou ela. “Os momentos maravilhosos que partilhámos...”

“Falas como se tudo tivesse acabado.”

“Que temos nós agora, para além de recordações?”

Nada, pensei. Tentei construir alguma frase que soasse bem. Tecliei:

“Temos o amor que nos uniu. E que ainda me prende a ti.”

“Talvez...”

Ela não acreditava que eu me mantivesse fiel a uma recordação e amor.

“Não acreditas, pois não?”

“No quê?”

“Que eu continuo fiel a ti, mesmo tendo-te tão longe?”

Esperava várias hipóteses de resposta, menos esta:

“Continuarias fiel, se te dissesse que existia outra pessoa na minha vida? Se te dissesse que tenho namorado aqui?”

Senti um arrepio na espinha. Implorei a Deus, em pensamentos, para que isso não fosse verdade. Tecliei:

“E tens?”

“Se te dissesse que tinha tido um encontro, antes de ontem, com um colega? E que tinha ido para a cama com ele?”

Não sei explicar o que senti. O primeiro impacto foi sentir-me ferido nos meus sentimentos. Se fosse verdade, não queria voltar a vê-la, nem falar com ela, pensei.

“Isso aconteceu?”, perguntei, invadido pelo pânico da traição.

“Não respondeste à minha pergunta.”, lembrou ela.

Respirei fundo. Talvez a hipótese não passasse de um teste.

“Seria um golpe duro para mim.”, escrevi-lhe.

“Isso não responde à minha pergunta. Continuavas fiel ou não?”

“Estás a testar-me. Não acredito que fizesses isso.”

“Achas que não era capaz de ir para a cama com outro homem? Eu não teria tanta certeza.”

Confuso era o mínimo que me sentia naquele instante. Onde queria ela chegar? Começava a tornar-se claro que ela estava preste a confessar que tivera relações sexuais com um colega. E se calhar, andava com ele. Possivelmente, aquela conversa só tinha um objectivo, dizer-me que outro ocupara o meu

lugar no seu coração.

“Pelo teu silêncio, acho que posso adivinhar a tua resposta.”, surgiu na mensagem seguinte.

“Isto não é o quem cala consente.”, retorqui furioso, encornado, sei lá...

“Então responde-me.”

Parei um pouco para pensar. Reflectir nas consequências. Eu amava-a tanto...

“Não sei se me manteria fiel. Mas, nada neste mundo me faz deixar de te amar! É mais forte que eu. O meu amor por ti é a minha vida. Só termina quando eu desaparecer.”

Abri uma nova janela e continuei:

“Mas será que me estás a tentar dizer que tenho de perder todas as esperanças em relação a nós? Que tens um namorado aí? Que eu devo seguir a minha vida sem ti?”

“Antes de ontem, fui jantar fora com um colega meu. As pessoas com quem falo, acham que devo esquecer-te e arranjar um novo relacionamento.”

Sabia que a história não terminara, por isso aguardei nova mensagem. Ela chegou algum tempo depois:

“Caí na estupidez de lhes dar ouvidos e saí com esse colega. Para ele, eu era apenas mais uma para uma noite de sexo. Para mim, ele era a tentativa de te esquecer.”

“Espero que não me vás contar como te fodeu.”, escrevi, mas não enviei. Dei conta de como estava possesso de raiva com aquilo que se adivinhava das suas mensagens.

Camila prosseguiu:

“Fomos jantar fora e conversámos algum tempo. Depois, fomos para um hotel com a ideia de o fazer.”

És uma besta, Ivan Pedro, disse a mim próprio. Andas a recusar-te a ter na cama aquele pedaço de mulher que dá pelo nome de Raquel, por amor a Camila? Toma lá para aprenderes!

“Trocámos alguns beijos. Ele começou a despir-se.”

“Poupa-me!”, pedi.

“Mas não fui capaz!”

Ao ler, hesitei.

“Não queres que conte mais?”, indagou.

“Não foste capaz de quê?”

“Tive a certeza que não era com ele que queria estar! Que estaria a fazer

uma enorme burrice. Que queria que fosses tu a estar ali!”

Senti um alívio enorme, sabendo que o templo do nosso amor não fora profanado.

“Pedi-lhe desculpa e deixei-o sozinho no quarto de hotel.”

“Por momentos, pensei que vocês...”, confessei.

“Sei que sim.”

“Camila! Se o nosso amor é assim tão forte, porque não o pomos à prova?”

“Como assim?”

“Porque não reatamos a nossa relação e vemos se ela sobrevive à distância?”

Acho que os segundos nunca demoraram tanto tempo a passar.

Subitamente, vi o nome de Camila no ecrã passar a vermelho e a *offline*. Fora como se tudo se desvanecesse no nada, desaparecendo sem nunca ter existido... Um toque soou no computador e vi novamente Camila *online*.

“Desculpa, Pedro! Isto foi abaixo.”

Não disse nada, continuando a espera pela resposta ao convite.

Nova janela se abriu e li:

“Tu magoaste-me muito, quando tomaste as decisões que levaram à nossa separação. E isso é difícil esquecer.”

“Não mereço uma segunda oportunidade?”

“Não se trata de segundas oportunidades. Só acho que se aceitasse, nada mudaria. Continuaríamos longe um do outro.”

Antes que reargumentasse, apareceu:

“Este episódio fez-me ter a certeza que não quero mais ninguém na minha vida.”

“Nem a mim?”

“Só a ti, Pedro. Mas estás demasiado longe.”

“Eu amo-te, Camila!”

“Eu também te amo!”

Que mais poderia escrever para a convencer, perguntei-me.

“Pedro, estou com sono.”, surgiu no ecrã. “Vou dormir.”

“Dorme bem, amor!”

“Beijinhos para ti.”

“Muitos para ti.”

E novamente passou a *offline*, desta vez intensionalmente.

Quando acordei no Sábado, não tinha a mínima vontade de sair da cama.

Porém, ao olhar para o adiantado da hora, dei um pulo e fui para a casa-de-banho tomar um duche.

Ao sair, enrolado numa toalha turca, encontrei a minha irmã a fazer as malas no quarto.

— Bom dia! — cumprimentei-a.

— Bom dia? Diz antes boa tarde.

— Tens razão. Ainda te falta arrumar muita coisa?

— Não. Também não trouxe muita coisa.

Caminhei até ao armário e retirei a roupa para vestir.

— Como correu a conversa com a Camila, ontem? — perguntou a minha irmã, apertando a mala com força para a fechar.

— Queres ajuda? — ela fez que não com a cabeça. — A conversa foi... o mesmo de sempre.

— E?

— E nada.

— Se não queres falar nisso, tudo bem, maninho.

— Não é isso, mana. É que as nossas conversas não chegam a lado nenhum.

Manuela colocou a mala junto das outras e interrogou:

— Onde querias que chegasse?

Encolhi os ombros.

— Sabes mana? Acho que onde queria chegar já ficou para trás. E eu não sei como voltar.

Manuela franziu o rosto, não percebendo.

— Eu optei pelo futebol. Abandonei a Camila em busca de algo que... Já não sei se tomei a atitude correcta.

— Fizeste o que achaste melhor, maninho. Se foi o correcto ou não, terás de viver com isso.

— Obrigadinho. Pareces um psiquiatra. Daqui a pouco estás a falar-me no Freud.

Manuela sorriu-me, abraçou-me e completou:

— Sabes que não sou a melhor pessoa nas decisões.

Cibele chamou-nos. Estava sentada à mesa, esperando que fôssemos almoçar com ela. Seguimos para lá e Manuela começou a servir os pratos.

— Hoje à tarde, vamos à procissão. — informou Manuela.

— Vamos?

— Eu e a Cibele vamos! Tu vais, se quiseres.

Soltei uma gargalhada.



— Não eras tu que dizias que uma verdadeira advogada não podia ter religião? — questioneei.

— E continuo a achar. Só vou porque o Augusto me pediu.

A procissão era uma tradição das festas de Paúle. Iniciava-se perto do campo de futebol, rumava pelas ruas da aldeia e ia terminar na capela.

A partida era sinalizada com o lançamento de foguetes. A encabeçar o longo grupo de pessoas ia o padre da paróquia local, empunhando uma cruz. Um pouco mais atrás, alguns religiosos cerimonialmente vestidos, carregavam a imagem do santo homenageado nas festas.

Conforme a procissão passava por determinados locais, lá se lançavam meia dúzia de foguetes.

Penso que quase toda a população de Paúle ia naquela romaria.

Eu preferi ficar em casa. Primeiro não era católico e segundo estava um calor de derreter os ossos. Talvez os fiéis vissem o sacrifício como um acto de fé.

Seja como for, só saí de casa ao fim da tarde, já a procissão terminara, tal como a missa. O último treino antes do jogo da Taça de Portugal estava agendado para o anoitecer.

Enquanto treinávamos no campo de futebol, alguns elementos ligados à organização da festa aprimoravam diversos pormenores para o arraial da noite. Corremos alguns minutos em volta do relvado, depois foram os exercícios físicos e a peladinha de dez contra dez.

No final, José Luís reuniu o grupo no relvado para falar.

O Sol já desaparecera dos céus e a pouca luz que nos iluminava provinha dos fracos holofotes do estádio.

— Amanhã, vamos jogar com o Benfica de Castelo Branco. — começou o treinador. — É um jogo que conta para a Taça, mas não é importante para nós. Por isso, vou poupar alguns de vocês.

— Desculpe! — interrompi. — Não é importante?

— Não. — reiterou ele. — O nosso objectivo é a manutenção na III Divisão!

— Eu fico parvo com isto. — disse para mim.

José Luís olhou-me zangado e perguntou:

— Disseste alguma coisa, Ivan?

— Disse que estou parvo com isto. — reafirmei, num tom que respondeu à zanga dele.

Augusto puxou-me pelo braço, tentando impedir-me de dizer alguma

coisa que me prejudicasse. Contudo, continuei:

— Estamos a falar da Taça, competição onde os clubes pequenos se tentam mostrar... E não, a falar como se fosse um jogo de treino.

— Parece-me que para além de vedeta, também tens a mania que és treinador?! — retorquiu José Luís.

— Digamos que estou farto de ambições mediócras! — respondi.

Augusto voltou a puxar-me.

Abílio aproximou-se de mim e avisou-me para ter cuidado como falava com o técnico.

— Achas que sou medíocre? Achas? — interrogou, furioso, José Luís.

Vi Miguel aproximar-se dele e incendiar a discussão:

— Pelos visto, deve querer o seu lugar.

— Cala-te! — ordenou Abílio. — Estás armado em quê?

— Eu não quero o seu lugar. — gritei-lhe. — Quero é ganhar! Quero jogar com o objectivo da vitória! Não é entrar em campo para vitórias morais ou para poupar esforço para o próximo jogo.

— Já chega, Ivan! — disse Abílio, autoritário.

— Ouve, rapaz! — prosseguiu o treinador, provocante. — Se queres jogar, joga! Eras um dos que pensava poupar no jogo de amanhã, mas... Se queres jogar, joga! Todos para o balneário!

Regressámos ao interior dos balneários. Senti no olhar dos meus colegas a condenação pelas críticas que fizera a José Luís. O próprio Augusto me criticou, considerando desnecessário a minha atitude.

Saí do edifício sem dirigir a palavra a ninguém. Senti vontade de partir, no dia seguinte, com a minha irmã para Lisboa e dizer adeus a toda aquela porcaria. Continuava revoltado comigo por ter optado por estar ali, em vez de estar ao lado de Camila.

Naquela noite, não fui para o arraial, apesar da grande insistência da minha irmã. Quis ficar sozinho em casa. Não falei com ninguém, limitando-me a ver televisão até ter sono e dormir.

Na manhã seguinte, acordei bem cedo e comeci a fazer a mala. Farto de tudo e de todos, só a distância daquele lugar me faria sentir melhor. Que se lixasse o G. D. Paúle, pensei. Que se lixasse o futebol!

Quando a minha irmã acordou, ficou perplexa com o que viu. Tal como fizera muitas vezes, durante a minha adolescência, conversou comigo e pôs-me algum juízo na cabeça.

Manuela regressou a Lisboa com Cibele, nessa manhã, pouco antes do

almoço. Fui levá-las à estação do Carregal do Sal e fiquei a observar o comboio a partir. Algumas horas de viagem e deveriam chegar à Estação Oriente a meio da tarde, onde os meus pais as aguardariam, abarrotando de saudades.

Perto da saída da vila, fui almoçar a um local que Augusto me levara a conhecer, uma antiga serração que fora transformada em restaurante.

Sozinho, ali fiquei a disfrutar da refeição. Lembro-me o quanto me senti triste e abandonado. Sentia a falta de Camila. E naquele momento, também a minha irmã e a minha sobrinha me deixaram. Apesar de saber que voltariam dentro de algum tempo, não conseguia perder aquela angústia. Tudo se resolvia a uma única coisa: Saudades de Camila.

Terminado o almoço, pedi ao empregado que me trouxesse a conta. O jovem que não deveria ter mais de dezoito ou dezanove anos, entregou-me o papel com o total. Coloquei uma nota de vinte euros sobre a conta e disse-lhe que ficasse com o troco.

— Obrigado, senhor! — agradeceu. — Boa sorte para o jogo!

Fiquei surpreendido com o que ele dissera. Um tanto ao quanto brusca-mente, interpelei-o:

— Que disse?

— Boa sorte para o jogo de logo! — voltou a desejar. — Espero que consigam vencer o Benfica de Castelo Branco.

— Adepto do Paúle? — perguntei.

— Filho da terra, mas estou a viver aqui no Carregal e a trabalhar neste restaurante. — confidenciou. — Mas já pedi ao meu patrão para me dispensar esta tarde para ir ver o jogo.

O brilho nos seus olhos sensibilizou-me. Como poderia alguém dar tanta importância ao jogo de um clube como o Paúle? Irritava-me a falta de ambição de José Luís, mas sempre considerara aqueles jogos como um meio para atingir um fim. Pouco me importava o futuro do clube, apenas queria ganhar porque estava a jogar ali. E eu nunca jogava para perder.

No entanto, a forma como o jovem falava do G. D. Paúle fascinou-me. O culto, a dedicação ao emblema da terra onde nascera. O desejo de o ver vencer. Sabia que o que ele sentia era o que sentiriam todos os paulenses mais tarde, quando jogássemos. Talvez José Luís tivesse razão e não devêssemos desperdiçar energias com aquele jogo. Porém, as pessoas apostavam em nós. Apostavam em mim.

— Desejo-lhe um bom jogo senhor! — finalizou o jovem, depois de me contar parte da sua vida.

Despedi-me dele. E penso que pela primeira vez percebi como as pessoas me olhavam e o que significava para elas.

Completamente equipado, permaneci sentado no balneário até ao momento de subir ao relvado. Estivera lá, minutos antes, e vira a imensidão de gente que viera assistir ao jogo. O ambiente era de festa e havia quem achasse que a nossa vitória, naquele fim-de-semana, era a cereja em cima do bolo.

José Luís deixara Abílio e Hélder de fora da convocatória, poupando-os para os jogos do campeonato. Norbeto, Joselino, Reis, Sassi, Samuel, Castanha e Emanuel ficaram no banco.

Alfredo Carrapiço entrou no balneário e desejou:

— Boa sorte, rapaziada! Divirtam-se que o jogo não conta para nada.

Alguns jogadores ainda olharam para mim, esperando que dissesse algo, mas eu não proferi uma sílaba.

Subimos ao relvado, já os onze de camisola vermelha e calção branco lá estavam.

Augusto foi para a baliza. José Luís concedera a braçadeira de capitão a Miguel. Rato correu para a lateral esquerda. Toni e Macário colocaram-se no eixo da defesa. O meio-campo ficava a cargo de Teodoro, Justino, Serafim e Ramalho. Eu e o inexperiente Gustavo éramos o ataque do Paúle.

O árbitro apitou para o início do jogo.

Os primeiros minutos foram equilibrados até o nosso adversário se aperceber do nervosismo de alguns jogadores, principalmente Serafim e Gustavo que nunca haviam jogado a titulares. Na defesa, Toni atrapalhava-se com Macário e vice-versa. Justino tentava ter voz de comando no meio-campo, mas a falta de entrosamento entre os jogadores arruinava qualquer tática.

A partir dos vinte minutos, o Benfica de Castelo Branco caiu-nos em cima. Atacaram, atacaram e atacaram até marcarem o primeiro golo. Continuaram a atacar e fizeram o segundo antes da meia hora de jogo.

— Que merda é esta? — gritei aos meus colegas, enquanto Augusto foi buscar a bola ao fundo da baliza.

Ninguém me respondeu, ficando todos cabisbaixos, derrotados.

— Vá, vamos lá! — exclamou Miguel. — Isto acaba depressa.

— Cala-te, ó mete nojo! — ordenei eu.

Miguel dirigiu-se a mim para responder com os punhos. Foi agarrado por Justino que o convenceu a refrescar as ideias indo até ao banco de suplentes, beber água.

Chamei todos junto a mim e disse:

— Não estamos a jogar nada! Olhem para o público! Olhem para as pessoas que vieram ver-nos jogar! Acham que alguém ali quer outra coisa senão a nossa vitória? Alguém ali pensa que devemos poupar-nos para a merda do campeonato?

O árbitro apitou, avisando-nos para recomeçar o jogo.

— Pensem neles! Pensem nos que gritam por nós! Joguem com prazer e ambição! Podemos perder, mas temos de sair daqui com a certeza que tudo fizemos para vencer.

Senti aqueles nove pares de olhos encararem-me. Ouviam-me atentamente e assentiam com a cabeça.

Miguel regressou do banco e aproximou-se do grupo. Contudo, todos nos separámos à sua chegada e tomámos os nossos lugares em campo.

Novamente, Gustavo daria o pontapé na bola para o reinício da partida.

Antes que a tocasse, disse-lhe:

— Gustavo! Todos trememos, mas só alguns caiem!

Ele percebeu o que eu queria dizer.

O Benfica de Castelo Branco continuou a pressionar, mas nós conseguimos equilibrar o jogo. Parecia que as minhas palavras tinham feito algum sentido nas suas cabeças.

Antes do fim da primeira parte, Gustavo rematou forte dentro da área e reduziu o marcador para um a dois.

No balneário, José Luís não disse nada de especial, claramente pouco importado com o jogo. Falou para não estar calado. Penso que ninguém lhe deu atenção.

Regressámos ao relvado com a motivação com que havíamos saído.

No público, vi Abílio e Hélder a assistir ao jogo. O primeiro fez-me sinal para que tivéssemos força e conseguíssemos ganhar.

Grande parte do público permanecia descrente, mesmo após o golo de Gustavo.

Os jogadores adversários recomeçaram o jogo, pressionando-nos e tentando marcar novo golo que, certamente, colocaria um ponto final na decisão do vencedor. Contudo, percebia-se na nossa garra e na nossa motivação que seria difícil deitar-nos abaixo.

Perto dos vinte cinco minutos da segunda parte, Justino ganhou a bola no meio-campo, correu para a grande área e passou-me a bola. Eu tornei a entregar-lhe o esférico, isolando-o. A jogada só não deu golo porque o defesa

albicastrense o rasteirou dentro da área.

Ouviu-se o apito do árbitro que apontou para a marca de grande penalidade, aquele pontinho tímido que ficava a pouco mais de nove metros da baliza.

O público festejou como se fosse golo.

Normalmente, era Abílio quem chutava nas grandes penalidades. Porém, ele não estava e José Luís não nos precavera para esta situação.

A bola foi colocada no ponto pelo árbitro que aguardou pelo “escolhido”.

— Força Gustavo! — exclamei, voluntariando-o.

— Não consigo. — recusou. — Estou muito nervoso.

— Vai lá tu. — sussurrou-me Justino.

Miguel aproximou-se, dizendo:

— Eu marco!

Justino agarrou-o pelo braço e privou-o de avançar mais.

— Vai lá tu, Ivan! — tornou a pedir.

Os olhares dos meus colegas denotavam a decisão unânime. Queriam que fosse eu a rematar. Que fosse eu a fracassar ou a receber a glória.

Caminhei para a bola com as pernas a tremer. O guarda-redes do Benfica de Castelo Branco estava a cerca de meio metro da bola, tentando perturbar-me. Peguei na bola, dei-lhe uma volta no ar e voltei a colocá-la no sítio.

O homem do apito ordenou ao guarda-redes que fosse para o seu lugar, sobre a linha de golo.

As pessoas gritavam:

— Força, Ivan Pedro!

Respirei fundo, olhei para o guarda-redes e parti para a bola, confiante na direcção que escolhera. Um remate tenso que só parou no fundo da baliza do indivíduo.

Ouviu-se a assistência gritar golo. Pulavam, gritavam... Euforia total.

Os meus companheiros correram para mim para festejar.

— Calma! — disse-lhes. — Ainda não ganhámos.

Regressámos ao nosso meio-campo e aguardámos o reinício do jogo.

A equipa do Benfica de Castelo Branco tornou a ganhar o controlo do jogo. Alguns dos jogadores do Paule quebraram fisicamente, antes do último quarto de hora do jogo.

Penso que foi nessa altura que José Luís percebeu a vontade que estávamos a demonstrar, a vontade que todos ali tinham em vencer. Olhou para o banco de suplentes e mandou aquecer Joselino e Reis.

Augusto ia defendendo os remates adversários, mas algo nervoso e com algumas fíftas que por sorte não acabaram no fundo da baliza.

A dez minutos do fim, Joselino e Reis entraram para o lugar de Toni e Macário, refrescando o eixo da defesa.

Justino era, na minha opinião, o melhor em campo. Tal como o irmão, tomava o meio-campo a pulso e liderava os colegas na construção de jogadas de ataque.

A cinco minutos do apito final, Rato cortou um lance de perigo para a nossa baliza, ficando com a bola e correndo com ela pela ala esquerda. Só o abalroamento de um defesa adversário o fez parar. No entanto, o árbitro não marcou a falta, pois a bola sobrava para Justino que prosseguiu o ataque.

Justino fazia sinal para que a equipa subisse no terreno, rumo aos opositores. Com o pé direito, colocou a bola no interior da área para a cabeçada de Gustavo. Este cabeceou, mas o guarda-redes fez uma defesa espectacular, socando a bola quando tudo levava a crer que ela entraria na baliza.

A bola veio parar aos meus pés. Olhei para ela e foi como se visse o rosto de José Luís. Dei um passo à frente e pontapeei-a com toda a força.

Parecia que o chão tremia, por baixo dos meus pés. Ao meu redor ecoou o som espontâneo das centenas de pessoas que assistiam ao jogo. Os meus colegas correram para mim e abraçaram-me.

A bola entrara na baliza e nós estávamos a vencer por três a dois.

Os últimos minutos foram horas para nós. Defendemos a nossa baliza como se a nossa vida dependesse disso.

Quando o árbitro deu por terminado o desafio, a multidão invadiu o campo, festejando connosco a vitória naquele emocionante jogo.

## XIII

**P**ara os adeptos do clube, a vitória fora obra das palavras autoritárias que José Luís supostamente dissera ao intervalo. Oficialmente era assim. Porém, tanto os meus colegas, como as pessoas que lhes eram chegadas, sabiam que fora eu quem os influenciara.

O pior era que também José Luís o sabia. E como vingança por isso, colocou-me no banco dos suplentes nos jogos seguintes.

Realizaram-se mais dois jogos para o campeonato que se saldaram em duas derrotas para nós. Mesmo assim, para espanto dos adeptos, José Luís insistia em manter-me no banco.

No último fim-de-semana de Setembro, esse campeonato iria parar novamente para nova eliminatória da Taça de Portugal. O sorteio colocara-nos outra vez a jogar em casa e com o Nogueirense como adversário.

A minha irmã Manuela regressara a Paúle, cerca de duas semanas depois de ter partido. Optara por deixar Cibele ao cuidado dos avós, uma vez que já estava matriculada numa escola em Lisboa e eles teriam mais tempo para tomar conta dela que a minha irmã, mulher sempre muito atarefada.

Através da imobiliária da família Calheiros, comprou uma casa na zona baixa de Paúle, praticamente no extremo oposto onde eu vivia. Convidara-me para viver com ela, mas eu declinara a oferta, pois preferia ficar sozinho e sabia que ela tinha intensões de convidar Augusto para lá.

Quando lá fui almoçar, três dias depois de ela se mudar, a casa revelava bem o quão recente era a sua estadia ali.

Após as festas da aldeia, muitos dos que ali passavam férias partiram de regresso às suas vidas. Alguns regressavam a França e à Alemanha, onde trabalhavam e viviam.

Naqueles primeiros tempos, ainda se sentia a falta deles.

O Verão terminara e o Outono, na data prevista, quis mostrar que estava novamente por ali. O facto de as aulas terem recomeçado também alterou o dia-a-dia da população.

Na Faculdade de Medicina de Coimbra, as aulas só começariam em Outubro. E, tal como fazia todos os anos, Raquel regressava à capital do distrito na semana anterior.

Naquela manhã de Sábado, a chuva caía em abundância, encharcando tudo.



Raquel passara por minha casa para se despedir, pois ia partir para Coimbra. Muito elegante, vestindo um *tailleur* rosa escuro, botas altas pretas e uma pequena mala.

— É a primeira vez que me custa partir de Paúle! — confessou.

— Porquê?

— Custa-me deixar-te.

Sorri-lhe com ternura e sugeri:

— Podes telefonar-me ou mandar um *email*.

— Sim. Mas não é a mesma coisa que poder estar perto de ti.

Encolhi os ombros, não tendo solução para aquilo.

Raquel abraçou-me e deu-me um beijo na face, muito perto da boca.

— Quando chegar telefono-te.

— Está bem.

— Vais ter saudades minhas?

— Claro que sim.

Voltou a abraçar-me com força, como se não me quisesse largar.

— O tempo passa depressa. — disse. — Não tarda, estás de volta. Não vens cá num fim-de-semana?

— Em princípio, não. — respondeu com desalento. — Vai ser um ano muito complicado. Vou precisar de todo o tempo disponível para estudar. Só devo voltar lá para o Natal.

— Seja como for, manteremos o contacto, está bem?

— Espero que sim. — suspirou ela, temendo que a esquecesse, assim que passasse a porta.

Raquel saiu para a chuva, protegendo-se com o guarda-chuva. Desceu a escadaria e entrou num Mercedes da Casa de Paúle, conduzido por um dos motoristas da família.

Não comunicámos muitas vezes, enquanto ela esteve longe, naquele último trimestre do ano, mas ambos tínhamos a preocupação de telefonar para saber como o outro estava. Confesso que mais vezes ela que eu.

No dia seguinte, o G. D. Paúle venceu o Nogueirense por dois a zero, num jogo com pouco público e com um temporal avassalador. Eu joguei, mas voltei recambiado para o banco de suplentes nos jogos seguintes do campeonato.

Nessa noite, Carla apareceu em minha casa. A sua presença na terra e a sua relação com Miguel tornara-se irrelevante para mim. E congratulava-me por ela nem me dirigir a palavra. Contudo...

— Que queres, Carla? — perguntei, ao abrir a porta.

- Olá para ti também.
- Nem isso me mereces. — contrapus.
- Tanta agressividade... Será necessário?
- Que queres? — repeti a pergunta, continuando a segurar na porta.
- Não me convidas para entrar?
- Não. — recusei. — Porque não vais ver onde anda o teu namorado?
- Ciúmes? — interrogou.
- De ti? — questioneei com desdém. — De uma putéfia como tu?

Carla respondeu-me com uma estalada na cara. E eu retribuí-lhe o “mimo”, deixando-lhe o lábio a sangrar.

— Desaparece daqui, antes que te parta toda! — ordenei.

— Hás-de arrepende-te, animal. — ameaçou ela.

Segurando um lenço de papel no lábio, afastou-se, descendo as escadas.

Não esqueci a ameaça dela. Porém, a partir desse dia, não voltou a falar comigo, tal como Miguel, claramente influenciado por ela.

Camila raramente dava notícias. A nossa última conversa pareceu afastar-nos mais que o contrário. Mandava-me *emails* e recebia os meus, contudo, furtava-se a diálogos na *net* ou por telefone.

A meio de Outubro, fomos jogar ao terreno do Pampilhosa para a terceira eliminatória da Taça de Portugal. Ninguém acreditava em nós, até porque em cinco jogos de campeonato, apenas vencemos um.

Como fora considerado por José Luís um jogador de reserva, só jogava nestes jogos, juntamente com os outros habituais suplentes.

Num campo que quase parecia um quintal de plantar batatas, conseguimos vencer por um a zero, uma equipa que estava na II Divisão B.

Fomos recebidos em Paúle em festa. E a esperança de melhores resultados no campeonato regressou.

No entanto, José Luís continuou a teimar em não me utilizar no campeonato.

Seguiram-se mais cinco jornadas, onde o G. D. Paúle empatou dois jogos e perdeu três. José Luís era avidamente contestado pelos adeptos.

À quarta eliminatória da Taça de Portugal, em finais de Novembro, entravam em acção na competição as equipas da Superliga. Não posso dizer que o sorteio não nos foi favorável, colocando-nos a receber em Paúle o Leixões da II Liga.

Seria a nossa despedida da Taça? Todos acreditavam que sim. Porém, muitos foram aqueles que se deslocaram ao estádio para nos ver vencer por

dois a um, uma equipa secundária do Leixões que pouco ritmo desportivo demonstrava.

O dia que se seguiu a esta vitória foi considerado feriado local, naquele ano, tal fora a euforia e a festa da população.

Só que no campeonato, as coisas continuavam péssimas e eu no banco. Regressei à titularidade na décima primeira jornada com o Paúle em décimo oitavo lugar.

A contestação a José Luís era elevada e o facto de me manter no banco por capricho, fez com que Alfredo Carrapiço tomasse uma atitude e o obrigasse a colocar-me de início.

Nessa jornada, vencemos e subimos um lugar na classificação.

Quando foi o sorteio para a quinta eliminatória da Taça, “saiu o totoloto” ao G. D. Paúle, ao ficar isento daquela eliminatória e qualificando-se automaticamente para os oitavos-de-final.

O G. D. Paúle começava a ser notícia a nível nacional, pois era a única equipa da III Divisão, ainda presente na competição.

No primeiro fim-de-semana de Dezembro, recebi um *email* de Camila a combinar um encontro na *net*. Estranhei, pois havia muito tempo que não conversávamos.

Nesse Sábado de manhã, levantei-me cedo e fui bucar a minha irmã, de carro, a sua casa. Íamos buscar os nossos pais e Cibele que vinham a Paúle passar o fim-de-semana de três dias a casa da filha.

Conduzi com cuidado pela estrada que nos levaria ao Carregal do Sal, pois chovia grosseiramente e a visibilidade era reduzida.

Apenas Manuela me acompanhava. Ela insistira com Augusto para que também viesse, mas ele preferiu conhecer os futuros sogros em casa.

— Quando é que vocês casam? — perguntei em jeito de brincadeira, sem tirar os olhos do trajecto.

— O quê? Casar, eu? Não tenho vida para isso.

— Vocês não estão bem? Já vivem juntos há dois meses. Porque é que não juntam os trapinhos?

— Tu viveste um ano e tal com a Camila e não casaste com ela. — lembrou.

Por vezes, Manuela falava com a frieza de advogada, a mesma que empregava nas audiências em tribunal. Porém, percebeu que tocava na ferida. — Desculpa, maninho!

— Não te preocupes. — disse com a triste recordação da separação de

Camila. — Não casei, mas devia ter casado.

— Ainda a amas?

— Mais que a própria vida.

— Tens tido notícias dela?

Encolhi os ombros, atribuindo pouco significado aos *emails* esporádicos que recebia dela.

— Tu não estás feliz em Paúle, pois não? — indagou ela.

— Não é isso, mana. Se tivesse lá a Camila, estaria feliz até debaixo da ponte da Póvoa de Midões.

Apanhámos um pouco de trânsito na vila, por causa da feira, mas chegámos rapidamente à estação. Estacionei o Megane no largo defronte da estação e ambos demos uma corrida até ao interior do edifício.

Manuela foi perguntar se ainda faltava muito para a chega do comboio.

— Deve estar a chegar. — comunicou-me, regressando ao local onde eu estava.

Ficámos sentados num banco a olhar para a chuva e para o sentido da linha por onde o comboio chegaria.

O comboio chegou quinze minutos depois.

Levantámos-nos do banco e observámos as pessoas a sair.

— Mamã! — ouviu-se uma voz familiar.

Olhámos para a proveniência da voz e Manuela exclamou:

— Cibele!

A minha sobrinha correu para os braços da mãe. E eu fui ajudar os meus pais com a bagagem.

A chuva acalmara, quando fizemos o percurso inverso rumo a Paúle.

— Como têm corrido as coisas? — perguntou o meu pai, sentado ao meu lado.

— Bem. — respondeu Manuela. — E a Cibele? As aulas? Vá, contem-me tudo!

A minha mãe, sentado no banco de trás com ela e a neta, respondeu:

— A Cibele é uma aluna maravilhosa. Tem tido boas notas. Enfim, sai à mãe.

— Ao tio é que ela não sai. — graciei eu.

— E tu? — indagou o meu pai. — Como vão as coisas lá no Raul?

— Paúle, pai! Paúle! — corrigi. — Vão bem. Até já aparecemos nas notícias.

— Pois é. — confirmou ele. — Vi isso no telejornal. A princípio nem pensei que fosse a tua equipa, mas depois fui ver o papelito onde tinha o nome e vi que eras tu.

— São notícia até à próxima. — agoirou a minha irmã. — Quero ver quando jogarem com uma daquelas equipas... daquelas que ganham campeonatos — Nem o nome dos clubes, ela sabia. — se os vencem.

— Pelo menos, os oitavos-de-final ninguém nos tira.

Estacionei o carro em frente à garagem da casa de Manuela. A chuva parara e Augusto aguardava nervoso pela nossa chegada.

Cibele saiu do carro e correu para o colo de Augusto, inundada de saudades.

Manuela conduziu os meus pais até ele e apresentou:

— Pai! Mãe! Este é o Augusto.

— Então você é o famoso Augusto. — disse o meu pai, estendendo-lhe a mão.

Augusto apertou-a e respondeu:

— Famoso? Espero que por bons motivos.

— A Manuela fala-nos muito bem de si. — afirmou a minha mãe, apertando-lhe igualmente a mão.

Entrámos dentro da casa e fomos todos almoçar, pois já era hora disso.

A chuva regressou violenta, ao anoitecer. Os meus pais tinham ficado hospedados em casa da minha irmã. E eu aproveitava o serão para ver um jogo da Superliga, em directo, na SportTV.

O meu telemóvel tocou.

— Estou? Olá Raquel!

Raquel telefonara-me para saber como eu estava e para me anunciar que iria regressar a Paúle, perto do Natal, para passar a quadra com a família.

— Espero que fiques feliz. — disse ela.

— Claro, Raquel.

— Olha, vou desligar. Tenho os meus colegas à minha espera para irmos beber um copo.

— Beijinhos.

E desliguei.

O jogo que vira na televisão fora um tédio completo. Fiquei tão farto da televisão que a desliguei e fui para o computador.

A hora do encontro com Camila aproximava-se e eu já tinha o ICQ aberto, aguardando a sua aparição *online*.

Passsei o tempo a ler as notícias nos *sites* do jornal “A Bola” e do jornal “Record”.

Quando lia os últimos resultados da liga espanhola, ouvi o som da entrada em linha de Camila.

“Olá!”, apareceu no ecrã.

“Olá, Camila! Já tinha saudades de falar contigo.”, escrevi.

“Eu também. Desculpa, mas não tenho tido tempo.

Uma nova mensagem dela se seguiu:

“Tenho estado muito ocupada. Os mails que te mando são escritos a correr, só para não pensares que não penso em ti.”

Cliquei no responder e digitei:

“Pensas muito em mim?”

“Claro, Pedro. Ainda perguntas?”

“Eu também penso muito em ti.”

“Tenho uma notícia para te dar.”, surgiu escrito na mensagem seguinte.

“Penso que vais ficar feliz. E não te a queria dar por email.”

“O que é?”

“Vou a Portugal, perto do Natal.”

Senti uma grande alegria e comecei a sentir-me ansioso.

“A sério? E vens ver-me?”

Camila escreveu:

“Claro. Tenho muitas saudades de estar contigo.”

“Tenho tantas saudades de te ver, amor.”, tecliei e enviei.

Rapidamente, tentei emendar:

“Desculpa, Camila! É o hábito. Não devia ter escrito amor.”

“Porquê? Já não sou o teu amor?”

“Claro que és, mas...”

“Sou ou não sou?”

“Queres ser?”

A resposta demorou algum tempo. Seguidamente, apareceu no ecrã:

“Parecemos dois adolescentes, Pedro. Quero dizer-te uma coisa.”

“Sim.”

“Quero ir aí e estar contigo. Temos de conversar, olhos nos olhos, e esclarecer a nossa situação.”

Esperei nova mensagem, pois percebi que ela iria continuar:

“Tenho pensado muito nas coisas que temos dito um ao outro. Sinto a tua falta e não te quero perder.”

“Serei sempre teu. Assim o queiras.”

“Claro que quero, Pedro. És o homem da minha vida! Quero estar contigo.

Por isso, temos de conversar.”

“Quando é que vens?”

“Não sei o dia ao certo. Mas, depois digo-te com certeza.”

“Eu amo-te muito, Camila!”

A resposta tornou a demorar.

“Pedro! Ao longo deste tempo, nunca te consegui esquecer. Tentei, mas não o consegui. Tenho pensado muito em ti e na nossa relação e...”

“E?”

“Acho que talvez merecessemos uma segunda oportunidade.”

Senti o coração aos pulos, uma explosão de paixão, toda a atracção que reprimira dentro de mim. Camila propunha-me aquilo que eu julgara ter perdido para sempre.

“Isso faria de mim o homem mais feliz do mundo!”, teclei nervoso e com os dedos a falhar as teclas.

“Ao longo do tempo que estivemos juntos, tu fizeste-me a mulher mais feliz do mundo!”

“Não te amei tanto quanto tu merecias.”

“Não digas isso. Foste maravilhoso.”

Lembrei-me de alguns pormenores e escrevi:

“Camila! E quando regressares aos Estados Unidos? Continuaremos juntos?”

“Nós nunca deixámos de estar juntos, amor.”

“Talvez eu devesse ir contigo para aí?”, desabafei.

“Porquê? As coisas não estão a correr bem?”

“Mais ou menos.”

“Conta-me, amor!”

Respirei fundo e comecei a dedilhar as teclas:

“No campeonato vamos de mal a pior. Na Taça de Portugal, as coisas correm bem, mas não devemos passar do próximo jogo. Tenho falado com o Jorge e ele diz-me que ninguém está interessado em contratar-me.”

“Tens que ter esperança. Confia nas tuas qualidades! Deixa que o amor seja a tua energia! Lembras-te?”

“Sim. Essa frase fez-me voltar a recuperar e deu-me força em muitos momentos.”

“Não foi a frase, Pedro. Foi o nosso amor.”

“Eu amo-te tanto, Camila!”

“E eu a ti.”

A partir daquela noite, falávamos quase todos os dias.

Quando Camila soube ao certo o dia em que partiria, telefonou-me a informar-me. Ouvir a sua voz, depois de tanto tempo, foi um bálamo para os meus ouvidos.

Notava-se nos nossos diálogos que estávamos cada vez mais próximos. E brincávamos com a forma como reagiríamos quando nos voltássemos a encontrar, frente a frente, no mesmo espaço físico, podendo tocar-nos e abraçar-nos, sentir o cheiro um do outro e experimentar todas as sensações guardadas nas recordações.

Faltava pouco menos de uma semana para o Natal e nem a chuva abundante que caía lá fora, conseguia frustrar a minha animação.

Naquele dia, Camila estava de volta a Portugal. E, conforme havíamos combinado, assim que chegasse a Lisboa, apanharia o comboio para o Carregal do Sal, onde eu a iria esperar.

Sabia que o avião partira de Nova Iorque por volta das 6h00 (hora de Portugal), o que pelos meus cálculos a faria chegar ao Aeroporto da Portela por volta das 11h00 ou 12h00. A primeira coisa que ela faria, ao chegar, seria telefonar-me.

Levantei-me a meio da manhã, desejoso que o tempo passasse rapidamente. Estava perto de rever Camila e sentia que a amava com a mesma força de sempre.

Após um belo banho quente, fui à sala ligar a televisão e regressei ao quarto para me vestir. Cantarolava alegremente pela casa. Na cozinha preparei algo para comer e levei tudo para a sala.

Ao entrar na sala, reparei na imagem da televisão. Mostrava um mapa do Arquipélago dos Açores com um ponto a piscar, algures entre o grupo central e oriental. No canto superior esquerdo, o título dizia “Tragédia”.

Pensei tratar-se de um terramoto, mas não conseguia perceber, pois o som estava muito baixo. Peguei no comando e elevei o volume:

— ...que temos até ao momento é que o avião caiu no mar.

Senti um arrepio na espinha ao ouvir a palavra “avião”.

— Há notícias de sobreviventes? — perguntava o jornalista que apresentava as notícias.

Não havia imagens e a comunicação era feita via telemóvel.

— Até ao momento, as informações são escassas. — dizia a reporter no local. — Os meios de socorro já foram para o local. Mas, ao que parece, o mau tempo está a dificultar as buscas.

Não queria pensar, mas a minha mente parecia insistir na ideia que era o



avião onde viajava Camila. Não. Não podia ser.

A imagem passou para o apresentador que disse:

— Vamos continuar a acompanhar os acontecimentos nos Açores, nesta manhã trágica. Recordamos que há cerca de meia hora, um avião de passageiros vindo de Nova Iorque rumo a Lisboa se despenhou no mar.

Fiquei em pânico.

O noticiário foi interrompido pela publicidade. Peguei no comando e tentei obter informações nos outros canais. Contudo, não havia grandes novidades.

Peguei no telemóvel e liguei ao Jorge. Talvez ele tivesse mais informações.

Apanhei-o a caminho da Portela para tentar obter mais informações acerca do acidente. Conseguia ouvir o choro desesperado de Eduardo e a esperança de Jorge dizendo-lhe que aquele podia não ser o vôo de Camila.

Tentei ligar para o aeroporto e para a companhia aérea, mas só recebia sinal de impedido. Deviam estar a receber dezenas de chamadas.

Voltei à sala e fiquei colado à televisão, aguardado mais notícias.

O noticiário prosseguiu com outras notícias. Reparei que tremia, desesperadamente, receando as novidades. Queria saber, mas tinha medo do que estaria para vir.

A emissão das televisões concentrou-se na conferência de imprensa que o porta voz da companhia iria dar.

O indivíduo não foi muito conclusivo nas informações, falando no último contacto que tinha havido com a tripulação, no súbito pedido de socorro, da tentativa de aterragem de emergência numa das ilhas, na referência a qualquer falha que causara aquilo e à perda total do contacto com eles. Não sabia se havia sobreviventes, mas esperava essa informação brevemente, vinda das equipas de socorro. Recusou-se a responder a perguntas e comprometeu-se a nova conferência, quando houvesse mais novidades.

O telemóvel soou ruidoso, fazendo-me atender precipitadamente.

— Ivan, já há novidades, mas nada conclusivo. — disse-me Jorge.

— Fala! — ordenei desesperado.

— É o avião onde vinha a Camila!

Fiquei sem palavras. Permaneci agarrado ao telemóvel e ouvia a voz dele:

— Ivan? Ivan? Ainda não há notícias dos passageiros! Ivan? Responde. Pode haver sobreviventes, Ivan.

Senti-me completamente arrasado. No meu íntimo não acreditava que houvesse. Um avião a cair no mar em plena tempestade... Não me parecia possível.

Durante toda a tarde, ali fiquei sentado no sofá. Aguardava cada noticiário, esperançado numa boa notícia. Já havia ligações em directo e podíamos perceber o quanto avassalador era o temporal na região.

Perto do fim da tarde, a repórter anunciou a chegada dos primeiros sobreviventes. Mostraram imagens ao longe, onde se viam igualmente corpos embrulhados, sem vida, resgatados ao mar.

O porta voz da companhia voltou a dar nova conferência de imprensa, para dizer que tinham sobrevivido cinco pessoas. As buscas iam continuar, mas não havia esperanças de encontrar mais ninguém. Logo após a sua declaração, seria divulgada a lista com o nome dos sobreviventes, desaparecidos e mortos confirmados.

Dez minutos depois, Jorge voltou a ligar.

Após voltas e mais voltas para que a notícia não me atingisse tanto, Jorge exclamou:

— A Camila está na lista de desaparecidos!

O mesmo seria dizer que estava morta, pois ninguém contava encontrar mais sobreviventes.

Novamente ouvi o choro desesperado de Eduardo. O choro de quem perdera uma grande amiga.

Desliguei sem dizer uma palavra. Caí no chão de joelhos e chorei, chorei, chorei... Não sei quanto tempo, até cair esgotado no chão, perder a consciência e não recordar mais nada.

Durante alguns dias ainda quis acreditar na possibilidade de a encontrarem com vida. Permanecia pregado aos noticiários a ouvir a notícia de novos corpos resgatados, mas o nome de Camila continuava nos desaparecidos.

Antes do Natal, as buscas foram concluídas. E eu tive de aceitar a terrível verdade.

Camila estava morta.



## XIV

**R**egressei a Lisboa na véspera de Natal para o funeral de Camila. Quando a sua morte foi confirmada com o fim das buscas, pedi ao presidente do G. D. Paúle algum tempo para me deslocar a Lisboa. Sensibilizado com o que sucedera, Alfredo Carrapiço concedeu-me o tempo que fosse necessário para eu ultrapassar a tragédia e regressar.

Augusto e Manuela acompanharam-me na viagem, até porque a minha irmã fazia questão de estar presente na cerimónia fúnebre.

Debaixo de uma chuva miudinha, várias pessoas assistiam ao discurso do padre, antes de enterrarmos um caixão vazio, pois nunca o corpo de Camila fora encontrado.

Mantivera no meu coração a esperança de que ela, por qualquer milagre, aparecesse viva. Porém, pessoas entendidas no assunto, disseram-me ser impossível sobreviver tanto tempo no mar com aquele clima.

Em volta do caixão, vi o pai de Camila, alguns familiares seus, os meus pais, a minha irmã com Augusto e a minha sobrinha.

Cada monte de terra atirado para a cova era um sopro na chama de esperança no meu coração.

Antes da tragédia, estava previsto os meus pais passarem o Natal em Paúle. No entanto, com os acontecimentos sucedidos, o Natal transferira-se para a casa deles em Lisboa.

Manuela e Augusto passaram a Consoada em Lisboa e foram passar o dia de Natal com a família dele em Paúle.

Terminado o almoço de Natal, em casa dos meus pais, debaixo de um clima de grande tristeza, decidi refugiar-me na minha casa em Alcochete.

Conduzi o carro rumo à margem sul do rio Tejo, despreocupado com o perigo de dirigir a mais de cento e cinquenta quilómetros/hora numa estrada alagada pela chuva.

Estacionei em frente ao prédio e entrei em casa.

Senti o odor a ambiente fechado do interior da casa, ao entrar. Fechei a porta e desejei nunca mais sair dali, nem ver ninguém.

Os meus dias eram passados a ver televisão, dormir, comer e... casa-de-banho. Só atendia chamadas dos meus pais para lhes dizer que estava bem e que queria ficar sozinho. Não tomava banho nem tinha cuidados com a higiene e até deixei crescer a barba.

Decorreu uma semana e eu entrei no novo ano, completamente, isolado de tudo e de todos. Nem os pedidos da minha mãe, para que passasse a quadra com eles, me tirou de Alcochete.

Ao fim de duas semanas, atendi uma chamada de Alfredo Carrapiço.

— Como estás, rapaz? — perguntou-me.

— Mal. — respondi.

— As coisas aqui também não estão nada bem. — lamentou o presidente. — O Paúle não tem jogado bem e temo que a este ritmo voltemos aos Distritais.

— Lamento. — disse com frieza.

— Precisamos de ti, aqui, rapaz. — pediu. — A equipa precisa de ti.

Respirei fundo e avisei:

— Não tenciono voltar a jogar, senhor Carrapiço. A vida para mim acabou.

— Por favor, Ivan Pedro. Nós precisamos de ti. — implorou. — Pelo menos, vem jogar o jogo da Taça!

— Lamento, senhor presidente! — e desliguei.

O telefone voltou a tocar, mas não atendi.

Ao ver televisão, reparei nos resultados dos jogos em atraso da quinta eliminatória. O Alverca vencera o Belenenses e tinha como adversário na sexta ronda o... G. D. Paúle.

Que curioso, pensei, a minha actual equipa a defrontar a minha antiga. Conhecendo como conhecia o Alverca e vendo que o jogo era no Ribatejo, concluí que o Paúle iria fazer o seu último jogo na competição.

O telefone voltou a tocar. Olhei para o visor e vi o numero do Jorge.

— Diz, Jorge!

— Como estás, Ivan?

— Como achas que estou? Na merda.

— Sei o que estás a sentir. — disse ele.

— Não sabes não. — retorqui. — Só se o Eduardo fosse naquele avião.

— Talvez tenhas razão... Ouve! O presidente do Paúle telefonou-me.

— Calculei.

— Diz que não queres voltar a jogar lá. É verdade?

— Nem lá, nem em lado nenhum. — emendei. — Acerta com ele a rescisão e pagamos a indemnização.

— Não há nenhuma indemnização a pagar, Ivan. Eu fiz o contrato com a hipótese de saíres quando quisesses. Não te lembras?

— Sim. — confirmei. — Mas não os quero prejudicar. Acerta uma verba

com eles, Jorge.

— Eles não querem dinheiro, Ivan. Querem-te a ti! Tu és a alma daquela equipa!

— Acabou, Jorge. Não sou a alma de nada. Eu morri naquele dia.

— Ivan tu...

Desliguei a chamada e atirei o aparelho para longe.

A recordação dos momentos vividos ali com Camila retornaram à minha mente. E os meus olhos encheram-se de lágrimas.

Chegara o dia do jogo com o Alverca. Apesar de cimentar a ideia de não voltar a pisar um campo de futebol, continuava a ter a curiosidade de saber as notícias do desporto. Em relação à actuação do clube no campeonato da III Divisão, a informação era escassa, pois ninguém se preocupava com as prestações das equipas semi-amadoras. Porém, os jogos da Taça eram notícia e, principalmente, o jogo daquela equipa-surpresa da Taça que ia defrontar o Alverca.

Pela manhã, ouvi a campainha tocar e surpreendi-me. Não recebera uma única visita, desde que ali estava. Calculei que fosse o carteiro e abri a porta. Aguardei na escada a subida do indivíduo, pois senti as passadas de alguém.

Quando percebi quem era, não quis acreditar.

— *Mister?*

— Olá, Ivan Pedro! — cumprimentou-me, subindo os últimos degraus. — Desculpa ter vindo sem avisar.

— Só me faltava esta. — reclamei. — Que quer?

— Podemos conversar? — pediu. — Posso, pelo menos, entrar?

Notei o seu espanto ao ver a minha figura emporcalhada com uma barba de pelos enfiados, igualmente suja.

Fiz-lhe sinal com a mão para entrar.

José Luís entrou no meu apartamento e torceu o nariz com o cheiro nauseabundo do interior. Manteve a coragem e sentou-se no sofá da sala.

— Que quer, *mister?* — voltei a perguntar. — Nem os amigos quero ver, quanto mais você.

— Sei que não morres de simpatia por mim, Ivan. Mas, preciso de falar contigo.

Sentei-me na poltrona que tinha na sala e escutei-o:

— Ivan, lamento o que te sucedeu. Só que não podes desistir de tudo, dos teus sonhos...

— Que sabe você dos meus sonhos? — interrompi. — Não era você que dizia que eu era um tipo armado em vedeta? Não foi você que me pôs no banco de suplentes, só porque não pactuei com a sua mentalidade tacanha e a sua falta de ambição? Que quer agora?

— Quero que tu jogues, logo à tarde!

— Não treino, já lá vai quase um mês. Não tenho a menor motivação. Acredite, *mister*, eu sou a última pessoa que você quer naquele campo.

José Luís respirou fundo, coçou o nariz e perguntou:

— Como se chamava a tua namorada?

— Ca... Camila. — ainda se me embargava a voz, ao proferir o seu nome.

— Onde quer que ela esteja, achas que gostaria de te ver acabar assim?

Levantei-me do sofá e dei um soco no móvel.

— Não me venha com conversa da treta! Acabar como? Acabar aqui sozinho ou acabar na merda do Paúle? São essas as minhas hipóteses. Fazer carreira na III Divisão, que bonito, que motivo de orgulho...

— Pareceu-me que sentias orgulho em jogar lá. — disse com serenidade. — Quem joga como tu jogaste pelo Paúle, não o faz por fazer. Quem motivou uma equipa de jogadores sem ritmo a reverter zero a dois para três a dois...

— Pode parar por aí, *mister*! — tornei a interromper. — Eu acreditei que a jogar ali, poderia conseguir um novo contrato com uma equipa melhor. O meu empresário fez-me acreditar que poderia subir aos poucos e voltar a jogar na primeira divisão. E eu acreditei.

— Mas...

— Espere, *mister*! Deixe-me acabar. — sentia toda a raiva na garganta. — Separei-me da mulher que mais amei na minha vida, deixei-a partir para longe... Para quê? Diga-me, para quê? Para jogar no... Foda-se, estou farto disto. Estou farto da vida!

Ao ver-me destroçado, José Luís levantou-se do sofá e colocou-me a mão no ombro.

— Ivan! Graças a Deus, nunca passei pela tragédia que passaste. No entanto, percebo a tua mágoa por jogares num clube da III Divisão (que, ainda por cima, está perto de descer novamente). Compreendo que o teu sonho fosse a Superliga. É o sonho de nós todos. Achas que não gostava de treinar um F. C. Porto, um Sporting, um Benfica, ou até um Rio Ave? Também tenho ambição, Ivan! Mas, por vezes, temos que lutar com as armas que temos. E isso, não é cobardia, é realidade.

— Acredita que fui tão estúpido, que cheguei a pensar que um dia jogaria no Benfica?

— Sonhar move montanhas. — retorquiu.

— Ó *mister*, poupe-me! Daqui a pouco está a recitar a Pedra Filosofal.

José Luís sorriu ligeiramente.

— Vou-me embora, Ivan! — informou. — Só quero que saibas que tu nos fizeste sonhar. Na televisão, falam em equipa-surpresa e em conto de fadas. Cada um dos teus colegas vê esse conto de fadas, esse seu sonho, em ti. Cerca de dúzia e meia de homens, o presidente, eu, uma população inteira da aldeia de Paúle acha que tu podes fazer a diferença entre o sucesso e o fracasso. Porém, Ivan, nós somos só a gente humilde do campo, os parvónios como vocês nos chamam aqui em Lisboa. Sonhamos, é verdade. Mas, se sonhamos, é porque tu nos fizeste sonhar. Adeus Ivan!

Nem percebi que ele saía, até ouvir a porta a bater.

Fiquei sozinho em casa, despenhado no sofá da sala. Enojei-me com a porcaria em que me tinha tornado. Reparei na foto de Camila, na prateleira do móvel, e pensei na sua reacção se me visse naquele estado. Fechei os olhos e tentei adormecer, desejando não mais acordar.

Nesse instante, a minha memória recordou aquele jovem que encontrei no restaurante, em Setembro, a sua alegria por ir ver o jogo e o brilho dos seus olhos a falar do seu singelo clube. Não. A mística não é exclusiva dos “grandes”. Os feitos dos clubes são, muitas vezes, os raros momentos de felicidade de muita gente.

Apodrecer naquele sofá não me traria Camila de volta. Sucumbir à tristeza não dignificaria o amor que sempre nutri por ela. Não percebi que lição Deus me queria dar com aqueles acontecimentos, mas recusei-me a render à morte, abdicando da vida.

Diz-se que o verdadeiro soldado morre no campo de batalha. Se eu queria morrer, que fosse morrer no meu campo de batalha, um campo de futebol, suando a camisola.

Tomei um banho e fiz a barba. Ao sair da casa-de-banho, eu era outra pessoa.

Já se ouvia o ruído dos adeptos no estádio do Alverca. Fez-me lembrar as épocas em que jogara por aquele clube. A sensação de entrar ali para jogar pelo adversário era, no mínimo, estranha.

Conhecia os cantos todos ao estádio. E as pessoas conheciam-me a mim. Entrei pelo acesso dos jogadores e caminhei tranquilo até aos balneários. Parei junto à porta que dizia “Equipa Visitante” e bati.



A porta abriu e vi José Luís.

No interior, todos ficaram mudos ao ver-me. Já ninguém contava com a minha presença, mas quase todos revelaram o brilho da esperança nos olhos.

— Ivan! — exclamou Augusto, correndo para mim e abraçando-me.

A equipa rodeou-me e cumprimentou-me. Os meus colegas perguntavam-me como estava e se precisava de alguma coisa.

Agradei e segui para o meu lugar para me equipar.

José Luís iniciou uma pequena palestra, dando algumas indicações para o jogo e relembrando a táctica. Por fim, disse:

— Ivan! Gostariamos de ouvir-te, acerca do jogo. Tu jogaste no Alverca. Que nos podes dizer sobre eles?

Levantei-me do meu lugar, impecavelmente equipado.

— Os dirigentes deste clube consideraram-me acabado para o futebol e dispensaram-me. Hoje, vendo-me com vocês, vão achar-vos tão acabados como me acharam a mim. Vamos usar isso a nosso favor. Alguém aqui pensa que eu estou acabado?

— Não! — disseram todos.

— Então, meus amigos. Vocês também não estão.

Soltámos gritos de ânimo e preparámo-nos para subir ao relvado.

As equipas entraram lado a lado. Abílio liderava-nos como sempre. Vi o presidente Alfredo Carrapiço na tribuna com o presidente do Alverca e acenei-lhe. Concedi-lhe uma das suas maiores alegrias, ao ver-me regressar ao G. D. Paúle.

Alguns jogadores do Alverca cumprimentaram-me, saudosos. Sabia que deixara lá amigos. Houve também quem se estivesse borbifando para mim e não me conhecesse de lado nenhum.

O árbitro apitou e o jogo começou.

A tarde permanecia nublada e a iluminação artificial já estava ligada, apesar de pouco passar das cinco da tarde.

O jogo foi renhido e as possibilidades de golo foram raras. Eu tinha como marcador directo um miúdo que não era do meu tempo de jogador do Alverca. Fazia de tudo para me parar, mas batia-o quase sempre.

A meio da primeira parte, Norberto executou duas excelentes defesas, evitando o golo do Alverca. Perto do intervalo, Hélder quase marcava para nós.

José Luís jogava todas as cartadas, colocando os principais jogadores a actuar.

Quando regressámos para a segunda parte, o jogo continuou repartido.

Porém, um facto foi de lamentar. Calculo que alguém tenha dito ao jovem, que tinha como missão contrariar os meus ataques, que eu tivera uma lesão e que tinha um ponto fraco. Por duas vezes, tentou rasteirar-me violentamente com o objectivo de acertar na perna, outrora lesionada. À terceira, derrubou-me com aparato, deixando-me no chão a contorcer-me com dores.

O árbitro chamou-o e mostrou-lhe o cartão vermelho, debaixo de um coro de protestos do público e jogadores.

O doutor Gervásio veio prestar-me assistência e colocou-me o *spray* milagroso na perna. Levantei-me, dei uns passos e fiz sinal que estava bem.

A partida terminou com zero a zero, obrigando a um prolongamento de trinta minutos.

A nossa preparação física não era tão boa como a dos jogadores do Alverca, daí que tivéssemos passado esse período a defender desesperadamente a nossa baliza. Norberto foi a figura do jogo, negando diversas vezes o golo aos ribatejanos.

Com tudo empatado ao fim desses trinta minutos, recorreu-se ao desempate pela marcação de cinco grandes penalidades para cada lado.

Os treinadores escolheram os jogadores para as marcarem e entregaram as listas ao quarto árbitro.

O Alverca foi o primeiro a rematar. A bola foi parar à bancada, tal foi a força e a falta de pontaria. Nessa primeira rodada, Abílio marcou golo.

Todas as restantes grandes penalidades foram convertidas em golo.

O resultado era uma igualdade a quatro. E só faltava eu rematar.

Caminhei para a marca pintada no chão e peguei na bola. Vi o guarda-redes francês do Alverca a meio metro, tentando desconcentrar-me.

— Não vale a pena, amigo. — disse-lhe sorrindo.

Ele retribuiu o sorriso. Éramos velhos conhecidos e amigos.

O árbitro ordenou-lhe que ocupasse o seu lugar na baliza.

Ouviam-se assobios. Os adeptos tentavam distrair-me para que falhasse. Tinha nos meus pés a hipótese de colocar o Paúle nos quartos-de-final.

Parti para a bola e rematei, não dando qualquer hipótese de defesa ao guarda-redes.

Foi estranha, a sensação de marcar ao Alverca. Não comemorei o golo. Olhei para trás e vi os meus colegas correrem para mim. Na minha frente, o francês ajoelhado no chão, arrasado com o fracasso.

Dirigi-me a ele e estendi-lhe a mão, ajudando-o a levantar. Abracei-o e felicitei-o pelo bom jogo.

Os jogadores do Paúle desaceleraram a corrida e, aquilo que se preparava para ser um clima de euforia, transformou-se numa saudável confraternização entre vencedores e vencidos, debaixo dos aplausos da assistência.

Nessa mesma noite, o autocarro com a comitiva do G. D. Paúle partiu de Alverca rumo à Beira Alta. Adivinhava-se a recepção que teriam ao chegar à aldeia.

Eu regresssei a Alcochete, mas prometendo a todos que no dia seguinte estaria de novo em Paúle.

Ao amanhecer, já conduzia o meu carro pela A1 na direcção sul-norte. No banco ao meu lado, levava o jornal desportivo que tinha em letras colossais o título “HOUE TAÇA” e falava da proeza da humilde equipa da III Divisão que ia a caminho dos quartos-de-final.

Faltavam cerca de trinta quilómetros para chegar a Coimbra, segundo a placa junto à estrada. Coimbra fez-me lembrar alguém com quem já não falava havia algum tempo. Decidi fazer um desvio no meu percurso e entrar na cidade.

A cidade de Coimbra, para mim, era como andar numa sala escura. Não conhecia nada nem ninguém e tornava-se difícil encontrar o que quer que fosse.

Sabendo que Raquel estudava Medicina, o mais correcto seria começar por procurar a Faculdade de Medicina de Coimbra.

Parei o carro junto ao passeio e interpelei uma pessoa:

— Ó amigo! Desculpe! Sabe dizer-me onde fica a Faculdade de Medicina?

— No Hospital da Universidade de Coimbra. — respondeu com desprezo.

— E onde fica o Hospital da Universidade? — insisti.

— Não sabe onde fica? Estranho como encontrou Coimbra. — respondeu.

— Obrigadinho. — disse-lhe, arrancando e afastando-me de tanta estupidez.

Um pouco mais à frente, voltei a parar e perguntei a uma idosa onde ficava a Universidade.

Solicita, a senhora explicou-me, o melhor que pôde, como chegar lá.

Agradei-lhe e segui viagem.

Chegado ao local, estacionei o carro e aproximei-me de um grupo de jovens, vestidos de negro.

— Boa tarde! A Faculdade de Medicina?

— É ali. — apontou um deles.

— Obrigado.

Caminhei calmamente, pegando no telemóvel e marcando o número de Raquel.

— Tou? — atendeu ela.

— Raquel? É o Ivan Pedro.

— Olá, Ivan. — notei a sua alegria ao ouvir-me. — Como estás?

— Enfim, calculas como devo estar?!

— Sim.

— Estás na Faculdade de Medicina, agora?

— Estou, porquê?

— É que eu estou aqui à porta.

— Não acredito. — duvidou ela.

— Podes acreditar. Olha, eu vou esperar aqui, à entrada, está bem?

— Está.

Não sei quanto tempo esperei, talvez dez ou quinze minutos. Aguardei, sentado nas escadas, junto às arcadas.

Passado esse tempo, Raquel apareceu vinda do interior. Linda, elegantemente vestida com o cabelo louro apanhado em rabo-de-cavalo. Deu-me um beijo na face e disse:

— Que agradável surpresa, Ivan!

— Estou de regresso a Paúle, mas como acabei por não te ver no Natal, pensei em visitar-te aqui.

— Fizeste muito bem. — afirmou, sorrindo. Depois, endureceu o semblante. — Desculpa, não te ter dito nada depois... daquilo. Não quis intrometer-me na tua vida.

— Eu compreendo. Confesso que também não tinha cabeça para falar com ninguém.

Raquel olhou para uma pastelaria, um pouco mais abaixo, e convidou:

— Queres tomar um café e pôr a conversa em dia? Só tenho aulas daqui a uma hora.

Concordei.

Seguimos, lado a lado, até ao local. Engraçado, ver como ela se movia com naturalidade por ali, contrariamente ao que sucedia em Paúle, onde tudo a repugnava.

Sentámo-nos em duas cadeiras com uma mesa pelo meio, cara a cara um com o outro. Raquel sorria-me, sempre que olhava para mim, mantendo o charme.

O empregado trouxe os cafés que solicitáramos.

— Como tens ultrapassado tudo? — perguntou, deitando o açúcar no café.

— Eu ainda não ultrapassei nada. Prefiro não pensar no assunto.

— Soube que não ias voltar a jogar no Paúle, é verdade?

Mexi o café com a colher e respondi:

— Cheguei a pensar nisso e comuniquei-o à direcção, mas... O treinador convenceu-me a voltar.

— O José Luís? O teu inimigo número um?

— Também não é assim. — contrariei. — Talvez fosse o facto de a equipa precisar de mim, não sei. Ele soube dizer-me umas quantas verdades. E eu estou-lhe grato por isso.

Raquel bebeu dois golos do café e tornou a pousar a chávena.

— Quando regresses à Paúle, ninguém me soube explicar o que acontecera. Só quando a tua irmã chegou é que soube da história.

— Vamos mudar de assunto. — pedi. — Ainda é doloroso falar nisso.

— Claro, Ivan. Peço desculpa, realmente, que falta de tacto da minha parte.

— Não, Raquel. Sei que te preocupas comigo.

— Não imaginas quanto.

— Eu sei, Raquel! Acredita que sei.

Gerou-se um silêncio entre nós. Aproveitámos para terminar o café.

— E agora? — indagou ela.

— Vou voltar ao Paúle e prosseguir com a minha vida.

— Sozinho?

— Sim.

Raquel debruçou-se sobre a mesa e confessou:

— Ainda gosto de ti!

— Não é o momento, Raquel. — lembrei, tentando usar um tom terno. — Está tudo ainda muito fresco na minha cabeça. Preciso de tempo para pôr as ideias em ordem. Preciso de uma boa amiga, Raquel. Nada mais.

— Posso ser essa amiga?

— Sabes que o lugar é teu. Porque perguntas?

— Gosto que o digas.

Sorri-lhe com fraternidade.

— Perdoa-me se não posso corresponder às tuas expectativas. Porém, neste momento, é de uma amiga que preciso.

— Compreendo.

— Como têm corrido as coisas na Faculdade? — perguntei, mudando de assunto.

— Bem.

— Quando é que vais a Paúle?

— Uma vez que vais lá estar. — abriu o sorriso e lançou-me um olhar de sedução. — Estou a pensar ir até lá nos fins-de-semana. Mas, tudo depende de ter ou não exames.

Continuámos a conversar, durante mais algum tempo, até chegar a hora de ela ir para as aulas e eu voltar à estrada.

Despedimo-nos com dois beijos na face e com a promessa de um reencontro em breve.

Em Coimbra o frio era muito, mas nada comparado com o de Paúle. Tive de conduzir muito devagar e com cautela por causa do gelo e da neve na estrada.

O primeiro local onde parei, chegando a Paúle, foi em minha casa, já a tarde se encaminhava para o fim. Demorara mais tempo, pois decidira almoçar pelo caminho.

Depois de me certificar que estava tudo como eu deixara, regressei ao carro e conduzi até à casa da minha irmã.

Manuela recebeu-me de braços abertos e abraçou-me com ternura. Já lá ia quase um mês, tendo notícias minhas apenas pelo que os nossos pais lhe contavam.

— Como estás, maninho? — quis saber, direccionando-me para o interior da casa e para o quente da lareira.

— Um pouco melhor.

— O Augusto tinha-me dito que regressaste à equipa, ontem.

Assenti com a cabeça.

— Falava-se que ias deixar de jogar futebol.

Esfreguei as mãos, junto ao fogo da lareira, e contei:

— Foi o que disse ao Carrapiço. Depois do que aconteceu, tinha perdido a vontade de viver.

— Ó maninho! Temos que continuar a viver.

— Eu sei. Estou a fazer um esforço para sobreviver ao que aconteceu.

— Sabes que podes contar comigo.

Nessa noite, jantei com ela e com Augusto. Acabei por não ter coragem de enfrentar o frio do exterior e passei lá a noite.

O meu coração continuava magoado com o que sucedera. E não sentia esperança que a minha vida voltasse a encontrar os momentos de felicidade que vivera com Camila.

Durante muito tempo, ainda chorava cada vez que a recordava. Contudo,

é esse mesmo tempo que nos ajuda a cicatrizar as feridas do coração.

Adormecia com a esperança de acordar e tudo não ter passado de um sonho mau. Mas, as constantes confirmações da realidade começaram a habituar-me à triste ideia que Camila partira para sempre.

## XV

**E**m Fevereiro, o frio pareceu dar algumas tréguas. Nunca, na minha vida, passara um Inverno tão rigoroso, habituado que estava ao de Lisboa. Ali, tudo era muito mais frio e invernal.

A neve visitara-nos algumas vezes, havendo até alturas em que pensámos ter em risco os nossos jogos em casa.

Raquel não viera a Paúle, desde a última vez que a vira, em Coimbra. Porém, todos os dias falávamos telefonicamente.

A minha vida continuava a ser um vazio. Não tinha interesse em nada e apenas continuava a jogar no Paúle, por consideração a todos os que gostavam de me ver lá.

Vivia sozinho, mesmo com as centenas de insistências da minha irmã para que me mudasse para casa dela.

Após a vitória sobre o Alverca, Jorge perguntou-me se queria que tentasse uma nova contratação por parte deles. Recusei, afirmando que jamais jogaria novamente no clube que me abandonara, quando mais precisasse deles. Odiava profundamente os dirigentes do clube, pois fazia sempre a mesma equação: Se não me tivessem despedido, continuava a jogar lá, Camila continuava a aceitar a situação, não partia para os Estados Unidos e não teria morrido no regresso.

Em finais de Janeiro, Jorge propôs-me uma transferência para o Estoril Praia, passando assim a jogar na Liga de Honra (II Divisão). No entanto, voltei a recusar, pois seria um rude golpe para o Paúle. Só sairia na época seguinte, se saísse.

A ideia de terminar a carreira no futebol e dedicar-me a outra coisa qualquer, cimentava-se a cada dia na minha cabeça. Só que a dúvida do que seria o futuro, quebrava sempre os meus intentos. A verdade é que não sabia fazer mais nada.

Houvera tempos em que planeara, após o futebol e ganhar muito dinheiro, dedicar a minha vida a Camila e aos seus desejos. Ficara sem objectivos com a perda de Camila.

Desorientação completa era a única certeza da minha vida.

Numa noite de Fevereiro, acabado que estava mais um jogo da Superliga na SportTv, fiquei sentado no sofá a ver o que dava na televisão. Parei no SexyHot, canal cujos os serviços adjudicara havia muito pouco tempo.



Quase não me reconhecia, mulherengo como sempre fora, na longevidade que a minha abstinência sexual tinha. O pior, é que o corpo começava a reclamar por compensação.

Nesse instante, a campainha da minha casa tocou. Esqueci-me de mudar de canal, até porque pensei tratar-se do doutor Gervásio que, algumas vezes, ali ia pedir-me alguma coisa que faltava lá em casa.

Ao abrir a porta, deparei com Dália, enfarpelada num blusão robusto, mas mantendo a saia curta e as meias de lã.

— Boa noite!

— Posso entrar? — pediu.

— Claro.

Dália entrou em casa e seguiu para a sala. Surpreendeu-se com as imagens da televisão e disse:

— Espero não estar a interromper nada?!

Corri para o comando e mudei de canal.

— Desculpa, Dália! São passatempos de solteirão solitário. — justifiquei. — Mas, que fazes por aqui? Não costumas andar por Oliveira, a esta hora?

Dália sentou-se no sofá, despiu o blusão e fez-me reparar na blusa semi-transparente que usava por baixo. Atirou o casaco para uma cadeira e relatou:

— Fui até lá, mas não havia muita gente. E os que vi... Enfim, não valia a fod... Desculpa! Tu percebes.

Sorri, mas não consegui disfarçar algum nervosismo. Sentei-me no sofá e mudei de canal para descontraír.

— Estás bem? — perguntou ela. — Pareces tenso.

— Não. Estou óptimo. Tenho frio.

Desde a adolescência que não me sentia assim. Aquela ansiedade misturada com excitação que, quando tinha os meus treze ou catorze anos, terminava sempre com a “amiga” direita.

— Não me apetecia ir já para casa. — continuou. — Como vi luz, pensei em vir visitar-te.

— Fizeste bem.

— Mas que tens tu? — voltou a perguntar, notando a continuidade da minha tremura. — Já sei, Ivan. — aproximou-se de mim. — Queres dar uma?

— O quê? — interroguei como se não tivesse percebido. Como saberia bem ter sexo com ela, naquele momento. Contudo, não sei porquê, continuava a ver a cena como uma traição a Camila.

— Sexo, Ivan!

— Não! — exclamei perentório. — Não quero.

— Tudo bem. Percebo que não queiras fazer com alguém como eu. — justificou-me. — Mas, estás com um aspecto desgraçado.

— Como assim?

— Desculpa que te diga, mas se não “os” vazas rapidamente, ainda explodes.

— Que disparate é que estás para aí a dizer? — barafustei. — Parece que estou doente.

— Não sei se é doença, mas tenho um medicamento óptimo. — prosseguiu, deliciada com o diálogo. Seguidamente, tomou uma postura mais séria e disse — Ivan, não quero tomar o lugar da tua falecida namorada. É só um convite para curtir.

— Não me sinto à vontade. — confessei. — Ainda não ultrapassei o que aconteceu e... Sentia-o como uma traição a ela. Sei que parece absurdo, mas é o que sinto.

— Não é absurdo. Compreendo-te, acredita. — Baixou ligeiramente a voz. — Há quanto tempo...?

Dei uma gargalhada nervosa e respondi:

— Se te dissesse, não acreditavas. Nem eu acredito.

Sorriu-me novamente e começou a acariciar-me a perna, subindo até onde eu já não conseguia disfarçar. Enfiou a mão pelo fecho das calças e disse-me:

— Não digas nada! Amanhã, nada disto aconteceu.

Ajoelhou-se, à minha frente, e desapertou a blusa, puxando o *soutien* para baixo, de forma a fazer saltar os seios para fora. Debruçou-se no meu colo e...

A chuva não parava, já lá iam três dias, desde o principio da semana. E naquela Quarta-Feira em que iríamos defrontar a Académica de Coimbra, para os quartos-de-final, a situação não apresentava melhoras.

O jogo estava marcado para a tarde, o que faria com que muito poucas pessoas fossem assistir. Por parte da comunicação social, as atenções estavam viradas para o jogo entre o Sporting e o F. C. Porto, cabeça de cartaz dos quartos-de-final. Mesmo em Paúle, muitos populares falavam na transmissão televisiva do encontro. Já na noite anterior, o Benfica vencera o Vitória de Guimarães.

Para a mesma hora do nosso jogo, estava marcado o Salgueiros *versus* Boavista.

O relvado parecia um lamaçal, tal fora a carga de água que o fustigara. Felizmente, a chuva parara durante o jogo.

A Académica apresentava-se com algumas ausências. Uma norma muito usada pelas equipas da Superliga, poupando os principais jogadores para o campeonato.

Ao chegarmos até ali, gerou-se o mito de “quem seria capaz de derrubar o Paúle”, título usado num dos maiores jornais desportivos. Uma questão de tempo para a maioria das pessoas que seguiam as competições desportivas.

Por muito que as pessoas dissessem acreditar, sabíamos que todos esperavam que a Académica levasse a melhor naquela tarde. Talvez só nós, os jogadores, tivéssemos a esperança de marcar mais que o adversário. Certo é, garantidamente, que ninguém sonhava sequer o que se viria a passar naquela tarde chuvosa.

José Luís colocou a equipa principal a jogar, à excepção de Joselino que ficara fora da convocatória, devido a uma constipação.

O jogo começou e a falta de humildade da equipa adversária ficou patente, logo a partir do apito do árbitro. Jogavam tranquilamente como se o golo da vitória fosse uma certeza, a qual tinha como unica dúvida, o momento em que aconteceria.

Foi o seu erro e foi fatal.

Empenhados como sempre, trocávamos a bola com atenção e concentração, lutando com as marcações do adversário e com a lama na relva.

Aos cinco minutos, Hélder marcou o primeiro golo do Paúle.

Perante algumas falhas da defesa, aos vinte e dois minutos de jogo, Hálder marcou novamente.

A Académica começou a ter noção dos seus erros. E o intervalo deve ter sido duro para as orelhas dos jogadores, pois o treinador não poupou nas críticas. Elas ouviam-se do nosso balneário.

Ao voltarmos ao relvado, os “estudantes” tentaram tudo para empatar a partida.

Inteligentemente, mantivemos a calma e jogámos em contra-ataque, o que nos levou a chegar ao resultado de quatro a zero.

Perto do fim, a Académica marcou o golo de honra.

Cerca de cinquenta e tal pessoas rejubilaram connosco a continuidade do nosso feito histórico.

Simultâneamente, o Boavista derrotara o Salgueiros. E à noite, o F. C. Porto trouxe do Alvalade XXI o passaporte para as meias-finais.

No dia seguinte, os nossos quatro a um à Académica foram mais noticiados

que o jogo entre os “grandes”.

“Cuidado com eles!” era o título de um jornal. Outro escrevia “Paúle(ada) nos estudantes”. E “Quem se segue?” perguntava um terceiro.

O sorteio das meias-finais aconteceu alguns dias mais tarde. Alfredo Carrapiço desejava que o Paúle jogasse em casa com o Benfica ou o Porto, o que daria uma boa receita ao clube. Já para os outros clubes, jogar connosco seria mau, ainda mais em casa, pois a receita teria resultado contrário.

“A fava saiu ao Benfica!”, noticiava o telejornal dessa noite. Pois foi, ninguém saiu satisfeito da sede da Federação Portuguesa de Futebol. O Benfica iria receber o G. D. Paúle e o F. C. Porto recebia o Boavista F. C.

Apesar de ninguém o admitir, perante as demonstrações de bom futebol dadas pelos encarnados — que lutavam taco a taco com o Porto pela Superliga — todos temiam uma goleada na Luz. O jogo estava marcado para o princípio da segunda quinzena de Março.

José Luís reunira o plantel, após um treino, e falou-nos nos compromissos desportivos seguintes. A situação no campeonato era problemática, continuando o Paúle abaixo da linha da manutenção, mas continuando com possibilidades de atingir os seus objectivos.

O jogo com o Benfica também ia exigir de nós uma boa preparação física. Não que alguém tivesse o desprante de pensar em ganhar o jogo. Só queríamos jogar o suficiente para dignificar a camisola do G. D. Paúle.

No fim dessa reunião no balneário, José Luís saiu do local e os restantes acabaram de trocar de roupa.

Todos os jogadores do Paúle se relacionavam optimamente comigo, excepto Miguel. Sabia que muito da sua antipatia por mim era infiltrada pela língua venenosa de Carla. E o facto de ele achar que eu lhe roubara Raquel, ainda agudizava mais essas divergências.

— Então a tua filha, anda aqui com a vedeta, Norberto? — perguntou, provocatório, Miguel.

— O quê? — interrogou Norberto, meio atónito.

— Não lígues. — disse-lhe. — O Miguel anda com visões.

Miguel encarou-me com postura desafiante e continuou:

— Visões? A Carla contou-me que viu a Dália a sair de tua casa, às tantas da madrugada. É mentira?

Abanei a cabeça, enfadado com a conversa.

No entanto, Norberto aproximou-se de mim e repetiu:

— É mentira?

— É, Norberto! — confirmei. — A Dália esteve, de facto, em minha casa. Passou por lá para conversarmos um bocado. Sabes que eu e a tua filha nos damos bem, desde aquela noite...

— Sim, sim. — concordou de imediato, evitando que falasse na tentativa de violação.

Porém, Miguel com todo o seu instinto incêndiário e perante o fracasso da primeira iniciativa, prosseguiu:

— Só quem não conhece a Dália é que acredita que vocês estiveram a conversar.

— Que queres dizer com isso? — questionou Norberto.

Abílio colocou-se defronte de Miguel e aconselhou-o a calar-se. Miguel borrifou-se para o conselho.

— A tua filha é uma puta! Vai todas as noites para os bares em Oliveira, engatar gajos.

— Seu...

Justino e Reis agarraram Norberto, impedindo-o de socar Miguel.

— Estás a ir longe demais. — avisou Abílio.

— Não sei porquê essas caras. — insistiu Miguel, percebendo os olhares condenatórios. — Não estou a mentir. Além disso, Norberto, alguns dos teus colegas já foderam com a tua filha!

A raiva de Norberto estava-lhe patente no olhar. Afastou violentamente Justino e Reis e saiu do balneário, batendo com a porta.

Augusto e eu, como já estávamos vestidos, saímos do balneário para ver onde ele ia, temendo algum acto treslocado. Contudo, a fúria de Norberto teve como destino o bar do clube, procurando afogar a raiva no álcool.

Lembro-me quando todos abandonámos o balneário e seguimos para as nossas casas, ele ainda ali estava, agarrado ao copo de vinho tinto.

Todos condenaram a atitude de Miguel, mas apenas Abílio tivera coragem para o condenar, cara a cara.

Nessa noite, após o jantar, resolvi ir tomar um café ao estabelecimento da dona Palmira.

O frio continuava, mas não era tão intenso como fora no pico do Inverno, altura em que quase todos se recolhiam nas suas casas e não se via ninguém nas ruas. Passado esse tempo, as pessoas iam retornando aos cafés e ao convívio entre amigos.

Como era normal, Augusto lá estava no café da mãe a ajudar. A minha irmã Manuela ficava quase sempre em casa, agarrada aos processos em que

trabalhava para a família Calheiros. Eu costumava acompanhar Augusto a casa e aproveitava para visitar a minha irmã.

Naquela noite, Ramalho, Justino e Abílio acompanhavam-me no café e na conversa animada.

Teodoro aproximou-se da nossa mesa e perguntou:

— Sabem do Miguel?

— Não! Porquê? — disse Abílio.

— O José Luís telefonou aqui para o café, a perguntar por ele. — explicou Teodoro. — Parece que contaram ao *mister* o que aconteceu.

— O Miguel deve estar no bar do pai. — sugeri Justino.

— O Miguel anda armado em parvo. — considerou Abílio. — Não havia necessidade de dizer aquilo ao Norberto.

— Ele não queria atingir o Norberto! — afirmei. — Queria era virá-lo contra mim.

— Também percebi isso. — concordou Ramalho.

Abílio deu uma palmada na mesa e concluiu:

— Anda assim, desde que anda com aquela tipa, a Carla. Quem é aquela gaja?

— Nem queiram saber. — disse eu.

— Conhece-la? — indagou Abílio.

Lembrei-me que em todo aquele tempo, nunca contara a ninguém quem era a Carla. Achei que estava em boa hora de saberem. Porém, exclui a parte da história em que andámos um com o outro, nos meus tempos de belenense.

— A Carla era amante do meu ex-cunhado. Quando ele apareceu cá, ela vinha com ele. Desapareceu na noite em que ele morreu, a noite do incêndio. E reapareceu na festa de Paúle. — Bebi um pouco da água que tinha no copo. — Tem um ódio de estimação por mim e pela minha irmã.

O ódio dela era por mim. A minha irmã estava fora do alvo.

— Então está explicado! — exclamou Abílio. — Anda a atirar o Miguel contra ti.

— Conta-me outra, Abílio. — disse, encolhendo os ombros. — Essa já eu sei há muito tempo.

A conversa foi interrompida por dois estrondos. Todas as pessoas ali no café os ouviram e ficaram curiosas a olhar para todo o lado.

— Foguetes? — questionei.

— Não. — negou prontamente Abílio. — Isto são tiros.

Levantámo-nos das cadeiras e fomos para a rua, tentar perceber o que se estava a passar. Encontrámos José Luís que vinha a chegar.

— Que aconteceu, *mister*?

— Não sei. — respondeu. — Pareceram-me tiros vindos dali.

O treinador apontava para o fundo da rua, para lá do estádio, na extremidade da aldeia, junto ao caminho que ia dar à parte baixa da Casa de Paúle.

Um grupo de pessoas, eu incluído, caminhámos pela estrada até lá. Depois de passarmos o estádio, encontrámos uma velhinha que nos disse ter ouvido o som vir da casa de Norberto, dez metros mais à frente.

Temendo o pior, Abílio pediu ao irmão que fosse chamar a GNR.

O grupo precipitou-se para a casa, mas foi impedido pelas palavras de José Luís, aconselhando a que ninguém se arriscasse, antes de chegarem as autoridades.

Abílio não partilhou dessa opinião e voluntariou-se a ir ver o que se passava. E eu fui com ele.

A porta da casa estava aberta. Enquanto nos aproximávamos cautelosamente, ouvi a senhora idosa relatar que ouvira gritos e discussão entre Norberto e a filha.

Abílio seguia na frente, tapando ligeiramente o meu ângulo de visão.

Deparámo-nos com Norberto sentado no chão da sala com uma pistola na mão, olhar vidrado e uma lágrima a escorrer pela face. Sentimos que algo terrível acontecera.

Abílio temeu que Norberto se fosse suicidar e tentou aproximar-se mais. Eu desviei-me, procurando Dália.

Nunca entrara naquela casa e não conhecia nada. Dava passos cuidadosos, inspeccionando cada bocadinho do interior. Ouvia Abílio dizer:

— Norberto! Estás bem, Norberto? — Não ouvi qualquer resposta do outro. — Vá, Norberto! Dá cá a arma.

Continuei até chegar à cozinha. Preferia mil vezes, não ter sido o primeiro a chegar ali.

Existia um balcão na cozinha, ao longo da parede, onde ficava o lava-louça e alguns electrodomésticos encastrados. Dália estava deitada de barriga para baixo, sobre o balcão, com uma perna sobre o tampo e a outra caída para o chão. Tinha a saia levantada até à cintura, as nádegas a descoberto. A roupa do tronco estava intacta. E a cabeça despenhava-se numa poça de sangue que escorria pelas paredes do balcão, espalhando-se pelo chão.

Dália não dava o mínimo sinal de vida.

Escutei o som da sirene do jipe da GNR. Sem tocar em nada, regresssei à sala e vi que Abílio ainda não conseguira desarmar Norberto.

Dois agentes entraram na casa e os populares acotovelavam-se para ver o sucedido. Norberto entregou-se sem qualquer resistência.

Naquela noite, acreditando na confissão de Norberto, ele regressara a casa embriegado e com as palavras de Miguel na cabeça. Discutiu com a filha e ela, no calor da discussão, confirmou as afirmações que ele ouvira. Treslocado, atirou-se à filha e tentou fazer o que sempre lhe fizera, desde pequena: Abusar dela. Dália resistiu, mas ele tentou forçá-la sob a ameaça da pistola que guardava em casa. Ninguém sabe o que aconteceu a seguir, até porque o próprio Norberto não se lembra. O resultado foram duas balas na cabeça de Dália e a sua morte instantanea.

A aldeia de Paúle perdia assim dois dos seus habitantes. A oficina de automóveis em Mídões, um dos seus mecânicos. E o G. D. Paúle, o seu guarda-redes.

Norberto foi mais tarde julgado por homicídio e ainda hoje cumpre pena no estabelecimento prisional em Coimbra.

Apenas com um guarda-redes no plantel, José Luís comunicou a necessidade de nova contratação de um jogador, um guarda-redes. Contudo, Alfredo Carrapiço recusou o pedido do treinador, justificando a falta de verbas do clube.

A altura era propicia a transferências, uma vez que o prazo para inscrições, a meio do campeonato, estava prestes a fechar.

Jorge visitara-me em Paúle, vindo de Coimbra, onde tivera uma reunião com o presidente da Académica, o qual ficara fascinado com a minha capacidade futebolística. Telefonara ao meu empresário e apresentou-lhe uma proposta aliciante para que eu me mudasse para o seu clube já em Março.

— Não, Jorge! — recusei, quando me revelou os pontos da proposta. — Já te disse que não saio do Paúle, antes da próxima época.

— Pensa bem, Ivan. Isto pode ser o melhor contrato que te consigo, estando tu ao serviço do Paúle. A Académica está muito interessada em ti. Nada me garante que continuem em Julho.

— Mesmo assim, Jorge. Não posso deixá-los agora. Eles precisam de mim.

Jorge abanou a cabeça, incrédulo, e insistiu:

— Reconsidera, Ivan Pedro! Pode ser a oportunidade de voltares à Superliga. Daqui a alguns dias, vocês vão à Luz e... O resultado pode ter consequências nefastas para a tua carreira.



— Ouve, Jorge! Se me aparecem propostas, agora, foi porque o Paúle acreditou em mim e me deixou jogar lá, este tempo todo. Seria, no mínimo, uma pulhice largá-los numa altura tão crítica.

Jorge levantou as mãos para o céu e disse:

— Deus queira que tu saibas o que estás a fazer, Ivan!

Uma semana antes do jogo com o Benfica, o canal televisivo SportTv convidou o G. D. Paúle para uma reportagem acerca do clube.

Chamavam-nos a equipa sensação da Taça de Portugal. Protagonizávamos o espírito do troféu, a competição em que os “pequenos” derrubavam os “grandes”. Porém, o “grande” que tínhamos pela frente era demasiado grande.

— Acha que estão a viver um conto de fadas? — perguntava-me o reporter.

— Se isto é um conto de fadas, o nosso príncipe encatado deve ser o senhor presidente da república, quando nos entregar o troféu no Jamor.

O jornalista não evitou uma risada. Seguidamente, questionou:

— Acredita que o Paúle pode vencer a Taça?

— Se me perguntasse se eu achava que o Paúle chegava às meias-finais, há seis meses, eu dizia-lhe que não. Por isso, o que eu acho, vale o que vale.

— Mas acredita? — insistiu.

— Todos nós acreditamos que tudo pode acontecer. O Benfica é fortíssimo. E mesmo que cheguemos a conseguir vencê-los, ainda temos um Porto ou um Boavista na final. É muito difícil.

O jornalista olhou para uns apontamentos e perguntou:

— Quem é o Ivan Pedro? Percebi, desde que chegámos a Paúle, que você é uma especie de vedeta do clube. Que tem a dizer?

— Que não sou nenhuma vedeta. Estou cá a jogar desde Julho e sou um jogador como outro qualquer.

— Mas nenhum tem o seu currículo. — lembrou. — O Ivan foi um jogador dispensado pelo Alverca, após uma grave lesão na perna, a época passada. Como veio parar aqui?

— Honestamente? Foram os únicos que não me fecharam a porta na pior altura da minha vida.

— Guarda alguma mágoa pelo tratamento dos dirigentes do Alverca?

— Não. Guardar sentimentos em relação a eles, seria dar-lhes a importância que eles não merecem.

— O jogo com o Alverca teve um sabor a vingança, não?

— Não. Teve uma mistura de sensações. Alegria pela vitória do Paúle, mágoa pela derrota de muitos amigos que mantenho naquela casa.

Nova olhadela nos apontamentos e nova pergunta:

— Ivan Pedro! E o futuro?

— A Deus pertence, como diz o povo. — respondi de imediato.

— Sim. Mas quais são as suas expectativas?

Sorri timidamente.

— Sinto que já passei a idade das expectativas. Estes últimos tempos têm sido... Não sei como os descrever. Alegro-me pelas pessoas que me rodeiam e congratulo-me por continuar a fazer algo que adoro, jogar futebol.

A minha entrevista acabou por ser o destaque do programa dedicado ao G. D. Paúle.

Quando o mesmo foi transmitido pela televisão, não evitei enormes gargalhadas com a entrevista de Alfredo Carrapiço. Primeiro, escreveram Carrapito no apelido do homem. Depois, apareceu na imagem um homem de casaco bege, apertado em esforço com a enorme barriga quase a fazer os botões ceder, falar do clube e das aspirações. Via-se os pelos do peito a sair pela camisa mal abotoada, não encontrando maneira de esconder aquele aspecto de homem rude da construção civil, como eu o conhecera.

— Senhor Alfredo! — começou o jornalista. — O que leva um homem a presidir um clube como o Paúle?

— Os votos. — respondeu. — Nós temos eleições de dois em...

— Não me referia a isso. — interrompeu o reporter. — Pergunto, o que o motiva?

Motiva era uma palavra demasiado culta para ele. Fingiu perceber e respondeu:

— As pessoas gostam de mim. E isso fez-me ser eleito.

— Acreditava que o Paúle podia chegar onde chegou, na Taça?

Alfredo Carrapiço tossiu e cuspiu uma escarreta nojenta para o chão. Depois, respondeu:

— Merda de tabaco. Sim... Uhm? Quer-se dizer, nós queremos sempre vencer. Claro que chegar tão longe... Samos humidos e graças a Deus conseguimos isto.

“Samos humidos”, frase célebre de Alfredo Carrapiço para somos humildes.

José Luís também foi entrevistado. Disse coisas bastante acertadas. E ouvindo-o responder às perguntas e a forma como falava, fizeram-me

concluir que ele merecia algo mais que um clube de III Divisão.

Para além disto, a reportagem falava da aldeia, do estádio, da opinião das pessoas acerca do clube e dos jogadores. Quase todos falavam no meu nome. A imagens do estádio e das instalações revelavam o trabalho que fora feito nos últimos anos no G. D. Paúle, o que nos dignificou ainda mais.

## XVI

**D**ois dias antes do jogo com o Benfica no Estádio da Luz, a comitiva com os jogadores, equipa técnica e dirigentes partiu de Paúle rumo a Lisboa.

O silêncio dentro do autocarro que nos levava era avassalador, demonstrativo do nosso estado de espírito. Todos sabíamos que iríamos perder o jogo.

A vontade era nem sequer viajar para Lisboa. Contudo, seria uma vergonha para o Paúle perder por falta de comparência.

No último treino que fizemos em Paúle, José Luís chamara-me à parte e sugeriu-me que não jogasse. Para ele, o jogo estava perdido e não havia necessidade de me expôr. Apreciei a forma como abordou o assunto e a sua preocupação com o futuro da minha carreira, já que se tornara público o interesse de alguns clubes da Liga de Honra e Superliga.

Agradei a sua preocupação, mas pedi-lhe que me deixasse jogar. José Luís permitiu-o.

Assim, ali estava eu a olhar para as bermas da A1, rumo a Lisboa, com Augusto a meu lado a ler o jornal.

A equipa chegou ao hotel, ao início da noite. Todos se instalaram o melhor possível nos quartos do edifício.

José Luís quis repouso absoluto e só voltámos a sair do hotel para uma sessão de treinos no novo Estádio da Luz, na tarde seguinte.

Todos ficaram sem fala, ao pisar o relvado, com a dimensão do estádio. Até eu, que chegara a jogar no antigo Estádio da Luz pelo Alverca, fiquei abismado. Imaginei o que seria jogar ali, perante todos aqueles sessenta e cinco mil lugares ocupados, coisa que não iria acontecer na noite do jogo.

Ainda se chegou a falar numa comitiva de apoio popular, vinda de Paúle. No entanto, os populares preferiram poupar o dinheiro e acompanhar o confronto pela SportTv. Ou então, a quem não interessava aquele jogo, podia ver a outra meia-final na RTP.

José Luís orientou o treino de adaptação ao relvado.

Após os exercícios físicos e a corridinha em volta do relvado, jogámos uma peladinha em metade do campo. O nosso treinador colmatou a falta de um segundo guarda-redes, convencendo Serafim, que raramente era convocado, para ocupar o lugar. Descobri-lhe o jeito numa brincadeira num treino.

O nosso guarda-redes principal, desde o acto louco de Norberto, passara a ser Augusto, porém continuava muito inseguro na baliza.

Augusto e eu partilhávamos o mesmo quarto de hotel. Ele desabafava muito comigo e confessou o seu receio de fracassar na baliza. Mesmo os jogos para o campeonato, que não correram nada bem, não ajudaram à sua auto-confiança.

— Tens de acreditar mais em ti. — disse-lhe, olhando para o seu ar desalentado, sentado na sua cama. — A confiança tem de partir de ti.

— Aquele golo na semana passada. — lembrou. — Aquilo foi um “peru”!

— Acontece, Augusto.

Enunciou diversos casos ocorridos consigo. Eu sabia de quase todos. Percebera a sua insegurança na baliza, logo ao primeiro dia que o lá vi.

A proximidade da Primavera começara a notar-se no ar. A noite estava quente e eu decidi ir até à varanda, apanhar um pouco de ar.

Em silêncio, observei a cidade iluminada por milhares de pontinhos laranja. Fez-me lembrar os passeios nocturnos com Camila, onde nós íamos até à margem do rio e ficávamos a olhar para a capital, na outra margem.

Senti um peso espiritual sobre mim. A falta que sentia de Camila, de a ter perto de mim... Recordar que ela já não estava viva. A sensação continuava a ser brutal para a minha alma. Aliás, a ferida da sua morte sempre estivera no meu coração. Porém, penso que aos poucos me habituei a lidar com ela.

Olhei para o céu, observando as estrelas e querendo acreditar que uma delas seria Camila. Era uma forma romântica de a recordar ou, pelo menos, crer que a podia ver sempre que olhasse para o céu, à noite.

Ouvi umas pancadas suaves na porta do quarto. Augusto foi abrir e convidou José Luís a entrar. Este perguntou por mim e veio ao meu encontro na varanda.

— Boa noite, Ivan!

— Boa noite, *mister!* — Notei-lhe o ar apreensivo no olhar. — Que se passa?

José Luís coçou o nariz e informou:

— Decidi que, amanhã, comesas o jogo no banco!

— Porquê? — interoguei, aborrecido.

— Compreende, Ivan! Preciso de ti para o campeonato. — argumentou. — O jogo de amanhã é para cumprir calendário! Já imaginaste o Paule a ganhar ao Benfica na Luz? Só em filme.

— As pessoas não dizem que estamos a viver um conto de fadas? — inquiri.

— Mesmo os contos de fadas têm um fim. — ripostou José Luís. — E eu não

quero que o fim deste, implique um triste fim na história do campeonato.

— Mas, *mister*...

José Luís travou as minhas palavras com um gesto e continuou:

— Está decidido! E lembra-te, Ivan. Um mau jogo, amanhã, pode ser um rude golpe nas tuas aspirações, se jogares.

— E também pode ser nas suas, se eu não jogar. — alertei. — As pessoas vão questionar o porquê de eu não jogar.

O treinador encolheu os ombros e completou:

— Prefiro assim. Tu ainda tens muito a dar ao futebol! Eu? Eu terei sempre um clube de aldeia para treinar, seja o Paúle ou outro qualquer.

E com aquelas palavras, desejou-nos uma boa noite e foi-se embora.

A adrenalina estava ao rubro no corpo dos jogadores do Paúle. Finalizávamos o equipamento e preparávamo-nos para subir ao relvado e iniciar o aquecimento.

Eu e os meus colegas de banco, limitámo-nos a umas singelas trocas de bola. Já os titulares faziam exercícios empenhadamente, sob a orientação de José Luís.

O ambiente era hostil. Não por qualquer receio de que pudessemos significar qualquer obstáculo ao Benfica. Apenas, ouvíamos “bocas” e as claques tentavam humilhar-nos.

Deviam estar no estádio uns vinte a trinta mil espectadores, o que naquele anfiteatro era sinónimo de menos de meia-casa. Se o adversário fosse o Porto ou o Boavista, não tenho dúvidas que estaria a abarrotar de gente.

Ao fim de perto de meia hora, regressámos aos balneários para o apronto final, antes do jogo.

Tudo era grande e luxuoso, ali. Os meus colegas estavam fascinados com o requinte do interior e os pormenores, onde até *jacuzzi* havia para os jogadores. Até eu, que conhecera os balneários do velhinho Estádio da Luz, fiquei impressionado.

Chegara a hora. Juntamente com os suplentes, atrás dos titulares, observei as duas equipas, lado a lado, no túnel de acesso ao relvado. De um lado, os sobejamente conhecidos jogadores do Benfica, novissimamente equipados de vermelho e branco, que pareciam brilhar de glória. Do outro, onze homens humildes, pensando onde se tinham vindo meter, equipados com a camisola preta e o calção branco já lavados milhentas vezes, atordoados com a grandeza de tudo e desejosos de chegar ao fim com dignidade.

As equipas saíram para o relvado e ouviu-se o ecoar dos gritos dos adeptos, exaltando a sua equipa. Era arrepiante o ambiente e, simultaneamente, medonho.

Os jogadores do Benfica olhavam para nós, sorriam-nos com simpatia e cumprimentavam-nos. Mas, nós sabíamos que, lá no fundo do seu ser, estavam confiantes que a vitória era sua. Só os parvos acreditavam no discurso de que “todos los equipos son difícil”.

Abílio encabeçava a fila dos titulares que caminhavam para o rectângulo, colocando-se ao lado uns dos outros. José Luís conduzia os suplentes para o banco.

As três equipas, Benfica, Paule e árbitros, cumprimentaram o público e dispersaram-se pelas duas metades do rectângulo. Abílio ficou com o capitão do Benfica e com a equipa de arbitragem.

Sentei-me no banco, logo ao lado de José Luís. Vi Abílio perder na moeda ao ar e ser-lhe atribuído o pontapé de saída.

O jogo começou, instantes depois.

O treinador do Benfica poupava quatro dos principais titulares, mas não os dispensava do banco de suplentes para qualquer eventualidade. Mesmo assim, o jogo só se desenrolava na nossa metade do relvado.

A equipa do Benfica pressionava-nos sem descanso e, com naturalidade, marcaram o primeiro golo aos dez minutos da primeira parte. Dez minutos. Dez míseros minutos, aquilo que conseguimos aguentar sem sofrer golos.

Mesmo a vencer, os “encarnados” não nos deram descanso e continuaram a pressionar. Nenhum de nós pensava em recuperar, apenas segurar o jogo e perder com dignidade.

Aos vinte e dois minutos, não evitámos o segundo golo do Benfica.

O rosto dos meus colegas em campo e no banco, o rosto de José Luís e do doutor Gervásio estavam com um semblante de conformação, perante tanta superioridade.

A vencer por dois a zero, o Benfica aliviou a pressão e limitou-se a controlar o jogo. Isso permitiu-nos as primeiras entradas no seu meio-campo, mas apenas para tomarmos consciência de como éramos impotentes para os contrariar.

Os primeiros quarenta e cinco minutos de jogo chegaram ao fim. Levantei-me do banco e vi os meus colegas saírem do relvado com o olhar no chão.

— Deixe-me jogar na segunda parte. — pedi.

— Não é necessário, Ivan! — respondeu José Luís. — Isto está resolvido.

— Por favor, *mister!*

— Queres ir mostrar-te aos dirigentes do Benfica, é?

— Não! Você sabe que não é essa a minha ideia. — contrariei. — Quero sair daqui com a noção que fiz tudo para vencer. E não o consigo, a ficar sentado no banco.

José Luís parou no túnel, encarou-me frontalmente e disse:

— Tudo bem, Ivan! Queres jogar? Volta ao relvado e vai aquecer!

Não perdi um segundo e regressi ao relvado, começando a correr e a fazer exercícios para me preparar para o jogo. O doutor Gervásio acompanhou-me naqueles instantes.

Alguns minutos passados e as equipas estavam de volta. Vi o José Luís a assobiar-me e a fazer-me sinal para ir ter com ele.

— Atenção ao lateral deles! — alertou José Luís. — Não o deixes subir no terreno!

Assenti com a cabeça e corri para o quarto árbitro. Entrei para o lugar de Castanha.

O jogo recomeçou com o toque na bola do avançado do Benfica.

O Paúle tentou fechar ao máximo a defesa, de forma a evitar mais golos. Vi a bola embater na barra, por duas vezes.

O tempo foi passando, nós fomos aguentando e o Benfica foi-se desleixando.

O Benfica jogava ao primeiro toque e começava a exagerar no número de vezes que tentava fazer “bonitos” para os espectadores. Aos trinta e três minutos da segunda parte, interceptei a bola no meio-campo e corri com ela para o terreno adversário. Completamente balanceados para o ataque, os jogadores do Benfica surpreenderam-se ao verem-se na contingência de recuar urgentemente, atrás de mim.

Tinha o último defesa do Benfica à minha frente, finte-i-o com uma daquelas fintas de fazer cair o queixo aos adeptos contrários e rematei forte, encaixando a bola no fundo da baliza.

Festejei com os meus colegas e apontei para José Luís como que dizendo: Este é para ti!

O jogo reiniciou-se. O Benfica tremeu, mas não caiu e retomou a pressão. No entanto, eu mostrara o caminho ao Paúle. Afinal, não era impossível marcar-lhes golo.

Aos quarenta e um minutos de jogo, da segunda parte, Abílio passou-me a bola, junto à linha central. Recepcionei-a e corri com ela. Finte-i o primeiro, passei o segundo, ludibriei o terceiro e sentei o quarto no chão, deixando a



bola para Hélder que só teve que empurrar para a baliza.

— Onde é que andava este homem? — perguntara o comentador, durante a transmissão televisiva.

José Luís dava pulos de alegria no banco. Surrealista era o mínimo que se podia dizer do que estava a acontecer.

A equipa correu para o Hélder, abraçando-o. E depois, vieram todos no meu encalço, felicitando-me pela fabulosa jogada.

Aos quarenta e cinco minutos da segunda parte, o quarto árbitro levantou a placa com a indicação dos minutos que se jogariam mais. Todos se preparavam para jogar um prolongamento de mais trinta minutos.

Mesmo no fim do jogo, um dos avançados do Benfica isolou-se na frente de Augusto. Estava demasiado longe de qualquer um de nós, para que pudessemos retirar-lhe a bola ou fazer falta sobre ele. Em segundos, todos percebemos a cruel realidade de que aquele lance nos colocaria fora da Taça.

O indivíduo de camisola vermelha rematou com força. Vi Augusto esticar-se todo e tocar a bola com os punhos, evitando o golo com uma defesa do outro mundo.

A bola subiu bem alto, vindo cair perto de Sassi. Este passou-a a Abílio que rapidamente me viu a correr pelo meio-campo adversário.

Abílio chutou a bola e eu corri o mais que pude, conseguindo suster o passe, antes que a bola saísse pela linha de fundo. Troquei a volta ao defesa e centrei a bola para a área.

A bola embateu num defesa e voltou para mim. Segurei-a, pisando-a contra o relvado. Um defesa tentou tirar-me, mas acabou fintado. Investi pela área e rematei colocado, introduzindo a bola novamente no fundo da baliza.

Explodimos de alegria.

O estádio ficou mudo.

Correram todos na minha direcção, saltaram para cima de mim, eufóricos. Vieram os colegas no banco, o José Luís, o doutor Gervásio... Parecíamos loucos.

O árbitro apitava constantemente. Queria que voltássemos ao nosso lado do relvado para que ele pudesse recomençar o jogo. Mas, o jogo estava no fim.

Aos poucos, lá regressámos. E o jogo foi retomado.

O Benfica atirou-se desesperado contra nós. Contudo, tivemos cabeça fria e aguentámos os segundos finais.

Quando o árbitro apitou o final do jogo, nós voltámos aos festejos.

Não dava para acreditar no que tínhamos conseguido. Da mesma forma, não dava para acreditar na vaga de assobios e a forma como os jogadores do Benfica foram vaiados pelos seus adeptos. Uma equipa que tivera uma excelente participação na Liga dos Campões, lutava pelo título nacional e chegara às meias-finais da Taça de Portugal. Mais uma vez se confirmava a velha máxima “de bestiais a bestas”. Tudo, só porque tinham sido vencidos por uma humilde equipa da III Divisão.

Os jornalistas acotovelavam-se para nos entrevistar. Alguns ainda conseguiram proferir uma ou duas palavras. No entanto, a confusão no túnel era tanta que se tornou impossível perceber o que quer que fosse.

A seguir ao túnel, a equipa de reportagem da SportTv pediu ao José Luís e a mim que nos deslocássemos até ao local a que chamavam *flash interview* para nos entrevistarem.

O primeiro a ser abordado com questões foi o capitão do Benfica, o qual lamentou a derrota e apontou, como causas para isso, a desconcentração da equipa e prometeu que iriam todos trabalhar para voltar às vitórias. Curioso, o facto de todos dizerem sempre a mesma coisa e terem sempre o mesmo discurso.

O repórter fez-me sinal e eu encaminhei-me para o seu lado, encarando a câmara de filmar e o projector adjacente.

— Ivan Pedro! Um grande jogo?! — começou ele.

— O Paúle fez um bom jogo. — respondi. — O Benfica também jogou bem. Tivemos alguma sorte com aquelas bolas à barra... Ainda bem que vencemos.

— Mas, o Ivan foi o homem do jogo! — afirmou.

— Não. — recusei. — Fomos todos! Se o *mister* me colocasse lá sozinho, havia de ver se eu ganhava alguma coisa.

O jornalista sorriu e atirou mais uma questão:

— E agora? Este jogo pode catapultá-lo para outros palcos, não?

— Não sei. E, sinceramente, não me preocupo com isso. O Paúle contratou-me com um objectivo. Estamos a lutar por o concretizar e é essa a minha preocupação.

— Esses objectivos passam pela conquista da Taça?

— O *mister* responde-lhe a essa pergunta. Mas, se vamos à final, não é para passear.

O repórter agradeceu-me e chamou técnico do Benfica. O indivíduo passou por mim e estendeu-me a mão, felicitando-me pelo grande jogo que fizera.

Seguidamente, respondeu às perguntas do jornalista, dizendo que o Paúle

jogara muito bem e que merecera a vitória. Referiu as falhas da sua equipa e reiterou as felicitações ao nosso clube, adicionando votos de boa sorte para o Jamor. Depois, despediu-se e foi cumprimentar José Luís.

Vi o reporter olhar para um papel. Penso que queria chamar o treinador do Paúle, mas não se lembrava do seu nome. Por isso, socorreu-se da cábula com o nome dos intervenientes.

— Senhor José Luís! Um jogo histórico para si?!

— Para todos. — respondeu. — Penso que até para o Benfica.

— O que leva uma equipa da III Divisão, que atravessa algumas dificuldades no campeonato, a chegar à final da Taça de Portugal?

— O sonho! Penso que tudo se resume a isso. Os meus jogadores jogam por amor ao futebol. Não jogam pelo dinheiro. Talvez o amor ao futebol seja a sua força em campo.

As palavras dele fizeram-me lembrar o “deixa que o amor seja a tua energia” de Camila. Será que a minha força para lutar contra as adversidades da carreira de futebolista, vinham do amor ao futebol? Camila incentivava-me a crer que o nosso amor era a minha energia. Porém, talvez o nosso amor fosse somente isso. E a minha energia, a paixão pelo futebol.

— E agora a final. Para ganhar? — interrogou o homem do microfone.

— Se ganhámos ao Benfica, acho que podemos continuar a sonhar.

— Na final vai ter de enfrentar o Porto.

— Que seja.

— O conto de fadas terá um final feliz?

— Depende do que as pessoas acharem que é um final feliz. Eu acredito que sim!

Nessa mesma noite, o G. D. Paúle regressou à aldeia. Uma viagem extremamente calma até chegarmos.

Apesar do adiantado da hora, toda a aldeia nos recebeu em apoteose. Tínhamos colocado Paúle no mapa do desporto nacional.

O autocarro foi obrigado a seguir para o estádio do clube e a população foi ovacionar os seus jogadores. Desfilámos no relvado de Paúle, debaixo dos fracos holofotes do estádio, acenando ao povo que parecia estar a viver a maior alegria da sua vida.

Observava a felicidade de cada rosto que via. Sentia-me feliz por ter sido parte do que provocara aquela onda de alegria. Depois, alienei-me de tudo e recordei Camila. Como seria bom que ela pudesse ter assistido àqueles

momentos de glória. Sei que, por muito longe que estivesse, vibraria tanto ou mais que eu por mim. Pensei no que o repórter dissera e tentei imaginar as consequências daquele jogo. Cheguei a ter a louca ilusão que a minha exibição poderia atrair os dirigentes do Benfica a me contratar. Talvez esse fosse o meu sonho, jogar no Benfica.

Abílio deu-me uma pancada nas costas e disse-me:

— Acorda, rapaz! Olha para eles! Aproveita a glória, rapaz, pois ela é efémera!



## XVII

Já lá iam umas três semanas, desde a glória da Luz. Os jornais chamaram-me Ivan Pedro, o Terrível, pela forma como colocara o Benfica fora da Taça. Nos dias seguintes ao jogo, choveram notícias de clubes interessados em mim. Não me deixei iludir, pois Jorge telefonava-me a cada notícia e dizia-me que era mentira, pois ninguém falara com ele.

Houve, de facto, clubes interessados. A Académica continuava com as suas pretensões de me ter no seu plantel na época seguinte. E eu autorizara Jorge a negociar uma primeira proposta. O Estoril entrou na corrida e até o Badajoz de Espanha se mostrou com interesse.

A minha transferência começou a tomar proporções prejudiciais ao meu desempenho no Paúle. Por isso, através de Jorge, abortei as negociações e agendei-as para depois do final da época.

A campanha do Paúle na Serie C da III Divisão, melhorara ligeiramente, colocando-nos a seis jornadas do fim, acima da linha da despromoção. Porém, essa posição ainda não estava garantida.

A meio da tarde da véspera de Sexta-Feira Santa, lá estava eu encostado ao meu carro, sentido o Sol primaveril a aquecer-me. Nunca passara por um Inverno tão rigoroso e com temperaturas tão baixas. O Sol não era muito forte e a temperatura dava, naquelas primeiras semanas de Primavera, os primeiros sinais de calor.

Tinha o carro estacionado no largo em frente à estação ferroviária do Carregal do Sal. Olhava para o relógio e aguardava pacientemente a chegada do comboio.

Raquel regressava de Coimbra para passar a quadra com a família. Já não nos víamos havia algumas semanas. Jamais esqueceria a forma como me ajudara a tentar ultrapassar a morte de Camila.

Sentia que partilhávamos uma amizade profunda. A sua constante preocupação, os telefonemas para saber como eu estava, as suas vindas a Paúle ao fim-de-semana... Só nestes últimos, Raquel esteve ausente devido aos exames.

Ouvi o som do comboio aproximar-se e vi-o entrar na estação. Poucos minutos passados, Raquel surgia vinda do interior da estação, elegante e linda. Continuava a recusar-me a vê-la como mulher bonita e amável que era, para a

continuar a encarar como amiga por quem nutria uma enorme fraternidade.

Caminhei ao seu encontro e peguei na bagagem que trazia. Raquel abraçou-me com saudade e beijou-me a face com ternura.

— Que saudades! — exclamou, sorrindo-me.

Continuava a ver o brilho dos seus olhos ao contemplar-me. Nunca me escondera os sentimentos em relação a mim. Porém, respeitara sempre a minha vontade de não irmos além da amizade.

Colocando tudo no porta-bagagens, perguntei:

— Como correram os exames?

— Os resultados só devem sair para a próxima semana.

— Queres ir tomar um café ou levo-te já para casa? — dei-lhe a escolher.

— Um cafezinho sabia bem. Mas a minha mãe está à minha espera.

Meia hora depois, estava parado junto aos portões da Casa de Paúle.

— Não queres entrar? — convidou.

— Desculpa, mas não. — recusei. — A tua mãe...

— Compreendo. Queres sair logo à noite? A noite parece que vai estar agradável e podíamos conversar um pouco.

— A que horas queres que passe para te vir buscar?

— A seguir ao jantar.

Os portões abriram-se e vi um empregado vir buscar a bagagem.

Beijei-lhe a face macia e fiquei a vê-la afastar-se, acompanhada pelo indivíduo que carregava as duas malas. Raquel acenou-me umas duas vezes até eu partir.

A noite amena mostrava-se bastante agradável para quem, pela primeira vez na sua vida, suportara temperaturas negativas naquele Inverno.

Raquel e eu estávamos sentados na esplanada de um café, em Oliveira do Hospital, mesmo à frente do jardim municipal.

Não conseguia evitar a sensação que a sua beleza e a elegância da sua roupa me provocava. Raquel estava cada dia mais bonita. E eu notava que não conseguia ficar indiferente a ela, como outrora.

— Os jogos têm corrido bem? — indagou.

— Nem por isso. — respondi, lembrando-me do décimo quinto lugar da equipa no campeonato. — Estamos à beira de voltar aos distritais.

— Pelo menos, derrotaram o Benfica.

— Essa veia sportinguista.

— Quando é que é a final? Tenho de ir ao Jamor ver-te. — disse com entusiasmo.

Seguidamente, segurou-me a mão e disse — Tenho sentido muito a tua falta

— Eu também. — confessei, colocando a outra sobre a dela.

— Ivan...

— Sim.

— Não, desculpa! — arrependeu-se, desviando o olhar.

— Diz lá!

Raquel voltou a confrontar o meu olhar:

— Ivan, eu continuo apaixonada por ti! Não, espera! Não digas nada. Sei que concordámos em não abordar o assunto, mas... — O seu olhar seguro rebaixou-se na direcção da mesa, tentando esconder a vulnerabilidade.

Com carinho, segurei-lhe o queixo e levantei-lhe a face para que não receasse encarar-me. Não era capaz de recusar o seu amor porque eu próprio começara a amá-la.

— Eu amo-te, Ivan! — exclamou.

A frase saíra-lhe com a certeza de outras tantas vezes, quantas aquelas em que o seu amor embateu no cubo de gelo que era o meu coração.

Segurei-lhe o rosto com ambas as mãos e puxei-a suavemente para mim. Toquei-lhe os lábios com os meus e fi-la sentir que o seu amor era finalmente correspondido.

— Podemos continuar esta conversa em tua casa? — sugeriu, sorrindo com enorme felicidade.

Fiz sinal ao funcionário do café para que trouxesse a conta.

— Bolas!

— Que se passa, Ivan? Esqueceste-te da carteira?

— Não. Deixei o telemóvel em casa. Não gosto de sair sem ele. Estou sempre na esperança que o Jorge me telefone com notícias.

A porta de casa embateu ruidosamente na parede. Sabendo que os meus sentimentos por ela haviam mudado, Raquel beijava-me apaixonadamente, não me largando um segundo.

Mal tinha fechado a porta, já ela me despia esfomeada por mim.

Subitamente, um *bip* soou pela casa, fazendo-nos parar todo aquele clima de paixão.

— Que é isto? — perguntou.

— É o telemóvel a avisar que tenho uma mensagem.

— Vês depois! — ordenou ela, atirando-se ao meu pescoço e continuando a beijar-me freneticamente.



— Pode ser importante. — lembrei.

— Deixa isso. Nada é mais importante que aquilo que vamos fazer.

Acabei por ceder e levei-a para o quarto. Atirámo-nos para cima da cama e eu despi-a, ansioso por conhecer o seu corpo, tocá-lo, acariciá-lo.

Raquel revelava os mesmos objectivos. Despi-a e toquei-lhe os seios, apertando-os e dedilhando os mamilos até começar a sugá-los. Sentia as suas mãos acariciarem-me e dirigirem-se aos meus pontos mais íntimos.

O ambiente era quente, tórrido mesmo. Por momentos, desviei a atenção sobre ela e apressei-me a procurar um preservativo. Tinha que a penetrar. Naquele instante, esse era o meu unico objectivo.

Vasculhei tudo, desviando-me das mãos dela que me puxavam constantemente para si, mas não encontrei nada.

— Temos de parar. — disse ao seu ouvido.

— Porquê??? — interrogou, frustrada.

— Não tenho preservativos.

— Não faz mal. — argumentou. — Eu tomo precauções.

Hesitei. Contudo, desejava-a tanto. E havia tanto tempo que não o fazia com ninguém...

Penetrei-a com toda a força do desejo que sentia, fazendo-a vibrar de paixão. Movimentei-me sobre ela, acariciando-lhe o corpo nos locais que mais a faziam delirar.

Toda a força da paixão que partilhávamos, naquele momento, explodiu num fluxo quente que a inundou por dentro e nos fez cair, um sobre o outro, esgotados.

Acordei na manhã seguinte, sentindo um arrepio de frio na espinha. Raquel permanecia num sono profundo, enroscada a mim e embrulhada na roupa da cama.

Afastei-a com ternura e levantei-me da cama. Caminhei até à sala e fiquei a pensar nesta mudança de relacionamento com Raquel. Tinha sentimentos contraditórios. Se por um lado estava feliz pelo seu amor, por outro, continuava com dúvidas em relação ao meu por ela.

A noite fora maravilhosa, fizemos amor como dois amantes apaixonados. Porém, parecia faltar algo naquela relação. Não era como fora com Camila, mas Camila estava... Recusei-me a recordá-la dessa forma.

Lembrei-me do telemóvel e da mensagem que não chegara a ler na noite anterior. Ficara sobre a mesa da sala, lugar onde o fui buscar. Marquei o numero do *voicemail* e aguardei.

— Marque o seu código pessoal, seguido de asterisco! — disse a gravação.

Marquei os dígitos e carreguei no botão que ela dissera.

— Tem uma mensagem nova.

Nesse instante, a campainha de casa tocou. Desloquei-me numa passada lenta, continuando a ouvir a voz no telemóvel:

— Recebida às 22 horas e 33 minutos.

Levei a mão ao trinco da porta.

— Olá, Ivan! É o Jorge. Não imaginas o que aconteceu. — dizia a mensagem com a voz do meu empresário.

Abri a porta e fiquei petrificado. A voz prosseguiu:

— A Camila está viva! Parece incrível, mas é verdade.

Nem me conseguia mexer, pois tinha diante de mim a própria Camila.

A voz de Jorge continuava, sentindo-se a euforia nas suas palavras:

— Está viva e mor... desejosa de te ver. Vamos para aí amanhã de manhã.

Um abraço.

Camila abraçou-se a mim e apertou-me com toda a força.

— Que saudades, Pedro.

— Camila? Como...? — interroguei eu, abraçando-a a medo.

Subitamente ouvi o ranger da porta do meu quarto. E, logo de seguida, a voz de Raquel:

— Quem é, amor?

Senti a força do abraço de Camila esmorecer e começar a largar-me. Afastou-me automaticamente, mantendo o olhar atrás de mim.

Voltei-me para trás e vi Raquel com uma camisa minha vestida, não deixando a mínima dúvida do que se tinha passado naquela noite.

Quando me direccionei novamente para a porta, Camila já lá não estava. Vi que descia as escadas e fui atrás dela.

— Camila espera! — pedi, segurando-lhe o braço.

Camila parou e voltou-se para mim. Os seus olhos deixavam escapar uma lágrima e o seu lábio tremia.

— Foi um erro, ter cá vindo. — disse ela, limpando a gota que escorria pelo rosto.

— Não, Camila! Não foi. — contrapus. — Não imaginas como estou feliz por saber que estás viva. Não imaginas o quanto eu desejei isto.

— Não parece, pelo que vi ali em cima.

Estávamos ambos, frente a frente, a meio das escadas. Vi Jorge que ficara junto ao carro, aguardando.

— Camila, há quase quatro meses que te julgo morta. Não imaginas como sofri.

— E eu, Pedro? Podes imaginar o que eu passei e o que sofri?

— Não Camila, não sei. — concordei. — Mas gostava de saber o que te aconteceu. Entra, por favor! — pedi.

— Não! — recusou firmemente. — Não entro ali!

— Tudo bem, falamos aqui. — sugeri.

Camila aceitou conversar, mas sugeriu o interior do automóvel de Jorge. Fez uma pausa. E durante essa pausa, vi Raquel junto à porta por breves instantes. No entanto, o frio fizera-a regressar ao interior.

Descemos até ao carro, cumprimentei o meu empresário e entrei com Camila para o carro, ficando ambos sentados no banco traseiro.

Jorge manteve-se do lado de fora, permitindo-nos alguma privacidade.

— A viagem estava a correr bem. — começou Camila, olhando para os bancos da frente. — Devíamos estar a cerca de uma hora de Lisboa, talvez menos. De repente, as hospedeiras começaram a pedir às pessoas que pusessem os cintos de segurança e se mantivessem calmas. Diziam que era uma medida de precaução, mas acho que o aparelho estava com problemas técnicos.

Fez uma pausa, tentando recordar os momentos seguintes:

— Não passaram muitos minutos, até ao momento em que o comandante nos informou que estavam com problemas e que iriam tentar aterrar em Ponta Delgada. Segundos depois, iria tentar aterrar... ou melhor, amarrar de emergência em pleno oceano. Mandaram-nos vestir os coletes salva-vidas e colocarmo-nos em posição.

Reparei que Camila tentava ser o mais fiel possível no relato, como se a recordação a ajudasse a compreender melhor o que acontecera.

— Nunca esquecerei aqueles momentos. Ouvia-se o zumbir dos motores tentando aguentar aquele gigante que caía a uma velocidade vertiginosa. O despenhamento na água foi fortíssimo, as luzes apagaram-se e o avião partiu-se em dois. Vi-o rachar-se umas três filas atrás de mim. A força do impacto deve ter morto logo alguns dos passageiros. E os que ficaram na outra metade, não tiveram tempo de escapar, pois a água começou a entrar e a única saída que tinham ficou tapada.

Uma nova lágrima apareceu no seu rosto.

— Nós ficámos ao contrário. A parte do avião aberta ficou virada para cima e a água entrava pelos vidros partidos. Algumas pessoas começaram a saltar para o mar, sem medo do temporal e das ondas enormes. Eu aproximei-me

da abertura, mas quando tentei saltar, alguém me empurrou e eu bati com a cabeça. Não me lembro de mais nada.

— Como te salvaste? — perguntei, tentando segurar-lhe a mão, a qual ela afastou.

— Há menos de uma semana, acordei no Hospital de Ponta Delgada. Segundo me contaram, estive mais de três meses em coma. Ao que parece, acabei por dar à costa inconsciente. Dizem que foi um milagre, talvez o tenha sido. Os pescadores locais levaram-me para o hospital. Ninguém sabia quem eu era até despertar do coma.

Tinha vontade de a abraçar, mas notei que ela se mantinha distante e fria.

— Fica uns dias comigo, aqui. — pedi.

— Não, Pedro! Vou voltar para Lisboa e tentar recuperar a minha vida.

— Mas nós...

— O “nós” já deixou de existir há muito tempo, Pedro. — lembrou desprendida. — Tu acabaste com ele e, ao que parece, já deste rumo à tua vida.

— Camila, aquilo não é o que estás a pensar.

— Não? — interrogou furiosa, encarando-me. — Então o que é? Vais dizer-me que não dormiram juntos?

Não tive argumentos para ela.

— Desculpa, Pedro. Eu não tenho o direito de te censurar. Tu não me deves explicações de nada. — E desviou o olhar para o outro lado, encarando a paisagem e esperando que eu saísse.

No entanto, antes que eu fizesse qualquer movimento, disse:

— Sabes a única coisa que me lembro, durante o tempo que estive em coma? A minha mente dizia constantemente “deixa que o amor seja a tua energia”. Lembraste dessa época, não?

Aproximei-me mais dela, segurei-a com força pelos braços e exclamei:

— Eu amo-te Camila!

Camila baixou o olhar e confessou:

— Quem me dera acreditar nisso. Hoje, pensando em tudo o que passámos e as decisões que tomaste, começo a pensar se alguma vez me amaste realmente.

Desprendeu-se das minhas mãos e refugiou o olhar no interior do carro.

— Por favor, sai!

— Camila...

— Por favor, Pedro! Deixa-me sozinha!

Abri a porta desolado e acatei o seu pedido.

Jorge veio ter comigo e perguntou:

— Ivan, que...?

Fiz-lhe um gesto para não perguntar nada.

Ele percebeu que as coisas não tinham corrido bem, até porque também vira Raquel, junto à porta, e percebeu o que se passara.

— Vou levá-la. Depois telefono-te. — disse.

Tentei falar novamente com ela, mas Jorge travou-me, dizendo:

— É melhor não, Ivan! Dá um tempo para ela se acalmar. Terão tempo suficiente para falar.

Abanei a cabeça, concordando com ele e pedi:

— Cuida dela.

Jorge assentiu com a cabeça e dirigiu-se para o carro.

Fiquei a vê-los afastarem-se, sentindo uma dor enorme. A alegria de ver Camila viva, desvanecera-se com a tristeza de a perder mais uma vez.

Ao regressar a casa, Raquel estava sentada no sofá com os cotovelos apoiados nos joelhos e com a cabeça caída sobre as mãos. Sentei-me a seu lado e fiquei em silêncio. Raquel olhou para mim e perguntou:

— Quem era?

— Penso que sabes tão bem como eu. — respondi. — Era a Camila.

— Mas tu disseste que a Camila tinha morrido!

— Foi o que pensei, nestes últimos quatro meses. — disse, mantendo o olhar distante.

— E agora?

Olhei para ela e repeti:

— E agora? Agora o quê?

— Como ficamos nós?

— Não sei, Raquel.

Raquel virou-se para mim e questionou:

— A noite passada não significou nada para ti? Vais voltar para a Camila?

— Não sei nada, Raquel! — exclamei, sobrecarregado de ideias e a tentar compreender o que se estava a passar.

Ela não conseguiu esconder a lágrima que lhe escorria na face. Levantou-se do sofá e sugeriu:

— É melhor eu ir-me embora.

Não respondi e deixei-a sair dali sem uma palavra para a impedir.

Camila regressou, nesse mesmo Sábado a Lisboa, talvez no exacto momento em que eu jogava mais um jogo do campeonato pelo Paúle. Decidira, antes do

início do jogo, regressar a Lisboa e tentar falar com Camila.

Infelizmente, o jogo correu pior que mal. Para além da derrota, eu lesionei-me num choque com um defesa adversário, o que me obrigou a repouso total durante uns dias.

Após a Páscoa, Raquel regressou a Coimbra sem me dizer uma sílaba. E eu sabia o quanto ela estava magoada comigo pela indiferença a que a votara, depois de rever Camila.

A minha preocupação principal passou a ser Camila e ter a oportunidade de voltar a falar com ela e tentarmos rietar aquilo que o acidente interrompera.

Esquecera completamente Raquel e tudo o que ela fora para mim, ao longo daqueles meses. Esqueci a sua ajuda, os bons momentos, tudo, até o sexo que fizemos.

Naquele último ano, a minha vida levava voltas e mais voltas e continuava sem rumo, nem estabilidade.

A lesão quase colocara em perigo a minha presença no Jamor e fizera-me ausentar dos últimos jogos do campeonato. O Paúle conseguiu a manutenção no último jogo, após uma vitória sofrida no terreno de um dos concorrentes directos à manutenção.

Os festejos prolongaram pela noite dentro até ao amanhecer.

Quando regresssei a casa, para minha surpresa, encontrei Raquel à porta.

— Raquel? Julgava-te em Coimbra. — disse, mantendo a curiosidade na sua presença.

— Precisamos de conversar. — avisou com frieza.

Fiquei apreensivo. Que razão teria feito Raquel vir de propósito a Paúle? Abri a porta e convidei-a a entrar.

Raquel entrou e sentou-se no sofá. Eu segui atrás de si.

— Queres beber alguma coisa?

— Não, obrigado.

Sentei-me a seu lado e aguardei o que tinha para me dizer.

— Nem sei com dizer isto, Ivan. Era a última coisa que queria que acontecesse... Aliás, nem sei como aconteceu.

— E que aconteceu, Raquel?

— Vou contar-te porque acho que tens direito a saber. — prosseguiu. — Mas, não exigo nada de ti. Não sintas qualquer obrigação...

— Por favor, Raquel! Estás a preocupar-me. Que se passa?

— Estou grávida!

— De mim? — interroguei estupidamente.

— Não. É do padre Inácio! — respondeu com ironia. — Achas que se não fosse teu, eu estaria aqui a contar-te?

— Tens razão! Desculpa!

— Ouve, Ivan! — pediu Raquel. — Eu tenciono ter a criança, mas não quero nada de ti.

— Mas, Raquel...

— Não, Ivan! Nada de “mas”. Eu decidi e não mudo de ideias. Só quis ser eu a contar-te a verdade. Não quis que o soubesses por outras pessoas.

Tentei dizer mais qualquer coisa, mas não me saiu nada. Raquel levantou-se e dirigiu-se à porta. Fui atrás dela.

Antes que chegasse à porta, a campainha tocou. Passei por Raquel, que regressou à sala, e fui abrir. Dei de caras com Augusto transtornado.

— Que foi, Augusto?

— Anda, Ivan! Aconteceu uma tragédia.

## XVIII

Nunca imaginei a proporção das consequências da morte de Abílio na população de Paúle. Quase toda a população se deslocara ao cemitério de Midões para o acompanhar nesta sua última viagem.

Segundo se conta, após os festejos com a equipa, quando regressava a casa, o carro de Abílio foi abalroado por outro veículo conduzido por um individuo embriagado. Este teve ferimentos ligeiros, enquanto Abílio teve morte imediata, ao ser projectado para fora da estrada e vindo a embater num poste, junto à berma.

Abílio era um homem extremamente respeitado e amado pelas pessoas de Paúle, Midões, aldeias adjacentes e até em Tábua, onde era bombeiro voluntário. Pessoas como a engenheira Amândia Calheiros gostavam de ouvir a sua opinião e levavam-na em conta.

Não me lembro de uma pessoa de Paúle que não estivesse ali, em volta da cova onde o capitão do G. D. Paúle iria ser sepultado.

Deolinda estava inconsolável, apoiada no braço do cunhado Justino. O seu irmão Samuel mantinha-se no lado oposto, tentando consolá-la. Já Xavier optara por uma distância mais larga, limitando-se a observar todos. Deolinda recebia também o conforto dos pais Gertrudes e Herculano.

O padre dizia algumas palavras, lembrando essencialmente as qualidades de Abílio.

Reparei em Alfredo Carrapiço que não disfarçava as lágrimas, tal como o doutor Gervásio e a sua esposa. José Luís revelava um rosto duro, mas todos sabiam como sofria por dentro.

Nem a engenheira Calheiros faltou a este último adeus. Contudo, a sua filha Raquel não viera, pois regressara a Coimbra, após aquela novidade que se tornara em mais uma questão a resolver na minha vida. A engenheira fizera questão em ser acompanhada pela minha irmã.

Todos os jogadores do Paúle ali estavam, alguns lavados em lágrimas, outros de cabisbaixos a desejar que tudo não passasse de um pesadelo.

Eu tinha comigo a dona Palmira, Augusto, Maria de Fátima e o seu marido Teodoro.

Lidas as palavras de circunstância, o caixão foi descido à terra e as pessoas atiraram flores para o buraco.

O dia era de sol, mas os espíritos ali presentes não podiam estar mais nublados.



José Luís planeava a partida da equipa para Lisboa daí a dois dias, pois a final da Taça de Portugal era no Domingo seguinte. Até isso nos fazia doer a alma. Lembrarmo-nos de que por meia duzia de dias, Abílio não viveria aquele sonho de jogar no Estádio Nacional.

Como precisava de resolver algumas coisas em Lisboa, pedi ao treinador para me deixar partir mais cedo com o compromisso de me apresentar para estágio, no hotel, quando a equipa chegasse a Lisboa.

Ao anoitecer desse mesmo dia, eu já estava na minha casa em Alcochete.

Jorge telefonara-me no dia seguinte para combinar um encontro. Precisava de falar comigo sobre umas novas propostas que recebera acerca da minha contratação.

Antes, fui a casa de Camila na esperança de a encontrar e de podermos conversar. Já não a via nem conversava com ela, desde o dia em que soubera que ela estava viva.

Toquei a campainha do seu prédio. Uma voz no intercomunicador perguntou:

— Quem é?

— É o Ivan Pedro, Camila!

Seguiram-se segundos de silêncio até ela voltar a falar:

— Que queres?

— Falar contigo.

— Não temos nada para conversar.

Entretanto, um casal de idosos morador no prédio entrou, ficando a olhar para mim, estranhando aquele diálogo com o aparelho na parede, e certificando-se que a porta ficava bem fechada, após a sua entrada.

— Só quero um minuto do teu tempo. — pedi.

Ouvi o estalido na porta e entrei na escada, subindo até ao seu andar.

A porta do apartamento estava aberta. Vi Camila aguardando a minha subida, segurando a porta e com semblante impaciente. Continuava soberbamente linda. Constatei que continuava apaixonado por ela.

— Que queres, Pedro? — interrogou, aborrecida por eu ali estar.

— Posso entrar? — pedi.

Camila apontou-me o interior da casa e eu entrei.

Raramente entrara ali. Aquele apartamento era do quase sempre ausente pai dela. Mesmo durante o tempo em que namorámos, só uma ou duas vezes visitara aquele sítio.

— Desculpa ter vindo sem avisar.

— Já cá estás. — disse com desprezo. — Vá! Diz lá o que queres. Tenho que sair, daqui a pouco.

— Não me deste oportunidade de conversarmos, quando foste visitar-me a Paúle. — lembrei.

— Por favor, Pedro! Não me lembres as parvoíces que eu fiz, está bem?

O seu tom de voz era áspero. Parecia que cada palavra tinha a missão de me socar ou derrubar. Deparei-me com uma enorme raiva de Camila para comigo.

— Tudo bem. Só queria explicar-te que...

— Tu não tens que me explicar nada, Pedro! — interrompeu abruptamente. — Já to tinha dito. Nós não temos nada um com o outro. Segue a tua vida, Pedro! E, por amor de Deus, deixa-me seguir com a minha!

— Mas, eu amo-te! — atalhei.

A frase atingiu Camila e quebrou, momentaneamente, o seu ódio. Não que ela não o soubesse. Porém, ouvi-lo da minha boca ainda tinha um efeito que ela não conseguia rebater.

Camila baixou o olhar e tapou o rosto com as mãos.

— Eu amo-te, Camila! Quero passar o resto da minha vida contigo!

Levantando a mão, fez-me sinal para que me calasse. Reparei que chorava, mas não percebia porquê.

— Já reparaste que o teu amor só me tem magoado? — perguntou num soluço. — Todas as vezes que acredito em ti, tu magoas-me! Trocaste-me por um clube de merda da parvónia. Fizeste-me acreditar que me amavas e eu acabei por te encontrar na cama com outra.

— Pensava que tinhas morrido, Camila.

— Queres que acredite que nunca tiveste nada com ninguém, neste tempo todo?

— É a verdade. — respondi. — A Raquel foi uma amiga até àquela noite.

Camila soltou uma gargalhada sarcástica.

— Amiga? Eu sei como tu és amigo das mulheres.

— Estás a ser injusta. — lembrei.

Camila olhou-me enraivecida e indagou:

— Diz-me, Pedro! Vieste até aqui, disseste tudo o que tinhas a dizer... Afinal que esperas de mim? Que te diga: Pronto, amor! Estás perdoado. Anda! Vamos viver felizes para sempre.

Abanei a cabeça.

— Então, Pedro! Que queres tu?

— O teu amor, Camila.

— E o amor daquela gaja que enfiaste na cama? — gritou ela. — Esse não queres?

— Não significou nada para mim.

— E será que eu signifiquei, Pedro? — interrogou, desmanchando-se num mar de lágrimas desesperado. — Será que o nosso amor significou alguma coisa para ti? Tu só amas o futebol. O amor para ti é igual a sexo. — Olhou-me inundada em ódio — Se pudesses foder a bola, acho nem ligavas às mulheres.

Tentei manter a calma, mesmo deparando-me com alguém possessa de raiva por mim. E tinha razão. Eu merecia toda a negatividade das suas palavras.

— Que queres que faça, Camila? Queres que implore de joelhos? Tudo bem. — Ajoelhei-me. — Se queres que implore o teu amor, eu imploro. O que aconteceu com a Raquel foi um momento de fraqueza. Comecei a ter noção de que tinhas partido para sempre e tentei dar um rumo à minha vida. Ela foi uma amiga sincera e acabámos por nos envolver... Camila! Ouve-me! Quando te vi reaparecer depois de quatro meses julgando-te morta, foi como ver o Sol depois dos nevões! Podes nunca acreditar, mas tu és o meu verdadeiro amor.

Camila começou a quebrar. Pediu que me levantasse, mas eu recusei-me. Ajoelhou-se à minha frente e balbuciou:

— Tenho medo, Pedro! Tenho medo que me magoes novamente.

— Dá-me outra oportunidade! Confia em mim!

Camila abraçou-me e repousou o seu espírito sofrido sobre mim.

— Vais ver que vai correr tudo bem. — continuei. — Só tenho de resolver a questão da Raquel.

Senti a tensão no braços de Camila. Largou-me suavemente, encarou-me perturbada e inquiriu:

— Que questão?

— Ahh... A Raquel... Bom...

— Fala, Pedro!

— A Raquel pensa que está grávida. — disse o mais rapidamente que consegui.

Camila levantou-se num ápice e deitou as mãos à cabeça.

— Grávida? — interrogou incrédula. — Grávida? Ela está grávida e tu estás aqui com essa conversa? Que raio de homem és tu?

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra. — retorquí, levantando-me também. — Se ela estiver mesmo grávida, eu assumo a criança! Mas, isso não impede que eu e tu fiquemos juntos.

Camila abanou a cabeça, desesperada com o que eu dizia. Levantou as mãos ao céu e levou-as ao cabelo.

— Por quem me tomas, Pedro? Achas que eu conseguiria viver com uma situação dessas? E tu? Eu não acredito no que ouço. Tu não podes ser o Pedro que eu amei. Esse Pedro não seria homem para abandonar uma mulher que espera um filho dele.

— Camila...

— Não digas mais nada! Por favor, vai-te embora! — pediu, apontando-me a porta. — Desaparece da minha vida de uma vez por todas, Pedro! Tu já me magoaste demais.

— Mas, Camila...

— Vai, Pedro!

Camila estava irredutível. Não valia a pena tentar o que quer que fosse com ela. Não me serviria de nada dizer uma palavra que fosse. Já sujara tanto a minha imagem, já me portara tão mal, já a magoara tanto que não tinha perdão. Saí do apartamento e da vida de Camila.

Jorge acabara por ser o ouvinte das minha lamúrias. Contara-lhe o sucedido nessa tarde com Camila e também ele me censurara por todas as atitudes que tomara em relação a ela.

Sentia-me terrivelmente mal comigo próprio, pelo que me tornara e pela dor inflingida a algumas pessoas. Tudo podia ter sido diferente se eu tivesse abandonado o futebol, se tivesse sabido sair desse mundo na altura certa. Podia estar a viver tranquilamente nos Estados Unidos com Camila. Perguntava-me porque não soubera ponderar melhor o futuro, porque fora cego ao ponto de só ver uma possibilidade, de ter a mania que estava sempre correcto.

Que tinha eu agora?

Jorge tentou reconfortar-me. Para minha felicidade, Eduardo não estava com ele, pois não esquecera a forma dura e quase sempre certa de ele ver as coisas.

— Mas, que me querias tu dizer? — perguntei, lembrando-me do telefonema de Jorge.

O semblante de Jorge alterou-se para um sorriso radioso.

— Fui contactado por um representante do Benfica. — informou. — Querem saber condições para a tua contratação.

— Não brinques, Jorge!

— Não estou a brincar.

Percebendo que ele falava verdade, senti o entusiasmo tomar conta de mim e, por instantes, todos os outros problemas pareceram distantes.

— Disse-lhes que a transferência era a custo zero. Não têm de pagar nada ao Paúle...

— Não, Jorge! Isso não. — interrompi. — O Paúle tem de receber uma verba. Sei que isso não está no contrato, mas era injusto para eles. Foram os únicos a estender-me a mão quando mais precisei. Não os posso deixar assim.

— Compreendo, Ivan. Só que eles podem não estar muito dispostos a isso. — avisou ele. — Estás disposto a desperdiçar a oportunidade por causa disso?

— Ouve, Jorge! Estou farto de fazer porcaria ao longo da vida. Não sei se ainda conseguirei reparar alguma coisa que estraguei, mas pelo menos disso não abduco. Não peço nada que o Benfica não possa pagar. É uma questão de princípio. Sou jogador de futebol! Não sou mercenário!

— Tudo bem. — concordou Jorge. — Vou falar com eles e ver o que me dizem. — Bebeu um golo da sua bebida. — Li no jornal de hoje que o Porto também está interessado em ti.

Soltei um sorriso irónico.

— Não acredites muito nisso. — avisou. — Ninguém do clube falou comigo. O mais certo é serem notícias para te destabilizar antes do jogo da final.

— Se eles soubessem como eu estou, nem se davam ao trabalho. — afirmei.

— Tens que dar a volta por cima, rapaz. Não chegaste até tão longe para desistir assim.

Encolhi os ombros como se nada daquilo me importasse.

Conforme combinado com José Luís, apresentei-me no hotel que o G. D. Paúle escolhera em Lisboa para a sua estadia antes do jogo. Nessa mesma Sexta-Feira, fizemos o primeiro treino no relvado do Jamor.

Notava ainda, em toda a comitiva, o pesar pela falta de Abílio. Cheguei à conclusão que seríamos todos soldados perdidos num campo de batalha, durante o jogo, sem uma voz de comando como a de Abílio.

A equipa fez novo treino no Sábado, ficando o restante do dia reservado para o mais completo isolamento e concentração no hotel.

A equipa foi informada pelo presidente Alfredo Carrapiço que a engenheira Calheiros financiara uma excursão de autocarros, possibilitando assim aos paúlenses a presença no Jamor para apoiar a sua equipa. A própria engenheira viria assistir ao jogo, acompanhada pela filha Raquel, ficando ambas no Hotel Ritz, segundo

me informara a minha irmã.

Na manhã de Domingo, decidi tomar uma atitude em relação à minha vida afectiva. Fui ao quarto de José Luís e pedi-lhe para me ausentar do estágio por uma hora.

— Nem penses. — recusou o treinador.

— *Mister!* Preciso de resolver um assunto. — expliquei. — Se não o fizer, mais vale não jogar, pois não vou ter cabeça para o jogo.

— Ivan...

— Por favor, *mister...*

José Luís acabou por aceder ao meu pedido.

Sem demora, meti-me no carro e conduzi até ao Hotel Ritz.

Quando cheguei à luxuosa recepção do hotel, perguntei ao funcionário por uma hóspede chamada Raquel Calheiros.

O indivíduo confirmou a sua presença e telefonou para o respectivo quarto, informando-a de que eu estava ali e queria falar com ela.

Dez minutos mais tarde, Raquel descera e encontrara-me no bar do hotel a tomar um café.

— Olá, Ivan! — cumprimentou-me, beijando-me a face com distanciamento.

— Olá, Raquel! — retribuí, sorrindo-lhe. — Tenho um convite para te fazer.

— Diz. — sugeriu com o olhar triste.

— Queres casar comigo? — perguntei.

O seu rosto não denotou qualquer reacção, mantendo-se distante e triste.

— Então, Raquel? Queres casar comigo? — insisti.

— Não estou grávida, Ivan! — informou no mesmo tom distante. — Tinha alguns dias de atraso, mas o período já apareceu.

Senti um certo vazio pela ideia de já não vir a ser pai. Pelo menos, nos tempos mais próximos. No entanto, reiterei a proposta:

— Tudo bem Raquel. Mesmo assim, gostava de casar contigo.

— Para quê, Ivan? Tu não me amas! Tu amas a Camila! É com ela que deves casar. — concluiu.

— A Camila não quer nada comigo, Raquel.

Raquel sorriu. Porém, o seu sorriso era triste e carregado de ironia.

— Não sou segunda escolha, Ivan! — exclamou. — Podes crer que te amei como nunca amei ninguém. Mas, prefiro que fiques longe de mim, a casar contigo sabendo o quanto amas a Camila. Se não me podes amar, pelo menos respeita os meus sentimentos e não faças de mim um mal menor na tua vida!

Não encontrei palavras para a contrariar.

— Não estou grávida, Ivan! Tu não tens obrigações comigo! Boa sorte para o jogo e para a tua vida! — desejou, afastando-se de regresso ao seu quarto.

Perante a recusa de Raquel e o facto de não estar grávida, engendrei novo plano para o meu futuro. Corri para o carro e meti-me à estrada na direcção da casa de Camila.

Dirigia o carro e pensava no que haveria de dizer a Camila. Como convencê-la a voltar para mim. Como fazê-la acreditar no meu amor...

O telemóvel tocou.

Atendi sem parar de conduzir, não querendo perder um minuto que fosse.

— Tou? Jorge?

— Ivan! Tenho notícias para ti. — disse-me do outro lado da linha.

— Não podemos falar mais logo? — sugeri. — Vou a caminho da casa da Camila.

— Não vale a pena ires lá Ivan! — alertou.

— Porquê?

— A Camila partiu, ontem à noite, para Nova Iorque. — informou.

A noticia fez-me parar o carro junto à berma.

— Foi-se embora? — interroguei, não querendo acreditar que me fugira novamente.

Jorge contou:

— Voltou para a sua vida em Nova Iorque. Tinha telefonado para a sua empresa a contar o que sucedera há já algum tempo. Eles ficaram felicíssimos quando a souberam viva. Propuseram-lhe que voltasse a trabalhar com eles.

— Há quanto tempo ela decidira voltar?

— Para aí umas duas semanas.

Então ela já tinha a sua decisão tomada, quando eu falara com ela, concluí. Não sei se a nossa conversa, em algum momento, a teria feito mudar de ideias. A realidade era que ela tinha partido mais uma vez. E desta vez para sempre.

— Eram essas as notícias que tinhas para mim? — perguntei.

— Não, Ivan! — negou ele com uma voz preocupada. — O Benfica cancelou as negociações. Já não estão interessados na tua contratação.

Regressei ao hotel, antes do almoço, cumprindo o horário a que me comprometera.

O doutor Gervásio viu-me chegar e chamou-me.

— Algum problema? — perguntei.

— Não, Ivan. — descansou ele. — O grupo está à tua espera para a palestra do Zé Luís, antes do jogo.

Seguimos para o salão do hotel, o qual havia sido reservado pelo G. D. Paúle para aquele momento.

Durante largos minutos, José Luís discursou sobre o jogo. Explicou determinados pormenores táticos que queria ver implementados em campo. Trocámos impressões acerca dos jogadores do F. C. Porto e sobre a melhor forma de os vencermos.

Findo todos aqueles temas, José Luís disse:

— Lembrem-se que chegar até aqui já foi uma grande vitória. No entanto, nenhum de nós se satisfaz com menos do que a vitória. Nem que seja para a dedicar ao nosso Abílio.

Todos concordaram e alguns aplaudiram a lembrança do capitão.

— Ivan! — chamou José Luís. — Vem até aqui.

Sem perceber qual a sua intensão, caminhei até ao local onde ele estava, perante o olhar dos meus colegas. Notei-lhes na expressão que eles já sabiam o que ia acontecer.

José Luís estendeu-me a mão e fez-me reparar que tinha algo nela.

— Ivan! Na tua ausência, este grupo reuniu-se para discutir algo muito importante. E tomámos a decisão unânime de te pedir que uses a braçadeira de capitão do Grupo Desportivo de Paúle.

Olhei para a sua mão que se abriu e vi a braçadeira que Abílio envergava em todos os jogos.

— Não posso aceitar, *mister*. — disse eu atónito. — Qualquer um, aqui, é mais antigo e tem mais anos de clube que eu.

Justino levantou-se da cadeira e lembrou:

— Se estamos aqui, hoje, foi porque tu nos fizeste acreditar que era possível. Tu foste a voz de comando nos momentos difíceis. — Fez uma pausa. — Estamos num momento difícil. Ninguém aqui conseguiu ainda ultrapassar a m... morte do meu irmão. Por isso, te pedimos que nos lideres. Porque tu és o único com a capacidade e voz de comando que ele tinha.

A crença que eles depositavam em mim comoveu-me. Ouvir aquelas palavras valia mais que um contrato com o Benfica.

Segurei respeitosa e aceitei o compromisso de capitanear o Paúle na final do Jamor.





## XIX

O céu permanecia nublado, mas o ambiente era abafado. Vi-me aos pulos na relva, juntamente com os meus colegas, a fazer os exercícios de aquecimento, antes do início da partida.

As bancadas tinham uma boa moldura humana. Mais de metade do estádio era composto por adeptos do F. C. Porto. O resto dividia-se entre adeptos do Paúle, gente das regiões de Coimbra, Guarda e Viseu, que se deslocaram ali para nos apoiar, e muitos daqueles que não eram a favor de nós, mas contra os portistas.

Sabia que, algures entre a multidão, estariam os nossos familiares e amigos da aldeia.

Augusto estava extremamente nervoso. Os últimos jogos do campeonato não lhe correram nada bem e notei-lhe uma elevada crise de confiança.

— Tudo bem, Augusto? — perguntei-lhe no regresso aos balneários.

Fez-me sinal de assim-assim, mas não proferiu uma letra.

No balneário, José Luís deu as últimas indicações até chegar a hora de subir novamente ao tapete verde.

Subi as escadas orgulhoso da camisola negra que vestia. Augusto, Rato, Joselino, Reis, Sassi, Justino, Teodoro, Ramalho, Castanha e Hélder seguiam-me.

O barulho era ensurdecedor, quando as duas equipas entraram simultaneamente no relvado. Soltaram-se fumos e os adeptos das claques organizadas saltavam e pulavam loucamente.

— Porto! Porto! — gritava o estádio maioritariamente portista, calando qualquer intento dos nossos adeptos em se fazerem ouvir.

Perfilámo-nos para a bancada VIP do estádio e ouvimos o hino nacional.

Se normalmente me sentia nervoso e ansioso com o começo dos jogos, aquela fita branca no braço multiplicava esses sentimento.

Alfredo Carrapiço solicitara à Federação Portuguesa de Futebol que nos autorizasse a usar um simbolo de luto pela morte de Abílio. Por isso, todos tínhamos uma fita branca singela na manga direita.

Após o protocolo das fotografias, dirigi-me à equipa de arbitragem. O capitão do Porto fez a mesma coisa. O árbitro olhou para nós com uma moeda na mão e perguntou:

— Quem escolhe?

O capitão adversário respondeu, apontando para mim:

— Pode ser ele.

Escolhi uma face da moeda e o homem do apito atirou-a ao ar.

— Ganhou você! — disse-me. — Que escolhe? Campo ou bola?

Escolhi que fosse o Porto a dar o pontapé-de-saida.

Apertei a mão ao capitão do Porto e aos elementos de arbitragem, tal como fez o adversário. Regressei ao meu meio-campo e preparámo-nos para o início do jogo.

Antes do começo da final, os jogadores reuniram-se à volta do círculo central para um minuto de silêncio em homenagem ao nosso capitão Abílio, conforme fora combinado com a Federação.

Vinte e dois jogadores ao longo da grande linha circular branca, respeitando o momento de homenagem. Todas as pessoas de ambos os lados clubísticos respeitaram o momento. Só foi de lamentar o comportamento das claques azuis que cantaram, gritaram e assobiaram ao longo daquele minuto.

Os jogadores posicionaram-se no terreno e o jogo foi iniciado com a indicação do árbitro.

O Porto começou o jogo ao ataque, pressionando-nos o mais que podia.

José Luís gritava indicações, temendo cada toque na bola do adversário.

Justino não tinha descanso a marcar o número dez deles, aquele a quem chamavam o mágico.

Parecia a primeira parte do jogo com o Benfica. Não conseguíamos aproximar-nos da linha central, quanto mais chegar à baliza deles.

Tínhamos de saber sofrer, como dizia o José Luís.

Eu jogava na minha posição habitual, pelo lado esquerdo do ataque. Contudo, a minha função principal era dobrar as marcações de Sassi.

Foram o esforço, companheirismo e capacidade de luta que nos fizeram chegar ao intervalo com zero a zero no marcador.

Se antes do jogo começar, ninguém pensava que o Porto nos poderia golear, ao intervalo essa incapacidade era um certeza. Quem vence o Benfica na Luz, não é uma equipa fácil.

O treinador do Porto viu-se obrigado a fazer alterações. Os avançados não conseguiam furar a nossa defesa e o meio-campo não construía as jogadas como ele desejava.

No nosso lado, continuávamos muito concentrados. Não parava de incentivar os meus colegas. E pedi aos defesas que tivessem sempre uma palavra de ânimo para com Augusto.

A segunda parte começou e nova carga portista se abateu sobre nós.

Por duas vezes, os jogadores do Porto tentaram enganar o árbitro, entrando na grande área e atirando-se para o chão, tentando “puxar” uma grande penalidade. Felizmente, o árbitro não se deixou enganar.

Com o decorrer dos minutos, a nossa equipa começou a apresentar sinais de desgaste. Não era fácil segurar as investidas ofensivas dos “azuis e brancos”.

Justino mostrava-se arrasado com o esforço físico imposto pela marcação ao endiabrado brasileiro, maestro do futebol portista. Numa das últimas vezes que se encontraram, Justino só o conseguiu parar com uma rasteira, o que levou o árbitro a mostrar-lhe o cartão amarelo.

José Luís não se podia dar ao luxo de o manter no relvado. Justino dificilmente o conseguiria continuar a travar sem recorrer à falta. E isso faria-o ser expulso do jogo.

Rapidamente, ordenou a Toni que aquecesse e, volvidos alguns minutos, colocou-o no lugar de Justino.

O resultado continuava num nulo para ambos os lados. No entanto, o Porto mostrava-se mais perigoso que nunca, muito devido ao nosso cansaço.

Aos trinta minutos da segunda parte, Macário e Miguel renderam Joselino e Rato.

Um minuto depois, fui rasteirado por um jogador do Porto e cai desamparado no chão, sentindo uma dor muito forte na zona em que me lesionara em Faro e que quase me pusera fora do futebol.

O árbitro não mostrou o cartão amarelo ao jogador, mas marcou a falta e fez sinal para que entrasse o médico do Paúle.

O doutor Gervásio apressou-se a auxiliar-me. Quase todos os jogadores do Paúle me rodearam, preocupados com a minha situação.

— Dói? — perguntou ele, apertando-me a perna.

Soltei um grito de dor.

— Estão a queimar tempo! — exclamou um jogador adversário, ao árbitro.

Este aproximou-se de nós e ordenou:

— Tem que o retirar do relvado!

A maca entrou no relvado e eu fui transportado para fora do rectângulo de jogo.

A equipa de bombeiros deixou-me junto ao banco de suplentes. A dor era insuportável, quase não conseguia mexer a perna.

José Luís aproximou-se e perguntou:

— Então doutor?

— O jogo, para ele, acabou! — afirmou o médico.

— O quê? — interroguei eu com a dor marcada no rosto. — Ele não pode fazer mais substituições!

Ouviu-se um bruá no estádio. O Porto quase marcara ao rematar uma bola ao poste.

José Luís gritou mais umas indicações para o relvado.

Fiz um esforço enorme e consegui colocar-me, novamente, de pé.

— Não vás, rapaz! — avisou o médico. — Podes agravar irremediavelmente a lesão.

— Deixa-te ficar aí! — exigiu José Luís. — Nenhuma taça vale a minha vida ou a tua.

A dor na perna era tão forte que quase não a sentia. Coxeei até ao quarto árbitro e disse-lhe que ia reentrar. O indivíduo acenou ao árbitro principal para que ele autorizasse a minha reentrada.

Penso que todas as pessoas notaram a dificuldade com que eu me mexia.

O Porto dava o tudo por tudo. Só o guarda-redes deles ficara atrás da linha de meio-campo. Ora pela esquerda, ora pela direita, ora pelo centro, tudo era válido para tentar levar a bola a entrar na nossa baliza.

A cinco minutos do final, o Porto iniciou novo ataque. O jogador que apareceu em frente a mim, ultrapassou-me como se eu não existisse. Já mal conseguia andar.

Os azuis trocaram a bola e fintaram os nossos defesas até ficar o avançado dele defronte de Augusto. O jogador rematou com força, mas Augusto repeliu o remate a soco, fazendo a bola voar para a nossa linha defensiva. Evitando nova carga adversária, Reis chutou a bola com toda a força para o campo contrário.

Vi a bola dirigir-se na minha direcção. Ficara para trás, pois mal me conseguia mexer, mas não estava fora-de-jogo porque não ultrapassara a linha central. Não tinha ninguém entre mim e aqueles cinquenta metros até ao guarda-redes do F. C. Porto. Porém, não tinha força nem para andar.

Parei a bola com o pé. Reparei que os jogadores azuis e brancos corriam furiosamente para mim. Lembrei-me de todas as pessoas de Paúle. Lembrei-me da alegria dos olhos daquele jovem que pedia dispensa do emprego para nos ir ver jogar. Recordei Abílio e sua liderança em tantos aspectos. Recordei o carinho e o amor que as gentes de Paúle nutriam por mim. “Deixa que o amor seja a tua energia”, ecoou pela minha mente.

Não sei de onde veio a força que me impulsionou pelo relvado, fazendo-me

correr com a bola nos pés em direcção à baliza contrária.

Sentia os músculos a latejar e parecia que me ia desfazer naquela corrida. Pelo canto do olho, notei que os defesas se aproximavam desesperados.

O guarda-redes do Porto saiu da baliza, tentando ser o obstáculo derradeiro à minha missão e sabendo que não podia falhar.

A uns cinco metros dele, rematei a bola e fi-la passar por cima dele.

A bola subiu, subiu... começou a descer. O tempo parecia ter parado. A respiração suspendera-se naquele suspense de saber onde a bola ia cair. Desceu e pareceu-me que ia cair para lá da baliza. Vi-a quase tocar na barra e embater no chão, voltando a subir e aninhando-se no interior da baliza.

O impasse da incerteza da conclusão do lance, deu lugar ao grito eufórico dos adeptos do Paúle. Gritavam o mais que podiam, rejubilantes com o mais que certo final do conto de fadas que presenciavam naquele estádio.

Fiquei caído no chão com as lágrimas nos olhos, numa mistura de alegria e dor. O resto da equipa veio no meu encaço com o intuito de me abraçar. Porém, o primeiro que se aproximou, notou que eu não estava bem e começou a fazer sinal ao árbitro para chamar o médico.

Todos estavam à minha volta, impacientes com o meu estado. O doutor Gervásio revelava um semblante preocupante com o estado da minha perna.

— Andem lá com isso! — exclamava um jogador portista.

— Estão a queimar tempo! — dizia outro ao árbitro.

O árbitro mandou-os ter calma, chamou os maqueiros e ordenou ao médico que me retirasse do relvado.

Recusei a maca e saí pelo meu pé, apoiado nos meus colegas.

Deixaram-me junto à linha com o doutor Gervásio e regressaram às suas posições.

O médico ligou-me a perna e eu já não regressei ao relvado.

Os últimos minutos demoraram mais que horas a passar. Defendemo-nos de todas as formas das investidas desesperadas e quase violentas do nosso adversário.

Quando o árbitro apitou para o final, soltámos toda a adrenalina num grito eufórico de alegria. Estávamos a viver um sonho que era bem real.

Os jogadores correram uns para os outros, abraçando-se: Correram para o banco e procuram-me para partilhar aquela euforia. A emoção era tanta que chorámos de felicidade. Lembro-me que um repórter se acercou de mim e perguntou se eu me considerava o príncipe do conto de fadas. E eu respondi que o príncipe eram todos os jogadores do Paúle que se tinham transformado

de sapo com o amor dos seus adeptos.

A minha perna ficara num estado tão miserável, mas mesmo assim, fiz questão de subir à tribuna para receber o troféu das mãos de sua Excelência, o Presidente da República.

Augusto, que vinha atrás de mim, perguntava-me várias vezes se queria ajuda ou apoio para subir. A custo lá trepei cada degrau.

O público da bancada central aplaudia a nossa passagem, mesmo maioritariamente portista. Ouviam-se alguns insultos das claques, mas não ligámos.

À nossa frente, os jogadores do F. C. do Porto receberam medalhas de presença para cada elemento da equipa.

Coxeando, encabecei a fila que passou pelos ilustres espectadores. Cumprimentei cada um com gentileza. Fui abarbatado por Alfredo Carrapiço, igualmente junto aos V.I.P.s, que delirava de alegria e me beijava a cabeça suada.

Segui o meu caminho até chegar ao centro da tribuna.

Num posto ligeiramente mais alto, o Presidente da República aguardava-me com a Taça nas mãos. Aproximei-me dele e estendi-lhe a mão respeitosa e ouvi-o dizer:

— Parabéns!

Quando pude sentir a enorme taça nas minhas mãos, apoiei-me bem na perna saudável, olhei para o céu e ergui a Taça de Portugal, dizendo:

— Para ti, Abílio!

Decorreram dois meses, desde aquele dia glorioso.

A lesão obrigara-me a uma semana numa clínica de reabilitação em Lisboa.

Felizmente, os exames revelaram que não era grave.

Após a conquista da Taça de Portugal, José Luís foi convidado para treinar uma equipa da Superliga na época seguinte. Sabia que era o seu sonho e fiquei feliz com a notícia.

Hélder e Justino foram os únicos jogadores que saíram do clube, devido a contratos aliciantes para jogar na Académica.

Durante algum tempo, os jornais falaram noutros nomes que iriam deixar o Paúle, mas nada disso se veio a concretizar.

O Benfica voltou a contactar o meu empresário. Após longas conversações, muito por causa da minha exigência de compensação do G. D. Paúle pela minha saída, chegámos a acordo e eu pude concretizar o meu sonho de jogar no clube do meu coração.

O dinheiro das transferências permitiu a Alfredo Carrapiço reforçar a equipa de forma suficiente a não sofrer tanto para conseguir a manutenção no ano posterior.

A minha irmã acabou por aceitar o pedido de casamento de Augusto. E a cerimónia foi agendada para o final desse ano.

Raquel licenciou-se em Medicina e prosseguiu a carreira em Coimbra.

Carla, que tanto fizera para me prejudicar, acabou por ficar a viver com Miguel muitos anos. Dizia-se que o traía com outros homens, mas nunca ficou provado.

Nesse princípio de mês de Julho, cerca de um ano após ter partido para Paúle, encontrava-me no Aeroporto da Portela. Jorge fazia-me companhia, enquanto aguardava a chamada para o embarque no vôo que me levaria até à Suíça, onde o Benfica fazia o seu estágio de pré-época.

Como a minha contratação demorou algum tempo, não pude partir com a restante equipa para o estágio, ficando a minha integração agendada para aquela altura.

— Com te sentes? — perguntou-me Jorge.

— Vazio. — confessei. — Sinto-me feliz por ir jogar no Benfica, mas...

— A Camila continua aí, não é? — interrogou, apontando para o meu coração.

— Que posso eu fazer? É mais forte que eu.

Jorge abanou a cabeça e disse:

— Esquece-a! O Eduardo esteve com ela em Nova Iorque, a semana passada. Ela deu um rumo à vida dela. Conheceu alguém... Enfim, tu sabes.

— Não. Diz lá! — pedi eu.

Com um tom pesaroso, Jorge contou:

— A Camila conheceu outra pessoa, um americano. Parece que se dão bastante bem. Vão casar no próximo ano.

— Que sejam felizes! — suspirei.

— Anima-te, Ivan! Ainda vais conhecer o amor da tua vida.

— Já conheci, Jorge. Está em Nova Iorque. — retorqui. — Mas, só me posso culpar a mim. Se tivesse tomado outras opções, há um ano, agora a Camila estava comigo.

— Mas tu não estarias no Benfica.

— E não estaria a sentir este vazio.

Os altifalantes do aeroporto anunciaram a última chamada para o meu vôo.



— Boa sorte! — desejou-me.

— Para ti também.

Nesse instante, uma mulher alta, elegante e vestindo um fato saia-casaco bege, aproximou-se de nós e perguntou:

— Senhor Ivan Pedro?

— Sim. — confirmei.

Não pude deixar de reparar nos seus olhos verdes, o cabelo escuro comprido a cair sobre o casaco. O volume do peito com um crachá que constatei ser o emblema do Benfica.

— O meu nome é Susana! — apresentou-se. — Sou Relações Públicas do Sport Lisboa e Benfica! E vou acompanhá-lo na viagem até ao estágio.

Que mulher linda, pensei.

Dei um último abraço a Jorge e sussurrei-lhe ao ouvido:

— Talvez nem tudo esteja perdido no amor.

Jorge sorriu-me e ficou a ver-nos afastar em direcção à porta de embarque.

**FIM**